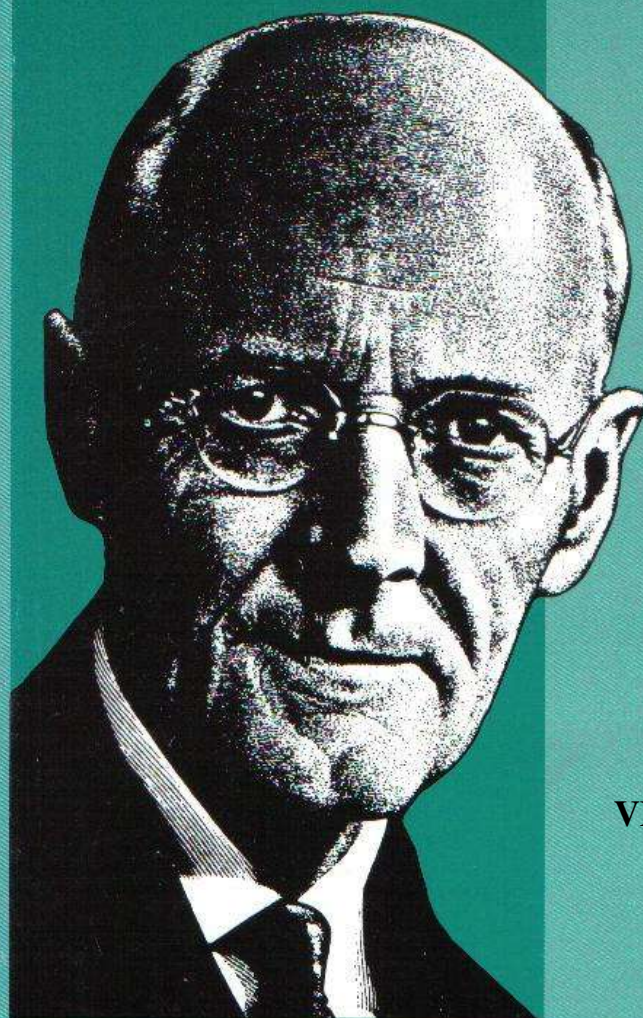
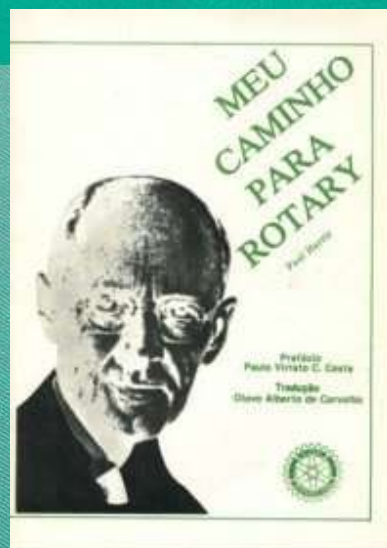




MY ROAD TO ROTARY

PAUL P. HARRIS

**MEU CAMINHO
PARA ROTARY
VERSÃO EM PORTUGUÊS**



CD3-922A-PO

MEU CAMINHO PARA ROTARY

Paul Harris

Prefácio: **Paulo Viriato C. Costa**

Tradução
OLAVO ALBERTO DE CARVALHO

AOS LEITORES

Este livro não é, como possa seu título induzir a ser julgado, tão somente repositório de assuntos ligados a uma instituição internacional prestigiosa e respeitada em todo o mundo, ROTARY INTERNATIONAL.

É, isto, sim, a saga de um Ideal. É a gênese de uma personalidade genial num menino humilde. É a glorificação de um ambiente familiar simples, modesto, organizado à base do bom senso, da afetividade, da ternura e localizado numa pequena comunidade, em contato com a Natureza.

Durante a leitura da obra, em inglês, fui tomado de empolgação pela força espiritual com que os componentes comuns das cercanias de uma pequena povoação se revestem de luminosidade, beleza e poesia; pela auréola de encantamento com que a sensibilidade exaltada do menino, ainda presente no homem idoso, projeta sobre as pessoas, diferentes entre si, que ali vivem em harmonia, respeito mútuo e solidariedade. Pela visão do clima rude e impiedoso, como fator de têmpera espiritual; da ordem, como geradora de fortaleza da família e do trabalho honesto, como vínculo da estima recíproca entre os homens.

Senti o livro como fonte cristalina de inspiração à cidadania responsável e como um repositório resplandecente de beleza espiritual. E, então, invadiu-me intensa vontade de divulgá-lo no meu círculo familiar e de amizades. Lancei-me, pois à tradução. Não à tradução literal mas à de interpretação, levado pela minha afinidade com o autor, de origem interiorana.

Fiz, depois, xerocópias para que os meus familiares e amigos - os que lêem - pudessem gozar o prazer de sentir as belezas da vida aventureira do menino que se fez homem e do homem, resultante, que criou para a Humanidade, um monumento de benemerência.

Pedi-lhes apreciação. Por unanimidade afirmaram que a leitura, essencial para rotarianos a fim de se integrarem nos fundamentos anímicos e na índole da Instituição, delicia e aproveita a qualquer pessoa com sensibilidade humana e social.

Surgiu, então a idéia, entre alguns rotarianos, de se editar a tradução para divulgá-la no meio rotário e, ao mesmo tempo, proporcionar, aos Rotary Clubs brasileiros, a oportunidade de aumentarem os seus níveis de contribuição à FUNDAÇÃO ROTÁRIA, através do resultado da venda do livro. Valeria, ainda, como homenagem a PAUL HARRIS: o seu último livro proporcionando bolsas de estudos e fomentando a compreensão entre as Nações.

A iniciativa de rotarianos do distrito 473 de R.I. resultou nesta edição.

Ao Presidente Paulo Viriato Corrêa da Costa, pela interferência junto ao R.I. para a licença da edição e, mais, pelas palavras bondosas que permitiu serem incluídas aqui, à guisa de prefácio da tradução;

Ao Governador Carlos Antonio de Almeida Ferreira, que, como presidente do Banco do Estado do Paraná S.A., tornou possível esta edição;

Aos Governadores Robinson Guilherme de Moura e Francisco Borsari Neto, pelo estímulo entusiasta que deram à edição;

A Maria Rosa Cartaxo Moura, ao companheiro Orlando Malucelli Moro e a Aline, minha esposa, leitores da tradução ainda antes de decidir-se editá-la;

A Christina Miranda Ribas, minha quase filha, pela colaboração na revisão de parte das provas da edição;

Aos meus companheiros de todos os rincões rotários, que me proporcionam, direta ou indiretamente, o privilégio, a ufania e a felicidade de estar, com eles, contribuindo para a compreensão entre os homens e para a harmonia entre as Nações do mundo.

A TÍTULO DE PREFÁCIO DA TRADUÇÃO

HONRA AO MÉRITO

Preferi este título para a minha mensagem pois ele expressa todo o meu profundo sentimento em relação a este precioso trabalho elaborado com tanto carinho pelo grande Rotariano OLAVO ALBERTO DE CARVALHO.

"MY ROAD TO ROTARY" é um clássico da literatura rotária. Escrito pelo Fundador Paul Harris, o grande idealista que conseguiu transformar seu maravilhoso sonho em esplêndida realidade. Livro rico em testemunhos pessoais que renova a nossa fé e revigora o nosso entusiasmo quando animados por um ideal puro, sincero e verdadeiro, como é o nosso Ideal de Servir.

Para traduzi-lo, primeiramente há que vivenciá-lo. A tradução esmerada da palavra deve ser precedida pela autêntica interpretação da ação. OLAVO ALBERTO DE CARVALHO soube fazê-lo com muita devoção.

Homem vertical, Rotariano exemplo, amigo incondicional, este companheiro procurou valorizar o Rotary, oferecendo-nos a magnífica oportunidade de saborear no nosso encantador idioma, o pensamento e a saga de Paul Harris na sua vitoriosa trajetória em Rotary.

Um grande serviço prestado, que merece nossa gratidão e é digno do nosso afetuoso abraço. Obrigado Olavo!

Paulo Viriato Corrêa da Costa
Santos, Junho de 1990

PREFÁCIO

Duas coisas me parecem sumamente importantes no decurso dos meus mais de setenta anos de existência: a minha NOVA INGLATERRA e o MOVIMENTO ROTÁRIO.

Muitas e muitas vezes tenho ouvido estas observações: "Você não poderia ter imaginado que o Rotary tornar-se-ia um movimento internacional para o bem, como é! Você o construiu melhor do que jamais imaginou!"

É verdade, meus amigos. No começo, a senda não aparecia clara como hoje. No entanto, havia um objetivo que me impelia para o futuro. A minha contribuição para o movimento rotário se origina no meu vale. Na amistosidade da sua gente, na sua tolerância política e religiosa. Em uma palavra, no vale onde vivi a minha infância foi que brotou a semente do Rotary. Por isso, proponho-me a dizer-lhes alguma coisa daquela minha saudosa fase de vida, num sítio tranqüilo de Vermont.

Na verdade, tudo o que sei da Nova Inglaterra, das suas montanhas e dos seus vales, resultou das observações de um menino. O menino era eu. Mas a névoa dos anos, que separa aquele menino do homem que sou hoje, não pôde modificar a personalidade que se formou. Naturalmente, no homem de hoje ainda vive o menino daquela época: vivem os seus sonhos, os seus misticismos, as suas travessuras, a sua impetuosidade, a sua existência temperada de ousadia e doçura, de amor pela beleza do mundo circundante e do afeto e ternura do casal de velhinhos, seus avós, que lhe deram um lar.

Os homens vão à montanha para inspirar-se ou para repousar. Os letrados escrevem sobre as montanhas, os poetas as cantam, os artistas as pintam. Os meninos as querem para suas correrias. Por que não, se as montanhas são um desafio à escalada dos seus pés ágeis e incansáveis? Por mais altas que elas sejam, o espírito dos meninos as ultrapassa. E, para eles, vence-las é o triunfo. A exuberância do menino e a exaltação do seu espírito, conduzem-no além do êxtase do prazer de viver. O menino é o rei da criação. Mas, por deplorável fatalidade, ele tem de tornar-se homem. Continuará, apontando os caminhos que o homem terá de percorrer: O homem jamais poderá deixar de ser, parcialmente, menino, de amar o que o menino amou, de assinalar na própria conduta, as características da sua meninice.

Quem escreve este livro tem razões especiais para ser grato ao que lhe veio da meninice. A pureza da vida rural, às bênçãos dos lares bem formados da Nova Inglaterra, à importância da educação e à devoção aos altos ideais. Ali o menino compreendeu a necessidade da tolerância a todas as seitas religiosas e a todos os credos políticos. Aprendeu a não criticar acerbamente os pontos de vista de outrem, sejam eles quais forem. Compreendeu e assimilou a ventura da aproximação pela amizade e pela solidariedade espontânea.

Levou muito tempo para que o reconhecimento disso tudo chegasse à minha consciência - no crescer, o menino estava mais interessado nos prazeres que a vida lhe oferecia - mas hoje me sinto feliz por reconhecer que o homem aprendeu do menino o que tenta transmitir aos outros homens.

O que é o Rotary? Cada qual dá a sua própria resposta. É mais fácil notar o que Rotary faz do que defini-lo. Alguém afirmou, recentemente: "se o Rotary nos estimulou à visão do homem e da vida com maior boa vontade, se nos ensinou a aceitar os homens pelo que há de melhor neles e com maior tolerância, se nos tem proporcionado o contato com outras pessoas interessadas em captar e irradiar a alegria e as belezas da vida, ele tem-nos dado tudo o que dela poderíamos esperar".

Chicago, outubro de 1945
Paul Harris.

Em certo dia estava uma criança nascendo.
Tudo o que ela olhasse passaria a integrar-se nela:
Por um momento, por um dia, por um ano ou através do tempo
Os lilazes floridos se incorporaram na sua sensibilidade,
A relva macia e verde, as manhãs ensolaradas
Os cravos brancos e os vermelhos,
O canto mavioso e terno dos passarinhos,
Os cordeirinhos traquinas e os grunhidores e rosados leitõeszinhos,
Os potrinhos e os bezerros brincando de correr,
As ruidosas ninhadas no terreiro...
A terra úmida das margens da lagoa e a graciosidade dos peixes,
Nadando despreocupados nas águas transparentes;
O verde das matas e as folhas planas na superfície das águas...
Tudo passou a integrar-se na sensibilidade da criança,
Tudo passou a tornar-se o seu Ser
(There was child went every day
And the first object he looked upon that object he became
And that object became part of him for the day, or for a certain
part of the day, or for many years, or stretching cycles of years

The early lilacs became part of this child
And grass, and white and red morning-glories, and white and red clover, and the song of the phoebe-bird,
And the third-months lambs, and the cow's pink-faint litter and the mare's foal and the cow's calf
And the noisy brood of the barn-yard, or by the mire of the frond-side,
And the fish suspending themselves so curiously below there and the beautiful curious liquid,
And the water-plants with their graceful flat heads-all became part of him).
Walt Whitman

UM TRIBUTO AO AUTOR

Eu soube da morte de Paul Harris em viagem de Sydney para minha casa, em Melbourne, em janeiro de 1947. Tomei consciência de que desaparecia um amigo dileto e um grande homem. Embora morássemos muito distantes, em polos opostos do mundo, tivemos 25 anos de estreita e calorosa amizade.

Paul foi um grande homem. Sua devoção e seu devotamento aos preceitos do cristianismo, seu culto ilimitado à amizade, a sua natural e penetrante perspicácia, sua capacidade sobrenatural de visualizar o futuro e o seu equilíbrio no apreciar os problemas presentes fizeram dele um grande homem.

Cada vez que eu tinha o privilégio de conviver com ele sentia-me inspirado pelo fervente entusiasmo com que, a despeito da sua fragilidade corporal e saúde delicada, realizava o seu trabalho.

No hidroplano em que eu viajava meus pensamentos voltaram-se para meu amigo Paul e para muitos episódios que agitaram a sua vida. Lembrei a esplendorosa semana em que, com minha esposa e filha, estivemos visitando Paul e Jean, num verão, em Onkama, ao norte de Michigan. Paul conhecia todos os habitantes da aldeia pelos próprios nomes e tinha uma palavra boa para todos. Assomou-me, nitidamente, à memória uma das últimas vezes que o vi em sua própria casa, em Chicago, durante uma tremenda tempestade de neve. Naquela manhã eu adentrara muito cedo a sua sala de almoço e vi Paul, no bosque, patinando na neve, em direção a várias prateleirinhas fixadas nas árvores. Estava abastecendo-as com sementes e quirera para os passarinhos e esquilos. Era uma das tarefas diárias daquele débil velhinho, cujo coração estava sempre voltado para as necessidades de todas as criaturas.

Sim, o fundador do Rotary era um homem simples mas de grande visão para a paz e para a convivência amigável. Para chegar à implementação desse ideal ele viajava incansavelmente, contatando com pessoas de todos os níveis, travando relações e fazendo amizades onde quer que chegasse. Era uma criatura encantadora. Delicado, cordial, equilibrado, humano, confiante e caloroso, portador, pois, de qualidades que operam maravilhas com homens e Nações.

Havendo chegado em Chicago agora, neste verão, li as provas de "MY ROAD TO ROTARY", obra em que Paul Harris nos conta a história da sua vida e das suas ambições. Muito do que é o Rotary veio da sua juventude. Mas do homem, que resultou dela, veio, também, a sua estrutura magnífica. Suas recordações da vida, numa pequena cidade americana, são emocionantes pela naturalidade e simplicidade com que são contadas. A alegria, as peraltices, as aventuras de uma infância rural, despreocupada e conduzida pelo amor de uma família bem constituída não só infundem prazer a quem as lê, como se exaltam, em base sólida, para a compreensão das suas conseqüentes experiências, viagens e concepções.

Depois, quando o homem dá ao mundo o grande movimento que é o ROTARY e projeta os efeitos que ele poderá produzir no mundo pela devoção e lealdade dos seus adeptos - uma das mais benéficas influências para o Bem, em todos os tempos - então a leitura se reveste da mais interessante e profunda importância.

Paul Harris, o fundador do Rotary, desapareceu fisicamente. Mas, a força do seu caráter e a grandeza do seu espírito permanecerão para todo o sempre. A sua influência é um estímulo ao Serviço.

Ao recomendar este livro, pois, estou certo que os seus leitores reproduzirão os seus ensinamentos e farão conhecidos, de todos os seus amigos e companheiros, os benefícios que Paul legou ao mundo com a fundação do Rotary.

Chicago, 1 de julho de 1948

a) Angus Mitchel

Pres. do RI 1948/49

SUMÁRIO

Capítulo	Título	Página
I	No Vale, o Meu Lar	8
II	O Nosso Sítio e o Sr. Wynne	11
III	Nossa Casa de 14 Cômodos	14
IV	Tipos Inesquecíveis	16
V	Atividades Eclesiásticas	19
VI	Os Sinos de Wallingford	22
VII	Rainúnculo, a Rainha do Pasto	28
VIII	Foguinho, meu Amigo	32
IX	As Peculiaridades dos meus Pais	37
X	Os Medonhos	40
XI	A Descoberta de uma Lagoa	46
XII	Obrigado, Patamares	50
XIII	Aí Vem a Primavera	54
XIV	O Xarope de Bordo (“Maple”) de Vermont	58
XV	Último Dia de Escola	61
XVI	Colhendo Amora e Pescando Truta	65
XVII	Um Natal Frustrado	69
XVIII	Cupido e Baccho	72
XIX	Uma Lamentável Tragédia	75
XX	Uma Família Unida	80
XXI	Uma Briga sem Palavras	84
XXII	A Estação de Estrada de Ferro	87
XXIII	Nosso Pórtico Frontal	90
XXIV	A Sociedade Secreta	96
XXV	A Diversão Vem a Cidade	99
XXVI	Dr. George	102
XXVII	Lenha	104
XXVIII	Uma Comunidade Laboriosa	107
XXIX	A Morte do Vovô	112
XXX	Adeus, Vovó	115
XXXI	Cinco Anos de Aventuras	119
XXXII	Coloca-se uma Placa	124
XXXIII	O 1º Rotary Club	129
XXXIV	Rotary Começa a Expandir-se	132
XXXV	O Arquiteto Encontra o Construtor	136
XXXVI	O Rotary Serve em Duas Guerras	140
XXXVII	Obrigado, Senhor Chesterton	146
XXXVIII	“Comely Bank”	152
XXXIX	O Meu Vale... Naquele Tempo	155
XL	Descansando e Visitando	162
XLI	Montanhas e Povo; Lagos e Pássaros	165
XLII	O Fim da Jornada	169

CAPÍTULO I

No Vale, o Meu Lar

Numa noite de verão, há muitos anos, três membros da nossa família, papai, meu irmão Cecil, de cinco anos e eu, criança de dois anos, desembarcamos do trem em Wallingford, Vermont. Na plataforma, tudo escuro. Apenas a luz vacilante de uma lanterna, segura por um homem alto que eu não conhecia, rompia o manto negro que envolvia o mundo. A cena inusitada ficou tão vivamente impressa na minha memória que jamais se apagará ou se ofuscará, enquanto eu viver,

O homem alto tomou a minha, na sua mão enorme e forte, como a do meu pai, a qual estava quente e parecia ser própria para conduzir crianças através de terrenos irregulares. Com papai conduzindo Cecil, lá nos fomos, rua acima, num séquito silencioso cuja solenidade se pronunciava pela escuridão da noite. Aquele homem alto era meu avô.

Na primeira esquina tomamos para o norte, cruzamos a rua e vovô abriu um portão. Entramos, todos, num átrio. Quando nos aproximamos do alpendre da casa, aparentemente confortável, a porta se abriu e apareceu uma velhinha de olhos escuros com lampião de querosene erguido acima da cabeça. Era a mãe de meu pai e estava para ser a minha, também. Vovô pesava precisamente quarenta quilos e quatrocentos gramas. Nem mais, nem menos. Dizem que as coisas mais preciosas vêm embaladas em volumes pequenos. Pois vovô era, no volume e de fato, uma criatura preciosa.

Ela saudou o filho e os dois netos, emocionada mas silenciosamente. Reunimo-nos na sala de jantar e ela e papai puseram-se a conversar. Não sei do que falavam, mas ainda a vejo em colóquio através da névoa que os setenta anos passados acumularam na minha memória.

Passado algum tempo, vovô levantou-se ágil e entrou numa despensa espaçosa (ela dizia adega), contígua à sala de jantar, e voltou com três tigelas de barro, amarelas. Uma maior para meu pai e duas menores para Cecil e para mim. Trouxe, também, um pão generosamente bojudado e dotado de virtudes muito superiores as dos que eu, até então, provara. O pão trazia, como acompanhamento, uma jarra de leite fresquinho e doce, oriundo do úbere dadivoso de alguma representante da benemérita família das vacas, que, em breve, eu iria conhecer. Ah! Ia me esquecendo daquele prato cheio, amontoado, de amoras pretas, providas daqueles arbustos retorcidos, que cresciam entre as pedras do morro e ofereciam, em triunfo, frutos saborosos, laboriosamente extraídos da terra pobre.

Três cadeiras foram chegadas à mesa. Uma bem alta, servidora de passadas gerações, evidentemente destinada a mim. E... começou o festim... Papai e vovô re-encetaram a conversa, Cecil e eu comíamos avidamente e vovô, silencioso, assistia, comovido, à cena. Cecil e eu só pensávamos em anular o vazio dos nossos estômagos.

O relógio pendurado na parede norte, inciente daquele desusado acontecimento, girava o seu esguio e longo ponteiro pelos números do mostrador e, de repente, atraiu a atenção de vovô. Como que assustada, ela levantou-se exclamando:

Meu Deus, pai Harris! São quase onze horas! O relógio, é óbvio, não se culpava pela distração. Sendo surdo e mudo nada mais podia fazer, para cumprir a sua finalidade, do que apontar o escoamento do tempo. Havia outro relógio pendurado sobre a lareira, na sala de estar contígua. Também era surdo mas não mudo. O melhor que o primeiro podia fazer para dar sinal audível do seu trabalho era emitir um inexpressivo tique-taque. O segundo podia fazer-se ouvir pela casa toda e o fazia sem hesitação, sempre que lhe competia. Trabalhando em perfeita harmonia com seu companheiro da sala de jantar, havia se manifestado a cada hora, durante aquele fortuito acontecimento.

A verdade era que vovô estava preocupada com a aflitiva dificuldade por que seu filho - meu pai - passava e com o peso dos problemas que recaíam sobre os seus ombros.

Sob o comando dela, nós, os meninos fomos levados ao quarto que, a partir de então, passaria a ser o nosso. Adentrando-o topamos com um objeto singular: uma coisa enorme com aparência de uma cama de barriga extremamente inchada. Vestidos com roupa limpa, de dormir, fomos levantados e lançados, carinhosamente, na majestosa pança daquela cama. Só recuperamos a consciência no dia seguinte, em dificuldades para fugir da situação de submersos nas ondas do colchão que, para nos esperar, fora re-enchido de palha a fim de proporcionar-nos repouso e conforto até que viessem as noites frias de outono. Estas anunciariam a necessidade de substituir o enchimento dos colchões com penas macias de aves, que nos conservariam aquecidos durante as longas noites geladas, quando o vento hibernal sopra, uivando como uma alcatéia de lobos.

Cabe-me explicar, as razões da ausência da personagem central da nossa família, minha mãe, nesse episódio em que perturbamos tanto a tranquilidade dos meus avós paternos.

Fatores econômicos determinaram a divisão da nossa família. Em outras palavras, papai havia fracassado nos negócios e trazia-nos, os filhos homens ao refúgio da sua casa paterna, como era uso na época e ainda, é, nos períodos de extrema dificuldade. Como a nossa irmã Nina May, era ainda criança de colo, minha mãe achou que seria encargo muito pesado passá-la aos meus avós. Preferiu mantê-la consigo, arranjando-se como fosse possível, em Racine, uma cidade agradável, situada em praia do lago Michigan, onde todos nós, seus filhos, nascemos.

Meu pai recebera do econômico cidadão da Nova Inglaterra, meu avô Harris uma "drug-store" e uma casa. A excessiva tolerância do meu avô fizera do meu pai um homem incapaz de equilíbrio financeiro. Tendo tido começo tão fácil pareceu-lhe que o mundo jamais lhe exigiria trabalho e esforço. No começo as coisas foram bem mas, como a gerência do estabelecimento era falha, meu avô aconselhou-o a liquidar o negócio e estabelecer-se em novas bases e mais próximo de Wallingford, onde fosse possível a sua assessoria na contabilidade, registrando, além da receita, as despesas. Até então, os livros estavam na maior desordem.

Todos os eventos acima, ao contrário do que meus parentes julgaram, mesmo incluindo a liquidação do estabelecimento do meu pai, foram extremamente benéficas para nós, os dois meninos. Cecil teve benefícios temporários e eu ganhei um lar bem equilibrado, permanente, caloroso, onde tudo era ordem e se respiravam altos ideais; onde a educação era considerada o benefício supremo.

Embora muitos dos Bryans considerassem bons os pontos de vista do meu avô Harris, eles optavam ao que tudo indica, por outra solução. Queriam que meu pai convertesse tudo o que restava em dinheiro e partisse, sozinho, sem a família, a procura de fortuna pela descoberta de ouro e pedras preciosas, como fizera o meu avô materno.

Diga-se, a bem da verdade, no entanto, que foi o meu laborioso avô Harris quem atendeu os últimos dias de vovô Bryan, mais brilhante mas imprevidente, e sua sacrificada esposa. E foi, ainda, ele quem, encorajado pela sua adorável e laboriosa companheira, Pamela Rustin Harris, cobriu com o manto da solidariedade as necessidades de todos os seus parentes e ainda hoje se encontra no cartório de Rutland Country o registro da cessão da renda de um remanescente das propriedades de minha avó, em testamento a um membro da nossa família.

Deve ter havido muita agitação e, mesmo, choro quando se rompeu a nossa família em Racine. É sempre lamentável a dissolução de uma família, mesmo que a decepção não alcance as proporções de um fracasso total. No nosso caso, fez-se tudo o que era possível por meus pais e, mesmo assim, eles fracassaram. O futuro não prometia nada. O único recurso foi contar com a acolhida e proteção dos meus avós Harris. Deve ter sido profundamente humilhante para meu pai o voltar à sua aldeia, vencido e desesperançado.

Papai, Cecil e eu éramos como que a vanguarda dos refugiados. Os outros membros da família vieram a Vermont após serem concluídas as condições mínimas necessárias para recebê-los.

Esses incidentes estavam muito acima da minha compreensão, como também da de Cecil, portanto nenhuma preocupação nos torturava. Alimentados, vestidos, abrigados com conforto e livres para as nossas traquinagens, estávamos no que poderíamos ter pedido a Deus.

Tínhamos o nosso lar. Devo, agora, embora ainda com certa vergonha, relatar um fato que diz mal da minha compreensão infantil. Minha avó, que desde a nossa chegada dava mostra de ser a comandante-em-chefe da casa, fê-lo ocorrer, quando amarrava os cordões do meu sapato. Eu, porém, não percebera e, deseducadamente, neguei-me a obedecer uma das suas ordens. Ela mandou que eu levantasse o pé e eu rebelei-me respondendo autoritariamente :

- "Você não manda em mim! Não é minha mãe!" Ela não vacilou. Chamou, de imediato, meu pai que, num instante acertou tudo com efeitos permanentes: nunca mais contestei a autoridade daquela velhinha que, afinal, dirigia tudo com rara proficiência e suavidade.

Cecil e eu passamos a descobrir as maravilhas da nossa nova casa. O que eu descobri com a passar dos dias, dos meses, dos anos... O leitor verá nas páginas seguintes.

Logo que chegamos em Wallingford minha avó percebeu que as roupas que estávamos usando não eram próprias para a vida que teríamos. A costureira da família, Margaret Mc Connell, entrou, de imediato, em cena. Margaret era a personificação da paciência. Do contrário jamais teria possibilidade de sucesso na confecção de vestuário para dois meninos incapazes de permanecerem quietos para as operações de tomar medidas e de provar as roupas.

A indumentária cotidiana para o verão compunha-se de camisa e calças. Estas não eram nem curtas nem compridas. Passavam abaixo dos joelhos o quanto permitia a disponibilidade de tecido. E a filosofia era a de que se as roupas não servissem para uso imediato, serviriam para o ano seguinte, quando as nossas pernas estivessem mais compridas. A meio da canela era o comprimento ideal: altas o suficiente para podermos andar na lama sem sujá-las e bastante compridas para obedecer a moda daquele ensacadinho das joelheiras. Ofereceria, também, recurso para a ocorrência da necessidade de aproveitamento das calças, num futuro próximo, em caso de modificações anatômicas do nosso corpo. Por aí se vê que a costureira era dotada de grande dose de visão profética.

Nesse particular ela fracassou uma só vez. Foi numa ocasião excepcional em que tanto o comprimento como o volume das minhas pernas tomaram um ritmo desusado de crescimento. Consegui, a muito custo, entrar nas roupas recém-confeccionadas. Para sair delas, quase que foi necessário o uso de saca-rolhas.

Fazia parte das nossas roupas de verão, além da camisa e das calças já citadas, um chapéu de palha de abas largas. Calçados não usávamos e nem eram necessários. Tenho pena dos meninos que jamais gozaram a alegria de patinhar na lama dos charcos, ou sentir a frescura da grama molhada par entre os dedos dos pés, nas manhãs frescas e orvalhadas.

Vovó reconhecia as vantagens dos contatos diretos com a natureza e nos liberava das restrições da vida urbana. Todas as noites, é óbvio, tínhamos que lavar os pés em água morna antes de inseri-los sob as cobertas limpas e acolhedoras das nossas camas. Era um preço muito baixo a pagar pelo privilégio e satisfação imensa de andar descalço.

Whittier deveria sentir uma grande ternura por meninos que andavam descalços. Do contrário não escreveria:

Abençoados, vocês, homenzinhos
Meninos de pés descalços,
De faces, ao sol, crestadas,
De calças arregaçadas
Assoviando. . . sem percalços. . .

(Blessings on thee, little man
Barefoot boy, with cheeks of tan,

With thy turned up pantaloons
And thy merry whistled tunes)

CAPÍTULO II

O Nosso Sítio e o Sr. Wynne

O pomar, a horta e a lavoura do vovô estavam no mesmo cercado. As macieiras, groselhas, etc. tinham o seu próprio território. Da mesma forma as batatas, os feijões, ervilhas, alfaces, radiches, nabos, couves, beterrabas, etc. No entanto, eram bons vizinhos. Conheciam seus limites territoriais e viviam em paz.

A horta merecia atenção de meu avô e do seu ajudante, Sr. Wynne. Ela exigia o afofamento da terra, a adubação, plantio contínuo, capinagem, replantio, eliminação das pragas. O pomar era, sem suscetibilidades da sua parte, menos trabalhado. Pulverizações e podas e eliminação de ninho de parasitas, quando ameaçavam causar prejuízos. E a lavoura, que proporcionava generosas colheitas de trevo e do doce capim Timothy, recebia ainda menos trabalho de retorno. Quando muito, algumas cargas de carrinho de mão de esterco de gado apanhado no piquete, ao lado do celeiro.

O esterco de galinha era reservado para a horta, em razão da sua maior concentração de nitrogênio. Não era espalhado nos canteiros, mas aplicado, à conta certa, em cada cova, inteligente economia da boa gente da Nova Inglaterra.

Era de admirar como podiam sair produtos tão excelentes da terra pedregosa daquela horta. Só algumas batatas já seriam o bastante para esperar-se dela. No entanto, colhíamos ali viçosas e belas flores de pêssegos, lindas flores de Herbon, folhudas rosas precoces e, até, algumas rosas Burbank.

O velho Sr. Wynne ocupava todo o espaço que lhe era reservado para o plantio de batatas - "taties", como ele dizia. Ele tinha uma grande família para alimentar. No outono ele fazia a colheita e a transportava, no carrinho de mão, para casa.

O velho era meu grande amigo. Costumava dizer que eu estava me tornando um menino. Quando eu perguntava:

- De que tamanho, Sr. Wynne?

- Da altura do joelho de um gafanhoto e com o peso de dois quilos menos que um chapéu velho de palha, respondia ele.

Já estava curvado pela idade e costumava sentar-se no carrinho de mão para descansar e aproveitar uma cachimbada. Frequentemente eu ficava com ele, sentado num dos braços do carrinho admirando-lhe o rito de encher o cachimbo, condensar o fumo no forninho, riscar o fósforo e acender, chupando amorosamente a fumaça. Nesses momentos eu sabia que era bem-vindo. Às vezes fumava em silêncio, meditando de olhar perdido. Outras vezes conversava naturalmente, com voz grave, no seu jargão irlandês.

Um dia perguntei-lhe porque falava de modo tão engraçado e ele respondeu que quem falava engraçado era eu e que, na Irlanda, ninguém me entenderia. Quando perguntei porque plantava tanta batata, respondeu-me que era porque gostava muito de conversar com as fadas que moravam no interior das "taties". Chegava a mostrar-me as fadas mas, em verdade, nunca as vi.

Mas, na horta havia muita coisa interessante que eu podia ver durante a estação produtiva. Logo no início da primavera as alfaces e as radiches começavam a germinar e surgir da terra, anunciando quão saborosas seriam. As ervilhas anunciavam a sua subida pelas estacas colocadas por vovô; também, os cipós das vagens anunciavam o seu enrolamento nas varas fincadas pelo Sr. Wynne, em longas alas, através da horta. As gerações anteriores dessas vagens haviam subido pelas mesmas varetas, frutificado, amadurecido as suas sementes e, após, seguido o seu caminho para a grande panela de ferro, onde

enfeitaram, perfumaram e temperaram gostosas costeletas com as quais nos deliciamos, servidas por Délia.

Gente de outras partes do mundo pode admirar-se de como um humilde feijão tem mantido prestígio e eficiência, durante gerações, como matéria prima principal para os jantares servidos com bolo de milho, nas mesas aristocráticas de Boston. Mas não se admiraria se, por uma vezinha só, tivesse tido o privilégio de comer feijão com pão de centeio a moda da gente da Nova Inglaterra.

O feijão servido em nossa mesa teria perdido muito do seu sabor se vovó o houvesse comprado numa cadeia de lojas. O nosso feijão era produzido com o suor do Sr. Wynne e o de vovô. Por isso tinha uma doçura peculiar. Em verdade, vovô e o Sr. Wynne pareciam estar presentes em todos os comestíveis produzidos em nosso quintal. As batatas, couves, feijões, cebolas, nabos, beterrabas, tudo, afinal, nos parecia de melhor qualidade quando considerávamos provirem do nosso quintal. O leite que tomávamos, os ovos que vovô colhia no galinheiro, os frangos empertigados que se exibiam, orgulhosos, no terreiro, tudo aquilo era parte da nossa vida.

Vivíamos em comunhão com a natureza; éramos parcela do universo e da espontânea existência de todas as coisas. Nossas vidas eram mais plenas do que poderiam ser em quaisquer outras circunstâncias.

O Sr. Wynne tinha um sapo de estimação que saltava à sua frente, abocanhando moscas e outros insetos e o velho tomava extremo cuidado para não pisá-lo ou feri-lo com a enxada. Parecia que aquele sapo tinha tanta afinidade com o Sr. Wynne que não podia estar longe dele. No final do outono ele desaparecia e ao início da primavera retornava, inconsciente de que passara alguns meses parecendo ser apenas um sujo e feio pedaço de gelo.

O Sr. Wynne, com o seu carrinho de mão, seu cachimbo, suas batatas, seu sapo e suas fadas era uma criatura adorável para um menino. Ainda mais que era pai dos dois melhores lutadores da escola, Mike e Jim e, principalmente, de Délia, nossa criadinha.

Nosso jardim era, não há que negar, pedregoso, mormente na visão de gente oriunda de solos mais bem aquinhoados. Certa vez, quando eu o elogiava, cheio de orgulho, para um primo que viera do oeste, ele desapontou-me afirmando rude:

- Não me faça de tolo! Já vi o que é esse monte de pedras!

A vaca era a beneficiária principal do pasto e tinha o seu cardápio melhorado com sementes forrageiras cozidas. Aliás, nós, crianças, também as comíamos.

Em agosto, quando o tempo permitia, fazíamos feno. Nenhuma touceirinha de capim, no pomar ou no quintal, escapava da foice do velho Wynne e quando o feno estava bem curado e sem impurezas, era empacotado e depositado no sótão do estábulo, de onde facilmente poderia ser transferido, em pequenas porções para a manjedoura da vaca, durante o inverno.

Nossa propriedade se estendia para oeste entre a do Sr. Arnold Hill, ao sul, a de Alfred Hull, ao norte, que tinham suas peculiaridades.

Foi na fazenda do Sr. Hill que vi o único mangual (1) em operação, durante toda a minha vida. Era o processo usado para descascar cereais.

Afonso Stafford (pai de Fay, que mais tarde se tornou meu grande amigo) gerenciava a Fazenda Hull e fazia algum trabalho leve, tal como gradear o feno com um ancinho mecânico. O velho Nate Remington, que trabalhava há muitos anos na fazenda, fazia o resto do trabalho auxiliado por uma parelha de cavalos: Bobbie e Fannie.

O celeiro da Fazenda Hull era muito espaçoso. Oferecia refúgio nos dias de chuva e ainda sobrava espaço. Quando não tínhamos idéia para outra traquinada, íamos provocar o velho Nate, que nos considerava uns diabos. Certa vez o pusemos tão enraivecido que ele ameaçou:

- Não sei onde estou que não lhes dou umas palmadas! Se ele tivesse podido alcançar-nos, não tenho dúvidas que cumpriria a sua intenção.

O celeiro de sótão, com estábulos para vacas, cavalos, galinheiro, lenheiro e depósito de carvão com defumador de carne, era, no verão, um lugar excelente para que nós, a gurizada, organizássemos as

nossas imitações de trapezistas, equilibristas na corda bamba, atiradores de facas, navegadores em balões, palhaços e outras artes dos burlantins de circo. Fazíamos, também, imitações de galerias de quadros, nos dias de chuva. Da minha parte, até hoje gosto muito de colecionar quadros.

A posse de uma vaca obriga a pequenos serviços no sítio. Minha avó, que não confiava muito nos outros, era quem fazia a manteiga que consumíamos. O leite era colocado em vasilhas de boca larga, que iam para a despensa até o dia seguinte. Pela manhã ela aquecia o leite até que a gordura subisse à superfície, formando uma camada pastosa - a nata. Passada o leite pela desnatadeira, a nata passava à bateadeira. Então vovô participava da operação, contribuindo com a força motora para bater a nata e transformá-la em manteiga.

O creme Devonshire, justificadamente famoso da Nova Inglaterra, é, sem tirar nem por, o creme que vovô preparava do leite da nossa vaca. Aqueles que têm tido o privilégio de saborear, na Nova Inglaterra, morangos com creme Devonshire, não necessitam de explicação: daquele creme é que vovô fazia a nossa manteiga.

Conseguíamos, ainda considerável colheita de mal-me-querer, de amores-perfeitos, os quais alcançavam bom preço no mercado, não só pela beleza como pela virtude de informarem os jovens apaixonados, se o amor, que tinham, era ou não correspondido. Arrancando a primeira pétala do mal-me-quer pronunciava-se: "mal-me-quer". Ao arrancar a segunda pétala: "bem-me-quer" e assim por diante até a última pétala, que confirmava ou negava a correspondência do afeto do bem-amado. Há umas florzinhas amarelas, que também indicam correspondência de amores masculinos. Se um rapaz quer saber se sua namorada gosta ou não de manteiga, por exemplo, aperta a flor embaixo do queixo. Se o queixo dela ficar manchado é porque a menina gosta de manteiga.

Confesso que tentei esse processo muitas vezes mas não me lembro de haver tido a oportunidade de verificar se os queixos das meninas haviam ficado amarelos. . .

Ah! Florinhas! Florinhas!... Minhas companheiras das mais doces e inocentes fraudes, pudéssemos nós nos encontrar e conviver novamente!

(1) MANGUAL - aparelho tosco que serve para descascar cereais por meio de batidas - malho. Compõe-se de dois paus ligados por tiras de couro. O pau mais comprido é o "cabo" e o mais curto o "malho".

CAPÍTULO III

Nossa Casa de 14 Cômodos

Embora não fosse muito grande, a casa de meus avós tinha 14 cômodos, além das despensas, dos alpendres, que eram usados como depósitos, e um ático espaçoso. Dos 14 cômodos, apenas 7 tinham uso regular. Quatro eram destinados aos hóspedes, três dos quais eram raramente ocupados. O último destes, que eu saiba, nunca foi ocupado. A sala, ao lado sul, só era ocupada quando tínhamos visitas e a situada ao norte só foi aberta duas vezes durante os dezoito anos que vivi lá: a primeira vez quando parentes importantes lá estiveram em visita e a segunda, nos funerais de vovô.

A casa toda espelhava cuidado e ordem doméstica. A toalha de linho sempre impecável sobre a mesa, embora portasse alguns remendinhos muito caprichados, testemunhos mudos mas eloqüentes dos préstimos e do zelo da dona da casa. Sempre que vejo tais remendos sinto doridas saudades. São as pequenas mostras de dignidade e ordem que o tempo não apaga da memória de quem as viveu.

As casas, mesmo as mais solidamente construídas, podem ser destruídas pela tempestade, pelas enchentes ou pelo fogo mas as recordações dos lares onde impera o amor são imperecíveis. Quando a gente recorda o distante passado, muito do que pareceu importante se desvanece na insignificância, enquanto que pequeninas coisas ressurgem, dominantes, a ponto de superar, na consciência, tudo o mais, em importância. Sacrifício, devoção, honra, verdade, sinceridade, amor são virtudes candentes das antigas famílias bem formadas.

A cozinha de vovó funcionava como um relógio. Como um motor bem regulado; como o coração de um ser humano. Ali era gerada a energia que controlava os afazeres domésticos. Era o centro, o cérebro da atividade e da vida da família.

Segunda-feira era um dia especialmente agitado. Todo o mecanismo doméstico entrava em atividade. Até vovô entrava na dança. Cabia-lhe conservar o fogo na intensidade própria, queimando lenha branca, de combustão rápida e alto poder calorífico. Respondia, também, pelo abastecimento ininterrupto do reservatório da água necessária às obrigações de Délia: lavagem da roupa, das panelas, das louças, etc. Aos sábados a água deveria manter-se em quantidade suficiente e morna para os nossos banhos.

Água morna e limpa, sabão feito em casa e fogo brando sob a chaleira formavam a combinação imbatível na guerra contra a sujeira. A bomba, no poço da cozinha, não deixava faltar água limpa e fresca para todos os fins, inclusive para a bilha, que estava sempre cheia.

A versatilidade da cozinha era notória: padaria, nos dias de fazer pão, fábrica de laticínios nos dias de bater manteiga e preparar o queijo, salamaria nos dias de fazer lingüiça e defumar toucinho e carne; fábrica de doces quando se fazia compotas em latas, confeitaria quando aí se prepararam os bons-bocados e doces de massa, etc. Nas épocas em que havia congestão de serviços, entrava-se a usar o departamento auxiliar, a cozinha de verão, onde, ordinariamente, se praticavam as fases mais grosseiras do serviço e eram depositadas todas as matérias primas para a cozinha, os produtos acabados e os utensílios, como vassouras, coberturas, embalagens diversas e outros. Apesar da discriminação de usos, que eu saiba, nunca houve o menor desentendimento ou ciúme entre as duas cozinhas.

Anexas às cozinhas havia duas despensas. A maior delas tinha um acesso pela sala de jantar para melhor funcionalidade. Nela se guardavam as louças do uso diário, utensílios da cozinha, ovos, outras muitas utilidades e três barricas: uma com farinha de trigo, outra com farinha de centeio e a terceira com açúcar. As porcelanas ficavam na sala de jantar. Na despensa menor conservavam-se o leite, frutas, carnes preparadas e os alimentos que exigiam ambiente mais frio para conservação. Ela era abrigada do sol e as acumulações de neve permaneciam por muito tempo pelo seu lado de fora.

Para vovó, a despensa maior era a despensa sul e a menor, a norte. Jamais pude compreender a razão dessa qualificação, pois ambas ficavam do lado norte da casa.

Para perfeita funcionalidade das suas variadas utilizações a cozinha tinha, anexas, três divisões de uma grande adega no subsolo as quais mantinham frescas, mesmo no verão, as frutas, os legumes e as sementes. Quando chegava o tempo do plantio, as sementes de batatas eram, primeiro, aquecidas ao sol antes de serem levadas à terra.

Havia, ainda outro mecanismo de refrigeração: uma caixa dotada de circulação contínua de água fria oriunda do poço. Nela era depositada a manteiga.

Os sitiantes de Vermont que possuíam cisternas (poças) em suas propriedades costumavam edificar, sobre elas galões onde se depositava o leite e manipulava os produtos dele derivados, tanto os para uso doméstico como os destinados à comercialização. Manteiga e ovos eram vendidos no armazém local. Às vezes, apenas trocados por outras mercadorias.

Essas edificações, excelentes abrigos nos dias de verão e calor excessivo, estavam impregnadas do perfume gostoso do leite e da manteiga frescos.

A água dessas cisternas era bombeada para cochos de madeira colocados no terreiro e nos celeiros onde os animais domésticos, inclusive os cavalos, que vinham suados dos serviços da lavoura podiam mitigar a sede e refrescar-se. Os modernos refrigeradores podem ser mais eficientes mas jamais poderão disputar com as velhas cisternas rurais dos sítios montanheses de Vermont, em perfume e suavidade.

Naquele tempo eram as mulheres que faziam manteiga e queijo. Hoje essas delícias nos saem das fábricas, impessoais.

O queijo verde de Vermont, chamado também, queijo com erva, alcançou invejável reputação em toda a Nova Inglaterra. Lembro do nosso queijeiro, Martin Wiliam, preparando, no pilão, a mistura verde para a massa do queijo. Eram folhas tenras de trevo que atenuavam o ardor do tempero. A indústria do queijo não durou muito em Vermont. Superou-a o famoso Herkimer, de New York, o qual, depois, rendeu-se a Visconsin, que se tornou o Estado do queijo na América do Norte. Mais tarde vieram as fábricas de creme de leite e os sitiantes de Vermont passaram a entregar o leite, produto de seus sítios, a elas, trazendo de volta o soro para alimentar os porcos.

O creme era separado do leite, esfriado e embalado em latões. Estes, acondicionados em "containers" e despachados pelo trem seguiam para Boston e New York, onde chegavam antes da hora do desjejum matutino. Esta prática, com algumas alterações, ainda continua e continuará até que o transporte aéreo a mude. Os fazendeiros mais prósperos de Vermont têm os seus próprios separadores de creme, nos dias de hoje.

Comparada com muitas das casas da Nova Inglaterra, a nossa não pode ser considerada velha, mesmo agora que está completando 100 anos ou quase. Tem a mesma idade da cidade de Chicago, na qual as casas aparecem e desaparecem em curto espaço de tempo.

A nossa casa está hoje tão sólida como quando foi construída. E se não ocorrerem circunstâncias perturbadoras, imprevisíveis, ela ainda durará até a consumação do século.

Quem passa de automóvel pela estrada Ethan Allen pode ler, fixo no imperecível telhado de ardósia, em alto relevo, o escudo com dois H. São as iniciais do meu avô e benfeitor, HOWWARD HARRIS. Hoje a casa é de propriedade de família distinta, R.C. Taft. Ela foi, nos tempos do meu avô, reconstruída devido a um incêndio ocorrido numa noite de Natal.

Dos tempos da reconstrução eu só soube que o carpinteiro, homem de muitas habilidades, aproveitou as horas de mau tempo em que não podia trabalhar na construção, fazendo dois pares de botas para o meu avô. A moda da época foi respeitada com os canos subindo à altura dos joelhos. O acabamento das botas era esmeradíssimo e o conforto que ofereciam, insuperável.

Essas botas leves, macias, cômodas, serviram-lhe por mais de quarenta anos. Eram usadas aos domingos e quando vovô viajava. Também em ocasiões especiais e, finalmente quando ele morreu os seus pés cansados foram confortavelmente envolvidos naquelas botas, arte de um carpinteiro versátil e caprichoso.

CAPÍTULO IV

Tipos Inesquecíveis

Segundo testemunhas mais ou menos confiáveis, o incêndio que consumiu a casa e a loja de vovô ocorreu assim: a loja de vovô, ao lado da moradia, tinha sua quota de "paus-d'água" que se concentrava ali à boca da noite e, de quando em quando, durante o dia. Bate-papo ordinário era a agenda invariável dessas reuniões a que os desocupados do lugar vinham, sempre, estimular com as suas presenças. Era o que, em gíria, se costuma dizer, conversa de encher colchão. Palavrório baixo, entremeado de palpites chulos e gargalhadas roucas eram a regra. Quando se esgotavam as vítimas da maledicência, eles trocavam xingações entre si.

As estórias eram repetidas, variando apenas as personagens, e não tinham nenhuma originalidade. Só acidentalmente - e com desgosto - havia comentários sobre acontecimentos reais. As anedotas espúrias eram a matéria preferida. E quando alguma delas não provocava risos no grupo, o próprio relator irrompia numa ruidosa gargalhada que, de certo modo, encobria o desapontamento.

O Sr. Asa Webster, velho caixeiro de vovô, era um tipo excêntrico. Sob nenhuma condição ria dos seus próprios ditos. Era tão empertigado que chegava a curvar-se para trás. Quando contava suas mentiras, compunha a cara de mau: lábios apertados e olhar lúgubre, que se agravavam se se suspeitasse que algum dos ouvintes estava duvidando da sua veracidade.

Asa Webster era considerado o campeão dos mentirosos de Wallingford. Tenho a impressão que ele se orgulhava desse título. Diziam-no professor e improvisador de mentiras e que tinha mais discípulos do que Platão e Sócrates tiveram, quando ensinavam os seus sistemas filosóficos. Wallingford fora, pois, a Atenas dos mentirosos.

Para o ministério das aulas e prática da arte era escolhida a loja de vovô onde o mestre Asa imperava. Como as grandes artistas, este era temperamental e não tolerava rivalidades. Sempre que a sua supremacia estivesse ameaçada, ele mentia com redobrada criatividade, até eliminar o concorrente. Num certo dia ele exagerou tanto que a loja e a casa se incendiaram.

Quando lhe perguntaram como havia escapado do incêndio, diziam, ele respondeu que, calmamente, vestiu o fraque, colocou a sua cartola-chaminé, deu alguns passos para trás, para fazer espaço e tomar velocidade e, então, jogou-se, através das chamas, pela vidraça da janela. Um incrédulo perguntou:

- De que tamanho era o vidro, Webster?

- Sete por nove polegadas! Respondeu prontamente. Vovô não reconstruiu a loja mas Asa Webster abriu, do lado oposto da rua, uma própria e a seu gosto. Era o protótipo das atuais lojas "cinco e dez centavos". A diferença estava na qualidade da clientela. A sua era só de meninos, cuja capacidade máxima de dispêndio era de um centavo...

Ao estabelecer-se, Webster não se acovardou com a terrível concorrência que teria de enfrentar. Ao lado do bazar e da loja de ferragens havia um sem número de lojinhas especializadas, como a sua: Luther Tower negociava com doces, confeitos e mel; George Tower vendia limões, biscoitos e arenque seco; George Edgerton especializou-se em refrigerantes, licores e nozes; Obadiah Makepeace preferiu trabalhar com uma linha especial de utilidades domésticas.

De maneira geral, os negociantes eram gente muito boa. Obadiah, como vendedor era, realmente, excepcional. Mesmo que no seu estoque não houvesse a mercadoria desejada, ele induzia o freguês a comprar outra qualquer, semelhante ou não. Contam que certo dia apareceu-lhe um freguês desejando comprar querosene e Obadiah, a força de insistir, conseguiu vender-lhe, em substituição, melaço de New Orleans.

Obadiah costumava curvar-se sacudindo as mãos diante do freguês. Pretendia que esses salamaleques tivessem efeitos hipnóticos e levassem o freguês a comprar o que ele lhe oferecesse.

Homem, mulher ou criança que entrasse no seu botequim com uma moeda era instado a gastá-la, comprando-lhe o que quer que fosse.

Esse homem tão ambicioso foi, lamentavelmente, acometido de uma moléstia semelhante à epilepsia e entrou em rápida e profunda decadência física. Para nós, meninos, a transformação de Obadiah era incompreensível. Lembro-me de haver-lhe assistido perseguir uma mulher respeitável num dia de intenso calor. A mulher gorda e pesada, corria muito mais do que aparentava ser capaz, sacudindo as banhas e gritando de medo. A mim e aos meus companheiros o espetáculo, ao invés de causar surpresa, era profundamente engraçado. Embora Angelina levasse pequena vantagem, alguns malvados dentre nós, gritavam, torcendo:

- Vamos Obadiah! Pega ela! E outros ao contrário:
- Corra, gorducha! Sacuda essas banhas por amor a Mike!

Como naquela época ainda não haviam inventado a caixa registradora, não tenho base para avaliar a média diária do movimento comercial daquelas lojinhas em Wallingford. Nos dias de muita venda, talvez o movimento chegasse a um dólar... dois, no máximo.

Para ilustrar a liberalidade ocasional dos jovens de Wallingford, posso citar o episódio, a que assisti, de um jovem fazendeiro de Sugar Hill na loja de George Tower, o fornecedor de biscoitos, limões e peixe seco. O moço, num assomo de arrogância, gabou-se:

- Hoje, dia da independência dos Estados Unidos, posso comemorar sem importar-me com o que isso me custe! Passe-me mais um desses peixinhos!

E George, em aparente aprovação àquela liberalidade nascida de sentimento patriótico, recolheu mais uma moeda de um centavo à caixa de biscoitos que fazia o papel de gaveta do caixa da loja.

Avaliadas em termos de dinheiro as pequenas lojas de Wallingford nada tinham de valiosas mas como força social eram de valor inestimável. Elas ocupavam os seus proprietários. Atender as lojas era muito mais saudável do que ficar em casa irritando a família e, pessoalmente, se aborrecendo. Tinham, também, a serventia de reunir outros velhos desocupados que, assim, se distraíam e matavam o tempo. O trabalho de atender essas lojas, é fácil de imaginar, não era nenhum sacrifício.

George Edgerton, por exemplo, permanecia quase o dia inteiro sentado e se acontecia o inesperado de aparecer algum freguês, George o fazia esperar até haver-se recuperado da surpresa e do desgosto de ter de recebê-lo e servi-lo.

O tempo nada significava para tais comerciantes. Suas lojas eram ligadas às residências e eles podiam ser chamados a qualquer hora do dia ou da noite. Nenhum deles, que aspirasse criar um centro social, teria de planeja-lo e esperar por isso. Era só dispor algumas cadeiras em torno de um foguinho baixo, com uma razoável escarradeira próxima, e teria, de pronto, um grupo de bons mascadores de fumo hábeis no cuspir à distância, orgulhosos dessa habilidade.

Como as lojas eram diversas havia liberdade de escolha para os fregueses. Lee Simonds, por exemplo era leal freqüentador da loja de Edgerton, uma drogaria singular porque não tinha drogas; Alonzo Canfield não desgrudava da de Sabin, que negociava com latas e ferragens.

Alonzo era homem de pouquíssimas palavras. Na verdade, não me lembro de havê-lo visto falar, a não ser quando alguém o cumprimentava :

- Como vai você, Lon?

Ele respondia num resmungo:

- Amolado!

E fazia uma careta, seguida de tosse provocada. Sempre tive a impressão que Lon desejava ardentemente por para fora as suas amarguras e não podia fazê-lo. Era como se ele tivesse, dentro de si, uma enorme carga de pólvora e lhe faltasse a espoleta para incendiá-la. Se ele, ao menos aprendesse a mascar fumo e cuspir, a gente poderia vê-lo completar as ameaças de manifestar se, como costumava. Então ele cuspiria ao invés de pigarrear e jamais falar.

Meu avô freqüentava unicamente a loja de Webster. Ephrain Hewlett era ligado à loja do seu filho, Danforth, de quem muito se orgulhava. Roz Sherman, um refinado preguiçoso, sempre acompanhado de seus cães famintos mas leais, apesar de estarem sofrendo freqüentes ponta-pés, preferia locais onde houvessem barricas. Os meninos faziam "via sacra" em quantos locais pudessem, colhendo informações e a sabedoria circulante: a farmácia de Calvin Townsend, a confeitaria de Luther Tower, o empório de George Tower, a loja de Ben Crapo, a fábrica de caixilhos e portas que recendia a resina de pinus, a mercearia de Harshie Ensign, os peixes secos de Obadiah e outras muitas.

Havia, ainda, a cavalaria de Charlie Claghorn, o moinho de William Ballou, a fábrica de queijos de Martin Williams, a fábrica de cangas, a fábrica de cidra, a marcenaria do perneto Sr. Pratt, onde se fabricavam elegantes pijamas de madeira (também chamados esquifes) que garantiam o conforto e a satisfação dos usuários, a moradia de Johnnie Adair, a barbearia e sapataria do Sr. Jim Dolan, o estúdio fotográfico do Sr. Eddy, que era quem extraia os dentes dos meninos, o hotel Wallingford, gerido sucessivamente por Horácio Earle e Lyle Vance, as ferrarias de Joe Randal e do velho Clark, a loja ambulante de Jerome Hilliard e, por fim, a mais importante, a fábrica de ancinhos de Batcheller.

A sede inicial da fábrica de ancinhos dizem ser a primeira dos Estados Unidos, na sua especialidade. Por mais de um século foi conhecida por "a casa velha de pedras". Sede de muitas indústrias, desde que foi usada pelos Batchellers. Quando a conheci era a fábrica de cangas. Mais tarde passou a ser "a sala de chá da Casa Velha de Pedras", prestigiada e disputada pelos turistas que freqüentam a rodovia Ethan Allen.

CAPÍTULO V

Atividades Eclesiásticas

Vovó costumava levar Cecil e eu à igreja e me lembro bem da afetada ordem interna do velho templo Congressional. Vovó vestia-se num elegante vestido de rendas de cor discreta, como convinha ao dia de repouso semanal na Nova Inglaterra.

A população da cidade, homens, mulheres e crianças, deslizavam silenciosamente pelos corredores laterais da nave e penetrava, respeitosa, por entre fileiras de poltronas estofadas, para tomar lugar e cumprir sua função, no coro, ou na cooperação do culto ou, enfim, para que pudesse concentrar-se profundamente nas orações e também, para, de quando em quando, dar longas cochiladas.

Todos se esmeravam para não tomar quaisquer atitudes impróprias ou desrespeitosas na igreja. Era a casa de Deus. Nem mesmo era permitido que alguém se virasse para cumprimentar um amigo discretamente.

Aos sábados à noite tínhamos que ir à bacia d'água morna, lavarmo-nos com muita esfregação para tirar as cracas dos joelhos, dos pés e do pescoço. Aos domingos, de manhã, vestidos, convenientemente, em roupa limpa e nova, íamos à igreja assistir ao culto e à escola dominical. Depois disso, quando voltássemos, podíamos sacar fora os "impedimentos", então desnecessários, vestir roupas comuns e traquinar, dentro de certos limites permitidos. Podíamos circular pelo pomar e comer as frutas aí produzidas, na estação. Era permitido ler mas não correr ou pular, a menos que o fizessemos longe dali, escondidos. Sair para fora dos nossos limites ou receber amigos era proibido. Aliás, proibição desnecessária, pois os amigos também estavam impedidos de sair de suas casas.

Quando nossos primos de Rutland estavam de visita, claro que tínhamos permissão de brincar com eles. Na Nova Inglaterra daqueles dias, as crianças, aos domingos, eram promovidas a gente adulta. As artes infantis e as correrias alegres eram legítimas, apenas nas outros dias da semana. No entretanto, não me lembro de haver tido um domingo aborrecido. Eu os aproveitava para planejar minhas atividades para a semana seguinte.

O reverendo Walker era o ministro da nossa igreja. A sua longa e espessa barba branca parecia qualificá-lo à atividade santificada. Até hoje, quando alguém se refere aos profetas dos tempos primitivos, vem-me à memória visual a imagem do reverendo Aldace Walker nas suas roupas esvoaçantes, de cântaro na mão em direção à fonte da cidade para abastecer-se de água fresca. Ele era reverenciado por toda a população da comunidade.

O reverendo Walker foi substituído pelo reverendo Elija Huntoon e este, a seguir, pelo reverendo Gamaliel Dillinham, que deve ter sido um santo homem a julgar pela extensão dos seus sermões e orações e pela solenidade com que se apresentava. Tinha, por hábito iniciar seu culto de domingo, pela manhã, abençoando todas as pessoas que exerciam autoridade. Começava pelo presidente da República e descia por toda a escala governamental da república. Depois passava para as autoridades estaduais e municipais. Para maior segurança, incluía alguns reis e rainhas. Era surpreendente o número de notabilidades da sua lista e a sua prodigalidade na distribuição de bênçãos. Se Deus se esquecesse de algumas teria de assumir a responsabilidade pela falta.

Um apóstata, Dane Foley, empregado da Sra. Ranne deu mostras de praticidade quando indagou: - Porque, em nome dos céus, o reverendo Gamaliel não abrevia: Que Deus abençoe todos os pretos, os brancos, os verdes e os amarelos?

Dispensado das exigências da patroa, Dannie jamais assistiria aos ofícios religiosos. Mas a sua presença à Igreja era obrigatória e ele a isso se sujeitava disciplinadamente. Se fosse chamado, ele abreviaria enormemente e de muita boa vontade o trabalho do reverendo Gamaliel. Ouvi, certa vez, uma sua solene afirmação de que os sermões do reverendo eram uma ameaça de esvaziamento do país, pois

eram mais devastadores do que quaisquer tempestades ou inundações. O meu julgamento pessoal se inclinava bastante por aprovar o de Dannie.

Não me lembro do que os ministros da nossa Igreja diziam, quando eu era menino. Seus sermões estavam além da minha capacidade de compreensão mas eu gostava de cantar no nosso quarteto, que era melhor do que poderia esperar-se. Além disso, os meus pensamentos no silêncio e solenidade da Igreja teriam sido muito mais elevados do que se eu estivesse em qualquer outro lugar. Ali havia uma sensação acentuada de paz e bem estar.

Minha imaginação costumava elevar-se às alturas para exaltar os feitos de Frank Nelson descritos em "Frank num Navio de Guerra" e o meu coração palpitava pelo velho e bom escravo Cudjoe, nos acontecimentos temerários em que encontrava, conforme a história excitante, "A Caverna de Cudjoe". O amargor da minha vida era o fato de a Natureza não me haver dotado de romantismo. Eu me propunha a esforçar-me para que um dia pudesse praticar feitos dignos de registro. Eu seria, no futuro, soldado, marinheiro ou, no mínimo, maquinista de trem. Poderia, no futuro, ter o privilégio de brilhar nos campos de batalha ou navegar por mares tempestuosos e, depois, voltar a Wallingford em uniformes de botões dourados e dragonas, que deslumbrariam as moças e eu, de cabeça erguida, indiferente e cômico do meu valor e da justa razão da minha condição de herói. Tais devaneios, sem nenhuma conexão com os sermões do reverendo Gamaliel, eram apenas estimulados por eles. Assistindo às suas atitudes solenes, muitas vezes eu o imaginava um selvagem de Borneo ou coisa parecida. Indiscutivelmente, a Igreja influenciava fortemente a imaginação de todos os que a freqüentavam.

Raramente o espírito de reverência se instalava em mim. Então, sentado na poltrona da família, entre meus avós, eu permanecia quieto e aparentemente atento. Mas, na verdade, meus pensamentos corriam as montanhas e os meus olhos estavam fixo, através da janela, nas árvores, lá fora, apreciando o farfalhar das suas folhas e, ocasionalmente os passarinhos brincando ou cantando, em liberdade, inscientes de que era domingo e que o reverendo Gamaliel estava se esforçando para atingir o botão que acenderia a luz nas almas das suas ovelhas. Aqueles passarinhos eram, isto, sim, incorrigíveis pagãos!

Havia, no ambiente da Igreja, a legítima característica da Nova Inglaterra, expressa pelo apuro com que as mulheres se apresentavam vestidas e pela fragrância do ar, perfumado pelas essências com que todas elas se espargiam. Se a limpeza e o capricho aproximam as pessoas de Deus, as mulheres da Nova Inglaterra devem estar entre as eleitas.

Vovó tinha a sua toalete permanentemente pronta para as ocasiões de freqüentar a Igreja. Seu vestido de seda preta com os respectivos ornamentos pareciam especialmente próprios para as manhãs de domingo. Ele serviu por muitos anos, como, também, o terno e o sobretudo de vovô, sua indumentária para reuniões e conferências.

Se vovó possuía um chale Paisley? Claro que o possuía! Ela e mais todas as mulheres, cujos maridos tivessem a possibilidade de comprar um. Tia Mel estava na categoria. Os chales Paisley eram insígnia de distinção. Tia Mel tinha, ainda, um casaco de peles, que lhe fora dado por vovô. Tia Lib também tinha um, que mais tarde foi legado à prima Mary. . . Dois casacos de pele na família! Que distinção, meu Deus!

A roupa de uso diário de vovô era limpa e bem cuidada, embora, é evidente, bastante surrada. Seu sobretudo de uso diário era conhecidíssimo na comunidade. Um rapaz maior e mais velho do que eu, certo dia, zombou:

- Lá vem o velho Harris com seu sobretudo cor de rato! Se eu fosse da idade dele e mais fortinho, teria lhe quebrado a cara!

Ninguém sabia melhor do que eu porque vovô cuidava das suas roupas a fim de aumentar-lhes a durabilidade. Ninguém sabia melhor do que eu que a frugalidade característica da sua vida tinha uma razão forte de sustentação: o propósito de proteger a sua gente, as pessoas que ele amava.

Vovó era a responsável pela aparência digna de vovô e pela minha, nas manhãs de domingo, na Igreja. Uma das visões domésticas, lá em casa, era a de vovó inspecionando e esfregando, com um pano

molhado e ensaboado, o pescoço de vovô e engraxando as suas botinas, com gordura de galinha, que amaciavam-nas e davam-lhes brilho. Nesta tarefa podia-se notar que ela tinha um dos seus pulsos imobilizado. Por um acidente, provavelmente. Nunca ninguém ouvia dela qualquer menção a isso. Tenho, até, a impressão de que ela alimentava um certo orgulho por aquele aleijão.

Se eu tossisse durante o serviço religioso, vovó passava-me um pedacinho de um preparado solúvel que ela mesma fazia. Açúcar e uma raiz qualquer. O açúcar amenizava o amargor profundo da raiz. Mas o carinho e a bondade da velhinha deixavam, na droga, uma doçura especial. Aquela tossinha ainda hoje, volta, especialmente na Igreja. Mas hoje são outras mãos carinhosas que mergulham em recônditos esconderijos e emergem com os extintores da tosse. São as mãos de minha escocesa querida, a boníssima Jean.

Nos últimos tempos de vida de Vovô, ele dormitava durante o sermão. A voz monocórdica e grave do ministro contribuía bastante para isso. Tomei, voluntariamente, a tarefa de mantê-lo acordado durante o tempo integral do ofício religioso. Para exercer tal obrigação com eficiência e recato eu dobrava as pernas, sentado, de tal modo a poder cutucar, com o dedão, as canelas dele que, de indústria, estariam colocadas a jeito. Meu dedão funcionava um sem número de vezes enquanto se desenvolvia o aborrecido discurso. Lembrando, hoje, dessa minha obrigação, chego a pensar que a exercia um tanto automaticamente e que, com isso, obriguei vovô a escutar muita coisa dispensável das piedosas lengalengas do ministro. Muitas e muitas vezes seria preferível que ele repousasse naqueles cochilos incoercíveis.

Havia dois dias santos que eram respeitados: o dia de ação de graças e o dia de jejum. Os ofícios religiosos correspondentes eram realizados pela manhã, na hora do costume. Aprendíamos o quanto e porque devíamos agradecer a Deus. Mas jamais ouvi qualquer justificativa para encerrar o dia de ação de graças, como clímax da comemoração, com um majestoso jantar de peru.

Acho que pelo menos deveria haver alguma explicação para o costume de haver, como parte das comemorações, o "tiro à galinha e ao peru". Era uma tómbola que consistia em um concurso de tiro ao alvo às próprias aves nominadas. Cada tiro à galinha custava 10 centavos de dólar. Ao peru, 25 centavos. Quem acertasse o tiro ganhava o prêmio respectivo: um exemplar vivo de galinha ou peru.

Alguns cúpidos fazendeiros, percebendo não haver nenhuma proibição pelos preceitos da Igreja, criaram esse sistema de comercialização rendosa das suas aves, ao verificarem que pouca gente tinha capacidade de acertar os alvos. As aves eram postas para serem atingidas numa rampa, a uma distância que a mim parecia muitos quilômetros. Os bons atiradores ganhavam, de pronto, suas aves, mas ficavam impedidos de atirar daí por diante. Os outros iam, aos poucos, desovando os seus "dimes" (1) e "quarters" em favor dos empresários da tómbola.

O dia do jejum tinha perdido muitos dos seus rigores dos tempos coloniais. De fato, os banquetes do dia de jejum eram a sua principal característica. Como aconteciam à noite, depois da cerimônia religiosa (quando os participantes estavam famintos), sabiam excelentemente. Da minha parte, eu me deliciava com eles... Pensava mesmo que eram a fase mais importante das comemorações. Na minha opinião podiam-se até suprimir os serviços religiosos. . . dos quais, sempre que podia, eu fugia.

(1) "Dime": denominação popular da moeda de 10 centavos. "Quarter": denominação de 25 centavos de dólar. - (N. do T.)

CAPÍTULO VI

Os Sinos de Wallingford

Nada perturbava a tranquilidade dos nossos domingos a não ser o clangor do sino, no alto do campanário da igreja, respondendo aos puxões vigorosos da corda pendente, pelo sineiro, o Capitão Johnson. Eu não sabia quem esse Capitão Johnson era, nem quem eram seus pais e mesmo, porque lhe haviam atribuído a patente de capitão. Tudo o que posso afirmar, com segurança, é que sempre que o sino da igreja soava a gente podia divisar na sacristia, o capitão balançando verticalmente uma corda ondulante, que desaparecia num buraco do teto. O capitão subia e descia agarrado na ponta da corda, de tal forma que se tinha a impressão de ser a corda que movia, puxando o sineiro.

Todas as manhãs de domingo, lá estava o capitão naquela luta gloriosa, no interior da sacristia. Quando parecia estar a corda prestes a escapar das suas mãos, vencendo-o, ele, num esforço violento, conseguia trazê-la de volta para baixo. E a luta do sobe-desce recomeçava. As mãos do capitão, agarradas na corda ondulante, assemelhavam-se ao excitante espetáculo do grupo Lauconte com suas serpentes. Para nós, menino, assisti-lo era uma compensação à chatice da permanência na Igreja.

Não pode haver nada mas impróprio para um sino de igreja do que possuir um timbre de arrepio à teologia. Mas o nosso era verdadeiramente característico de uma igreja Congressional. Disciplinado, fazia-se ouvir, alegre e indefectivelmente, duas vezes nas manhãs de domingo. Ao amanhecer, tangia convocando o povo a abandonar seus afazeres mundanos e comparecer à igreja. Tinha um fervor evangelista. Os seus sons suplicavam, aconselhavam, ralhavam, adulavam. Começava em pianíssimo e seguia, num crescendo selvagem, ao fortíssimo agitado de saltos mortais. As vezes, em verdadeira fúria, ameaçava saltar fora do campanário.

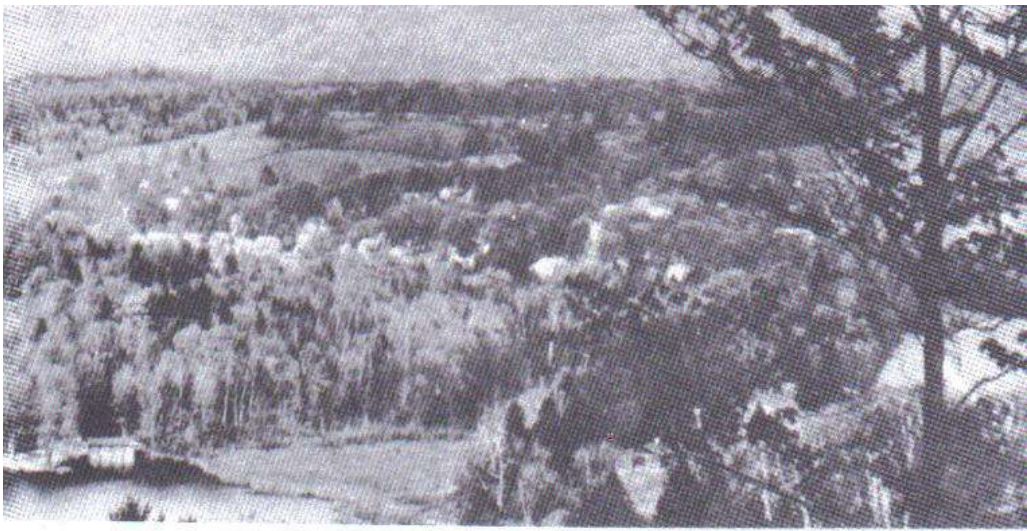
Era difícil associar o sóbrio capitão Johnson com aquele sino louco, em delírio. Note-se, no entanto, que o capitão jamais se identificou pela piedade. Ninguém o viu, que eu saiba, nas novenas de sextas-feiras, nem à mesa de comunhão, aos domingos.

O segundo dobre era caracterizado por batidas cronologicamente espaçadas. Não possuía as exuberâncias sonoras do da manhã. Era como que um ralho pesaroso, dolorido, em nada parecido com a vibração álcara do dobre imperioso de chamamento à missa. Cada badalada era uma solene proclamação do que devia ser esperado pelas pessoas que não haviam comparecido à igreja, ou não haverem sentido arrependimento pelos pecados cometidos.

No campanário da outra igreja, distante a duas quadras, precisamente no mesmo instante que na nossa, outro sino entrava a conchamar, frenético, a presença dos seus fiéis. Imitava as intenções e a energia do sino da igreja Congressional mas ficava, por mais esforços que fizesse, a muita distância das suas concepções teológicas. Era o sino da Igreja Batista. Devia possuir o seu próprio capitão Johnson. Eu, porém, não o conheci. Sempre supus que fosse Seward Ainsworth, que era organista, dirigente do coro, solista, superintendente da escola dominical, juiz de paz e outras coisas mais.

Uma das mais irracionais crendices que o sino da Igreja Batista proclamava era que a salvação da alma, pelo batismo, depende da submersão completa do penitente nas águas do rio Otter, assistida pelo ministro: Os membros da igreja e quem mais desejasse podiam assistir ao ato sentados nas ribanceiras do rio, de ambos os lados. Nós, os meninos, é óbvio, sempre o desejávamos. Era um espetáculo divertido: o reverendo Henry Archibald, grandalhão, de barba ruiva, duro e solene a conduzir os pecadores, tiritando de frio, pelas pedras escorregadias das corredeiras até quase o meio do rio, afundá-los e depois de instantes, retira-los da água tossindo e fungando... mas lavados do pecado. Como diria o salmista: "mais brancos do que a neve".

Esse rito, supõe-se, está indicado na doutrina da religião batista mas diga-se, a bem da verdade, que o sino da sua igreja o assistia sempre, no mais respeitoso silêncio. Sem a menor vibração. Isto nos faz pensar que, em assim agindo, ele sugere aos homens o quanto é nobre o respeito às crenças alheias. Embora



The village of Wallingford nestling in Paul's New England valley with a corner of Elfin Lake in the foreground and Black Mountain in the background.

The house of Howard Harris in Wallingford, Vt., where the boy Paul lived with his grandparents.

Photo by A. H. Murray, Rutland, Vt.





Grandfather Howard Harris



Grandmother Pamela Harris



Father George H. Harris



Mother Cornelia Bryan Harris

apenas se suspeite que é essa intenção do sino, merece louvor o seu mutismo exemplar. Pois não há quem não saiba o que pode uma língua solta fazer de malefícios.

O sábio sino da Igreja Congressional sabia da existência de um parafuso frouxo na cabeça ao da Igreja Batista, já que todos os demais proclamavam vibrando altissonantemente as virtudes bastantes da aspersão para a, purificação, no batismo. A disputa aumentava furiosamente e, por vezes, acrimoniosamente. Desaforos, apelidos, acusações, insinuações e xingamentos eram trocados numa barafunda de doutrinas de Calvino, de Knoz, de Wesley, com algumas tintas de Johnathan Edwards.

Havia uma igreja católica em Wallingford que não possuía sino e, portanto, não participava nessas disputas. O melhor que podia fazer era manter a cabeça abaixada e bater os dentes, se é que os tinha.

Há que reconhecer que os sinos das igrejas de Wallingford exerceram influência unificadora na comunidade. Teria sido melhor se as duas contendoras houvessem se entendido ao invés de permanecerem barulhentas e discordes. Possivelmente teriam compreendido que a tolerância é que mostra os caminhos iluminados do Reino.

No entretanto, não é sempre que os sinos das igrejas estão em disputa. Nos momentos de tristeza, quando alguém morre, os sinos dobram anunciando o fato. Nessas oportunidades cada sino cumpre a sua própria e oportuna destinação. Por consenso, se o morto não pertencesse a nenhuma igreja não haveria, dobre de sino. Cada igreja só anunciava o passamento de fiéis seus. Em certas ocasiões o sino anunciava a idade do morto, batendo, após o dobre a finados, uma badalada por ano de vida, bem espaçadamente.

A primeira badalada do sino, toda gente suspendia o que estava fazendo. As donas de casa, que estivessem a lavar, retiravam as mãos do meio da espuma, enxugavam-nas numa toalha ou no avental que estivessem usando, benziam-se e diziam, num suspiro : "alguém morreu! " Em seguida contavam as batidas. . . Como a idade de todos era mais ou menos conhecida, não havia muita dificuldade para identificar o morto. Durante a contagem, se as batidas ultrapassassem um certo número, lá vinha um suspiro de alívio e... "Graças a Deus não é a Millie!". Ainda posso ver com os olhos da memória, vovó contando pacientemente as lúgubres batidas: oitenta e oito, oitenta e nove, noventa e, virando-se para vovô : - "foi o Sr. Lovett, pai! Partiu para o descanso eterno! Teve uma vida longa! Sofreu muito mas, afinal, descansou!"

No cemitério não havia discriminação religiosa. Os túmulos se alternavam sem nenhuma ordem. Sem convicção teológica definida, eu costumava, nas tardes de domingo, tomar meu lanche de leite e pão sentado na soleira da porta da cozinha observando, em clandestina camaradagem com o sino, notoriamente defeituoso, da igreja Batista, que ficava colocado na minha linha de visão e cujas linhas me pareciam agradáveis. Quando, à hora do ofício vespertino, ele entrava em contorções desesperadas para tentar trazer para a igreja os crentes, as andorinhas, que não apreciavam aquelas demonstrações, voavam espantadas e desordenadamente até que o silêncio fosse restaurado e elas pudessem voltar para os seus abrigos, sossegadas.

Havia outros sinos. Aliás, Wallingford era a cidade dos sinos, cujas vibrações se levantavam de todos os lados. Havia os sinos das lojas e das escolas. Durante o inverno, depois que o lençol branco de neve cobria os morros, as estradas e os telhados, havia o tilintar de guizos de um sem número de trenós. Os das lojas anunciavam o horário de trabalho. Os das escolas conclamavam a juventude escolar de todas as religiões. Ali, a criança era tratada sem discriminação... Todas eram iguais, como membros de uma grande família, que viviam em solidária harmonia.

Quando havia incêndio à noite, os sinos de Wallingford brandiam em uníssono. Sem necessidade de língua todos gritavam, desesperados: "acordem! Tragam água! uma casa está queimando!"

Outra ocasião em que os sinos das igrejas, que não possuíam guardiões, rompiam num bimbalar infernal, era para anunciar a data da Independência dos Estados Unidos, ou pelo ludíbrio de meninos travessos que conseguiam chegar a eles. Dizia-se que os sisudos guardiões das igrejas não estariam contra tais contravenções. Pelo contrário, até as apoiavam. No entanto houve ocasião em que os rapazes, atingido o campanário, amarravam uma corda no badalo do sino, levando a outra extremidade para o matagal

próximo, de modo a poder brandir o sino de fora da igreja. O guardião, tencionando surpreender os rapazes no alto da torre, subiu sorrateiramente pela escada, naquela ocasião. Mas os rapazes o seguiram e trancafiaram-no na torre obrigando-o a suportar o troante badalar do sino durante o resto da noite.

Quando nós, os meninos, sentíamos fome, o mais melodioso som era o do sino que, pela mão da mãe ou de uma empregada, anunciava a mesa posta com comidas gostosas, quentinhas. Qual é o menino saudável e ativo que não abandona o beto, a bola ou, mesmo, uma peladinha, quando ouve a melodiosa chamada. para o jantar?

Não será necessário nem anunciar o cardápio, pois ele será identificado logo à porta de entrada. Será o cheirinho bom que vem da panela do "corned-beef", do porco defumado, do virado de couve, da salada de nabo e beterraba com cebola que dirá: "a Nova Inglaterra preparou o jantar para você, rapaz! Puxe a cadeira, sente-se e. . . mãos à obra! Não se preocupe com o lavar as mãos ou o rosto, você já os lavou ontem! Que importância tem se você sujar o assoalho da cozinha ou da sala de jantar, respingando gordura ou migalhas! Isso até é bom! O que significa mais algumas esfregadelas, para quem já vai limpar a casa toda? Vamos! pendure o chapéu atrás da porta e venha! Estamos aqui para agradá-lo! "

E, além daquele irresistível convite, o pudim de milho, mostrando-se por baixo da toalhinha, gritando: "Não se esqueça de mim, rapaz! Já chego aí no seu prato!"... Qual o piá que resiste a esses chamamentos ao seu nervo olfativo, já excitado pela fome? Se alguém quiser apanhar um passarinho, ponha-lhe sal no rabo, se quiser apanhar um garoto, ponha-lhe cheiro de comida no nariz. . .

Havia, também, os sinos das locomotivas para anunciar a chegada ou partida do trem ao povo, reunido na plataforma da estação para embarcar, esperar passageiros e despachar pacotes e cargas. Rutland era o destino do maior número de passageiros e ficava a longos 15,5 quilômetros adiante.

A gente estremecia só de pensar em quanta gente teria sido atropelada pelo estouvado trem, se não houvesse o aviso do sino da locomotiva bimbalhando alacremenente, acionado pelo orgulhoso foguista sentado ao lado de sua majestade, o maquinista. A gente imaginava que o trono dos Césares não teria o esplendor da cabine da locomotiva, apelidada pelo povo de GREEN MOUNTAIN BOY. Sua Majestade, o maquinista ostentava, com o orgulho merecido, a posição nobre que ocupava. De quando em quando se dignava baixar os olhos para algum dos meninos fascinados, que sonhavam com um futuro glorioso de, algum dia, poder ocupar aquela posição sobrenatural.

No verão as vacas-madrinhas (2) eram adornadas com um colar de couro portando o cincerro, para conservar o rebanho reunido nas pastagens montanhesas e muitas vezes até as ovelhas portavam guizos. Os mais festivos dos sinos em Wallingford eram, sem dúvida, os dos trenós. Que beleza, o seu tilintar! Especialmente aqueles de logo após as primeiras neves do fim do outono. Suaves flocos, caindo silenciosamente na noite, forrando a terra com um imenso lençol branco. Que surpresa para os jovens. Saídos dos seus cálidos leitos de penas e envoltos nas suas roupas quentes, o deparar, pela manhã, através da janela, o espetáculo maravilhoso dos campos nevados. Os sitiantes que possuíssem um cavalo teriam, também, um trenó. O alegre clamor dos seus sininhos era o anúncio primeiro de que os esportes de inverno tinham começado. Haveria um sem número de trenós circulando pelos arredores ondulados.

Haveria homens cobertos de neve com sua roupagem característica e de cachimbos na boca, casas feitas de gelo e fortalezas para serem tomadas em batalhas de bolas de neve. Haveria trenós deslizando ao luar em clima de romance com casais jovens que, vestidos em roupas de couro de búfalo, passavam, tracionados por corcéis negros tostados ou baios, bimbalhando alacremenente os seus colares de guizos. Até os cavalos pareciam sentir o encantamento do espetáculo cristalizado na brancura da neve.

Sem dúvida, eram os guizos líricos, suaves, alegres e cariciosos dos trenós, os sinos mais maravilhosos. Ah! Se eu pudesse, uma vez mais, vibrar, como na minha meninice, sentindo a estática volúpia da vida nas manhãs do fim do outono!

"Ouvir os sinos dos trenós, argênteos sinos!

Quanto de encantamento na sua melodia,

Quanta alegria nos seus hinos
O ar gelado, ao fim do dia!

Cintilam, no céu, estrelas,
Ao longe, no paraíso.
Como pedindo que ao vê-las
Bimbalhem, alegres, as guizos.

Cincherros, guizos e sinos
Quais passarinhos em trino!
Sons de promessa, divinos!
Alegria dos meninos!

Hear the sledges with the bells, Silver Bells.
what a world or meriment their melody foretells!
How they tinkle, tinkle, tinkle
In the icy air of night!
While the stars that over sprinkle all the Heavens
Seem to twinkle with crystalline delight
Keeping time, time, time in a sort of Runic rhyme,
To the tintinabulation that so musically wells
From the bells, bells, bells,
Bells, bells, bells
From the jingling and the tinkling of the
Bells, bells, bells.

(Edgad Allen Poe)

(2) Vaca-madrinha: é a que é seguida, sempre, pelas outras do rebanho. (N. do T). .

CAPÍTULO VII

Rainúnculo, a Rainha do Pasto

Meu irmão Cecil ficava, de quando em quando, em dificuldades com a sua obrigação, que era a de levar e trazer a velha vaca, Rainúnculo, do pasto. Ele se esmerava nesse trabalho. Se me perguntassem qual a característica dominante do meu irmão Cecil, eu responderia prontamente que era a coragem. Bravura jamais lhe faltou. Levava a vida tirando tudo o quanto fosse possível de cada experiência e nunca recuou em face do perigo ou do desastre.

Muitos anos após os acontecimentos aqui relatados, Cecil, sofrendo dores pelo corpo, por doente que estava, teimava em afirmar aos parentes, que estava tudo bem. Se ele soube o que era medo nunca o disse. Uma das últimas coisas que disse a mim, antes de morrer, foi: "Podem dizer tudo de mim mas ninguém, jamais negará, com propriedade, que desfrutei a minha vida". Palavras reais, da primeira à última sílaba!

De todos os meus pecados que foram muitos, o de que mais me arrependo foi o de bater em Cecil. Num dia de verão em Wallingford, numa explosão de raiva, arranquei-lhe o chapéu e esmurrei-o no rosto. Ele ficou ressentido e humilhado. Seus olhos encheram-se de lágrimas mas não revidou. Fiquei profundamente envergonhado e daria todo o pouco que possuía para desfazer aquele gesto cruel. A cena, em visitando a minha memória por milhares de vezes e a cada vez que a recordo, sinto remorso.

Cecil assumira a condução da vaca Rainúnculo, do e ao pasto, embora ele, de vacas, só sabia o que aprendêramos na nossa curta permanência no oeste. Isto é, que produziam o leite que o leiteiro deixava atrás da nossa porta.

Por prevenção Cecil tomou um parceiro de tarefa. Não atinei. Porque talvez fosse para ter companhia.

De qualquer modo, coube-me essa honra, embora minha fé nas boas intenções da vaca estivesse abalada, pela presença dos chifres que ela trazia na cabeça, um fato não facilmente reconciliável com os ideais de paz na terra e boa vontade para com os meninos.

O resultado do nosso primeiro dia como condutores de Rainúnculo não foi muito positivo. Rainúnculo, com outras vacas alheias, resolveram entrar em disputas no corredor que levava ao pasto, o que criou uma confusão dos diabos. Por insinuação da Providência, alguém havia deixado uma espaçosa caixa, abandonada no corredor - um abrigo em caso de necessidade. Não esperei ordem de esconder-me na caixa, deixando a Cecil e mais aos outros meninos a tarefa de procurarem outras caixas ou de salvarem-se como pudessem. Do interior da minha fortaleza, eu assistia o estalar dos chifres e das cabeças, com alguma compostura, mas só abandonei as vantagens da minha posição estratégica, quando Cecil e os outros meninos me convenceram que a briga das vacas acabara e que elas haviam sido conduzidas ao pasto e a porteira, ao fim do corredor fora fechada.

Com este episódio inauspicioso, minha formação na ciência de conduta das vacas continuou, até que, mais tarde, cientifiquei-me das peculiaridades dela e passei a querer bem às vacas. Hoje, vacas me trazem reminiscências da infância e os quadros da vida bucólica do meio rural me agradam muito.

Rainúnculo era uma vaca Hereford, importada da Inglaterra. Proveio da raça respeitada como excelente produtora de carne e de leite. Para nós, ela estava destinada a produzir as duas especialidades. Era a maior de todas as outras, no pasto. Maior até do que a vaca de Jinny Conley, sua imediata em tamanho. As vacas dos vizinhos reconheciam as prioridades de que gozava Rainúnculo e permaneciam quietas e afastadas, quando alguém abria a porteira para que saíssem do pasto para a ordenha.

Quando Rainúnculo estava de terneiro novo, nos fornecia dois baldes de leite gordo, espumoso e de aroma agradavelmente doce. Tinha tantas virtudes que é difícil enumerá-las. A mais destacada e importante era a de nos pertencer, inteirinha... a boa e fiel Rainúnculo! Tivesse havido uma pesquisa de "quem é quem" nos estábulos e estou certo de que o nome de Rainúnculo estaria no primeiro lugar! Seu

mugido parecia doce e musical aos meus ouvidos e se eu não a tivesse visto brigar, até vencer a vaca de Jimmy Conley para ostentar a supremacia no rebanho, eu não teria escrúpulos de dizer que era, em verdade, uma vaca cristã. Não que eu a acuse por lutar por seus direitos. Para falar a verdade eu até me vangloriei com a sua vitória e sempre fiz praça dela!

Eu tinha a impressão que Rainúnculo se sentia terrivelmente solitária, encerrada no seu pequenino estábulo durante os longos meses de inverno. Só havia uma pequenina janela por onde, se ela quisesse, poderia contemplar um pedacinho da terra toda coberta de neve. Mas, decerto, tinha a íntima satisfação de saber que o seu estábulo ficava ao lado sul do celeiro e que os ventos gelados, do polo norte, teriam uma parede grossa e alguns tabiques de excelente madeira roliça a atravessar, para atingir o seu abrigo. As galinhas e o seu guarda costas masculino, o galo, estavam sob a mesma cobertura. Elas cacarejavam, aparentemente orgulhosas, a cada ovo que punham, e o galo, dado a mandão, fazia o papel de despertador muito eficiente, quando vinha surgindo o dia.

Vovô era a visita regular pela manhã e a tarde, levando as rações de milho e recolhendo o leite e os ovos. Dias santos e feriados, para a vaquinha, nada significavam. Ela continuava a alimentar-se, a fornecer o leite e a ruminar. Talvez ela estivesse revivendo, com saudade, os dias de verão, em que passava no pasto com outras senhoras vacas e um senhor touro, imponente na sua pelagem osca e brilhante. Ela teria lembranças boas e agradáveis da sua vivência de verão, como eu as tinha das nossas visitas e especialmente das meninas. Pelo jeito ela tinha uma tranqüila filosofia de vida.

Talvez Rainúnculo aproveitasse bem a sua janelinha. Uma das minhas distrações preferidas, durante as tempestades de neve, era por-me de joelhos diante duma das janelas da sala de estar, com o nariz achatado contra o vidro, olhando a neve cair e anotando os maiores flocos. Alguns deles, enormes, assombrando os congêneres menores. Eram tão diversos nos contornos, quão preguiçosamente caíam, Deus sabe de onde. Como eram silentes os seus vãos e as suas aterrizações e quão impecavelmente brancos eram eles!

Quando caíam os flocos aos milhões, eu imaginava que dentro em pouco nos cobririam mas vovô olhava e dizia: "Esta tempestade não demora a passar. Os grandes flocos são preguiçosos e não fazem muito dano. Os flocos pequenos é que são de respeito. Eles vão se empilhando uns sobre os outros, por dias e dias, até que desaparecem todos os caminhos".

Outra sentença de vovô: "Hoje está tão frio que nem o sol derrete a neve dos nossos beirais". Vovô fazia, rotineiramente, a ordenha, mas não era muito eficiente. Fazia-o com uma só mão e, portanto, a sua performance era a de uma pessoa tocando piano só com a mão direita. Não encostava a cabeça no flanco da vaca como os mais hábeis ordenhadores. Sentava de corpo reto sobre um banquinho de uma só perna e segurava a vasilha com a mão esquerda. Nessa posição ele ficava exposto às chicotadas do rabo, quando havia moscas, as quais, freqüentemente, lhe acertavam o pescoço. Vovô se chateava quando isso ocorria mas para nós, os dois meninos, era uma fonte de diversão.

Nosso celeiro era, muitas vezes, palco de cenas muito engraçadas. Certa noite quando vovô, no seu tamanho, tentava fazer com que Jason, um terneiro meio crescido filho de Betty e neto de Rainúnculo, passasse para o terreiro, através de uma porteira baixa, foi encenado um drama. Jason, depois de rejeitar as adulações de vovô, resolveu, num repente, mudar de comportamento e investiu pela porta, levando vovô de roldão. Se Jason fosse um bezerro bem intencionado, podia ter previsto que seria difícil para vovô, homem alto, passar por uma porta baixa mas pareceu-me que ele não estava se importando muito com isso e eximiu-se da responsabilidade do que pudesse acontecer. Por outro lado, meu avô, gentleman, que era, fez o que devia fazer: no momento preciso baixou a cabeça, tão habilmente como qualquer boxeador que desvia um direto do adversário e tanto Jason como ele se projetaram para fora. No terreiro, Jason parou tão precipitadamente como partira e, surpresas, tanto ele como meu avô, se defrontaram, em guarda contra qualquer eventualidade. Jamais, anteriormente, haviam,se encarado em tais posições.

Na manhã seguinte, Cook, o açougueiro, levou Jason. A partir de então ele pode ter sido transformado em carne de vitela: castigo pela irreverência para com meu avô.

O pendor que eu sentia pelos bovinos levou-me, certa vez, às ilhas Channel dos mares britânicos, Jersey, Guernsey e Alderney, a fim de assistir à alimentação da aristocracia das vacas na própria origem. Lá me informaram que as raças do gado identificadas pelos nomes das ilhas são originárias das costas da Bretanha e desenvolvidas por monges pertencentes a dois mosteiros. Quando foram, os monges, banidos da França, levaram consigo alguns exemplares, que passaram a reproduzir-se nas três ilhas.

Na ilha de Guernsey só seis mil cabeças constituem a população total da raça. No entanto, há, centenas de milhares de bovinos Guernsey espalhadas no mundo e a maioria está no USA. Pode ser gratificante, para os meus compatriotas, saber que Peterborough, no Estado de New Hampshire, é o centro de pesquisa da raça Guernsey e que o que se publica a respeito, naquela cidadezinha, é acatado em todo o mundo, mesmo na ilha donde provém a raça.

Sempre me pergunto por que só fazendeiros e leiteiros se interessam por bovinos. Muito se tem escrito sobre as virtudes de cães e cavalos mas pouca atenção tem ido creditada às características e personalidades das vacas. O único livro que conheço a respeito, destinado a leigos, é uma novela, "O Boi Estabulado" cujo autor é um escritor inglês. Ele comenta algumas das leis e regulamentos, aceitos como regras de conduta, na convivência entre bovinos. Durante uma viagem em automóvel, através de Wisconsin, passei uma noite na casa de um vaqueiro caprichoso que tinha um belo rebanho de Guernsey.

Era filho de imigrantes alemães e gostava muito do seu gado. Tanto que tomava a sua ducha matinal e barbeava-se num compartimento anexo ao imaculado estábulo das suas vacas. Um rádio ligado permitia-lhe ouvir música, durante as suas abluções. Fazia-o por prazer pessoal sem idéia de que os concertos da manhã poderiam agradar qualquer outra criatura, além dele. Um dia o rádio desarranjou-se e não houve música,. Isso o aborreceu um pouco mas preocupou-se de verdade ao constatar que as vacas se mostraram inquietas e reduziram a produção de leite até que fosse o rádio reparado e a música voltasse a ser ouvida, pela manhã.

Eu podia ter duvidado do relato do fazendeiro, se já não me houvessem contado, num distrito pastoril da Suíça, que nas fazendas em que os ordenhadores costumavam trabalhar assoviando, não se podiam empregar os ordenhadores que não soubessem assoviar.

Certa vez, tive uma tarde feliz, no interior de Montreux, apenas a 800 metros do centro de turismo. Foi como que recuar do século XX para a paz e a quietude de passadas gerações. Pequenas comunidades, em que os velhos podiam estar sentados confortavelmente em centros comunitários, onde os fazendeiros traziam suas vacas e seus cavalos de serviço. A meia milha distante, estava a aldeia com o depósito de distribuição de leite. Os sitiantes traziam ali o leite produzido por suas vacas, em latões, e vendiam-no no picado, aos fregueses, que se apresentassem munidos do própria vasilhame.

Na proximidade estavam um homem, um menino e um boi, trabalhando na colheita de mais ou menos meio acre de feno.

O ar estava impregnado da fragrância do capim recém cortado. Homens, mulheres e crianças desempenhavam as suas atividades alegremente, parecendo compenetradas e prazerosos, aspirando a serenidade do ambiente. A paz é tradicional na Suíça e porque não seria? Nada há mais impregnado de paz, do que o barulho do meio rural da Suíça, com as suas vacas serenas, tranquilas e lerdas.

Um americano meu amigo, cujo negócio é compra e venda de gado, contou-me que as vacas transferidas de uma para outra fazenda diminuem a produção de leite. Uma vaca Guernsey que ele vendera por um preço alto voltara à sua fazenda.. Ele afirmara a real produção de leite da vaca: vinte e três quilos por dia. Na fazenda do comprador ela passou a produzir apenas seis quilos. Foi desfeito o negócio. Passados alguns dias apenas, voltou ao normal produção e jamais foi vendida.

Essa atitude do americano lembra a dos hindus, que conservam as suas vacas, velhas como forem, até à morte e, então, dão-lhe enterro decente. Você, leitor, vai dizer que o hindu considera a vaca sagrada, por pura superstição. Por fim, lhe afirmo que nunca pude definir o nítido limite entre uma superstição e uma outra crença qualquer. Quanto à nossa Rainúnculo, tinha tantos atributos que nós, de crença puramente cristã, confessamos haver recebido, dela, muito mais do que lhe demos, pois o seu leite era

quase um alimento completo. Com o produto do seu corpo, Rainúnculo, praticamente, me criou, como uma mãe cria um filho. Meus ossos e minha carne formaram-se das suas dádivas. E o que ela recebeu, em troca? Uma ração de milho, diária, o capim que pastava, o feno da nossa chácara e o abrigo em que se protegia durante o inverno. E só.

Para um quadro que exprima bucolismo e sossego, não conheço outro igual a vacas no meio rural, pastando ou deitadas, tranqüilas à sombra das árvores beirando o riacho, onde beberam a água fresca e murmurante. No seu doce paraíso, elas, com os olhos semicerrados, repousam, durante o calor do dia, com nada mais a pensar do que espantar as moscas e ruminar a grama há pouco pastada.

Quando penso, às vezes, que pode ser pieguice o que sinto, adotando o comportamento do gado doméstico como símbolo de sossego e tranqüilidade, socorro-me das palavras do mais louvado naturalista da América, John Borroughs.

"Tudo o que se faz ou pensa a respeito do gado é justo e louvável. Seja considerando-o solto no campo, pastando as folhas tenras que escolhe, ou fechado nos estábulos, descansando. Há virtudes na vaca. Ela é a expressão da bondade, exala um cheiro que agrada, dá tranqüilidade ao ambiente, com seu olhar sereno e bom, dá qualidade ao campo onde está presente. Dou mais valor a quem cuida das vacas do que ao burocrata que se afirma útil a nação. Onde está a vaca, ali é a Arcádia... Até onde alcança a sua influência, prevalece o contentamento, a humildade, a doçura e a harmonia".

Nada sei quanto à sacralidade das vacas mas sei que sentiria novamente aquele calor doce de família feliz se vovô, vovó e Rainúnculo vierem me encontrar à hora da minha morte.

CAPÍTULO VIII

Foguinho, meu Amigo

Quando menos se esperava a mansão Harris foi tumultuada pelo súbito aparecimento da nossa tia Sue que abraçou Cecil e eu e nos encheu de presentes: arcos e flechas, artefatos executados pelos índios, cestos de fibras e outras coisas que trouxe do oeste. Depois veio a explicação: Tia Sue viuvara e se sentia desesperadamente solitária. Pedira para assumir a tutoria dos sobrinhos mas papai sempre lhe frustrara as tentativas para tal. Em quase total desespero veio, pessoalmente, tentar seu intento junto a meus avós.

Tia Sue (Sra. Wesley Cavelle) era a irmã mais velha de minha mãe. Ficara viúva na guerra entre os Estados e, como não tinha filhos, interessou-se por assumir os filhos da irmã.

Depois de inúmeras discussões ela viu sua persistência compensada pela permissão de levar Cecil consigo para o oeste, mais ou menos próximo de onde estava mamãe, que conservava a casa, a duras penas, lecionando piano e tendo sob sua tutela a minha irmã Nina May. Foi combinada separação temporária mas tornou-se permanente, com algumas interrupções breves durante as reuniões da família em Cambridge, WY, e alguns dias em Fair Heaven, Vermont.

Eu continuava morando com meus avós em Wallingford, naquela aldeia adorável cercada de montanhas, que pediam para ser escaladas; colinas que, durante o inverno, exibiam sua alva nevada como que convidando a alegre juventude a deslizar nos trenós e, no verão, faziam ouvir o murmúrio dos seus riachos ligeiros onde as trutas tímidas, cruzando águas cristalinas, procuravam acoitar-se sob a saliência dos barrancos marginais; naquela aldeia adorável de arroios musicais e de lagos transparentes, onde o ar puro e gelado do inverno desliza no gelo como se fora com patins, virando e assobiando; onde, no verão, os meninos de corpos crestados ao sol, não tinham ressaibos de, embora molhando suas roupas, divertir-se nas águas transparentes e frias.

Ali seria a minha casa, um lar modelo de Nova Inglaterra: pleno de ordem, de asseio, de bondade, de solicitude e de bom viver. Que menino de sorte fui eu, o segundo filho de George e Cornélia Harris, neto de Henry e Clarissa Bryan e bisneto de Reuben e (Huguenot) Olive Chapelle Bryan.

Cecil caiu nas mãos de tia Sue, e Nina May permaneceu no caloroso seio maternal. Só havia eu para ser deixado com os velhos. Muita gente deve ter lamentado: "que pena! Os filhos de George Harris deveriam ter permanecido reunidos, juntos!" Não o quis o destino.

A coragem de mamãe, seu espírito de luta e o seu vigor físico deram-lhe a vitória sobre o handicap de ter sido a mais moça da sua família. Meu pai, ao contrário, de excepcional inteligência e primorosa educação, era desprovido de coragem, determinação e vigor físico. Para ele, o peso das exigências da vida era demasiado.

Depois que tia Sue levou Cecil, comecei a unir-me com um outro menino. Ele tinha os cabelos ruivos e estreitas afinidades comigo. Durante muitos anos de convivência íntima nunca tivemos um sério desentendimento. Estávamos sempre juntos nos bons e nos maus momentos. Quando eu merecia - e me eram impostos castigos -, meu amigo de cabelos de fogo, Fay Stafford, os sofria comigo. Meus castigos e desgostos não o teriam afligido se eu não existisse em sua vida.

Sua irmã mais velha me disse que eu ainda nem falava bem quando comecei ir à sua casa para brincar com Fay. Éramos da mesma idade. Ele nascera em fevereiro e eu em abril do mesmo ano e diziam que éramos muito parecidos.

Eu fui profundamente influenciado pela amizade com Fay durante o período formativo da minha vida. Foi ele o primeiro da longa lista dos amigos que enriqueceram e deram calor à minha vida mas, de todos, não houve nenhum melhor, mais leal do que o meu cabelinho de fogo nas correrias pelas colinas de granito. Escalar as colinas vestidas de neve, era, constantemente, nosso comum e único objetivo. O tempo podia ser nada estimulante para quaisquer atividades fora de casa. Havia, sempre, um sabor doce, de glória, para nós, a laboriosa ascensão ao alto das colinas nevadas.

Num certo sábado, Fay e eu resolvemos escalar a Serra do Urso até onde pudéssemos, durante um curto dia hibernal. Achei que seria preferível não dizer nada a vovó. Apenas dissemos que faríamos uma expedição de dia inteiro. Vovó não fazia objeção a tais andanças mas ainda recomendou: "Se vocês quiserem escalar morros, meninos, façam-no no verão e não agora, no inverno"! Fay respondeu alegremente:

"As montanhas lá estão senhora Harris para serem escaladas. Mas não seremos Paul e eu que o faremos".

Sei que vovó não se convenceu mas, que mais podia ela fazer, além de nos recomendar?

Vovó sempre mantinha uma ponta de prevenção com Fay e acho que supunha uma influência restritiva sobre mim, pude perceber isso certa vez, enquanto ela fritava aqueles deliciosos bolinhos, e eu espetei um deles, chiando na frigideira, e o ofereci a Fay, num prato.

Naquele sábado ela nos deu uma boa porção daqueles bolinhos e nos recomendou cuidado e regresso, ainda à luz do dia.

Nosso itinerário usual era ir direto ao Morro do Urso. Wilie Strong e eu, por mais de uma vez, o fizéramos. Mas, por amor à variação, Fay e eu esticamos alguns quilômetros para o norte, aproveitando o dia livre. A escalagem parecia ser mais favorável e teria a vantagem de a tarde estar mais espessa a camada de neve.

O dia prometia favorecer a nossa aventura e, na primeira fase da jornada o foi. Só a temperatura era baixa e fazia doerem as nossas orelhas e narizes. Mas quando foi que um jovem da Nova Inglaterra se deixou vencer por orelhas e narizes frios numa aventura?

Não distante da propriedade de Ed Crary pendemos para oeste, onde havia um marco de pedra e, por dentro do pasto, seguimos a cerca de arame e começamos a subir pelo contraforte da elevação, na direção do Morro do Urso.

Estávamos cientes de ser grandes exploradores, cuja gloriosa expedição, por certo iria fazer parte da história! De diversos caminhos que podíamos escolher optamos por um que nos era totalmente desconhecido. Claro! Que aventura seria, usar um caminho já trilhado! ? Colombo não havia desafiado o desconhecido, disposto ao sofrimento, para tornar-se o grande descobridor! ?

Assim, enfrentamos a difícil caminhada, alegres, cantando e gritando. Ao meio dia avistamos uma sede velha de fazenda em cujo celeiro trabalharam um homem desgrehado e uma menina. O espírito de aventura nos levou a chegar para conhecer gente que jamais víramos.

Quando nos aproximamos a ponto de sermos ouvidos, chamamo-los e acenamos com as mãos. O menino respondeu acenando mas o homem abaixou-se e tomou o garfo de feno e olhou-nos inamistosamente.

"Bom dia, senhor?" Gritou Fay.

"Bom dia; prá vocês", gritou o homem. "O que vocês querem por aqui?" "Estamos apenas passando e resolvemos chegar. Há alguma mina de ouro aqui por perto? Queremos comprar uma, ou duas".

"Que nada!" Replicou o homem. "Nem ouro nem qualquer coisa de valor. Somos gente pobre, vivemos de sanduíches de salame e bolas de gelo! Mais neve, no inverno! Vocês não querem bolas de neve?"

"Não, muito obrigado", eu respondi. "Temos que seguir nosso caminho".

"Seu caminho, por onde?" - Perguntou. "Por aí", respondi. "Serra do Urso acima".

"Melhor não tentar a Serra do Urso num dia como hoje". "Qual é o problema para o dia de hoje? E um dia claro. de sol! "

"E, o sol está bonito, agora, mas vai haver muita neve à noite. E melhor vocês voltarem para suas casas, se é que vocês as têm"

Dito isso o fazendeiro e o menino retomaram o trabalho e nós sentamos numa velha prancha de madeira e almoçamos os gostosos bolinhos de vovó. Depois, reiniciamos a excursão sem nos

preocuparmos com a profecia do fazendeiro. Uma tempestadesinha de neve não seria razão para fazer-nos abandonar o nosso projeto. Nós nos divertiríamos com ela, com a sua mais furiosa investida! Nós, éramos os meninos da "Serra Verde". Não seria qualquer pé rapado que nos poderia assustar, com tempestades de neve!

E lá nos fomos cruzando pastos e matos. Dentro em pouco, a neve começou a cair e a aumentar de intensidade. Às quatro da tarde, já quase não podíamos enxergar o caminho mas ainda não estávamos com medo. Não o suficiente para pensarmos em voltar a procura da casa do fazendeiro. Quando pensamos em fazê-lo a neve já havia, apagado a trilha e estava tão escuro, que não podíamos saber por onde estávamos andando.

Naquelas circunstâncias, corremos para uma tapera de celeiro, que divisamos e que fora, a seu tempo, o depósito de feno cortado nas redondezas. Celeiros distantes das sedes das fazendas, naquela época, não eram incomuns.

Rodeamos o rancho procurando a entrada, que foi fácil de encontrar. Dentro do rancho estávamos ao abrigo da neve e do vento mas, não do frio. E a temperatura continuava caindo! Não demorou nada para que nos puséssemos a tremer. O frio nos penetrava até os ossos. Um gambá mais bem vestido que nós fugiu por baixo da soleira deixando-nos, tanto quanto podíamos ver, sós no celeiro.

O que nos agoniava, agora, era a possibilidade de termos de permanecer naquela miserável situação até o dia seguinte, se a tempestade não cessasse logo. Pensávamos na aflição em que ficaria a nossa gente, em casa, e nas recomendações de vovó para que não tentássemos a montanha. Mas havia preocupações maiores. Estávamos sujeitos a uma tragédia e estaríamos sendo objeto de notícias sensacionais no vale. Estaríamos na iminência de sermos vítimas de uma das grandes tempestades de Vermont!

Talvez a história pudesse ser publicada nos livros escolares a fim de que as futuras gerações pudessem aprender o que acontece a garotos sem juízo que não seguem as recomendações das pessoas mais velhas, mais experimentadas e sábias. Tais pensamentos enchiam nossa imaginação. Mas a dúvida que mais nos atormentava era se devíamos enfrentar a tempestade ou permanecer ali, tão mal abrigados. Não sabíamos, no entanto, em que direção seguir, já que a neve cobrira o caminho. Se soubéssemos não teríamos que vacilar. Era voltar, depressa, à fazenda pela qual passáramos antes daquela aflição.

Bem ou mal orientados, decidimo-nos enfrentar a tempestade, de mãos dadas a fim de que pudéssemos nos sentir mais seguros, mutuamente, face a intempérie. Por sorte estávamos de acordo a respeito da direção a tomar, embora nenhum de nós estivesse muito convicto. Embora tivéssemos um curtíssimo horizonte visual, nos apressamos e, dentro em pouco, alcançamos um despenhadeiro que confirmou o nosso medo de haver-mos perdido completamente. Nada do que encontramos nos indicava a rota para a casa do fazendeiro, que nos admoestara.

E agora? Voltamos ou seguimos noutra direção? Crentes que não encontraríamos mais nem o nosso abrigo recente e nem a fazenda que desejávamos, seguimos em frente. Esperávamos proteger-nos da tempestade sob árvores e nos declives, se os pudéssemos descer. Assim, agarrando-nos nas árvores e arbustos, pesemo-nos a descer pela ribanceira.

Quando chegamos ao fundo encontramos um riacho gelado. Cruzamo-lo e, de alguma forma abrigados do vento; pudemos ver que havia uma faixa de terra margeando o riacho. Podia ser uma trilha e, se fosse, aonde nos levaria? Esperançados, trepamos pela barranca, através de monte de neve sobre pedras emergentes.

Alcançada a trilha, resolvemos seguir por ela até onde pudéssemos, em sentido descendente. Imaginem a nossa alegria quando demos com um pontilhão sobre o leito do riacho, dando-nos a certeza de que estávamos num caminho ladeado de árvores.

Era um lugar desconhecido mas devia haver por perto, nas vizinhanças, gente ou cavalos que usavam o bebedouro.

Parei e fiquei olhando ao redor. O lugar parecia conhecido mas custava-me identificá-lo. De repente, tudo se aclarou e eu pude reconhecer onde estávamos. Com a alegria vibrando n'alma, gritei: "Fay! Esta é a "Gulf Road". Eu sabia, então, que estávamos a uma légua (seis quilômetros) de casa e que eu conhecia o caminho.

Não podíamos mais perder-nos. Os morros íngremes de ambos os lados indicavam o nosso percurso e as águas geladas do "Arroio Canção" estavam ao nosso lado. Teríamos resistência para caminhar àquela distancia sob a tempestade? Claro! Podíamos e queríamos! Coragem não nos faltava. Além, no vale, estava o amor nos chamando para a luz e o calor das nossas casas. Não éramos os únicos a sofrer com a nossa desastrada aventura. Eu sabia quão ansiosamente vovô e vovó nos esperavam. Se vovô soubesse em que direção poderia encontrar-nos, ele estaria vindo, de lanterna na mão, ao nosso encontro. O pai, a mãe e a irmã de Fay deveriam estar, também, aflitíssimos, à nossa espera.

Fizemos o percurso com dificuldade, parando muitas vezes para descansar e esconder os rostos da tempestade, readquirindo fôlego para mais esforço. Cada passo nos obrigava a levantar as pés para desatolá-los da neve. Os que já experimentaram andar assim podem compreender a valentia com que lutávamos.

Havia um fator favorável. Éramos meninos crescidos nas montanhas da Nova Inglaterra e tínhamos músculos desenvolvidos e rijos pelo hábito de subir os morros e descê-los escorregando. A neve não nos assustava. Era nossa velha conhecida.

Assim, fizemos a nossa caminhada à noite, ladeados pela brancura da neve, pois não havia lua nem estrelas para iluminar o nosso caminho. Em certos lugares o perau estreitava a faixa da estrada, dificultando-nos a travessia.

Afinal, numa curva da estrada, pareceu-nos um brilho, que seria a velha sentinela, Pedra Branca, vigia do nosso vale, a uma milha das nossas casas. Não podíamos ver a Pedra Branca mas sentíamos a sua presença amiga a dizer-nos que estávamos próximos do fim da jornada. O caminho estreitou-se quando vencemos a curva. Havia a largura suficiente apenas para a estrada e para o "Arroio Canção", sob cujas águas geladas hibernavam trutas, a espera da primavera, para dar-lhes liberdade.

Logo depois acabaram-se os temores, quando pudemos divisar o vulto das casas em que fazendeiros com suas famílias dormiam naquela noite hibernal. Passamos o prédio da escola e entramos na zona das lojas da aldeia, cuja última luz estava apagada, há bastante tempo. Dobramos a esquina do hotel, passamos a casa do Juiz Button e ali, diante de nós, estava a minha casa abençoada! Luzes na sala do lado sul, através da janela, proclamavam que vovô, vovó e Délia estavam aflitos, à nossa espera. Batemos à porta da cozinha que se abriu prontamente e os braços de vovó se estenderam para receber-nos, exclamando, com fervorosa alegria: "Graças a Deus! São os meninos!"

Foi, para vovó e Délia, trabalho de um instante despojar-nos das roupas molhadas. Vovó, como sempre, assumiu o comando da situação: "Não fique aí, como dois de paus, Délia! Ponha lenha no fogo! Abra bem o registro do fogão para esquentar depressa o ambiente. Pai, pegue a bacia amarela e encha-a de água quente. Vou por mostarda nela. Meninos, tirem essa roupa molhada. Passe-me a garrafa de gengibre, Délia. Vou fazer um chá quente de gengibre: Pai, ponha brasas na tampa da panela e es quente a cama de Paul. Vamos pô-los juntos nela. É preciso aquecê-los para abortar os maus efeitos desta tempestade".

Vovó cumpriu rápido aquelas ordens calçou as botas e acendeu a lanterna para sair pela tempestade.

"Vou à casa de Phon Stafford avisá-lo para vir apanhar Fay", avisou.

"É uma noite horrível, pai!" Gritou vovó. "Naturalmente é preciso avisar os Stafford, mas Fay deve ficar aqui esta noite. Ele já apanhou muita friagem. Amanhã ele vai prá casa".

Assim, Fay e eu dormimos juntos aquela noite como fizéramos, anteriormente, muitas vezes. Nossos dedões dos pés ardiam com o calor da mostarda e os nossos corpos chegaram a transpirar pelo efeito do chá de gengibre. Foi esta a última aventura de escalar montanhas para Fay. Ficou com febre à

noite e, na manhã do dia seguinte, seu pai levou-o para casa, onde permaneceu de cama por vários dias. Foi proibido, por seu pai, de participar de tais aventuras.

CAPÍTULO IX

As Peculiaridades dos meus Pais

As recordações que tenho de meu pai, durante o tempo que ele permaneceu em Wallingford, são vagas. Em raras ocasiões, às tardes de domingo, ele saía comigo em longos passeios. Nos dias úteis da semana íamos, com frequência às montanhas a procura de todas as variedades de amoras que lá existiam. Fomos, uma vez, pescar trutas. Grande aventura! Outra vez cedendo aos meus insistentes pedidos, levou-me ao "Tanque da Raposa" para ensinar-me a nadar. Até então, eu jamais entrara n'água e, em razão disso, a minha satisfação transformou-se em medo, quando senti o frio do líquido. Papai se impacientou e atirou-me, impensadamente, no tanque. Lembro-me que quando abri os olhos, dentro d'água, encontrei-me num estranho mundo verde e quando me pilhei em terra, a salvo, embrulhei-me rápido nas minhas roupas e nunca mais pedi a papai para ensinar-me a nadar. Também, nunca mais deixei de recordar, a cada vez que passava pelo local, a susto e o pavor que senti naquela ocasião, agravados pelo desgosto visível de papai que, em outras circunstâncias, era um esplêndido companheiro.

Mais tarde, em companhia mais livre, aprendi a mergulhar nas verdes águas e sentir o prazer de estar plenamente à vontade, nadando. E, ainda mais, certo de que, com exceção de Cecil, ninguém mais, da família, sabia que eu me havia tornado anfíbio.

Uma vez, inesperadamente encontrei papai no mato. Eu estava gazeando a escola. Ele, sem mais nem menos, apanhou uma vara de bom tamanho e deu-me boa e merecida tunda. Noutra oportunidade em que eu estava me deliciando com uma boa gazeta da escola, aproximei-me perigosamente dele. Ele não me viu, graças a Deus, e eu pude esgueirar-me a salvo.

Papai costumava ficar andando prá lá e prá cá na calçada do jardim e, às vezes, murmurava. Estou certo que ele estaria pensando no que fazer para recuperar-se no auto-respeito e na consideração dos seus parentes, amigos e, também, da sua família. O seu doloroso dilema era como agir para ganhar, ele próprio, o necessário à manutenção da família. Não era digno e nem razoável que vovô estivesse subsidiando indefinidamente.

Durante um certo tempo tentou ser inventor. Entre outras coisas, inventou um prendedor de jornais para ser pendurado na parede; um limpador de mangas de lampião e um processo para evitar que os condutores de trens se apropriassem das tarifas que arrecadavam diretamente dos passageiros ao longo da linha. Fracassou em todos os seus inventos. Os milhões que tencionava ganhar com eles, viraram água de barreira.

Tentou, então, outros meios: foi caixeiro viajante; trabalhou como operário, numa fábrica de brinquedos em Mechanicsville, Vermont; foi redator de jornais mas, sempre, mal sucedido.

Alguns artigos, que papai escreveu, foram impressos e agradaram bastante mas renderam ninharia. Os editores estavam dispostos a publicá-los sempre, desde que nada tivessem que pagar.

Mesmo em meio das suas tribulações papai conservou o seu senso de humor e o usava freqüentemente, tanto para fazer os outros rirem como para consolar-se da própria incapacidade de adaptação à hostilidade do ambiente em que vivia. Quando os jornais publicavam seus longos e bem lançados artigos, sem que tivessem de pagar por eles, ouvi muitas vezes ele dizer, aliviado:

- "Graças a Deus eles não tentam cobrar-me pelo espaço, a título de publicidade".

Os artigos, que escrevia, cobriam uma larga faixa de interesses: Tinha-se a impressão que ele não estava alheio a nenhum ramo do conhecimento: política, filosofia, religião, geologia e ciência em geral. Embora as suas tendências mais visíveis estivessem voltadas para o humor, ele abordava todos os assuntos mas num sentido de destruição verdadeiramente iconoclasta. Não sei se aprofundou-se em geologia, nos seus tempos de colégio, mas gostava de escrever sobre esse ramo do conhecimento.

Aos domingos, costumava sair com o Sr. Cal Higgins, a andar pelos arredores. O Sr. Higgins, que mais tarde ficou surdo, gostava de lembrar os longos passeios com meu pai e não se cansava de me contar

que, certo dia, papai o desafiou a apostar quem rolaria mais pedras pela encosta da montanha. Apostaram dez mil dólares e papai perdeu a aposta. Como não tinha os dez mil dólares, propôs pagar a aposta com um charuto de cinco centavos. A proposta foi aceita e o passeio continuou.

Numa tarde de verão, quando morávamos apenas vovô, vovó, uma empregadinha e eu, saí, para uma voltinha até a rua principal da cidade a pouco mais de uma quadra da casa, quando vi uma senhora atravessando a rua. Ela conduzia uma criança e carregava uma maleta. Havia, evidentemente, desembarcado na estação da estrada de ferro e vinha em minha direção. Eu jamais vira uma mulher tão bonita e tão bem vestida. Ann Simonds, pela qual eu alimentava profunda admiração, comparada com ela era uma humilhação. A aparição da estranha senhora era tão inusitada que me senti envergonhado da minha aparência humilde e desleixada. Tomei consciência do meu chapéu furado, da minha camisa suja, das minhas calças remendadas e, principalmente, dos meus pés descalços. Fiquei profundamente perturbado ao vê-la aproximar-se, olhando-me atentamente. Impertiguei-me fascinado e sem fala, sob seu olhar. Ela perguntou:

"Você é Paulinho Harris?"

Admirado e chocado por verificar que aquela criatura tão linda sabia o meu nome, eu gaguejei cheio de emoção:

"Sim, senhora".

Incontinente ela tomou-me em seus braços e beijou-me apaixonadamente, chorando de alegria. As palavras que falou ainda vibram dentro de mim:

"Pois eu sou sua mãe, Paul querido! " Lembranças vagas de alguém parecido com a mulher, que me abraçou, pareciam tomar forma na minha memória mas ainda eram confusas. Prefiro atribuí-las às referências de vovó, quando, à hora de dormir, rezava "Deus abençoe papai e mamãe para sempre". Finalmente ali estava mamãe. Ela tomou minha mão nas suas e eu a conduzi, mais minha irmã Nina May, ao único lar que eu conheci, meu lar na Nova Inglaterra. .

Não me lembro por quanto tempo mamãe permaneceu em Wallingford. Suponho que por muito pouco. Às vezes, durante a sua estada, ela me dava um ramalhete de lírios. Desde então, essa parece-me a mais pura das flores; um símbolo perfeito do amor de mãe. E a lembrança dela vem sempre associada, de forma indefinível à linda mulher, cuja presença fez-me vibrar tão intensamente naquele dia.

A cronologia dos acontecimentos, na vida da nossa família, evoluiu-se da minha memória. O principal objeto, na vida dos meus pais, foi reunir os seus três filhos sob um só teto e mantê-los. Uma das tentativas para isso foi feita em Cambridge, Nova York, mas fracassou. Eu ficava só por muito tempo, pois minha mãe tinha lições de piano a dar e, portanto, tinha que ausentar-se. A minha vida parecia sem sentido. A solidão e a monotonia me angustiavam e deprimiam. Para ser verdadeiro, afirmo que havia poucos momentos em que eu me sentia confortado. Eram aqueles em que mamãe tinha tempo de abraçar-me e acariciar-me.

As condições devem ter agravado, a ponto de não haver esperanças para ambos meus pais.

Mamãe foi uma lutadora valorosa, à altura da sua mãe, a professora primária Clarissa Fobes Bryan e da avó Olive Chapelle Briyan.

Numa noite escura, um homem desconhecido estacionou em frente à nossa porta. Era um velho barbudo. Minha mãe se dirigiu a ele chamando-o de Sr. Hitchcock, Quando me deparo com este nome, vem-me à memória a imagem daquele velho barbudo com seu trenó equipado com cobertas de couro de búfalo e a viagem daquela noite. Naquela noite memorável, mamãe, Sr. Hitchcock e eu entramos no trenó, nos cobrimos com as peles de búfalo e deslizamos sobre a neve, ao luar. Eu não sabia para onde íamos até que ouvi mamãe dizer:

"Estou levando este menino para morar com seus avós". O trenó nos levou a estação da estrada de ferro. A cortina do tempo cobriu a memória dos acontecimentos que se seguiram mas é provável que minha mãe tenha me confiado aos cuidados do condutor, no trem, para desembarcar em Rutland.

Ali, vovó e vovô me encontraram e, no mesmo trem em que papai, Cecil e eu chegáramos em Wallingford, vencemos os quinze quilômetros que mediavam entre as duas cidades. Naquela noite, dormi na minha boa cama, no lar abençoado de meus avós. Eu estava de volta ao lar da liberdade e da fartura! Acabaram-se os sofrimentos!

De volta a Cambridge minha mãe deveria estar profundamente abatida. Era a segunda vez que tentara realizar o objetivo que, mesmo com sua corajosa ajuda, fracassou por culpa de papai. Há que justificar-se mamãe pelo fato lógico de ser-lhe impossível cuidar da casa e das aulas de piano. Leve-se, ainda, em conta que a sua renda como professora de piano, era insuficiente para manter as empregadas necessárias e as necessidades da família. Ademais, ela não se subordinava a abrir mão das convenções sociais e, por tanto, não sabia viver economicamente. Os seus gastos eram enormes, comparados com a frugalidade e simplicidade da família dos meus avós.

As extravagâncias de papai eram menores que as de mamãe mas muito mais pessoais. Charutos e despesas afins não podiam ser consideradas necessidades de vida. Ninguém, conhecedor das circunstâncias, poderia afirmar que papai fosse um bom chefe de família. De fato, ele deixava essa honra a vovô, que sempre a susteve com dignidade. Era mais fácil os ponteiros de um relógio girarem ao contrário do que vovó dar aso a uma sua falha, como chefe de família.

Quando, crescendo, adquiri alguma maturidade, vovó e eu costumávamos comentar a infelicidade da família dos meus pais. Um dia vovó disse:

"Sua mãe é muito gastadora, Paul. Certas mulheres são capazes de em uma colher, jogar fora mais do que seus maridos podem recolher com uma pá. Sua mãe é dessas. Lamento dizê-lo. Não se concebe que ela mantivesse uma e, às vezes, duas empregadas, quando seu pai, fazendo tudo o que é capaz, só pode conseguir o suficiente para alimentá-la e mais os filhos".

A observação de vovó me doeu. Claro que ela via apenas os defeitos de mamãe e esquecia as virtudes. Mas não enxergava as falhas de meu pai, seu próprio filho. Não me contive, pois, e contestei:

"Mamãe, com suas lições de piano jamais deixou que nos faltasse o que comer. Se não fosse ela, nós teríamos morrido de fome".

"Ah, não! Ela nunca agiu como devia, Paul", replicou vovó.

"O primeiro dever de uma mulher é ficar cuidando da casa e dos filhos. Aconteça o que acontecer é ali o seu lugar. Se ela atender a casa, tudo o mais entrará nos eixos. A Providência cuida até das viúvas com filhos. O seu avô nunca deixaria que vocês sofressem, se as coisas estivessem em ordem em casa e, mais do que isso, seu pai teria tido sucesso no seu trabalho se tivesse a sustentação de um lar bem organizado. Se ela ficasse em casa, seria muito melhor do que trazer, de fora, algum dinheiro para comprar bugigangas".

Calei-me. Eu não podia contestar as verdades que vovó acabara de proferir.

O fermento da filosofia de vida dos meus avós estava crescendo! Eu podia sentir e ver que a felicidade que ali reinava, dependia mais da ordem, da mútua compreensão e da bondade do que do gênio, do esforço brutal para guardar as aparências. No entanto, mamãe tinha sido formidavelmente corajosa e em papai, essa virtude falhou. Que prodigiosas virtudes e capacidades mamãe deveria ter, para satisfazer as exigências de vovó!

CAPÍTULO X

Os Medonhos

Quando os rapazes chegam à adolescência operam-se neles alterações de natureza biológica, que se refletem, muitas vezes, diabolicamente, no comportamento.

Mesmo os pais e mães corujas freqüentemente passam a duvidar se o júnior seria um bom padre, como eles sonhavam, ou se os seus talentos mostram, apenas, vocação para a patifaria e a malvadez. Os pais excessivamente dedicados chegam a convencer-se de que será melhor concordar com o comportamento dos filhos adolescentes do que impor-lhes orientação oposta às suas tendências.

Jerônimo Hilliard, o fabricante de carroças, indubitavelmente a nossa mais credenciada autoridade em terminologia, não excetuando nem mesmo o Sr. "civilizado" Johnson, cuja conversação era a mais burilada mas menos expressiva, usava chamar a nossa turma de "medonhos" e, em verdade, devemos admitir que ele tinha razão.

Os "medonhos" têm passado por grandes transformações no correr dos tempos mas, em princípio, são sempre os mesmos. Os palhaços no circo construíram padrões de boa vida que os "Medonhos" do meu tempo adotavam como se adotam novidades. Mas o circo só vinha uma vez por ano.

Durante o resto do ano os "Medonhos" inventavam suas próprias artes. Que ficassem inativos, é inconcebível.

No meu tempo, tínhamos que criar as nossas próprias "artes". Tínhamos que ser, ao mesmo tempo, autores e atores e, ainda, assistir-nos aplaudindo. Os adultos pensavam que era porque podíamos correr e andar, que armávamos as nossas brincadeiras mas aqui estou para afirmar que isso não está totalmente correto. Se ficassemos presos, sem nos locomover, ainda inventávamos com que traquirar. Nossos braços, mãos, dedos, olhos e ouvidos eram capazes de por as coisas a andar.

Meninos não são criaturas capazes só de criar atos de travessura. São como cachorrinhos, que mastigam e destroem chapéus de palha. Os meninos e os cachorrinhos se entendem. Há afinidade espiritual entre eles: pensam as mesmas coisas ou, pelo menos, num mesmo sentido, experimentam os mesmos brinquedos e, sob certo ponto de vista, falam a mesma linguagem. Claro que os meninos são desprovidos do rabo e, portanto, não podem sacudi-lo. Mas têm outros meios de demonstrar alegria.

Toda cidade ou comunidade do mundo tem seu grupo de piás travessos. A gente os vê acompanhados dos seus cães, correndo e pulando nas ruas, perseguindo-se mutuamente, aos gritos e risos, por toda a parte, trepando em árvores, em postes, pulando cercas, invadindo quintais, assustando homens, mulheres, cavalos, vacas e outros animais domésticos. Sim, são terríveis traquinas e o melhor que se pode fazer é deixá-los que o sejam.

Esses meninos sabem coisas que não se aprendem em casa, nem na escola, nem na igreja. Quando o "júnior" manifesta, à mesa, algum dos seus avançados conhecimentos, mamãe dá um cutucão no papai ou franze a testa, numa pergunta muda:

"Onde você pensa que este menino aprendeu isso?" E o papai acha que essa interrupção extrapola a sua criatividade.

Posso dizer, a quem deseje saber, aonde o menino aprende essas coisas imprevistas: é com os seus companheiros traquinas. Essa miudalha sabe coisas que os mais velhos nem imaginam. A miudalha nem mesmo distingue as coisas dos homens das de Deus.

Por exemplo, a miudalha sabe - e mesmo gente mais crescida deve saber - que as árvores se comunicam entre si numa linguagem lá delas. No começo do outono de cada ano, as árvores levantam suas cabeleiras e elaboram juntas os planos do espetáculo que esperam apresentar no início do inverno, para agradar a gente boa dos arredores.

Cada árvore, de acordo com sua espécie, assume um papel. O majestoso carvalho, associado com a sumagre, vista ao longe nas baixadas, pode dar-nos a visão de uma cor de vinho, carregada, que os

amantes da natureza tanto apreciam, as faias, os olmos, as pétulas dão milhares de tons amarelos e vermelhos, os bordos nunca se limitam a uma só cor, todas, enfim, enfeitam a floresta, exuberantemente, de uma gama deslumbrante de cores, em outubro, antes que as folhas murchem e caiam.

Os "medonhos" do nosso vale eram afortunados. A natureza foi pródiga na distribuição de árvores nas encostas. As variedades são inúmeras e a mão, que lhes aplica as tintas, é generosa e hábil. Depois que a semente germina no solo pedregoso é certo que cresce sadia e, logo, se apresenta frondosa e exuberante...a chuva e a neve garantem o suprimento de umidade e o sol funde o gelo da terra no tempo devido. Gente de outras regiões se admira da perseverança com que as sementes procuram o lugar apropriado para sua germinação, entre as pedras. Devemos levar em conta que as sementes são conduzidas pelo vento, pelas chuvas, pela neve e, no caso das faias, das nogueiras e dos carvalhos, participam também os nossos auxiliares de quatro patas, os esquilos. Dentro das suas respectivas esferas, os pássaros, as abelhas, as formigas e outras criaturas microscópicas cooperam para manter a ecologia e oferecer ao homem o privilégio de viver e gozar as belezas do mundo.

Os pinus, ciprestes, abetos e cedros, frondosos por todo o ano, dão o tom verde, contrastante com o branco da neve, como testemunho de que, mesmo sob "frio terrível", existe vida.

No nosso vale as faias eram as árvores mais comuns e ao mesmo tempo, as mais úteis. Faziam boa sombra em cujo frescor os "medonhos" se deitavam e sonhavam de coração limpo e consciência tranqüila. Dão madeira dura, boa lenha e, de sua casca, podia ser preparado um xarope delicioso, além de que, com o seu brilho natural, iluminam as montanhas, no outono. As maiores entre as árvores são os carvalhos. Elas só se curvam durante a tempestade, e de má vontade. Isso porque devem firmar-se na raiz central (pião), que mergulha fundo na terra, pois as laterais são superficiais e algumas até aparentes, sobre o solo.

Os mais sobranceiros são os álamos. Nenhuma árvore se lhe assemelha, ladeando as estradas ou formando alas de entrada nas mansões residenciais. Muitos acham que a faia, pela densidade de presença, é a mais pitoresca e bela de todas as árvores. Os artistas são, constantemente dominados pelo fascínio das faias. Algumas espécies de salgueiros pendem, graciosamente, ao vento e os "medonhos" os procuram porque os brotos tenros, conhecidos por salgueirinhos, são arautos da primavera e também porque, com eles, podem os "medonhos" fazer apitos.

Alguns apreciadores da natureza indagam-se porque Deus desveste as árvores em novembro, quando as gentes se agasalham com mais roupas. Nunca admitir-se-ia tosquiar ovelhas no outono. Na primavera é que é o tempo certo.

É uma visão melancólica a das árvores, no inverno, tão literalmente nuas como os "medonhos", quando mergulham no arroio Otter no verão. É uma benção, no entanto, que as folhas mortas, das árvores não sejam enterradas como o são os humanos mortos.

Os "medonhos" as juntam e amontoam contra o embasamento de madeira das casas, para conservar os moradores abrigados do vento frio do inverno.

Criança que brinca, alegre e tranqüila,
Que dorme, que sonha e acorda e que ri,
Do corpo saudável, que se rejubila.
De Deus a doação que tomou prá si.
Guri, das tarefas da escola se esquece,
Que da Natureza a ciência se aquece,
Que anda às mãos dadas na vida com ela,
Parceiro animoso e mui tagarela,
Que beija e a envolve em quentes abraços!
Que Deus te abençoe, menino descalço!

Oh, for boyhood pailless play



The 3 year old boy who held on to his grandfather's thumb.



His 5 year old brother Cecil whom he loved dearly.



At the age of 6 the boy has learned many things.



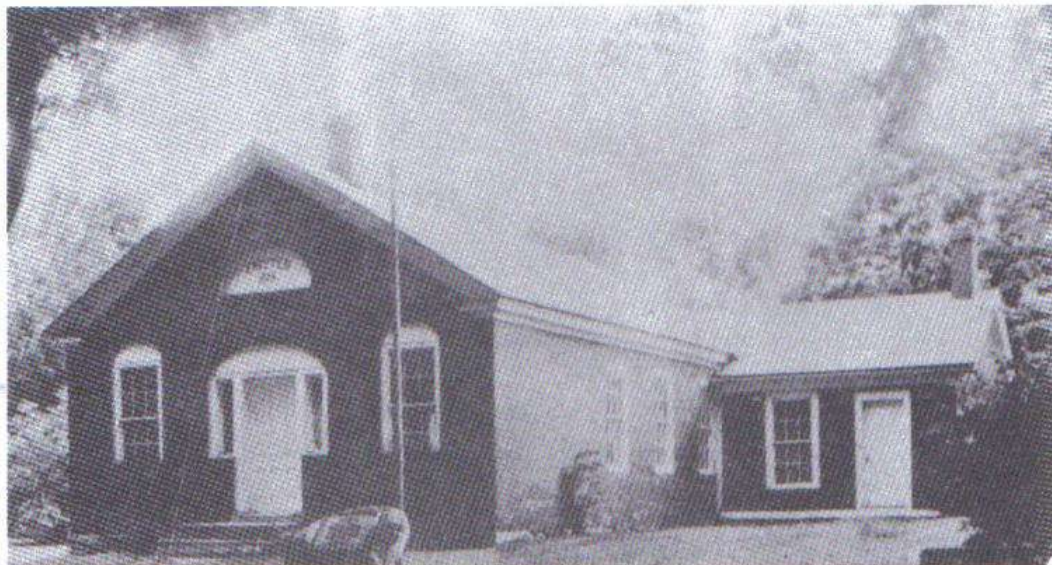
The 14 year old ring-leader among "the rapscallions."



The cadet officer in Vermont Military Academy.



Paul in his Princeton University blazer.



The school house at Wallingford where the boy got his early education. Erected in 1818. Now restored as a Paul Harris memorial and used as a social center.



One of the roads traveled by Wallingford boys when on their exploratory expeditions.

Sleep that wakes in laughing day
Health that mocks the doctor kules,
Knowledge never learned of schools
For eschewing books and tasks,
Nature answers all he asks;
Hand in hand with her he walks
Face to face with her he talks
Part and parcel of her joy,
Blessings on thee, barefoot boy

Nós os "medonhos" de Wallingford tínhamos que nos conservar informados de tudo a que se passava na cidade. A barbearia, o correio e a estação rodoviária eram excelentes centros de informação. Achávamos, sempre, meio de nos manter informados de tudo o que acontecia de importante na estrada de ferro. Sabíamos desde o nome dos guarda-freios até os dos maquinistas, quem, entre eles, mascava fumo e a razão pela qual os demais não mascavam. Dava, aos "medonhos", um saboroso senso de poder, o acordar à noite ouvindo o ruído do trem das duas e meia da madrugada e saber que, nele, estavam os seus companheiros Jim Gillespie, na alavanca do freio e Jack McGuike, no depósito de carvão.

Uma vez, um "medonho" meu amigo, que fazia aprendizado na estrada de ferro, desafiou-me a, às escondidas, viajar no limpa-trilhos do trem das 10:30 da noite, até Manchester e voltar, da mesma forma, no trem das 2:30 da madrugada. Ele sabia quando o trem das 2:30 fazia escala em Wallingford, portanto planejou tudo previamente.

Quando o trem das 10:30 estacionasse eu deveria atravessar os trilhos à frente da locomotiva mas só subir no limpa-trilhos, quando encoberto das vistas do maquinista, enquanto Willie faria o mesmo, do lado do foguista. O esquema funcionou perfeitamente.

Fizemos uma viagem emocionante no sereno da noite, sentindo as vibrações do motor. Que sensação sentimos ao adentrar e sair das pontes cobertas, nas vizinhanças de Manchester! Enquanto isso, vovô e vovó dormiam o sono dos justos, sem saber por onde andava o neto irresponsável! Se algum desocupado houvesse acordado vovó e lhe dissesse que seu neto querido não estava na cama, mas em Manchester e que só voltaria às 2:30 viajando sobre o limpa-trilhos do trem, ela diria que ela ou eu ou o informante ou nós três estávamos literalmente fora do juízo!

Oh, sim! Os "medonhos" estão sempre fazendo experiências e aprendem coisas que os mais velhos ignoram. A maioria das suas atividades, é claro, terão que conservar altamente secretas. Os mais velhos não as entenderiam, nem mesmo acreditariam nelas. O que, por exemplo, diria vovó se eu, ao sair, lhe dissesse que não esperasse por mim, naquela noite memorável em que Willie e eu fizemos a excursão no limpa-trilhos do trem? O melhor foi agir como agi: quando o relógio bateu 10 horas pulei a janela, juntei-me a Willie e lá fomos a Manchester.

Os limpa-trilhos das locomotivas são, hoje, muito pouco conhecidos. Como o seu nome indica, sua finalidade é empurrar para fora dos trilhos quaisquer animais ou objetos que, à passagem do trem, porventura possam estar sobre eles. Nos limpa-trilhos da Estrada de Ferro Benninton e Rutland havia espaço suficiente para Wallie e para mim. Podíamos, ali, viajar sentados com certo conforto. No entanto, se houvesse um boi na linha, na noite da nossa aventura, teríamos oportunidade de ter recebido um funeral respeitável, a menos que os ajuntadores dos nossos restos tivessem, a estes, adicionado alguns pedaços do boi.

Outras ocasiões que esperávamos, com planos prévios e com prazer, eram as das orações das sextas feiras da Igreja Congressional. Havia o canto de hinos contidos no hinário "Moody and Sankey" e, como o programa, não era organizado previamente, era uso do líder solicitar sugestões dos presentes. "Pull for the shore, Pull for the shore" (Marinheiro, puxe para a praia) era um dos favoritos para nós, os "medonhos", pelo seu caráter náutico e, principalmente, porque, no coro, imitava-se o bimbalar de sino.

Então, nós, a título de dar realismo ao ato de remar para a praia, fazíamos uma algazarra de gritos, o que, para nós, era uma diversão insuperável.

As mulheres sentavam de um lado e os homens do outro e nós, os "medonhos", ficávamos no último banco do lado dos homens, aonde tínhamos a melhor posição para perceber tudo o que acontecia e a menor probabilidade de sermos observados pelos nossos pais e pelo líder. O último banco era a nossa posição estratégica, de onde assistíamos às conferências e entortávamos alfinetes para colocá-los nos bancos dos adultos. Alfinetes convenientemente dobrados funcionam melhor do que tachinhas ou percevejos!

Considerava-se de boa prática colocar os alfinetes dobrados nos bancos à frente dos ocupados por meninas inocentes, as quais seriam as acusadas pelos atingidos na molecagem e, muitas vezes, teriam seus ouvidos zunindo por bofetadas educativas!. . . No entanto, o culpado verdadeiro estaria muito afastado do paroquiano ofendido. Pelo exercício continuado e inteligente dessas atividades, a gente podia atravessar a temporada isento de surras ou, até, de ralhações. Claro que se tinha de aprender controle de emoções, gozar o susto do ofendido em compostura própria, mostrando-se até escandalizado. Nove vezes em dez casos, o menino que mais alto ria, por mais inocente que fosse, era o que mais bofetadas levava. Um "medonho" que se prezasse nunca ria desses episódios a menos de duas quadras da igreja.

Lembro-me de uma noite em que o Sr. Harlan Strong, nosso superintendente da escola dominical, arrancou-se do púlpito em que estava, aos fundos da ala central e veio até o banco em frente ao nosso, agarrar George Wilder pelas duas orelhas e sacudir-lhe a cabeça de tal modo, que tivemos a impressão que iria arrancá-la das amarras, naquele pescocinho fino. O leitor indagará o porque daquele ato ostensivo e insólito. A intenção do Sr. Strong era fazer, com as orelhas de George, a mostra permanente de que a igreja não é o lugar para risos. Mas a pergunta que nós, os "medonhos", fazíamos silenciosamente era se o Sr. Strong se satisfaria com só um par de orelhas ou exigiria mais. E, se exigisse, quem seria o portador das duas seguintes.

Na verdade, George era o único menino inocente do banco. Tudo o que ele tinha feito, antes do ataques do Sr. Strong, foi rir do paroquiano espetado e, depois de castigado, foi protestar contra o apaixonado mau uso da sua cabeça e a afirmar, perante os presentes à igreja, que o castigo sofrido era injusto e de mau gosto.

Em defesa do ataque do Sr. Harlan, se me for permitido alguma, eu diria que as orelhas do George eram, de fato, grandes e convidativamente salientes. Quem quer que tivesse tido o impulso de puxá-las poderia, por isso, ser perdoado. Teria sido por um impulso humano, por tentação natural. A única maneira que os pais de George teriam de afastá-la, seria ter conservado o menino em casa, longe das vistas humanas.

CAPÍTULO XI

A Descoberta de uma Lagoa

Nos saudosos dias da minha meninice descobri que os esportes e as diversões de inverno são mais emocionantes do que os das outras estações. Nós, meninos, jamais tivemos sequer o medo de uma estação sem atrativos. Também não havia ninguém com mais interesse em diversões que nós. Sob quaisquer pretextos nós saíamos, para elas, na chuva ou na neve. Não me lembro de haver desejado o fim de uma nevada. Pelo contrário, eu desejava que a neve continuasse caindo e se acumulando a espessuras maiores que todas as já vistas, até que todos os sinais do mundo que eu conhecia fossem, por ela, sepultadas, e um novo, estranho e fantástico mundo surgisse. Todos os meninos que cresceram no meio rural ou nas pequenas cidades da Nova Inglaterra sentiam o êxtase de presenciar a neve caindo. Para mim "A Nevada" de Whiltier é, e sempre será, o mais fascinante dos poemas. Eis uns fragmentos:

"Ruge a tempestade pela noite toda
Vem, depois, o dia brusco: ausente o sol,
Sem os tons vermelhos, lindos, do arrebol.
De formas geométricas em leves blocos,
Em películas de estrelas, caem flocos.
Por todo o dia o meteoro encanecido
Veste a terra inteira com desconhecido,
Sutil manto espesso, branco, imaculado
Mundo em maravilha, lindo e desolado.
Depois, o novo dia:
O horizonte, ao longe, em brilho de acalento,
Altas paredes azuis do firmamento,
Nem nuvens no alto, nem terra no chão:
Neve... Neve... Neve... Augusta solidão"

.....
.....
.....

"So all night long the storm roared on
The morning broke without a sun
In tiny spherule traced with lines
Of nature's geometric signs, In starry flake and pellicle,
All day the hoary meteor fell
And when the second morning shone,
We looked upon a world unknown,
On nothing we could call our own
Around the glistening wonder bent
The blue walls of the firmament
No cloud above e, no earth below
A universe of sky and snow!
The old familiar sights of ours
Took marvelous shapes strange domes and towers
Rose up where sty or corn-crib stood
Or garden wall or belt of wood
A smooth white mound the brush pile showed,

A fenceless drift what once was road
The bridle post an o'd man sat
With loose flung cloak and high cocked hat
The well curb had a chinese roof
And even the long sweep, high aloof,
In its splendor, seemed to tell
Of Pisa's lianing miracle"

As nevascas cobrem o trabalho executado por antigos e ignorados habitantes, que plantavam palanques e estendiam cercas, fazendo desaparecer tudo. Havia locais em que a neve se acumulava formando pequenas montanhas, as quais, para serem escaladas, exigiam coragem e intrepidez.

De cima das travessas superiores das cercas meio submersas, a gente tentava dar saltos mortais e, freqüentemente, não os completava. Caíamos, então, de costas nos almofadões, macios como pena, da neve deslumbrante.

Vagávamos através das pastagens e dos prados, vencendo grossas camadas de neve em vigoroso esforço físico, que nos levava a quase perder o fôlego. Sentíamos o corpo úmido do suor e os nossos rostos estuantes reluziam, corados de frio e do exercício.

Não nos importávamos que nossas botas e mangas de casacos estivessem cheios de neve. Seria necessário sentar, sacar fora as botas dos pés inchados, batê-las e sacudi-las, para livrá-las da neve aderida, e recalçá-las, além de dar uma ou duas esfregadelas enérgicas nas orelhas. Mas se nos detivéssemos para isso, não mais alcançaríamos os companheiros líderes.

O brilho do sol, pelos seus reflexos em miríades de cristais, ofuscava-nos a visão. De quando em quando, um esquilo ruidoso podia ser visto no alto de uma árvore, amparado pela sua capacidade hereditária de trepar correndo, como meio de conservação da espécie, congratulando-se por haver feito a sua reserva de nozes. Aqui e acolá uma trilha de lebre, em curiosas evoluções cruzadas em todos os sentidos, não tanto porque as dificuldades do terreno o exigissem mas, sim, e muito mais, para induzir a erros de direção os cães que eventualmente a perseguissem. Mais raramente ouviam-se passarinhos a pipilar.

Perdíamos a noção do tempo nessas correrias. Voltamos a casa para o jantar fumegante e restaurador. Em seguida, às pressas voltávamos para novas aventuras.

Aos sábados e feriados estávamos livres de pensar em escola, casa, e outras obrigações maçantes.

De quando em quando topávamos com algum fazendeiro caprichoso, no duro trabalho de desentulhar o acesso à sua fazenda, na estrada principal. Utilizavam-se de removedores de neve toscos, tracionados por uma junta de bois ou uma parelha de cavalos.

Tal cena ou o aparecimento da locomotiva, com o removedor de neve adaptado para liberar os trilhos, faziam-nos mudar o curso das nossas expedições.

Essas operações eram fiscalizadas, já que exigiam fossem praticadas com perfeição. Naquele tempo ainda não existiam as grandes e eficientes removedoras de neve motorizadas. As grandes pás eram enterradas nos montes de neve e depois, levantadas. O maquinista avançava com ímpeto e recuava vagarosamente. Repetia-se o movimento até livrar os trilhos. Considerando o peso, a quantidade da neve e a precariedade dos instrumentos de então, é de admirar a rapidez com que a tarefa era executada. As equipes de removedores de neve conheciam bem o trabalho e, sob tempestade, iam construindo sólidos barrancos de neve, ao longo das estradas.

Outra visão emocionante, era a passagem do primeiro trem depois da tempestade. Era o testemunho do domínio da natureza, pelo homem.

Dormir? Oh! Como dormíamos, à noite, depois de uma nevada! Mas nem sempre sem os sonhos.

Sonhávamos muitas vezes esperançados e desejosos, talvez - que chovia nas primeiras horas da noite e que ao alvorecer a chuva se transformava em neve. Assim, quando levantássemos, poderíamos sentir de novo a emoção extraordinária de brincar na neve.

O inverno trazia-me tantos encantamentos que eu sentia satisfação e alegria só de pensar em esperar por ele. O dia de ação de graças sempre foi celebrada em nossa casa. Tias, primos e, mais tarde, pai, mãe, irmãos e irmã se reuniam, na celebração da festa do peru recheado ao molho ácido, com o saboroso acompanhamento de pastelão de galinha. Após o jantar a criançada ia ao reservatório d'água para avaliar a espessura do congelamento e fazer planos de como e quando poderia patinar. Nós atirávamos pedras sobre a camada fina de gelo e nos divertíamos com o estalido seco, que o impacto produzia, ao quebrá-la.

Um dia, para nossa intensa alegria descobrimos uma lagoa. Até então não a conhecíamos, embora, durante o verão, houvésssemos percorrido toda aquela região. Havia duas ilhas naquela lagoa e os passarinhos cantavam, alegres, nas árvores que nelas cresceram. Colombo, talvez, não tivesse sentido maior orgulho e satisfação, ao desembarcar na América, do que nós ao darmos com aquela lagoa. Não podíamos sequer imaginar como ninguém, até então, se dera conta da sua existência ou, pelo menos, nunca se referira a ela. Soubemos depois, que era o resultado do acúmulo das chuvas outonais e, portanto, temporária. Chamamo-la "Lagoinha". No verão, estaria seca. De qualquer forma, era curioso que aquela preciosidade hídrica fosse desconhecida pelos moradores da circunvizinhança. Com certeza os adultos nunca tiveram a curiosidade de aproximar-se daquela dobra do terreno.

Em verdade, a "Lagoinha" quase tinha escapado aos olhos de nós, "os medonhos", pois, no verão, era apenas uma depressão do terreno, no meio do capinzal. A depressão fora produzida por antigo proprietário, para depósito de cisco orgânico que, apodrecido, serviria como fertilizante das terras pobres ao redor. Durante os anos subseqüentes à nossa descoberta, quando a "Lagoinha" começava a formar-se, no outono, nós os meninos a visitávamos com frequência, antecipando e planejando novas reinações. As duas ilhas cobertas de arbustos, constituíam-se em excelentes esconderijos para emboscadas de índios, ladrões de estradas, bandidos, fugitivos da lei e mais quem precisasse viver escondido.

Assumimos a propriedade da "Lagoinha" e a preferíamos a todos os lagos e lagoas adjacentes. Afinal, nós a descobríamos!

Senhoras de Wallingford, sejam cantados louvores aos seus feitos magníficos de cristianizar o "Lago da Raposa", oferecendo-lhe tantas melhorias estéticas. Mas por que não levaram avante essa abençoada iniciativa? Por que deixaram de despertar o misticismo ao "Lago das Fadas", ao "Lago das Feiticeiras" e à "Lagoinha"? Que importa, que no verão ela estaria seca? Talvez, então, ela não secasse. Talvez, as fadas estendessem o seu precioso encantamento a muitos outros meninos, distantes do reino das Fadas?

Da minha parte, estou seguro que nem as feiticeiras, com as suas vassouras, nem as fadas com as varinhas de condão fariam vibrar as cordas da minha sensibilidade de menino com tanta intensidade, magia e encantamento, como o fez a minha primeira visão da "Lagoinha". Se as almas dos meninos mortos tivessem o poder de vagar sobre as belezas encantadas do mundo, poderiam ser vistas patinando docemente sobre a mística superfície das águas geladas da "Lagoinha", quando a lanterna melancólica da lua se erguesse por sobre o cume da Serra do Urso, para iluminar as veredas por onde passávamos nós, meninos, gritando e cantando até ficar roucos saltando, correndo e escorregando até cairmos de fadiga e, depois, famintos, corados e felizes, cruzando a cochilha do Joe Shum e a ponte dos Anderson para a luz, para o calor, para o carinho, para o aconchego do amor, no lar!

Num Natal, encontrei, encostado no chaminé, um luzido trem com a pintura de uma rena no assento. Era um presente de meu pai que, então, estava trabalhando numa fábrica de brinquedos, em Springfield. Foi o Natal mais alegre dos muitos Natais que tive na minha infância.

Durante o Natal, meus primos Mary, Eddie, Mattie e John Fox estavam frequentemente conosco. De madrugada, antes de o sol surgir, todos estávamos já levantados, bem embuçados em pesados paletós de inverno, com mantas nos pescoços, regalos nos punhos e mãos enluvadas. Encaminhávamo-nos à "Lagoinha" e ao "Lago da Raposa" palcos dos nossos planos. Uma vez o "pintado" Ballow e eu patinamos

quase até Rutland sobre o arroio Otter, enfrentando apenas algum obstáculo na superfície ondulada das corredeiras, onde o "João Gelado" não podia fazer uma camada sólida de gelo.

Todos nós, rapazes e meninas, arrastando-nos com dificuldade ao longo das estradas ou nos lagos e lagoas congelados, ouvíamos, com frequência, cachorros ganindo, em perseguição de raposas e coelhos. Como ressoavam os seus ganidos no ar fino do inverno! Eles corriam tão distantes de nós, que não poderíamos enxergá-los a olho nu, mesmo em campo aberto, nas fraldas das montanhas, onde, no verão, o gado pastava entre pedras salientes ou espinhentas amoreiras, carregadas de frutos saborosos a espera de meninos e meninas peraltas, para colhê-las.

Em verdade não tínhamos necessidade de ver a caça. Podíamos imaginá-la correndo assustada.

Conhecíamos todos os cachorros do grupo. Eram os do Roz Sherman e sabíamos que Roz e seus comparsas não estavam longe, atrás deles.

Era tempo de festas para os barulhentos latidores de orelhas longas e dotados de excelente faro. Durante todo o verão eram espantados dos arredores do hotel e da mercearia, onde procuravam, sorrateiramente, restos de alimento. Ninguém respeitava os cachorros de Roz Sherman, fato de que ele estava dolorosamente ciente. A maioria dos lamentosos ganidos, que se faziam ouvir nas ruas da cidade, era resposta de chutes de homens e pedradas de meninos nos cachorros do Roz. No entanto, desrespeitados no verão logo nas primeiras neves do inverno tornavam-se reis da criação, caçando quadrúpedes selvagens a dentes, ou a tiros de espingarda, disparados pelo seu dono.

Se o tempo estava frio, como costumava, abaixávamos a proteção de orelhas dos nossos bonés ou chapéus e se, a despeito de todas as nossas precauções, acontecia de as orelhas de algum participante do grupo, endurecerem de frio, era aplicado um remédio muito conhecido de todos: um punhado de neve esfregado vigorosamente no pavilhão gelado, até que fosse restaurada a circulação.

À chegada na lagoa o primeiro passo era amarrar bem os patins e partir em velocidade sobre o gelo, juntar galhos secos e amontoá-los para fazer fogo, diante do qual pudéssemos esquentar nossas costas, rostos e corpos, um de cada vez. Durante os frios mais rigorosos, o gelo alcançava a espessura de dezoito polegadas ou mais e, por isso mesmo, seguro para patinar, conquanto se evitassem os grandes rasgos, que os cortadores de gelo faziam

O rumor, grave e forte que os patins produziam na superfície da lagoa, assustava quem não estivesse familiarizado. Provinham da vibração do ar preso sob o gelo. Eu nunca ouvi aqueles sons a não ser nos lagos da montanha. Nós, os rapazes, zombávamos da teoria do ar e preferíamos atribuir aquele barulho a vozes de gnomos, protestando contra o diabo que os encerrara, apertados, sob a grossa crosta de gelo.

Ocasionalmente, cavalos a galope competiam na superfície lisa da lagoa, onde pudesse ser medida meia milha em linha reta, mas os nossos divertimentos mais gostosos vinham das competições que nós próprios imaginávamos. Faziam-se guerras de índios, matavam-se lobos terríveis e se lhes arrancava a pele, exploravam-se ricos continentes.

A tarde voltávamos, apressados, para casa, ansiosos por acalmar a ira do deus da fome que nos consumia, a despeito do almoço de pão de trigo mourisco amanteigado, generosamente borrifado com xarope de "maple" das montanhas vizinhas. Vovô comprava xarope de "maple", quinze galões de uma vez, e um barril de farinha de trigo preto, depois de pesquisar, cuidadosamente, preços e qualidade. Bolo de farinha de trigo preto com batata frita, em fatias fininhas que pareciam crespas, eram o menu permanente da nossa refeição matutina.

Depois do jantar voltávamos e só dávamos a última patinada, quando começava a cair a noite. Curtos, aqueles dias de inverno!

CAPÍTULO XII

Obrigado, Patamares (Marms)

Quando, à noite, voltávamos das nossas aventuras na "Lagoinha", os primos, nossos visitantes, enfrentavam um dilema: onde jantariam? Seus tios Ed e Lib Martindale tinham as portas abertas para os sobrinhos. Não tinham filhos e meus avós tinham um, o malandro de nome Paul. Mais divertido, fator digno de considerar-se, seria fazê-lo na casa dos Harris. O bom senso, porém, os encaminhava ao melhor jantar, que era o de Lib. Quando chegávamos à casa, o primo Ed perguntava: "O que temos para o jantar, mãe?" Em seguida, atravessava o terreiro e fazia a mesma pergunta à tia Lib.

Havia um prato que, quando anunciado, vencia: carne enlatada. Aquela delícia superava quaisquer outras. Sempre me pareceu que os primos venderiam a alma ao diabo por um bom prato de picadinho de carne enlatada. Se as coisas dependessem só de mim, eu encheria a nossa despensa até a altura dos joelhos com latas de "corned beef", ao primeiro sinal da visita dos primos Fog.

Nossa despensa era bem sortida de petiscos e o depósito frio, no celeiro, permanecia, também, abastecido com os alimentos mais perecíveis. Quando o inverno se prolongava, vovô comprava meio porco ou um quarto de boi.

Do porco era retirado o toucinho, o qual era lanchado, salgado e, depois, defumado. Do restante fazia-se presunto e lingüiça. De carne de gado, parte era transformada em charque. O aproveitamento era total. Das orelhas do porco era feito um suculento cozido; dos pés uma geléia saborosa e do rabo, um petisco de lamber os beiços. Derretia-se todo, na boca! E o torresmo, resíduo das frituras do toucinho! Que delícia, para todos! Até para nós, os pequenos! Tudo o que sobrava do porco ou da carne de gado era defumado e armazenado, para consumo durante o inverno.

Tínhamos galinhas e ovos, além dos legumes da horta. Maçãs, peras, passas e amoras silvestres. Tudo isso, mais alguma coisa adquirida na mercearia, era suficiente para as nossas necessidades, até que o açougueiro, o peixeiro e o vendedor de milho em espiga voltassem às suas atividades. Oh! Ia-me esquecendo daqueles amarrados de charque e das pranchas de bacalhau. Ambos eram suficientemente duros para derrubar um homem, se usados como arma, mas, nas mãos das donas de casa da Nova Inglaterra, eram alimentos de deuses.

Depois de um dia de brincadeira na neve e uma refeição revigoradora, iniciávamos nossos jogos à mesa do jantar: damas, autores, logomáquia (palavras), dominó, tria e gamão. Depois, ainda, havia nozes gostosas das nossas velhas mas generosas nogueiras e os coquinhos roubados dos esquilos, que os armazenavam nos ocas das árvores. Podiam chamar-nos ladrões? Talvez. Mas eles, também, as roubavam das árvores e "ladrão, que rouba ladrão, tem cem anos de perdão".

Havia maçãs de diversas espécies e peras deliciosas, colhidas no pomar. Tudo isso, todavia, não saciava a nossa fome. E lá iam as pipocas, pedras de açúcar, doces de leite e outras delícias, isoladamente ou compostos em forma de pés-de-moleque e outros de sabor insuperável.

Depois de tudo isso era natural que começássemos a bocejar e, então, vovó dizia: "Criançada, é hora de ir pra cama! Amanhã tem mais!" Dormíamos, então, profundamente. Nem sequer sonhávamos com programas para o dia seguinte.

No rigor do inverno as diversões mudam. O final do ano anuncia o inverno total. E, então, as nevadas fortes abriam oportunidades de se pedir caronas nos trenós de fazendeiros complacentes, que regressavam de suas propriedades, nas montanhas.

Para os cavalos não importava se estávamos embarcados ou não e, mesmo, nossos esquis de deslizadores longos aumentavam pouquíssimo a carga. Os esquis ou pranchas, como dizíamos, eram a nossa paixão, o nosso orgulho, na descida da montanha a toda a velocidade.

Quando a neve se condensava ou se transformava em gelo a descida era como se fosse um salto de pára-quedas. Às vezes chegávamos a base da montanha, no mesmo lado em que havíamos subido, outras

vezes, depois de saltar sobre "thank you marm" e quebras de corpo, nas curvas, éramos jogados ao longo da estrada, motivo de gostosas e ruidosas gargalhadas.

Para o caso de alguém que me lê não saber o que é "thank you marm" eu explico: é um obstáculo de certo porte, mais ou menos como um degrau alto numa rampa. Nenhuma trilha de montanha seria completa, prá mim, se não apresentasse alguns "thank you marms". Quando os cavalos cansam, puxando cargas pesadas montanha acima e precisam tomar fôlego, podem fazê-lo ao atingir o patamar de um "thank you marm", a meio do caminho na montanha, onde podem descansar e saciar-se de água fresca e transparente, num cocho adrede ali colocado. Nos quentes dias de verão os cochos d'água e os "thank you marms" eram, para os cavalos cansados, uma dádiva dos céus.

Quando alguém desce, deslizando o morro num esqui qualquer, ao aproximar-se de um "thank you marm" não diminui a velocidade, mas sim, com coração e corpo, atira-se para o ar, sentindo um estranho frio na barriga. A gente que foi criada em Vermont segura o chapéu na cabeça, naquele momento emocionante e grita "thank you marm". Para os estranhos isso pode parecer uma infantilidade mas para os vermontenses do meu tempo aquelas palavras antecedia a uma gargalhada, acontecesse o que pudesse acontecer.

"Thank you marms" serviam, também, para outro propósito, cultuado pelos meninos! O esqui de carrinho. Nunca o dispensávamos no inverno. Quando a ladeira de Sabe, atalho para o morro de Sabin, estava forrada de gelo, era o melhor local para diversão, no vale. A sua encosta era longa, íngreme e com alguns "thank you marms", entre os quais um realmente glorioso. Nossos carrinhos não eram sofisticados como os usados por meninos efeminados. Eram construídos em madeira de cerne de "maple", com os balanços amarrados e fortemente revestidos, como se fossem couraçadas. Tinham deslizadores de aço redondo, que lhe davam molejo e resistência e tinham o centro de gravidade baixo: Em nenhum ponto distavam seis polegadas do nível da neve endurecida.

Era sensacional assistir a um ousado e hábil esquiador partir do alto da ladeira. Com uma mão agarrada a frente e a outra atrás do assento do carrinho, corre com decisão para a beira do declive, a fim de ganhar embalo, e dá o salto, elevando-se no ar. Enquanto está no ar ele encena um movimento gracioso e, quando os deslizadores assentam no gelo, o "carrinho" pode ser visto apoiado na coxa esquerda, o pé direito fazendo, à ré, o leme, as mãos firmes na posição inicial; os ombros inclinados prá frente e a cabeça baixa entre os deslizadores, quase raspando o gelo.

Quem saltou? Beleza! E Bill Rutherford, no seu carrinho de fabricação própria! Vai voando para o grande "thank you marm" (esfria-saco) oposto à casa de Martin William. Ultrapassou-o, agora! Aposto que voou doze metros! Agora ultrapassa a fábrica de queijos. . . e sumiu na caminhada!

É isso aí: os "thank you marms" são uma maravilha! Além de oferecer repouso e água aos cavalos, dão, aos meninos, oportunidade de assistir a ousados esquiadores exibirem sua coragem e habilidade.

Se nem a patinação, nem o deslize na neve fossem praticáveis por falta das condições meteorológicas, a nossa opção ia para escalar as montanhas ou saltar, do alto dos rochedos, nos profundos bancos de neve. Sobre as montanhas descobríamos visões belíssimas do meu vale querido, todo revestido do lençol branco de neve, cercado pelas montanhas. Às vezes, atingíamos o tope de uma montanha e, de lá, descíamos para vales ainda não explorados.

A exploração nos fornecia o fascínio de vencer, subindo ou descendo, camadas profundas de neve, o que nos excitava a fantasia de nos julgarmos descobridores de mundos maravilhosos. Tudo isso acontecia muita antes de o esqui tornar-se um esporte popular. Foi pena! Com isso, muita alegria, entusiasmo e encantamento teriam enriquecido as nossas aventuras.

Nos dias ensolarados, milhões de faiscantes cristais de gelo cintilavam à luz do sol e nos dias nublados outras deliciosas visões se revelavam. Pouco se nos davam as condições do tempo, pois, a alegria existente nas nossas vidas despreocupadas achava, sempre, razões para manifestar-se.

Alguns recessos da floresta nos pareciam grandes catedrais e os enormes abetos, com seus galhos curvados para a terra pelo peso da neve acumulada, eram como monges vetustos, inclinados em oração.

As betuláceas brancas, que alguns poetas chamam de "anjos brancos das florestas", santificam a cena com a sua suave e casta presença.

A quietude beatífica era, de quando em quando, quebrada pelo grasnido de um corvo voando, em círculo e preguiçosamente, contra as nuvens, ou pelo pio de perdiz, que parecia proclamar a santidade da catedral da floresta e protestar contra a invasão dos apóstatas. Quem melhor canta o infinito que eles?

Todas as árvores - pinho, abeto e cicuta
Revestem-se de arminho, luxo de nobres
E do álamo os ramos mais pobres
Se enfeitam de pérolas, em voluta
Every pine and fir and hemlock
Wore ermine too dear for an Earl
And the poorest twig on the elm tree
Was fringed in deep with pearl

Ocasionalmente éramos recompensados, materialmente, pelos nossos esforços para descobrir coisas raras no mato, como a pura resina de abeto vermelho, mas não nos movia qualquer interesse de recompensa material e nem tínhamos necessidade dela. Vinha de quando em quando e era bem vinda. A maior recompensa que tínhamos das nossas expedições às fraldas da montanha era o imperecível encantamento do sublime silêncio daquelas alturas, que ainda perdura em minha alma, traz paz aos meus nervos cansados e mostra um bem supremo no mistério da existência humana.

Quando uma noite fria vinha depois de um dia quente e claro, no inverno, uma nova glória nos saudava pela manhã. A neve fortemente condensada, era bastante forte para que pudéssemos patinar e deslizar em trenós ou improvisados tobogãs, feitos com tábuas de barris. Colinas e montes ofereciam declives para os tobogãs. Podíamos deslizar nas encostas com eletrizante velocidade e, quando a neve era muito mais espessa e se elevava sobre as cercas e muros, também deslizávamos nas ondulações que aí se formavam. .

Às vezes amarrávamos com lascas de couro, as tábuas de barris nas solas dos nossos sapatos e, então, descíamos em pé ou fazíamos o que podíamos para evitar um desastre. No entretanto, as quedas eram, muito mais, a regra do que a exceção e os últimos metros do percurso eram cobertos numa involuntária posição... A vítima era, geralmente, saudada com estrondosas gargalhadas dos presentes mas tudo era encarado com espírito esportivo.

Se o tempo frio se prolongasse e o sol continuasse encoberto, a camada de gelo permanecia, às vezes, por dias, mas qualquer que fosse a variação meteorológica nós estávamos sempre preparados para praticar traquinadas.

Nunca me esquecerei de uma vez em que eu e um companheiro escalávamos uma montanha, cavando buracos no gelo para apoio dos pés. Ele ia à frente e estava acima de mim. De repente, o degrau, em que se apoiava, rompeu-se e ele despencou no espaço e, sujeito apenas à lei da gravidade, passou por mim como um bólido e se foi para o fundo do precipício. Apavorado, descí certo de encontra-lo morto. Imaginem a minha alegria, quando ele apareceu ileso! Deus proteja as crianças! Ao invés de cair sobre as pedras, fê-lo sobre um abençoado colchão de neve macia, que se acumulara numa cavidade do terreno.

Era necessário que eu usasse todos os meus recursos de persuasão para convencer vovó a permitir-me sair à noite. Para ela, todos os pecados do mundo eram praticados sob o manto da escuridão. Meus pedidos eram geralmente avalizados por alguém mais velho que eu e digno da sua confiança. As correrias ao luar eram deliciosas e era só quando a velha lua brilhava que vovó nos permitia sair. Naturalmente as meninas estavam incluídas nessas brincadeiras. Nelas experimentei, pela primeira vez, uma emoção intensa, que me aqueceu, profundamente, a alma.

Muito embora eu não mencionasse, estava visível que o que eu sentia era muito mais profundo do que mera e casual admiração por uma menina redondinha, de cabelos lindos e olhos escuros, que conheci, sentada perto de nós, quando deixávamos o alto de uma colina. Alimentei sonhadas esperanças de que meus sentimentos fossem correspondidos mas não tive meios de o saber, pois, se ela gostou de alguém, fez como eu: jamais confessou.

A paixão tomou conta de mim e, secretamente, eu me felicitei por ter uma namorada. Sua residência, no vale, era recente. De onde viera, com que família de Wallingford ela tinha ligações, eu jamais soube, mas foi o nome doce de Josie Lilly o primeiro que me fez o coração palpitar. Josie estava entre os habitantes temporários do vale. A maioria, entre estes, vinha sem ser chamada e ia sem ser lastimada, depois de haver produzido alguma alteração na vida quotidiana do vale.

Às vezes subíamos na montanha para ver os fazendeiros franco-canadenses derrubar árvores, para lenha. Era um espetáculo ver a árvore cair com estrondo, às machadadas. O machadeiro derrubava as árvores para o lado que queria. A habilidade com que desganhava as árvores, e depois, reduzia os troncos a toras de medidas certas e os rachava, convertendo em lenha, que era empilhada ao longo das trilhas para facilitar o carregamento em trenós baixos puxados por bois.

Descer a montanha deslizando em trenós de madeira, era um esporte perigoso mas excitante. Os trenós se esfacelavam nas pedras e tocos mas, às vezes, chegavam ao vale, sem novidades. O que quer que se diga dos nossos imigrantes franco-canadenses, ninguém nega que eram os mais animados. As pilhérias e comentários sobre eles eram só conjeturas. A pomposa gabolice e as estórias impossíveis, que contavam, eram características deles. William Dremond, um escocês, immortalizou os franco-canadenses no seu livro de versos "The Habitant". Nós, os jovens, tínhamos certeza de, ao menos, dar boas risadas quando íamos vê-los fazer lenha no mato.

CAPÍTULO XIII

Aí Vem a Primavera

A cada passo ouve-se, como se fora um refrão, "os invernos de hoje não são mais como os de quando eu era menino" Essas palavras, expressam o meu pensamento e os meus sentimentos mas as estatísticas dizem que a diferença mais imaginária do que real que os dias muito frios e as tremendas tempestades de neve gravam-se mais nitidamente na nossa memória. Eu sei, no entanto que quando os sinos do campanário começavam a tocar a entrada do inverno, passaram a repetir-se espaçadamente, até que os primeiros sinais da Primavera anunciavam o fim do inverno. Nós suportávamos e, até de quando em quando nos alegrávamos quando o termômetro central no correio indicava temperatura abaixo de zero. O depósito de gelo nas nossas lagoas e lagos era abundante. Em Montreal, Burlingtone Vermon os carros deslizavam sobre pranchas de trenós ao invés de rodas.

Quando o vento gelado das regiões polares, soprava era divertido, observar os rostos dos rapazes e dos homens do meio rural. Os homens com os bigodes e costeletas brancos de gelo, esfregando as orelhas, girando os braços e sapateando para restabelecer a circulação das extremidades.

As lareiras esbraseadas das escolas e das casas públicas consumiam muito carvão e, roletes de lenha, mas eram muito freqüentadas por pequenos e grandes. Eram rodeadas por gente friorenta mas saudável se aquecendo, lastimando o rigor do frio e imaginando a sua duração, enquanto nós, os meninos rezávamos para que nunca se acabasse.

Durante as estações muito severas o acúmulo de gelo nas vidraças assumia aspectos fantásticos e impedia totalmente a visão. Longos e volumosos bastões de gelo eram o resultado dos sucessivos congelamentos e degelos da umidade acumulada nos beirais. De quando em quando, caíam quebrando com ruído, face as mudanças de temperatura. Coitados daqueles que por acaso, fossem atingidos na cabeça por um tarugo de gelo. Quando a sol morno da primavera começava a derreter a neve das montanhas, os riachos e rios inchavam e muitas vezes, derramavam-se pelas várzeas e durante a primeira, noite fria, todos os lugares da cidade, onde houvesse alguma depressão capaz de reter água, transformavam-se em pistas de patinação. Nos achávamos lagoas geladas nos quintais, nos terrenos baldios, a margem dos caminhos, por toda parte, enfim. Pode parecer estranho como os "medonhos" podiam encontrar prazer em buracos de lama ou nos banhados formados pelo extravasamento d'água dos riachos. Explica-se. É necessária alguma imaginação. Aos "medonhos" do meu vale, os riachos pareciam rios, grandes rios tais como o Niagara, o Amazonas, o Mississipi ou coisa parecida. Os buracos de lama eram lagos de enormes proporções e tanto os rios como os lagos nos ofereciam oportunidades de testar as nossas botas de borracha.

O ruído ensurdecedor do "Roaring Brook" era a anunciação de que a primavera chegara. Vovô gostava de nos contar a história de uma formidável enchente, em anos passados, do "Roaring Brook", que represara o "Otter Creek" inundando todo o vale, sem nenhuma preocupação de que algum Noé americano pensasse em alguma proposta de explorar uma possível arca. Tal proposta falharia, como costume, quando uma das partes não coopera.

Nós nos alegrávamos com a chegada da primavera, quando surgiam a luxuriante grama verde, as perfumadas lilazes, as macieiras floridas, os medronheiros crescentes, as bocas de leão e verdadeiros lagos de primulas com as suas folhas verdes espalmadas As bocas de leão e as primulas devidamente preparadas vinham variar o nosso cardápio, e embora nada soubéssemos aquele tempo, supríamos as nossas deficiências em vitaminas ocasionadas pela imprópria alimentação nos seis meses de frio e neve.

Mesmo antes que as bocas de leão e as primulas rompessem a superfície fria da terra, os agriões reverdeciam ao longo dos riachos As cenouras plantadas nas encostas e aprisionadas no seu tumulto gelado, durante o inverno, eram uma contribuição valiosa do solo frio. Com a nutrição prolongada

ficavam ainda mais doces na hibernação. Os rabanetes forrageiros plantados por vovô num canto afastado da horta já estavam prontos para a colheita antes, até, que desaparecesse o gelo da terra.

As econômicas donas de casa de Nova Inglaterra faziam, elas próprias, o sabão para lavagem da roupa, da louça, do assoalho e outras limpezas. A fabricação doméstica do sabão seguia um rito que nós, os meninos, acompanhávamos. Ocupava espaço na economia da casa. Economizava gastos e custava apenas trabalho e boa vontade. Não pois, de admirar que louça e panelas da Nova Inglaterra estivessem sempre limpas e que o assoalho brilhasse.

Quando os dias se tornavam claros e mornos começava a fabricação de sabão. Vovô colocava uma barrica numa grande pedra chata que, por gerações, vinha sendo o centro de produção de sabão, enchia-a, de cinzas e derramava, sobre as cinzas, muita água que se escoava, através delas, para um dreno cortado na pedra e se depositava numa grande vasilha de ferro colocada no chão, em nível mais baixo. Quando a água toda houvesse se escoado seria devolvida ao barril de cinza para repetir o percurso feito. A cada vez que essa operação era repetida o líquido (lixívia) ia adquirindo coloração vermelha mais intensa e se tornando mais denso. Quando a densidade era suficiente para fazer um ovo flutuar, o líquido estava pronto para receber a gordura que, durante o inverno fora guardada. A vigorosa agitação que era, então, operada, na gordura, mergulhada na lixívia aquecida, resultava em excelente e macio sabão. De cor marrom escura e mole na textura, odor forte mas não desagradável, podia ser conservado na própria vasilha de fabricação donde se retirava, aos punhados, a medida das necessidades.

Um dos meus grandes prazeres na primavera eram as longas caminhadas que fazia em companhia de George Sabim, depois de jantar. Quando as estradas estavam cheias de lama, apenas o leito da ferrovia permitia o passeio.

George, que aprendera a fumar, tirava vigorosas baforadas do seu cachimbo quando me relatava as extraordinárias invenções de que tomara conhecimento pela leitura da "Mecânica Popular" ou de outras publicações. Era um rapaz avantajado, dono de uma cabeça enorme, e densa cabeleira.

Era dado a reminiscências e as enfeitava, apresentando-as com uma riqueza de detalhes que lhes dava características de verdadeiras. Por exemplo, relatando uma queda que sofreu do teto da fábrica de botes, ele explicava que foi devido a haver sua mão escorregado no parafuso grande da armação do telhado, em que ele estava agarrado, enquanto tentava trepar na cornija de uma escada estacionária. Nada poderia ter sido mais lógico. Seus dedos escorregaram no parafuso e ele caiu. Felizmente ele pode encolher as pernas e cair de cócoras, sobre uma viga que, providencialmente, estava estendida no chão. Foi como se caísse de um pára-quadras. Quando perguntei se não havia perdido o fôlego, ele, displicentemente, respondeu que, provavelmente, nem respirara. Quando estranhei que a sua tática era exatamente a oposta a dos gatos em tais circunstâncias, ele emendou. Exatamente. Esses gatos burros, um dia, quebrarão, as pernas por querer cair sempre em pé.

O movimento intenso na loja de latas, durante o inverno, era o resultado de pedidos acumulados de baldinhos para seiva, usados na extração do açúcar de "maple" no advento da primavera. George produzia uma bela quantidade de baldinhos para seiva, durante o inverno. Sua produção já que não tinha nenhum maquinário e fazia todas as operações manualmente era de setecentos ou oitocentos. Não obstante mantinha em bom nível o seu trabalho na escola. A oficina de latoeiro exigia muito serviço, e não havia tempo para limpeza. O chão estava forrado de detritos de toda espécie, principalmente pedaços de lata. George costumava dizer que seu pai programava uma limpeza da oficina para cada dez anos mas que, como estava ocupado sempre, esse dia não chegava nunca.

Durante o verão, a escola fazia piqueniques aos domingos em matos distantes. Muito raramente planejavam-se excursões a pontos mais distantes, por trem.

Tais acontecimentos eram memoráveis. Uma vez visitamos as cerâmicas em Bennington e noutra, glória das glórias, fomos ao lago Bomoseen, perto de Hydvill, a 25 milhas, onde um pequeno iate a vapor tinha sido preso por haver ousado temerariamente, avançar águas adentro, durante a enchente, a fim de

que pudessem, os seus navegadores, dar, em primeira mão, informações de que era sacrificiosa a vida marítima dos missionários das Ilhas dos Mares do Sul e em outras partes distantes.

As cestas dos piqueniques arrumadas pelas donas de casa eram plenamente abastecidas com gostosos sanduíches, deliciosos bolos de chocolate e de nozes. Às vezes, até, recheados com creme!

No inverno, o jantar da páscoa tomava o lugar dos festivais, piqueniques e excursões. Fazer dinheiro era necessário para atender as atividades da igreja. Ocasionalmente as senhoras da congregação levantavam o que se costumava chamar "o jantar dos tempos difíceis". George Sabin, que pensava muito na sua própria alimentação, e podia jantar como qualquer outro, dizia que os tempos eram difíceis mas o jantar não o era. Os jantares dos tempos difíceis eram os que produziam dinheiro para a igreja, já que eram as senhoras que, praticamente, contribuía com tudo. Nós, os "medonhos", considerávamos os jantares, excursões, piqueniques muito mais objetivos e eficientes como influência cristianizante, do que as misses estrangeiras e outras baboseiras.

As alterações de vida comunitária tomavam a nossa atenção. Quando morreu o velho Clark, o ferreiro, um homem mais moço, oriundo de não sei aonde, chegou à cidade para substituí-lo. Chamava-se Peck. Seus músculos volumosos chamaram nossa admiração e prepararam os nossos espíritos para aceitarmos sua liderança.

O Sr. Peck tinha um galo com cicatrizes, veterano lutador que era, e o exibia com compreensível orgulho, provocando lutas com qualquer outro galo da vizinhança. Passou-me, então, pela cabeça que o nosso galo velho cantador, que eu chamava de Matusalém, poderia, na sua idade avançada, tornar-se um lutador famoso transmitindo, assim, prestígio para vovô e para mim.

A luta foi combinada. Um outro menino e apanhamos Matusalém e o levamos ao Sr Peck. Não havendo aposta em dinheiro ficou combinado que a luta valeria pela glória do vencedor e seria a abertura do campeonato de Rutland, título que o galo do Sr Peck parecia deter.

Quando vi os dois oponentes na rinha eu apostaria um milhão de dólares no representante do vovô, se eu tivesse esse dinheiro. Matusalém era algumas polegadas mais alto e muito mais pesado. Sua plumagem, de cores variadas. Embora seus ancestrais fossem desconhecidos, ele tinha as características de um Plymouth Rock. Quando Matusalém se defrontou com o pernalta de Peck, emitiu um som gutural parecido com uma pequena gargalhada, como se dissesse: "É com isto que tenho que me haver!? Ora, nem tem graça!"

Apos alguns minutos da luta o galo de Peck começou a abaixar-se sobre os ângulos das pernas e Matusalém deu-lhe o que parecia ser o golpe de misericórdia. O galo de Peck deitou-se e morreu, ou, pelo menos, pareceu morrer. Matusalém grasnou e bateu as azas. Eu gritei para Peck:

"Seu pernalta está morto!" Mas Peck retrucou. "Não será por muito tempo. Ele só está tirando uma soneca! Não viu ele piscar para mim? Isto significa que ele vai acordar dentro de um ou dois minutos e dar ao seu galo velho a maior surra que ele já levou na vida".

O prognóstico de Peck era mais correto que o meu. Três vezes o galo dele deitou-se aparentemente morto para o mundo. Parecia, de cada vez, que nada mais havia a fazer a não ser enterra-li. Matusalém pisava na ponta da asa, orgulhoso, grasnando vitória. Mas nas três vezes o defunto ressuscitou e voltou a luta. A sua terceira ressurreição foi surpreendente para Matusalém que ainda recobrou coragem e "matou" o adversário novamente. Mas este tornou a levantar-se corajosamente.

A partir de então Matusalém começou a mostrar-se meio atordoado e a pender a barlavento. Parecia ter perdido o interesse pela luta e pensar em coisas mais agradáveis.

Prá falar a verdade, Matusalém foi uma "passada". Mostrou-se, em termos de lutador, que estava ali porque o puseram mas ele não queria nada com nada. A estratégia do galo de Peck foi a de cansar Matusalém que era maior e mais pesado. Por isso ele fingiu estar vencido tantas vezes. Matusalém, porém, era, um galo honesto e por nada usaria de atividades duvidosas para pavonar-se com honras de campeão!

Eu nunca disse a vovô o quão próximo do campeonato esteve o seu galo. Em verdade, achei mais acertado nem mencionar a luta. Muitas semanas passaram até que Matusalém voltasse ao seu estado normal e assumisse a posição correta quando vovô levava a ração de milho.

Peck não foi o único novo morador da nossa comunidade. Um, cujo nome não me lembro, entrou na minha classe, na escola. Sua característica mais saliente era a maestria em exclamações obscenas. A sua capacidade de dizer palavrões era realmente excepcional e, no segundo dia, lançou uma campanha para formação de uma equipe de beisebol. Sua fórmula era simples. Devíamos ter um bom batedor, um bom apanhador e um bom faz tudo abaixo da linha. Com isso teríamos uma boa equipe. Como não sabíamos nada a respeito e o nosso advena sabia tudo, deixamos as coisas por sua conta. Mas antes de passada uma semana ele sumiu da escola e da cidade, sem nenhuma explicação.

CAPÍTULO XIV

O Xarope de Bordo ("Maple") de Vermont

Quando a primavera aquece suficientemente as árvores, a seiva começa a fluir e os ruralistas de Vermont, que têm a felicidade de possuir nas suas propriedades o bordo, começam a preparar-se para a extração do açúcar. A colheita do bordo, rica em açúcar, é um misto de trabalho e festival. John Bourroughs chamava a extração de açúcar de "brinquedo de trabalhar".

Os principiantes nos ritos da cerimônia da fabricação do açúcar começam-nos com uma disposição de espírito peculiar. O fluxo da seiva do bordo é um dos primeiros arautos da primavera. É a proclamação da natureza de que o inverno, com os seus dias tão curtos e as noites frias tão longas, está se deixando vencer pelo rei sol. Quanto mais claro e morno é o brilho do sol, mais intensamente e rica flui a seiva do bordo. Assim, nos mornos dias da primavera, quando o frescor da noite se esvai, levado pelo levantar do sol a seiva corre pela diagonal dos talhos e vai, em gordas gotas, para os baldinhos, como se agradecesse, apressada, o aquecimento do rei sol.

Embora os ruralistas de Vermont não usassem imprimir convites para que os meninos da cidade os ajudassem a colher a seiva e demais passos de obtenção do açúcar, compreende-se que essa atividade é um dos pretextos primeiros para os adultos afrouxarem a rigorosa, costumeira e necessária parcimônia e estabelecerem, com a criançada, a convivência amiga. As férias da primavera eram o período doce das nossas incursões às plantações de bordo. De botas de borracha, varávamos todas as depressões do vale ao longo dos caminhos e, vencendo quaisquer obstáculos, seguíamos pelas encostas das montanhas enquanto o sol brilhava.

Quando acontecia alguma extemporânea ocorrência de neve em março, que não fossem os restos conservados em ínvios desvãos, o povo usava chamá-la de "neve do açúcar". Era o equivalente a dizer que a Providência fez cair a neve a fim de melhorar a circulação da seiva nas fraldas da montanha, onde se podia colher seiva com menores dificuldades. A "neve do açúcar" deveria, seguindo a crença popular, ser a última do ano mas não era. Aconteciam nevadas leves até meados de abril.

As ocorrências de "neve do açúcar" davam nova oportunidade aos "medonhos" para percorrerem os carreiros dos bichos do mato nas encostas e nos vales. Aqui se viam vestígios do cauteloso "galo do mato", ali os sinais deixados por uma lebre e, às vezes, até algum rasto de raposa ficava impresso na neve. As codornizes e gralhas e mesmo os ratos deixavam a impressão tênue das suas patinhas na neve ao andarem fora dos seus esconderijos. Havia também rastos de esquilos, os quais não nos interessavam muito porque se abrigavam no alto das árvores, chiando e trepando em espirais nos troncos e nos galhos dos velhos carvalhos, espantando os pica-paus de cabeças vermelhas que procuravam ali os seus alimentos.

Empoleirados nas pedras que afloravam à superfície, dávamos pasto aos olhos com o panorama que se estendia abaixo e, então partíamos a procura da árvore mais concentrada de açúcar, freqüentemente sem resultados, esvaziando as cavidades do gelo sólido, formado durante a noite, a fim de conseguirmos o resíduo extra doce deixado no fundo. Éramos, na verdade, vândalos durante a época do "açúcar". Eram necessários quarenta baldinhos de seiva para obter um de xarope, se nada fosse derramado.

Como compensação pelo doce que consumíamos e por outras perdas, os ruralistas recebiam de nós o auxílio na colheita dos baldinhos e o seu esvaziamento nos recipientes dos veículos baixos, tracionados por bois, para o transporte até a casa. Ou então, para os que usavam o processo primitivo, ajudávamos na fervura em caldeirões de ferro. Também, noutra fase de colaboração, participávamos ajudando a separar a massa das grandes painéis retangulares.

Preparar o açúcar era ocupação para dia e noite. Durante o dia colhia-se a seiva e à noite, fazia-se a fervura ou evaporação, conforme o processo preferido. O tempo de fluxo da seiva é curto e se o fazendeiro for ambicioso terá que apressar-se ao máximo.

A lenha necessária deve estar ao alcance da mão. Um homem vigoroso, hábil no manejo do machado, poderia facilmente derrubar árvores secas e cortá-las, tronco e galhos, em toretes de tamanho apropriado, para o fogo de preparação do açúcar. A rapidez e a segurança das golpes certos dos afiados machados, nas mãos daqueles homens, era fascinação para os olhares dos meninos da cidade. Não havia perda de golpes. A lâmina do machado caía certa, dentro da fração infinitesimal de uma polegada, de onde o machado caía no golpe anterior. Sem total exatidão o esforço do corte seria extremamente maior. O exame do corte, na árvore derrubada, levaria facilmente à avaliação da habilidade, no machado, do homem que a derrubara. Além disso era bonito ver o bom machadeiro: a lâmina subia rápida e com elegância até o alto. No seu ápice, uma parada momentânea, e então, a descida violentíssima e certa, em curva graciosa.

Às vezes, vagueando no mato, pode-se ouvir a aproximação de um bater de asas e, logo a seguir, um vulto caindo do céu sobre uma árvore. A curva descrita pelo pássaro ao fim do vôo, antes de deixar-se cair sobre o galho onde está o ninho, é como o vôo da lâmina do machado nas mãos de um hábil machadeiro. É a poesia do movimento. Muitos ruralistas, durante o inverno, fazem os cabos dos seus machados a gosto, dando-lhes forma e peso bem balanceados. Trabalham neles com a delicadeza necessária para fabricar um arco de violino.

Os trenós são baixinhos para que o seu centro de gravidade se desloque o menos possível, descendo ou subindo declives violentíssimos. Como conduzir-se entre, sob ou sobre árvores e pedras, enfrentando situações de dificuldades de equilíbrio, somente a tarimba e a treinada percepção dos produtores de açúcar da Nova Inglaterra podem conseguir.

Já vi trenós com pipas cheias de líquido açucarado, puxados por pesados e pacientes bois, descerem por estreitos caminhos na montanha, saltando sobre degraus de pedra e sacolejando a ponto de ameaçar quebrar as cangas ou os pescoços dos bois mas jamais soube de alguma pipa haver virado, caído ou machucado algum boi. Os deslizadores dos trenós são feitos de madeira muito dura. Suportam o desliz sobre pedras, paus, neve ou lama com a mesma facilidade que o fariam se fossem de ferro ou aço.

Métodos mais modernos têm aliviado muito a trabalhadeira pesada na extração do açúcar e é muito raro hoje ver-se o suco transportado da fonte, pelos trenós. Esse método pitoresco vai mergulhando no passado.

O bordo opera milagres Os homens não entendem a força que conduz a seiva contra a lei da gravidade. Já ouvi perguntarem se a colheita da seiva em grandes quantidades não aniquila o bordo, como acontece com o pinus cuja seiva fornece terebintina e resinas. Até o que sei, jamais ouvi dizer que o bordo dê mostras de aniquilamento pela sangria que sofre. A natureza sempre o supre. O bordo dá seiva como a vaca dá leite. Sua seiva é leite, não sangue.

Lembro-me da luta pela supremacia dos métodos de fervura e, de destilação para extração do açúcar. O produto, pelo método antigo, era muito mais escuro que o que se encontra hoje. Mais ou menos como o mel de flor do trigo sarraceno difere do da flor de trevo. Da minha parte prefiro o método velho. Seu produto parece-me mais doce e mais pesado. O processo de extração do açúcar e do tratamento do xarope foi grandemente melhorado nos últimos anos. A seiva entra numa panela de evaporação, passa em câmaras e termina como xarope puro.

O primo John Fox casou com a filha de um fabricante pioneiro de equipamento de obtenção de açúcar e o negócio ainda existe. Os ruralistas, de modo geral, preferem adquirir o equipamento a troco de xarope de bordo. Isso leva o fabricante a também poder vender xarope. A Companhia Rutland e outra Cia. em St. Johnsbury dividem as honras de fornecedores do mais puro xarope do bordo de Vermont.

Produzir granulado ou geléia de xarope era operação de que a juventude do meu tempo gostava. Para granular, aquece-se o xarope numa vasilha rasa e, com um garfo ou pazinha de madeira agita-se até que tome uma cor esbranquiçada e a consistência seca. Para a geléia, aquece-se o xarope e em seguida vasa-se-o quente, numa vasilha revestida de gelo, onde ele toma consistência pastosa e donde pode ser retirado até com garfo.

Bolas de açúcar de bordo era outro produto da época da extração de açúcar, nos meus dias de infância Ah, meus dias!

O xarope de açúcar era essencial para enfeitar bolos, se batido com manteiga. Vovô gostava imensamente desses petiscos... seu neto também.

Vovô pessoalmente abastecia a casa de farinha de trigo sarraceno e de xarope de bordo.

Depois de infinito cuidado na seleção da farinha e do xarope, vovô não permitia, a quem quer que fosse, a preparação dos bolos em desacordo com as suas opiniões a respeito. Ouvi-o, certa vez, à mesa, recomendar a vovó : "O que aconteceu com os bolos de trigo preto, mãe? Eles parecem ser menores do que uma ervilha!"

"Não sei o que há com eles" respondeu vovó, "Délia os fritou como de costume, só que lhes acrescentei um pouco de bicarbonato de sódio Achei que ficariam azedinhos."

"Azedas!" exclamou vovô exatamente o que eles estão. Tire o azedume deles e ficarão excelentes para serem atirados aos cães. O que distingue um bolo de farinha sarracena dos outros bolos é o seu azedume. Para preservar esse azedume é que fazemos a massa na véspera, não é?"

"Presumo que sim" admitiu vovó "Eu os farei tão azedos quanto você gosta! Você os quer azedos como pickles?"

"Esses bolos não devem ser muito azedos" disse o velho. Concordo nisso com vovô. Se há o que estrague um bolo de farinha sarracena e o ponha amarelado é o bicarbonato de sódio.

Não se falou mais em bicarbonato.

CAPÍTULO XV

Último Dia de Escola

Durante a minha meninice não era necessário depender de importação de talento para traquinadas. Tínhamo-lo de excelente qualidade na nossa pequena cidade. Caleb Pennypacker, por exemplo. Caleb era o filho de Jonas Pennypacker, um homem extremamente trabalhador, que jamais ria. Caleb não era nada o que seu pai era mas, sim, tudo o que seu pai não era. Não trabalhava mas estava sempre rindo.

Sua expressão era risonha durante todo o dia e provocava o riso de outros. Ele adorava a fama de ser o mais sorridente e o mais malcriado dos meninos na cidade. Enquanto Caleb morou em Wallingford não houve tranquilidade. Ele tinha uma visão peculiar do mundo: uma enorme piada que deveria gozar sem preocupações. E, na verdade o fazia.

Para nós, criança, a mais extraordinária das habilidades e palhaçadas de Caleb era a capacidade que ele tinha de transformar-se num velho feio, pelo expediente simples de dobrar as pálpebras pra fora e permanecer com elas assim durante o tempo que quisesse. O inusitado aspecto que ele assumia com aquela deformação, era tal que quem o visse pela primeira vez não saberia se era pra rir ou pra chorar. E ele a usava constantemente na escola, de onde, assim, expulsava o tédio. Bastava que o professor se tornasse mais sisudo do que de costume, Caleb afrouxava a tensão dobrando as pálpebras. Era, freqüentemente castigado por isso mas nunca deixou de fazê-lo. Claro, que a gurizada toda o invejava e fazia o possível para imita-lo, mas, sempre, sem sucesso.

Quando Caleb deixou a escola, a arte de dobrar, as pálpebras extinguiu-se.

Naturalmente havia mais gente que praticava atividades extracurriculares, na escola. George March tinha as orelhas móveis como as de um cavalo. Era uma habilidade notável e freqüentemente punha a ordem abaixo, praticando-a. Ballow, o sujo de tinta, podia fazer ,suas articulações estalarem, como se fossem espoletas detonando. Tais contribuições mereciam menção honrosa mas a de Caleb era a que levava prêmio maior de admiração e excentricidade.

Durante o período de atividade da escola, alguns dos dirigentes faziam sabatinas inesperadas, a fim de certificar-se do aproveitamento geral. Quando o dirigente Charles Congdom sabatinava, a gente esperava, dele, uma ladainha que jamais falhava. Invariavelmente, encerrava-a recitando um poema que considerava apropriado pra o momento. Ouvi-o muitas vezes e ainda me lembro:

"Quando eu andava sozinho,
Soia falar sozinho:
Cuide-se você, sozinho
E dirija-se sozinho,
Se não o fizer bem
Outro não fará, também"

Sempre que ele entrava na sala de aulas eu quase não me podia conter de levantar e recitar esses versos.

O Sr. Congdom era, no entanto, um homem muito educado. Entre outras atividades ele alugava cavalos encilhados a vinte e cinco centavos por hora a quem pudesse dar-se esse luxo. Eu sonhava com o privilégio inestimável de alugar um cavalo encilhado do Sr. Congdom, nem que fosse uma só vez. Se cheguei a possuir os vinte e cinco centavos, não me lembro, embora tal acontecimento devesse, pelo alto significado, ficar tão gravado em minha memória, como o fato de haver achado uma pratinha de dez centavos no monte de entulho atrás da loja de Ben Crapo. Achar uma moeda de dez centavos não é de admirar. O admirável seria que alguém, em Vermont, pudesse tê-la perdido sem proclamar tal calamidade. Com certeza, ela teria sido obtida desonestamente.

Às vezes, meninos serviam como mensageiros autônomos para proprietários rurais que mantinham transações com as lojas da cidade. Era mais fácil mandar um menino do que ir o próprio ou encomendá-lo a um eventual portador. Quando o menino voltava, era só dizer:

- Obrigado, menino. Qualquer dia eu lhe dou vinte e cinco centavos, logo que eu tenha miúdo. Quando me disseram isso, após uma mensagem combinada, foi quando eu estive mais perto de possuir vinte e cinco centavos.

No primeiro dia de maio os professores costumavam colher flores silvestres e folhagens para comemorar a chegada das aves migratórias de volta o seu habitat. Uma vez foi implantado no pátio da escola um coreto florido e nós dançamos e brincamos a redor dele à maneira tradicional.

O dia da Decoração era outra celebração que acontecia em fins de maio. Decorávamos os túmulos dos soldados mortos na guerra civil com flores e, em cada, um deles, punhamos uma bandeirinha. Os veteranos da guerra civil vestidos nos seus velhos uniformes iam, em procissão, ao cemitério, onde discursos patrióticos eram feitos. Nossos veteranos davam espetáculos comoventes. Harlong Strong, superintendente da nossa escola dominical, Martin Williams, o fabricante de queijos, o Sr. Thomas, colocador de papéis de parede, todos garbosos nos seus uniformes, punham nossos corações a vibrar; quando o quarteto da igreja Congregassional cantava "Nós Adornamos Suas Tumbas Com As Mais Belas Flores do Mato", e, depois, quando a banda de tambores de Hartoboro tocava "O Corpo de John Brown o Símbolo da sua Tumba", "Yankee Doodle" e outros dobrados patrióticos. Embora me tenha isolado de muitas manifestações frívolas, ainda hoje vêm-me lágrimas nos olhos e percorrem-me o corpo calafrios de emoção, quando os nossos poucos remanescentes da Guerra Civil desfilam, manquitolando.

Os sinos da alegria, em verdade, faziam nossas almas vibrarem na primavera: saltávamos e cabriolávamos como cabritinhos alegres, sem preocupação do que nos pudesse acontecer. Um dia, o pai de Fay, que nos observava à distância, gritou: "Cuidado, piaçada, vocês podem quebrar o pescoço! "

Nos primeiros dias de junho chegava o tão esperado "último dia de aulas". O ar, na casa da escola, se tornava carregado do perfume doce das peônias vermelhas, rosadas e brancas. As meninas, ataviadas nos seus vestidos de verão e os meninos empertigados, nas suas incômodas vestimentas de domingo.

Longos discursos eram decorados a noite, em casa, e só o pavoroso bicho papão, o nervosismo, impedia que eles fossem pronunciados. Não se pode fugir da realidade que esse bicho papão é fator reconhecidamente silenciador. Começa a agir cedo, muito antes da hora fatal. Durante a quietude da noite ele já se vai apoderando da sua vítima. Poder haver suplício mais temível do que esperar que o nosso nome seja chamado para participar do programa do "último dia de aula"? Uma após outra as vítimas são executadas: tomam posição no "patíbulo", tremendo, lutam com o bicho-papão, e voltam, ansiosas, para os seus lugares, vencedoras ou derrotadas.

Afinal, o último nome do programa. Nada há para estimular a vítima além do pensamento que está iminente o fim do sofrimento e da visão clara e festiva dos gloriosos dias de férias. Um suor frio lhe surge na testa, de algum lugar distante vem uma voz surda. . . O que é que ela está dizendo. . . - "Paul Harris vai recitar "O menino polonês". Levanto-me. O "bicho papão", timidez se encosta em mim. Outra voz, alta e enérgica... Quem?... Sou eu mesmo, bravo escoteiro! Tenho impressão vaga de que nós três, o "Menino Polonês", o "bicho-papão" e eu estamos juntos na tarefa a executar. Uma mulher, na cadeira da frente, está profundamente preocupada com o seu chapéu novo e parece pouco interessada com os excitantes acontecimentos em curso. Graças a Deus ela não vai prestar atenção! Eu quisera que todos os presentes tivessem chapéus novos, que os preocupassem ou outro motivo qualquer, que os fizesse não se importar comigo.

Finalmente, soa a última palavra na sala silenciosa e Paul Harris volta sua carteira sob aplausos e palmas. O "Menino Polonês" sumiu e o "bicho-papão" foi enterrado para não ressurgir durante um ano, quando os acontecimentos correntes trouxerem outro "último dia de aula".

O professor encerra a cerimônia com palavras apropriadas bate o sino pela última vez. Eu me safo, por entre um atropelo de mães, pais, irmãos e irmãs, por fora da atmosfera pesada da sala perfumada pelas

peônias. Por fora onde posso respirar ar puro e apressar-me para ir nadar! Oh! O tanque onde nadávamos durante as gloriosas e descuidadas férias que se abriam!

Oh! Dias da minha infância!
Frias de junho esperadas!
Sons, visões, culminâncias
Das saudosas traquinadas

Oh! for boghood's time of june
Crowling years in one briefmoon
When all things I heart or saw
Me, their master, waited for
(John Greenbaf Whittia)

As férias eram dias de preocupação para meu avô. Um dia convidou-me para uma conversa reservada. Fomos ao celeiro, sentamos, ele no carrinho de mão e eu no braço móvel da grade de ração. Ele então disse :

- Paul, quero conversar a respeito de seu futuro. É assunto que me preocupa. Há tempo que me pergunto se o estou conduzindo como devia. Acho que logo que os meninos crescem, devem ter alguma obrigação a cumprir. Aqueles que trabalham desde a meninice têm grande vantagem sobre os que não o fazem. Você, até hoje, nada faz a não ser vagabundear desde manhã até a noite. Não há, agora, aqui, outro trabalho além do meu mas eu quero que você reserve algumas horas dos seus dias de férias para estudar e que comece a fazê-lo imediatamente".

Ele tirou do bolso uma antiga cartilha já amarelada pela idade e começou a pronunciar palavras para que eu as soletrasse. Isto foi repetido muitas vezes durante o verão e em certas ocasiões, eu, apesar de com muita preguiça, as soletrava o melhor que podia mas com visível revolta. O tanque onde nadávamos gritava convidando-me a mergulhar e eu temia que a turminha fosse embora antes de eu terminar a minha tarefa. Se tal acontecesse, meu dia estava perdido irremediavelmente. Só podiam compensá-lo uma luta, uma fogueira ou um circo, à noite. Mas eu não podia esquecer as palavras de vovô.

A sede de aprender é uma característica do povo da Nova Inglaterra. Daqui se estendeu por todos os EEUU. O senador Jostin S. Morril, pai da política agrária, era vermontense. Em virtude dos seus esforços, colégios agrícolas foram criados por todo os EEUU.

Não contesto que a leitura elevada possa sensibilizar mas não aceito que o "Progresso dos Peregrinos", nem "a vida de

"Plutarco" estejam nessa categoria. "O Índio Pete" e estórias similares, para os jovens, estimularam a minha imaginação e fomentaram mais explorações no campo literário. No entanto, as manifestações da natureza, ao ar livre, são muito mais atraentes...

Vivendo entre montanhas como eu, subir nelas seria a minha tendência mais natural. Pedra Branca, junto a Wallingford, e o Pico Killington, próximo a Rutland, eram desafios para mim. Minha experiência de escalar essas duas inspirou-me a, muito mais tarde, experimentar tarefas muito mais avançadas em Rockies Mountain.

A escalada da montanha "Pedra Branca" iniciava-se num enorme monte de resíduos de penhascos, destroçados, na costa da montanha, durante uma tempestade de gelo e tremor de terra. Nas pedras havia líquens numa extensão aproximada de 4,5 metros e na superfície de muitas delas havia inscrições de iniciais de visitantes de gerações passadas, alguns dos quais distinguidos empresários ou profissionais. O nome J. T. Troubrdge, o escritor de histórias infantis, que morou em Wallingford, aparece entre as inscrições.

Após vencida a zona dos penhascos começava a face escarpada da montanha. Não seria proeza para um alpinista a sua escalada mas para um principiante, era. Conheci poucos que tentaram a escalada. Prá mim era um desafio. Eu teria de vence-lo. Penso que senti maior satisfação com a primeira escalada do morro das "Pedras Brancas" do que quando venci o "Pike's Peak" anos mais tarde. Prometi a mim mesmo a subida, no dia em que vovô decidiu que eu era muito criança para acompanhar um senhor numa expedição àquela montanha para colher espécimes raros de líquens. Hei de crescer, pensei, e ficar forte! Hei de mostrar que sou homem! O alto da Pedra Branca, detinha um interesse romântico peculiar que me estimulava o desejo de conhecê-lo. Dizia-se que o Capitão Kid enterrara, nalgum desvão do cume daquela montanha, uma caixa de ouro. Como o Capitão Kid pôde vir ao Pedra Branca, não me perguntem. Eu também, não sei.

Outra razão que me estimulava o desejo de subir naquela montanha era ter uma visão ampla do meu vale. No verão não era possível ver-se, do alto, os telhados das casas da aldeia. A vegetação exuberante, ali existente, o impediria. Do riacho, ter-se-ia apenas a noção do curso. No entanto, além da aldeia, ao pé da Montanha Oeste (West Mountain), a lagoa da Raposa (desculpem, lago Elfim) podia ser vista brilhando ao sol. Quente e suando, como eu estava, a visão da água límpida era uma atração irresistível. Por isso determinei ir lá para um mergulho refrescante quando voltasse mas não me lembro de haver colocado, nas múltiplas visitas que fiz, em primeiro plano a resolução de fazê-lo. Às vezes eu voltava ao frescor da tarde e a água parecia menos atraente. Outras vezes eu me sentia cansado ou tinha muitos que fazer, quando o grupo se reunia para o encontro.

Nas tardes quentes quando resolvíamos percorrer os caminhos do mato, o lago, de fato, nos atraía. Então um de nós gritava "O último que chegar . . . etc. etc." Partíamos então, correndo, e saltávamos para dentro d'água como rãs gigantes. Que dias felizes! Havia outros lagos temporários na primavera, que ornavam, como grandes pedras preciosas, as colinas e os montes, ao redor de Wallingford. A lagoa Shrewsbury, a Tinmouth e as duas Sugar Hill, às vezes chamadas "óculos" por causa da aparência que davam de um gigantesco par de óculos. A lagoa Griffin, no alto das montanhas do lado leste. Suas águas eram frígidas e sugeriam convite pesca de trutas pela profundidade e a coloração entre a rosa e o salmão, que ostentavam.

Havia, ainda, os grandes lagos: Bomoseen, St. Catherines, Dunmore. Um pouco mais distantes, o Champlain e o lindo Lago George. Ninguém jamais se apôs a que se desse o nome de lagos a estes grandes depósitos de água. Apenas uns poucos resistentes chamavam o lago Bomoseen de lagoa Castleton.

Quem quisesse ter uma visão ampla das montanhas circunvizinhas, colinas, lagos e lagoas teria que subir a montanha de Ratlesnake perto do lago Dunmore, escolher a árvore mais alta e, do mais alto galho dessa divisaria tudo para o lado norte, até a divisa com o Canadá.

CAPÍTULO XVI

Colhendo Amora e Pescando Truta

No começo do verão havia amoras silvestres a colher. Framboesas, amoras pretas e brancas e, também, ararás. Colher essas frutas nas montanhas era trabalho e não era fácil achar meninos que se submetessem a fazê-lo. Só os meninos das famílias pobres, que necessitavam dinheiro, o faziam e depois vendiam as frutinhas de porta em porta. Alguns deles eram ótimos companheiros e, estimulados por suas mães, estavam disponíveis desde cedo para que a gente pudesse ter tempo de colheita diária abundante. Até nos longos dias de verão eles me chamavam, antes de romper a madrugada, e já estaríamos bem no alto da montanha, quando o trem da manhã, que vinha de Rutland, começasse a margear o arroio Otter, lá em baixo, no vale. Era, sempre, para nós, prazer calcular o quanto demorava, para chegar aos nossos ouvidos, o som do apito depois que víamos os tufo de vapor que o produziam.

Geralmente havia neblina ao longo do leito do riacho. Enquanto estávamos dentro dela não o percebíamos mas lá de cima do morro era perfeitamente visível.

As manhãs são a fase mais arrebatadora dos dias. Plenas de expectativa e de esperança. Se alguém quiser sentir a maravilhosa beleza do céu e das nuvens, vá às montanhas ao dealbar do dia e aspire aquele ar fino e puro, ouvindo a sinfonia orquestral dos pássaros, despertando e inebriando-se na fragrância das flores silvestres.

Cada colhedor de amora leva um balde e um cestinho. Este vai suspenso a tiracolo. Quando a quantidade colhida justifica a descarga, o balde é colocado numa sombra densa, forrado de folhas e as amoras são passadas para dentro dele.

As morangueiras crescem em maior abundância na parte baixa das elevações do terreno, onde a terra é levemente arenosa. Os moranguinhos são menores que os produzidos no pomar mas são muito mais doces. É necessário perseverança para uma, colheita razoável dessa frutinha silvestre, muito apreciada pelo sabor e pela raridade.

As framboesas e as amoras pretas seguem os moranguinhos, à proporção que a estação avança e, em seguida, as amoras azuis: das abundantes na Green Hill, onde o solo pedregoso e ácido produz outras coisas muito escassamente. No entretanto, as raízes da amoreira azulada, do gualtério e da samambaia vicejam no solo pobre de Green Hill. Outra vegetação se rejeita a ocupar a mesma terra. Em compensação a essa privatividade de solo, Green Hill produz amoras escuras azuladas saborosíssimas. A amora azulada vai sendo domesticada mas, ao que me consta, não com o mesmo sucesso dos moranguinhos e das framboesas. As tentativas de dar-lhe maior volume refletem em prejuízo do sabor.

Os araçás silvestres são os últimos na marcha da estação. São maiores e mais avermelhadas do que a amora azul e menos saborosos mas mais abundantes. Os arbustos, mais altos, favorecem a colheita. Pode-se debulhar um arbusto de araçás diretamente no balde de um trabalhador hábil que pode colher grande quantidade num só dia. O fruto varia de sabor conforme a qualidade do solo e é menos apreciado que as amoras azuis. Abunda na base dos grandes penhascos da Pedra Branca. Como, de resto, em todas as montanhas de Vermont.

Vovó sorria docemente quando eu trazia o produto da minha colheita mas, a bem da verdade, confesso que eu não o fazia muito desinteressadamente. Eu pensava nas deliciosas tortas que ela fazia com as frutinhas. Embora meus avós jamais me pedissem, nem mesmo sugerissem, que eu fosse colher as frutinhas silvestres, minha avó sempre ficava alegre quando eu aparecia, cansado, queimado do sol e descalço, com um balde cheio delas, bonitas e frescas.

Quando eu era ainda criança, papai, cansado das minhas amolações, levou-me um dia a pescar trutas. Fui inoculado pelo vírus do gosto de pescar! Desde então qualquer convite para a beira d'água me fascinava. Qualquer pocinho sob uma pedra, buraco ou barranco tem sido, para mim, como uma tentação. Ainda estou prá sentir ato mais emocionante do que fregar uma truta lá no fundo, quando ela deixa o seu

esconderijo gelado e escuro, e tirá-la fora d'água contorcendo-se, resplandecente à luz do sol; e fazê-la cair, cativa, sobre a margem. Ainda não vi nenhuma criatura mais linda do que uma truta. Tem simetria perfeita de forma e uma maravilhosa coloração variegada. Seu dorso sarapintado varia com a cor do fundo da corrente e da água do seu habitat; quanto mais escuro o seu ambiente mais escura ela é, por isso menos visível, por seus inimigos. Os pescadores de trutas admiram a pureza do vermelho das suas barbatanas abdominais. Mas inexcusável em beleza é a delicada coloração dos flancos do peixe, com suas pintas carmesins rodeadas de um anel índigo-azulado. Nenhum pintor mesmo na porcelana, poderá reproduzir a multiplicidade e a harmonia das cores dos flancos dessa criatura que vive nas sonoras correntes d'água das montanhas da Nova Inglaterra.

Por que podem os homens e os meninos sentir alegria na, captura e morte de tão linda criatura!? Nosso instinto congênito, eu acho. Alguma coisa que façamos para nos sentir realizados como vencedores. Há pouco tempo, ainda, lindos pássaros eram mortos pela beleza das suas penas ou pela maciez de sua carne. Nós sobrevivemos a tais selvagerias e agora recordo aquelas criaturinhas como os nossos mais ternos amigos, melódicos por suas vozes, e lindos pelo brilho das suas cores. Talvez nossos belos amigos dos riachos das montanhas possam, algum dia, viver em paz. Já há sinais disso. Já não ouvimos, com muita frequência, homens contando quantas trutas pescaram num só dia. Os pescadores de hoje já não matam pelo prazer de matar. Não é de boa ética, entre os esportistas, tirar das águas mais peixe do que os que lhes bastem.

Certo dia, numa biblioteca pública, pedi alguns livros sobre pescaria. O bibliotecário, para minha surpresa, interpelou-me: "Livros de fundo filosófico ou prático?" Ri, a princípio, mas pensando melhor, respondi: "Parece-me que pode ser catalogado entre os que você chama de 'fundo filosófico', o livro que estou procurando".

Eu estava certo. O pescador prático é o que quer matar tantos peixes quantos puder. Para o filósofo, o apanhar o peixe é só uma parte da história e, talvez, a menor parte. Ele está interessado, de fato, na natureza. Em primeiro plano está a oportunidade que goza de comungar com a natureza e participar das grandes leis que regem a criação. Ele pode seguir um curso d'água, ou permanecer sentado, solitário, num barco, sem o menor senso de solidão. É o pescador filósofo. Isac Walton era um deles. Pregava a religião da vida, ao ar livre e fez mais do que qualquer outra pessoa, do meu conhecimento, para popularizar a pescaria. Que deliciosos pensamentos ele legou para deleite dos aficionados da sua geração e das vindouras. O professor Henry Drummond foi um pescador filósofo. E, modéstia à parte, também eu o fui.

A truta não é só a mais linda das criaturas. É o mais tímido e inteligente de todos os peixes. Os homens adoram medir esperteza com ela e uma truta experiente sai, quase sempre, vencedora. Só os muito experimentados a vencem.

Nessa habilidade de sobrepujar a truta o barbudo Ed Sabia e o latoeiro, o perna de pau Pratt, fabricante de esquifes, não tinham competidores. Eram individualistas puros e simples. A técnica deles variava muito e os resultados eram os mesmos: eles pegavam a truta. Ed colocava as que pescava num samburá enquanto que o Perna-de-pau cortava uma varinha com nóculo ou forquilha numa das extremidades e alinhava nela, enfiados pela guelra, as suas. O Perna-de-pau era lento nos seus movimentos mas voltava sempre triunfante, de cabeça alevantada e a perna de pau batendo um "stacatto" forte e regular nos passeios calçados da aldeia. Como rejuvenescedor, a pesca da truta é método dos mais conceituados.

Como nas colheitas de amora, minhas excursões piscatórias começavam antes de o dia surgir. Quanto misticismo naquelas madrugadas silentes! Eu tinha a impressão que o mundo todo era meu! Mesmo vovô, madrugador impenitente, nem sequer se espreguiçara quando eu saía, silenciosamente, pela escada-caracol da adega, onde costumava achar pratos com trutas, resultado da pescaria anterior. Eram pedaços impregnados de fubá e frios em manteiga que, embora frios, constituíam excelente desjejum. Eu cortava um naco de

carne seca, que sempre havia pendurada na entrada da adega. O meu almoço seria fatias desse naco. Eu tinha horror aos atrapalhos que me fizessem perder tempo e cedo descobri que carne seca, amolecida na água do riacho, era suficiente mente nutritiva.

"Sou um córrego na serra
Vindo da entranha da terra
Corro ligeiro e volteando.
Serra abaixo, vou cantando
Sou tão livre como o vento
Corro depressa ou bem lento.
Parado é que jamais fico...
Corro, murmuro, saltito.
Se me fecham o caminho
Eu me ínflo e, escarninho,
Salto, passando por cima,
Faço-me em véu de obra prima"
(Birney C. Bakcheller)

I'm a merry mountain brook
Hiding in some shady nook
Babbling, laughing all day long
Running, dancing with a song
I'm as free as winds that blow
Little care I where I go
Only let me have a run
Splashing, tumbling all in fun
An obstruction in my path simply
Makes me swirl! and laugh
Nothing stops me as I flow
Over rocks to pools below

O arroio das crianças era o meu preferido. Sua nascente era um olho d'água no alto da colina, num contraforte do pico da Pedra Branca. A água junto à nascente, protegida do sol de verão por formidáveis penhascos e pelas árvores, permanecia gelada o ano todo e o lugar era conhecido como "Ice bed" (cama de gelo). A uma milha da "cama de gelo" eu podia começar a pescar nas águas frias do Arroio das Crianças. Rastejando através da larga faixa de vegetação baixa e dos capinzais, ao longo do leito do arroio, eu podia lançar meu anzol iscado em poços muito promissores. Às vezes o resultado decepcionava, pois, a despeito dos meus esforços, eu não conseguia passar despercebido pela truta. O brilho de uma fita luminosa no leito do arroio, acima ou abaixo do lugar em que eu estava e um pequeno deslocamento de terra no fundo, onde o peixe esfregava a barriga, indicavam que eu fora percebido.

Eu persistia e as trutas famintas, uma após outra vinham morder a minha isca, às vezes, até, no mesmo poço. Ainda posso sentir a emoção que antecede o momento certo da fígada, a desesperada resistência do peixe e, afinal a alegria de tirá-lo d'água, espadanando o ar.

Eu costumava encher os grandes bolsos do paletó com folhas de fetos e tracoás apanhadas ao longo do riacho. Cada truta, apanhada era envolvida nelas e aí permanecia até que eu chegasse em casa. Esvaziava então, os bolsos numa gamela com água bem limpa, separava os peixes dos seus envoltórios, regozijando-me com cada presa e recordando as fases, o lugar, as peculiaridades e o prazer que sentia ao tirá-la d'água, pelo pecado de morder a isca.

Quando o sol atingia o seu zênite eu devia descansar e, à sombra de uma árvore amiga, eu comia o meu farnel gozando a vista luxuriante do vale, deliciando-me ao rumoroso murmúrio das águas do riacho, ao perfume selvagem da hortelã e à frescura e pureza da brisa suave. De quando em quando, uma borboleta colorida e indecisa cruzava o ar e as abelhas laboriosas procuravam o néctar das flores, enquanto, sopradas pela brisa, as hastes altas do capim curvavam-se graciosamente. Não há música mais suave e mais acariciante que o murmúrio das águas do riacho. Um amigo meu, cujas fotos publicadas na revista "National Geographic" encontraram milhões de apreciadores em todo mundo, disse-me que, enquanto percorria as montanhas com os dois grandes naturalistas, Jorn Burroughs e John Muir, certa vez, ele viu Burroughs deitado sobre o assoalho de um velho pontilhão. Deitou-se ao lado dele e perguntou o que fazia. O naturalista respondeu:

"Estou gozando a música do riacho".

Muitos são surdos aos sons que outros ouvem encantados. Poucos, em verdade, gozam plenamente as doações maravilhosas dos sentidos da vista, da audição, do sabor, do cheiro e da vibração espiritual. Que magnífico o privilégio da convivência com os dois "Joões", o dos passarinhos e o das montanhas! Depois de almoçar o farnel, eu me debruçava, de joelhos e mãos apoiadas nas pedras, e bebia, deliciado, a água fresca e pura do riacho.

O riacho aumentava em largura e quantidade d'água, a medida, que descia na encosta da montanha, com destino ao arroio Otter. As trutas, também, aumentavam de tamanho e de capacidade de defender-se quando alcançavam águas mais fundas. Nem o riacho nem o arroio eram conhecidos como morada de grandes trutas. Mesmo as de meia libra (226,79 g) eram raras. As duas maiores, que me lembro haverem sido apanhadas nas águas nossas vizinhas, eram de duas libras (907,18 g). Vi uma delas e senti uma inveja imensa de quem a pescou.

Com o tempo tornei-me um pescador de trutas bastante proficiente mas nunca pude nivelar-me com o Sr. Ed Sabin ou com o Sr. "Perna-de-pau" Pratt. Eles, praticamente, apanhavam trutas até nos rios onde elas não existiam! E sempre pescavam sozinhos!

À tarde eu encerrava meus dias de pescaria e voltava cansado mas feliz. Se havia gente doente na aldeia o meu pescado era dividido com ela. Vovó preparava as trutas bem torradinhas, enrolava-as num guardanapo imaculado e eu nunca estava tão cansado que não pudesse ir entregá-las. Vovó tinha aquele jeito caridoso e eu era, voluntariamente, o seu mensageiro.

Muitas cestas e muitas comidinhas, carinhosamente embaladas, enviadas por ela eu as fui levar a doentes e necessitados. Duas velhas irmãs, uma delas completamente cega, solidárias no sofrimento, eram receptadoras da bondade de vovó, indefectivelmente me recebiam sorridentes e me pediam levasse as suas mensagens de gratidão e reconhecimento de volta.

CAPÍTULO XVII

Um Natal Frustrado

Vovô, homem providente, se aborrecia muito com a leviandade do filho e o comportamento fútil da nora. Temia que eu, também, pudesse adquirir hábitos desregrados. De todas as formas ele me estimulava à economia. Como para mostrar-se solidário, deu o primeiro passo, abrindo uma conta no Banco Econômico de Rutland e exortava-me a fazê-la crescer. Eu não seguia os seus conselhos de muita boa vontade, mas, de alguma forma, a conta cresceu. Vovô não me dava descanso.

Lembro-me que foi feito o depósito com o resultado de uma experiência que causou-me profundo desgosto. Foi numa manhã de Natal. Eu costumava pendurar minhas meias, na noite de Natal, na esperança de que, no dia seguinte, elas estariam cheias e, além disso, haveria pacotes ao redor.

Trêmulo de excitação, esgueirei-me da cama, antes de o dia clarear, atravessei a sala de jantar e, na sala de estar, dirigi-me para a lareira. Achei as meias onde as havia pendurado mas, para meu indizível desapontamento, elas estavam molemente penduradas, portanto, aparentemente vazias. Caí no choro e meus soluços atraíram vovó que, consolando-me, fez com que eu examinasse as meias, introduzindo nelas, até as pontas, a mão. Numa delas havia um pacotinho que, desfeito, mostrou ser uma moeda de ouro de cinco dólares. Senti-me desgraçado e rompi num choro soluçado. Eu esperava aquilo que costumava vir: livros, patins, talvez um relógio, pipoca e outras coisas que fugiam da minha imaginação. Se o Natal significasse menos dó que uma introdução ao reino das fadas, então, para mim, não valeria nada.

Depois de muita troca de idéias entre vovô e vovó, o assunto ficou com ele. Sob seu comando pendurei minhas meias outra vez e esperei um tempo razoável para que Papai Noel repetisse a visita. Tempestivamente, repeti a busca e, cheio de maus pressentimentos, enfiei a mão na meia. Lá estava outra moeda de cinco dólares! Artes de vovô! Aquilo era mais do que a natureza humana poderia suportar! O meu desapontamento explodiu do meu peito; num urro de dor e desespero.

Vovô desistiu e vovó tomou as providências para que o meu sonho se tornasse real. Vovô não retirou as suas dídivas e as duas moedas de cinco dólares foram engordar a minha conta de economia. Boa coisa para acontecer a quem ainda não completara nove anos de idade.

Apesar da minha falta de entusiasmo para economizar, a minha conta cresceu 1.500 dólares até que eu alcançasse a maioridade. Quando, no entanto, ela passou a ser disponível para mim, foi rapidamente movimentada. No entanto, digo-o para minha tranquilidade, consumia-a, em maior parte, para pagar dívidas de meus pais, muitas das quais já vencidas.

Acabou assim o meu ensaio para milionário, embora eu ponha em dúvida que vovô desejasse que eu o fosse. Ele era conhecido e considerado em toda a parte como homem frugal. Os poucos gastadores da aldeia até o consideravam avaro, embora eu nunca tenha ouvido alguém dizer isso de meu avô.

Era, em verdade muito econômico. Não tolerava qualquer ato de dissipação. Tinha o senso da ordem, pois tinha lugar para tudo mas isso era uma característica do povo da Nova Inglaterra, naquele tempo. Ele pretendeu instalar o mesmo espírito nos seus filhos e netos pra torná-los independentes e respeitados. Estava convicto de que o caminho mais certo para isso era a educação do amor próprio para o estoicismo e para a retidão de conduta. Sempre admirei-lhe a aguda percepção da oportunidade de educar, pois as que se lhe apresentaram, no curso da vida, não foram muitas. Ele visava amparar-se nas próprias experiências e no comportamento do seu filho, meu pai, e prover vantagens de educação para o neto, tanto quanto lhe fosse possível alcançar e realizar.

É isso, em verdade, o que se pode atribuir ao meu avô, quanto à sua conduta em favor da minha educação. E, sem medo de errar, posso afirmar que, não obstante a minha aversão por leitura e aos "faça isto e não faça aquilo" (não muito numerosos, é verdade) e, ainda, as minhas reincidências sem conta, eu absorvi a substância dos seus ensinamentos.

Uma das personalidades marcantes em Wallingford, nos meus tempos, era o Dr. Ainsworth. Morava numa encosta, mais ou menos nas proximidades da "cama de gelo": Embora não fosse licenciado por escola médica, ele medicava muita gente que, por saber, menos que ele, o procurava. Suas panacéias tinham fama de ser "tiro-e-queda". Se algum paciente sobrevivesse ao uso interno delas podia considerar-se imune a todos os males orgânicos.

A aplicação externada "tiro-e-queda" do "Dr. Ainsworth, tanto em seres humanos como em animais domésticos, era bastante conhecida mas as suas virtudes em uso interno somente o "Dr. Ainsworth" as conhecia e proclamava.

O "Dr", alto e magro, era figura muito conhecida, na comunidade. Portava sempre uma bengala e tinha, no olhar, penetrante um brilho peculiar. Ninguém, talvez nem mesmo ele, sabia a sua idade. Sua casa se situava em lugar onde pouca gente passava. Podia ser considerado um ermitão.

Com tais predicados a sua glória maior se refletia em personalidade muito mais luminosa que a dele, sua irmã. Ela era famosa, embora muito pouca gente do vale a conhecesse. Dizia-se que era vidente e, como tal, fizera nome em Boston.

Embora essa cidade fosse então, como hoje, considerada muito culta, seu povo não era muito versado em ocultismo. E era essa ciência que fazia a fama da irmã do "Dr. Ainsworth", como o largo conhecimento de panacéias fazia a dele.

Praticava o ocultismo, com simplicidade. Quando, consultada por um bostoniano aflito com problemas de amor, financeiros, de conceito social ou de saúde, ela, pura e simplesmente, entrava em transe e se punha a falar, docemente, aconselhando, confortando e erguendo esperanças com palavras de sabedoria, que fluíam dos seus, lábios como que de uma fonte divina. Tornou-se conhecida como a "Lucy adormecida" e sua fama, se expandiu a longos limites.

Para assinalar o seu sucesso e fazer alguma coisa em favor da sua aldeia de nascimento ela assumiu transe peculiar, um mito em Wallingford, que seus habitantes podiam afirmar como exclusivo. "Lucy Adormecida" revelou um fato desconhecido e insuspeitado: revelou que o Capitão Kid havia visitado o nosso vale a procura de um lugar próprio para guardar o seu mal adquirido mas famoso tesouro. Quando o seu olhar penetrante caiu sobre a "Pedra Branca", brilhando ao longe, a oeste do lugar onde o "Doutor" e sua famosa irmã moravam, ele certificou-se que lá seria o lugar certo. E lá o enterrou profundamente, ao abrigo da cobiça dos homens predadores de fortunas.

Pode dizer-se que a afirmação de "Lucy Adormecida" é, apenas, lenda. Muita gente refuta a, veracidade dela. Eu a considero, de fato, como a adaptação de lendas como as da Noruega, que levantam fatos prosaicos à área da fantasia poética. Tais lendas enriquecem o folclore das nações.

Havia uma "Lucy Adormecida" que muitos de nós conhecemos, e muitos foram seus seguidores. Para ela, teria sido plausível e fácil a criação da figura do Capitão Kid atuando no vale. Ninguém é capaz de fixar o limite exato entre a realidade e a ficção.

Devo confessar que a história da "Lucy Adormecida" sobre o Capitão Kid era uma das razões pelas quais eu desejava escalar o "Pedra Branca". Eu poderia esquadrinhar, por entre as fendas das pedras, a existência de indicações onde os enterradores do ouro do Capitão localizaram o esconderijo. A miserinha de uns cem dobrões ou de um milhar de dólares seriam bem vindos às minhas mãos!... Como eu sonhava com isso!

A afirmativa do adágio, "erros acontecem até para as famílias mais nobres" foi confirmada numa tarde de verão em que vovó saía atendendo um chamado de vizinhos. Vovô ficara atendendo a casa, um dever que ele abominava e raramente assumia.

Era fato corriqueiro que a Sra. Hudson Shaw viesse à nossa casa pedir uma xícara de fermento por empréstimo. Empréstimo era o termo usado, embora nem a senhora Shaw nem vovó tivesse a mais remota idéia de que empréstimo significasse o retorno do fermento. A ficção só era admitida quando fermento fosse o objeto da transação. A chave inglesa ou a de fenda, quando emprestadas, voltavam mas o

fermento, não. Duvido que vovó suportasse o susto de, um dia, a sra Shaw entrar lá em casa com uma xícara de fermento dizendo: "Aqui está Sra. Harris, o fermento que levei emprestado".

Na oportunidade do fato em questão, era vovô quem fazia as honras da casa. Correspondendo gentilmente à solicitação ele apanhou o pote marrom de fermento da prateleira da adega e, inocentemente, removeu as amarras com as quais vovó mantinha a tampa. Houve uma explosão e a cabeça de vovô transformou-se numa bola de fermento, sem nenhum traço fisionômico! Sem compreender o que acontecera eu abri a boca no mundo, gritando como qualquer criança o teria feito, ao ver-se destituída do único avô que possuía. Prá falar a verdade, nós tínhamos nos desacertado, mas não era razão para que ele ficasse sem cabeça. Eu não sabia o que a Sra. Shaw tinha a haver com aquele espetáculo assustador e olhei-a cheio de suspeição. A Sra. Shaw era considerada uma velha senhora muito boa e era a mãe do meu professor,

Will Shaw, mas agora eu relacionava aquele susto com o fato de ela haver atravessado a, soleira da porta da nossa casa. Quatro touros e uma pantera não poderiam ter causado maior distúrbio ao sossego da nossa casa do que ela e a sua xícara de fermento o fizeram.

A primeira indicação que me veio de que vovô tivera um desaparecimento tão extemporâneo, foi quando aquela bola de fermento se voltou para a Sra. Shaw e eu pude ouvir claramente aquela exclamação tão familiar: "Ora, essa!" Aquela era a expressão mais próxima da profanidade, saída de vovô. Com meus botões eu tomei a exclamação como se a bola de fermento estivesse dizendo: "veja, sua vaca, o que você fez com esse aborrecido me empreste uma xícara de fermento! Que seja uma lição prá você, sua chata! Sempre tentei ser um bom vizinho e penso que o sou mas agora estou sentindo na pele a minha credulidade!"

Sei que se vovô tivesse tido esse pensamento ele ter-se-ia arrependido e envergonhado. De qualquer forma, eu afirmo que nunca mais soube que vovô pusesse a mão num pote de fermento e quando vovó manipulava algum ele sempre tinha um assunto urgente a atender lá fora.

Não acontecem grandes perdas sem algum ganho e, pois, a partir de então, senti que se estreitou a estima entre vovô e eu e passamos a nos entender melhor. Quando vovó voltou do seu chamado encontrou-me adormecido no colo de vovô, abraçado estreitamente ao seu pescoço. Eu não queria afastar-me dele, pelo menos enquanto vovó não voltasse. Quanto à Sra. Shaw passei a ter ganas de estrangulá-la se a visse cruzar o vão da nossa porta com uma xícara vazia na mão.

CAPÍTULO XVIII

Cupido e Baccho

Meus avós não eram dados a reuniões sociais. Os vizinhos visitavam vovó e ela "pagava" as visitas. Tia Lib Martindale visitava-a com frequência e vovó gostava muito que assim fosse. Lembro da figura corpulenta de tia Lib, oscilando vagarosamente e relatando as novidades que lhe chegavam aos ouvidos e quando vovó lhe dizia alguma coisa, tia Lib mostrava a sua atenção ejaculando um prolongado "ieeee". Se "ieeee" é uma contração gramatical, um substantivo, um pronome, verbo, advérbio, eu não sei mas que ouvi milhares de "ieeee", ah! Isso, ouvi! Tia Lib tinha, também, um hábito nervoso, um cacoete, de fechar repetidamente os olhos com força e abrí-los desmesuradamente, em seguida. Eu tinha vontade de perguntar-lhe a razão do cacoete mas evitava-o por respeito à vovó. Ela usava um chale sobre a cabeça quando vinha articular a casa Martindale com a nossa. Durante a visita o chale caía-lhe sobre os ombros cobrindo-lhe o pescoço.

Os feitos dos Fox, meus primos de Rutland, eram o objeto central da conversação quando tia Lib ia lá em casa. Parecia-me que todas as aptidões dos jovens de Rutland eram julgadas por vovó e tia Lib, na pesquisa de um pretendente para minha prima Mary, quando ela atingisse a idade de casar. Qualquer rapaz que apenas houvesse tocado a aba do chapéu, num cumprimento gentil à Mary, era apontado como pretendente em potencial e posto na lista para crítica ou elogios. Eu tinha um fichário mental, de "Quem é quem" da rapaziada toda e podia descrever um por um, se elas me perguntassem sobre as chances de captura pela prima Mary.

Um a um, vovó e tia Lib planejavam o casamento dos muitos filhos da família Fox. Punham um rapaz no negócio e outro na profissão, casavam as moças e traçavam-lhes distinguidas carreiras, enquanto eu, sentado num banquinho ao lado de vovó, julgava as conclusões a que chegavam.

Claro que havia erros nas considerações delas. O Joãozinho não seguiu os passos do pai e nem tornou-se doutor, como o conselho planejava; a fiel e sacrificada prima Matie, mais ou menos da minha idade e minha preferida, prolongou os votos conjugais para muito além de todas as esperanças.

Os erros de prognósticos enfraqueceram a minha fé na infalibilidade da estratégia do "conselho" mas eu me sentia dignificado por poder assistir às manobras. Era como assistir a uma partida de xadrez entre dois azes, considerando os meus primos como as figuras do jogo.

Conquanto os feitos e os projetos de vida das crianças Fox fossem o centro da conversa, eles não estavam desacompanhados. Alguns aldeões eram honrados com menção específica mas eu posso lembrar-me que tia Lib jamais elegeu qualquer outra mocinha da região, que não fossem Delia ou Mary, para serem assunto das suas conversas.

Para ela, no entanto, ficam meus agradecimentos por haver-me proporcionado a primeira noção de vizinhança. Da boa, da antiga vizinhança inconspicua pela afetação, que se prolonga por anos e anos com características cada vez mais solidárias.

Os vermontenses eram conhecidos pela sua frugalidade e no nosso vale havia alguns campeões. Entre eles a Sra. Abigail Soleridge, tia Abe, como o chamávamos. Tia Abe, certa vez, foi tomada por um reumatismo que a reteve na cama por alguns dias. Alguém aconselhou-lhe tomar salsaparrilha de Hood. Para fugir do preço mais alto do retalhista, ela comprou uma dúzia de vidros numa drogaria em Rutland. Por efeito da salsaparrilha ou outra causa qualquer o reumatismo abandonou-a logo em seguida.

Elisa Huntoon, sua vizinha, visitando-a, viu que ela tomava doses liberais do remédio, embora estivesse sassaricando como uma sirigaita. Perguntou a tia Abe: "Porque tomar remédio, se você já sarou, tia Abe?"

"Que sarei, sarei! Mas saiba que paguei 75 centavos cada vidro de salsaparrilha e você não vai querer que eu perca esse dinheiro todo! Ou vai?"

A casa vizinha, do lado sul da nossa, era do juiz Button, um cavalheiro educadíssimo que servira como juiz municipal em Rutland por muitos anos continuando, não obstante, a morar em Wallingford. Durante os últimos anos de vida foi juiz de paz em Wallingford. Cabiam-lhe as pequenas causas de má conduta e os julgamentos, às vezes, eram diversão para nós, meninos. As causas mais comuns eram oriundas de bebedeiras e brigas e os participantes eram quase sempre os mesmos.

Bob Rutherford era um dos figurantes mais assíduos. Ele jogava baseball, como apanhador, e nisso era bom quando estava sóbrio e podia ver a bola. Tinha suas excentricidades, que se manifestavam tanto por bem quanto por mal. Certa vez ficou doente e um amigo aconselhou-o a tomar uma colher de biter Hostever. Bob raciocinou que, se uma colher fazia algum bem, muitas colheres o fariam muito mais e... foi ao fundo da garrafa. Pensamos que ele ia morrer mas, quanto, mais ele tomava, mais risonho ficava, e quando ele acabou tomando de sobrecarga, quase meio quilo de mel que comprara, concluimos que ele só morreria se alguém o matasse, o que muitos gostariam de fazer.

Todos os meses, ou de dois em dois meses, Bob se sentia próspero. Tomava uma moringa e ia para a fronteira do Estado de Nova York, à vinte e cinco milhas (40 quilômetros), onde os peregrinos, ressequidos na proibição de bebidas alcoólicas de Vermont, costumavam mitigar a sede. Na volta, Bob iniciava, o trajeto com a moringa cheia e o "caco" vazio mas terminava-o com a moringa vazia e o "caco" cheio. Embora a legislação de abstinência fosse frequentemente violada, havia muito mais ordem e limpeza nas cidades de Vermont do que nas dos Estados limítrofes. Os estaduanos novaiorquinos, das cidades limítrofes, se queixavam que não as podiam conservar limpas e em ordem porque eram freqüentadas pelos vagabundos de Vermont.

O juiz Button, que presidia a corte de justiça, era surdo e solene. As testemunhas tinham que falar alto, quase gritando, especialmente os acusados e seus advogados. Não havia advogados formados mas os senhores Elija Brewster e Charles Congdon funcionavam como tal.

Elija Brewster era apontado como um dos nossos mais distintos cidadãos. Era um homem versátil, misto de fazendeiro, capitalista e político. Durante as campanhas políticas ele se mostrava muito influente e, para, as comemorações da independência, era considerado indispensável. Para usar a gíria, Elija Brewster podia "fazer uma água cantar". Sob a sua firme liderança, podíamos repetir todas as passadas batalhas que tivéramos.

Muito enfronhado nos eventos da revolução, pouco sabia, no entanto, sobre a guerra civil. Todos os que o ouviam o consideravam um extraordinário guerreiro e lastimavam que ele houvesse nascido tão cedo para lutar numa das guerras, e tão tarde para fazê-lo na outra. Seus discursos eram inspirados e faziam a gente inchar, crescer até quase estourar. A gente sentia que os EUA podiam vencer, facilmente, todas as nações do mundo reunidas. Que um americano valia por dez cidadãos de qualquer outra nação. Que o mundo era só os EUA. O resto das nações nada valiam.

Aprendíamos também que a América sempre esteve estritamente correta e que seus oponentes sempre estiveram errados. Quem pensasse ao contrário era um traidor do seu país. O que aconteceu para que o nosso país se tornasse um paradigma de virtudes é assunto para conjecturas. O Sr. Elija se baseava em fatos e não em teorias. O que ele dizia era a verdade integral. Ninguém que amasse a sua pátria poderia deixar de reconhecer a sua infalibilidade em todas as coisas.

Não sei qual dos dois, se o Sr. Brewster ou o Sr. Congdon, tinha mais conhecimentos da lei. Na verdade a crença geral era que nenhum dos dois tinha tanta profundidade de conhecimentos quanto o Juiz Button, surdo como uma porta. No entanto, tanto Brewster como Congdon pareciam muito competentes mas tudo podia modificar-se quando o juiz Button subisse à tribuna.

Surdo ou não, o juiz sabia separar o trigo do joio. Quando Elija Brewster subia à tribuna, sua voz tremia de emoção e ele gesticulava num agônico frenesi. Tenho a impressão que Brewster levava alguma vantagem agindo assim. Muitas vezes nos fez verter lágrimas. Mas eu sentia que ele poderia moderar o trêmulo da voz, quando se manifestava por Bob Rutherford e que seria preferível dar-lhe uma garrafa de bitter e um pouco de mel.

Bob, depois de uma luta, parecia um bife bem batido mas se sentia mais animado depois de ouvir Brewster falar e chorar por ele. Embebedar-se e brigar eram, ao que parecia, as únicas rasões espirituais de Bob. Ele jamais ia à Igreja, nem mesmo às tardes de sexta-feira, para as orações na capela pequena. Provavelmente as explicações teatrais que Mr. Brewster dava sobre o moral das brigas de Bob também nos convenciam. Excetue-se apenas o Sr. Congdon. Era, este, um veterano e não se deixava levar por tais cenas. Ademais ele estava do lado oposto e fazia questão de mostrar que não acreditava numa única palavra de Mr. Brewster e que o considerava um réles rábula.

O Juiz Button ouvia paciente e respeitosamente as advogados e testemunhas. A só presença do Juiz impunha um caráter de dignidade nas sessões da corte de Wallingford.

Ninguém, sequer, pensava de falar alto ou rir e todos, automaticamente, se descobriam na pequena sala. O juiz jamais deu quaisquer ordens, que eu me lembre. Todos, instintivamente, procuravam comportar-se como ele durante as sessões da corte.

Boas ou más as coisas têm um fim e, passado algum tempo, venceu-se o mandato do Juiz Button. O bom e reto juiz deitou-se, certa noite, cansado, e nunca mais levantou. Correu um frêmito de tristeza quando circulou a notícia da morte daquele homem.

As portas do pequeno tribunal se fecharam temporariamente e o povo pode sentir o quanto ele significava para a vida comunitária.

Tenho a impressão que até Bob Rutherford sentiu falta do tribunal. Que fosse o costume de beber e brigar a razão de reabrir-se a corte, não se deve nem pensar. Isso seria tarefa insignificante para um artista competente e temperamental como Bob realizar sozinho. Edwin Booth, Joe Jefferson e Nat Goodwin, reunidos, não se igualavam a ele.

Não havia delegado residente em Wallingford mas o Sr. Harvey Congdon, irmão de Charles Congdon, fazia esse papel. Quando vagabundos entravam na cidade o que se tinha de fazer era procurar o Sr. Harvey Congdon. Era velho, magro e tinha os pés virados para dentro mas, mesmo assim era, o melhor jogador do "boche" de Wallingford. O reverendo Archibaldo, ministro batista, era o segundo.

Onde quer que Harvey apanhasse um vagabundo ele costumava dizer-lhe: "Fique longe de mim". Não havia preliminar: dito isso ele tomava o indivíduo pelo braço e punha-o pra fora dos limites da aldeia. Antes de largar o preso olhava-o, firme e longamente, nos olhos, como se estivesse gravando as suas feições para um próximo encontro. Dava resultados: o indivíduo não voltava mais a Wallingford.

Harvey tinha o hábito de cuspir repetidamente, quando se agitava. Nós, o povo da aldeia, o conhecíamos e não nos importávamos com aquilo e, também, a maior parte da gente mais fina o desculpava. Nunca vi o Sr. Harvey praticar exercícios de cuspir que pudessem levá-lo a ser chamado de "artilheiro" mas, estou certo, quem não o conhecia e o via cuspiendo a direita e a esquerda, tratava logo de por-se fora do seu raio de alcance.

O pessoal de Clarendon dizia que o Sr. Congdon espantava mais vagabundos do que todos os policiais destacados no município. Em Vermont os policiais eram relativamente tolerantes mas os mendigos tinham que admirar bem depressa as belezas turísticas da nossa região e zarpar.

CAPÍTULO XIX

Uma Lamentável Tragédia

A lagoa da raposa não poderia existir sem oferecer oportunidades para algumas tragédias. Uma das mais bonitas moças de Wallingford e das mais virtuosas, encontrou a, morte nas águas da lagoa. Ela era muito mais velha que eu e tinha estreitas ligações com a nossa família, pois morara, tempos atrás, com minha avó. Naquela época era usual, na Nova Inglaterra, que moças das mais educadas famílias fizessem os trabalhos de casa se não houvesse outra ocupação. A sua posição social não era afetada com isso. Pelo contrário, isso era considerado, além de digno, um auxílio financeiro à família.

Nancy era uma esbelta morena de olhos negros com atributos de alcançar qualquer posição que aspirasse. Era admirada por todo o povo da aldeia, tanto pelos jovens como pelos adultos e velhos e uma sombra desceu sobre a comunidade, com o seu desaparecimento. Psicótica, ela sofria profunda depressão e certa noite levantou da cama, esgueirou-se sorrateira, pelo mato até a lagoa - local de tantos piqueniques felizes - e, com a mais fria determinação, deixou-se afogar numa profundidade não maior que a altura dos próprios joelhos, onde na manhã seguinte, foi facilmente encontrada morta.

A perseverança com que Nancy perseguia a morte foi assunto de conversação por muitos anos. No entretanto, só se ouviam palavras de lástima, jamais de condenação. Foi uma perda sentida no vale, pois Nancy fora muito querida. Era uma história triste que a comunidade recordava consternada: o desaparecimento de um a um da família. Primeiro o pai de Nancy, depois a mãe, em seguida o irmão, atacado de tuberculose. Nancy concentrou toda a sua capacidade de afeição na sua irmã mais moça, Lizzie.

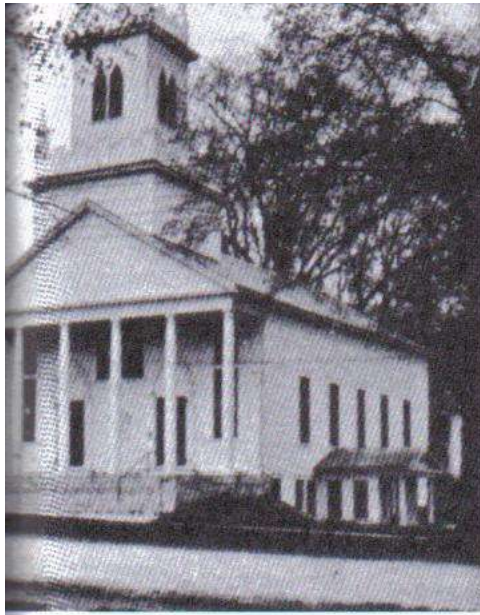
Na nossa comunidade a vida social era muito restrita. A maioria dos jovens saía dali a procura de melhores oportunidades. As duas moças Gleghorn conseguiram empregar-se, como outras, jovens educadas o faziam, em Nova Inglaterra, na fábrica de camisas de Troy, New York, sessenta milhas ao sul.

O trabalho, ao lado de estranhos era sacrificante mas as moças necessitavam ganhar a própria vida. No entanto, mesmo trabalhando longe, elas tinham oportunidade de vir à casa periodicamente.

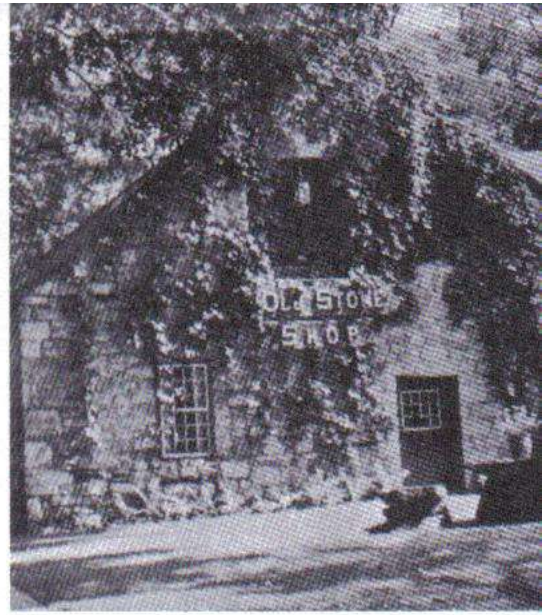
A parceria foi, porém, quebrada, quando Lizzie passou a tomar conta da casa de uma vizinha muito idosa, enquanto Nancy ficava só, em Troy. Frank Miller morreu deixando em testamento tudo o que possuía para Lizzie. Nancy sentia-se feliz com a boa sorte da irmã. Lizzie, então, casou-se e Nancy viu-se só na vida. O seu último amparo emocional se fora. Isso foi mais do que ela podia suportar. Não havia mais razão para viver. Ela sempre quis sentir-se útil, para viver. Agora, tudo se esvaira. Não havia, mais finalidade para a sua existência. Por isso, dera-se aquele triste e lamentável fim.

As histórias da migração de jovens ambiciosos para o oeste são plenas de incidentes românticos e interessantes. Eles deixavam aldeias e fazendas, pelo desconhecido, armados só de bons princípios e vontade de trabalhar. Enquanto viajavam eram alentados pela esperança do sucesso e a determinação de prestar contas tão somente a si próprios. A poucos passava pelo pensamento, mesmo face ao exemplo de Nancy e Lizzie, que partiam para tornarem-se troncos de nova família. Em raros casos, as mocas da Nova Inglaterra, corajosas e determinadas, assumiam a iniciativa de ir para o oeste. Algumas que, por si próprias, assumiram a independência, tornaram-se professoras e poucas regressaram. Certa vez um migrante, que foi bem sucedido no oeste,

carregou um navio de moças casadoiras de ao redor do Cabo Horn para Portland, Oregon, as quais levavam a esperança de encontrarem prontamente bons maridos. N'outra oportunidade, o fundador de uma rede de restaurantes do sudoeste publicou um anúncio, convocando moças que quisessem estabelecer residência definitiva no oeste. Este empregador de centenas de moças, provavelmente contra os seus próprios interesses, auxiliava-as a conseguir casamento sempre que lhes aparecesse oportunidade. Ser empregada, como garçone, numa das excelentes casas de pasto ao longo da linha de Santa Fé, bem logo



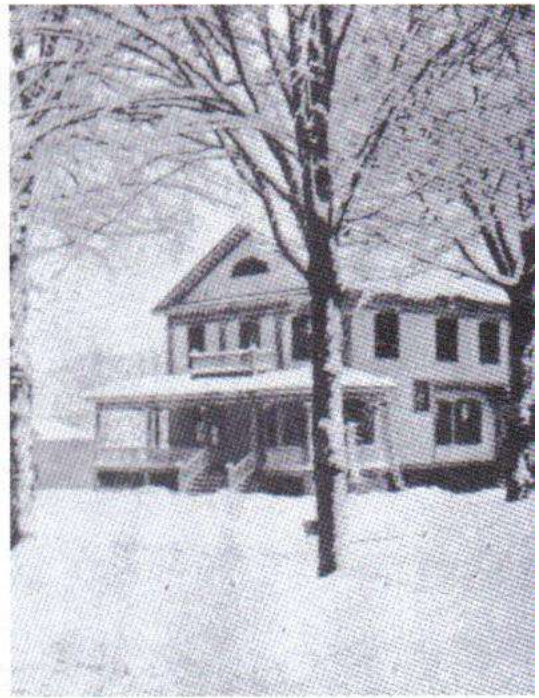
The Congregational Church attended by the Harrises.



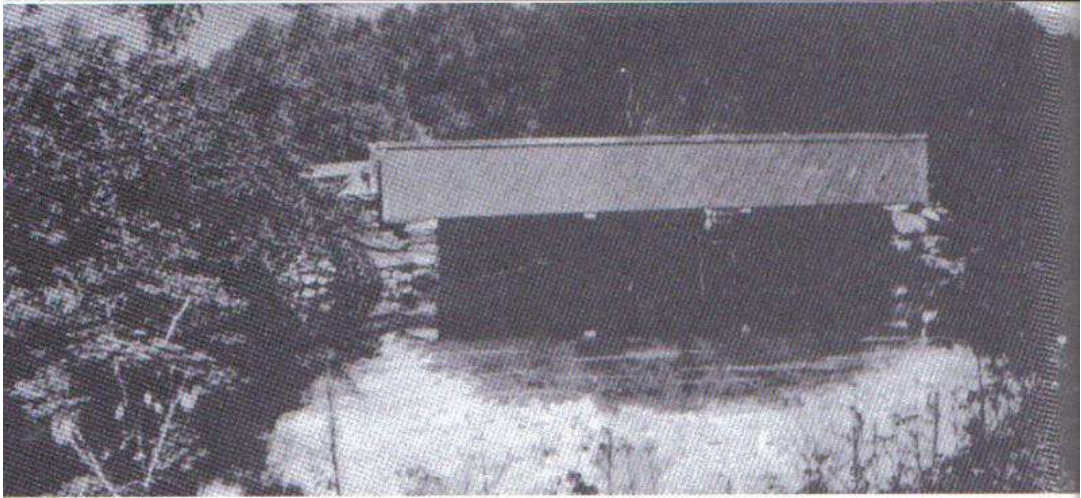
The Old Stone Shop for 100 years the home of various industries; now a tea room for tourists along the Ethan Allen Highway.



Winter snow storms created a new fantastic world for small boys.



A late March "sugar snow" — sap buckets on maple trees.



The old swimming hole of tender memories where naked youngsters startled and shocked prim and proper grown folks.

The 1885 freshman class football team at the U. of V. Original now hangs in the University gymnasium. Paul is at the extreme left of the picture.

Photo by H. R. Stevens, Burlington, Vt.



passou a ser um seguro satisfatório de respeitabilidade e, daí muitos bons casamentos se conseguiram. Se a encantadora Nancy tivesse conhecimento de tais oportunidades ela, provavelmente, não se teria afogado.

Não haveria melhor dona de casa nem melhor mãe do que Nancy.

Em caso de haver quem não conhece o significado de "moça alugada", naquela época, eu posso assegurar que não é o mesmo que o das cidades, hoje. Era uma criatura, sem nenhum sinal de servilidade, junto à família. Não havia nenhuma discriminação para, ela à mesa ou em outro qualquer lugar da casa. Era como se fosse membro da família. Sentava à mesa, após posta, e servia-se de tudo o que havia; passando e solicitando os pratos de que a família se servia. Aí, ainda, ela podia derramar os petiscos das fofocas, que colhia na comunidade com admirável abundância.

Tinha alto sentido de dignidade e não se curvava a ninguém e em nenhuma circunstância. Por exemplo: certa vez uma senhora pediu a sua "Biddy" que usasse uma touca e um avental para servir uns hóspedes distintos da cidade. "Biddy" respondeu prontamente: "a senhora quer me fazer de palhaço? Por que a senhora não põe essa touca ridícula e esse aventalzinho bobo? Eu, Bridget Moriarety, é que não me submeto a isso!"

Uma empregada doméstica de hoje é tão parecida com a daquela época como um cavalo alazão a é com um cavalo zaino. A nossa Mary e a Mira dos Stafford tinham um programa. Reuniam-se todas as noites para trocar fofocas. A seleção destas dava tempero aos assuntos comentados à mesa. Nunca faltavam assuntos na conversa da nossa mesa e, tanto Mary como Délia, contribuíam generosamente com eles.

A fidelidade à Igreja Congressional e ao partido republicano não as levava à prática de princípios específicos.

Lembro-me, sempre, que jamais deixamos de ter em casa uma moça irlandesa católica e que o Sr. Winne trabalhava na nossa horta. Contudo, eu jamais ouvi meus avós se referirem, em termos contrários, aos católicos, judeus ou democratas ou a quaisquer outras crenças religiosas ou políticas.

Aprendi, muito cedo, a manter entendimento mútuo e respeitoso com a empregada lá de casa dos meus avós. Entre outros acordos tácitos havia, o que, de certa forma, me favorecia, pois as minhas particularidades privadas eram muito mais numerosas e mais reprováveis. Quando vovó manifestava dúvidas a respeito de assuntos do nosso comum conhecimento eu não tinha muito o que temer. Bastava uma piscadela, à mesa, e estava selado o acordo de mútua proteção.

Quando, por acaso, eu entrei de repente na cozinha e apanhei Délia sentada no colo de Pate, seu namorado e marido em perspectiva, eu me escondi rápido, guardando comigo o trunfo, para qualquer ocasião necessária no futuro.

Que recordações gostosas são estas! Sinto pulsar meu coração ao lembrar-me da rígida observação das pequenezas dos nossos tratados tácitos e nem mesmo conversados, quanto mais escritos! Por mais que Délia e Mary vivessem eu jamais me referia a elas lembrando-lhes obrigações dos serviços de casa. Elas se tornaram mães e avós más eu jamais as considerei empregadas. Eram membros da nossa família.

Embora nunca tivéssemos empregados que sentassem à mesa conosco, tenho conhecimento de que esses eram, também, homens independentes, de caráter. Não trabalhavam meramente pelo salário. Faziam-no para cumprir um compromisso assumido. Peça a um empregado da Nova Inglaterra para transferir um monte de pedras de um lugar para outro e ele o fará de boa vontade. Peça-lhe que as traga de volta e ele o fará resmungando. Peça-lhe para repetir o transporte e ele o deixará falando sozinho. Para tratar com ele será necessário fazê-lo, sempre, com bom senso. Os homens da Nova Inglaterra não gostam de desperdiçar tempo, dinheiro ou energia. Talvez seja por isso que seus asilos permanecem mais ou menos vazios.

É de supor que deveria haver um asilo, oficialmente, no nosso município mas não me lembro de haver conhecido um asilado. Os habitantes da Nova Inglaterra sempre tiveram ojeriza pela indigência e a admitem só quando ela decorre de causas inevitáveis. As leis da maioria dos Estados da Nova Inglaterra

não reconhecem os direitos civis dos indigentes, provavelmente baseadas na teoria de que, incapazes de dirigir seus destinos, não poderiam, também, oferecer quaisquer contribuições ao Estado.

Antigamente, na Nova Inglaterra, era prática comum leiloar os serviços de indigentes. O indigente, a troco da sua manutenção, ia trabalhar para quem oferecesse por ele o maior preço. Uma certa porcentagem dos cidadãos incapazes de dirigir-se por si próprios era solicitada a trabalhar e, experimentada a sua capacidade, com boa dose de preocupação, transferida a carga, dos seus ombros para os de outros mais capacitados, caso necessário.

Tudo saía bem quando os empregadores eram conscienciosos. Com os maus, o processo passava à escravidão. E, diga-se de passagem, os empregadores de indigentes em Nova Inglaterra nem sempre eram bons. Havia, porém, na Nova Inglaterra a repulsa pelo instituto da escravidão. Repugnava a submissão, aos homens e mulheres nascidos e criados nessa região dos U.S.A., a qual era chamada de "berço da Liberdade".

O único caso de trabalho indigente de que eu tive conhecimento no vale era o de Nathan Remington, cujos serviços eram contratados com Alfred Hull e continuaram até as mortes deste e da esposa.

Não havia muita mão de obra disponível aos fazendeiros. Estes, geralmente, executavam todo o serviço das suas fazendas auxiliados tão somente pela própria família. Apenas, na época da fenação, tomavam eventualmente serviço assalariado.

Quando um cidadão necessitava alguma mão de obra, podia encontrar. Havia alguns homens mais maduros que não tinham ocupação regular e que se sentiam contentes com oportunidades de ganhar algum dinheiro.

O Sr. Winne trabalhava sempre alegremente com vovô e Randall Nourse ajudava permanentemente o Sr. Ed. Martindale. Randall morava de graça no porão de Afonso Stafford, que o protegia. Randall pertencia à classe dos cidadãos de Wallingford que viviam, dignamente e respeitados, com uma renda muito pequena. Era a personificação da frugalidade de Vermont. O Sr. Justin Bacheller era o único cidadão que tinha um empregado efetivo. Ele era proprietário de cavalos de linhagem e John Catle era um tratador perito e dedicado e, na sua relação com o patrão, não havia traço de servilidade. Era, também, um cidadão da nossa comunidade.

CAPÍTULO XX

Uma Família Unida

Os hábitos de vida na família de meu pai costumavam estar, sempre, em franca ebulição. Parecia venturoso quando vovô comprou-lhe outra "drug-store". Era na cidade de Fair Haven (Céu Alegre), a cerca de 40 quilômetros de Wallingford. A família se reuniu novamente numa boa casa que vovô comprou. Tudo parecia bem. O entusiasmo e o otimismo de papai eram sem limites. Fomos recebidos entre os líderes da cidade e nós, crianças, passamos a frequentar a escola dominical, na igreja, e fomos matriculados na escola.

Papai trabalhava bastante e, durante os seus lazeres, permanecia com a família. Nas tardes de domingo ele nos reunia ao redor do piano que vovô dera a minha mãe. Papai dirigia o canto, embora ele não conhecesse nada de música. Sua voz de baixo não entoava, nem modulava. Mais parecia com o ruído de uma caixa surda. No entanto, ele não se dava por achado e, de temperamento exuberante como era, regia como se soubesse fazê-lo. Quando não sabia a letra do hino, costumava improvisar. Quando começava um hino, ninguém sabia quando terminaria, pois ele adorava causar efeito sobre mamãe. Por exemplo, ele cantaria:

As frustrações da minha vida foram muitas
Os meus pecados o foram mais
Mas, graças a Deus, eu não sou santo .

Sendo, a última linha, seu improviso, ele a cantava com redobrado entusiasmo.

É exato, papai. Você nunca foi santo. Sua relação de amigos continha criaturas das mais diversas condições e você foi sempre tão livre de preconceitos religiosos e políticos como, eu jamais conheci outro exceto, talvez o seu pai, meu avô, de quem você e eu herdamos tolerância. Outra coisa sobre você, meu querido pai, que ocorreu muito: depois de eu haver deixado Vermont; ainda guardo carinhosamente, na memória. Refiro-me ao período final da sua vida, em Denver. Mamãe estava aniquilada. Cega e parálitica, ocorreu, então, a grande mudança da sua vida: você a assistiu com a maior ternura, durante os seus últimos anos de vida, carregando-a nos braços para a cama e para a cadeira de rodas; alimentando-a pacientemente, às colheradas; murmurando-lhe palavras carinhosas e de consolo! Como foi grande o seu desespero quando ela morreu! Como você encarou com bravura a sua solidão, naqueles últimos anos em que a ela sobreviveu!

Papai tentou ser parcimonioso, quando retomou a vida em Fair Haven. Ele imaginou um sistema de trocas. Trocava charutos por fígado, língua e bucho, que considerava petiscos. O Sr. Powel, fumante inveterado, aceitava a barganha, já que, como açougueiro que era, quase não tinha outros fregueses para tais vísceras. Papai procurou estender o sistema. Tomava em aluguel cavalos e carruagens do Sr. Hyde, dono do estábulo, mediante dez por cento do pagamento em charutos. Fizemos muitos lindos passeios de carro, aos domingos, nesse sistema de barganha. Ele oferecia trocar charutos por qualquer outra mercadoria, mesmo que dela não se servisse prá nada. Parece que não se dava conta de que os charutos também lhe custavam dinheiro.

Com o correr do tempo a família aumentou. Vieram outros filhos, Guy, Claude e Reginald. Tia Sue, que veio morar conosco, preocupada com o aumento dos filhos de mamãe. Guy morreu muito criança. Claude morreu a serviço da sua pátria, nas Filipinas, no final do século. Reginald sobreviveu. Tornou-se membro da Universidade de Wyoming, serviu no exército durante a primeira grande guerra, e agora, mora na Califórnia.

Papai cultivava o quintal, durante a estação quente e colhia bom suprimento de batatas, uvas, morangos, trocando idéias, de quando em quando, com o padre católico que morava ao lado.

O produto do quintal barateava bastante a despesa da casa.

Enquanto papai cuidou da "drugstore" e mamãe atendeu a casa as coisas correram a contento. Mas papai cedeu às suas fraquezas, de querer tornar-se inventor e mamãe passou a tomar empregadas domésticas e dar lições de piano, dirigir o coral da Igreja. Então, tudo veio abaixo. Chegamos ao extremo de não termos o que comer!

Meu avô previu o desastre e chamou a atenção de papai. Este sorriu indulgentemente, certo de que o velho já estava caduco. Inventou um veneno contra o besouro da batata para substituir o verde-paris. Batizou-o de "púrpura londres" mas o verde-paris continuou sendo o preferido. Inventou, também, um preparado a que deu o nome de flor de agosto e, como não dispunha de cabaia para experimentá-lo, passou a experimentá-lo em nós, as crianças.

As suas experiências com produtos químicos resultaram em muitas explosões, suficientes para abrir buracos em suas roupas ou manchá-las, tornando-as irre recuperáveis. Repetiu-se a tragédia de Racine. Foi como se meus pais não houvessem aprendido nada com o passado sofrimento.

Nós três, os filhos mais velhos, estávamos freqüentando a escola. O diretor era um sujeito alto, seco, anguloso de olhar malvado. Chamava-se Ichabod Spencer. Nunca assumia a postura ereta. Tinha o andar mole e bambo, que dava impressão de estar se preparando para saltar sobre alguém, inocente ou culpado. Sua atitude inspirava terror à criança. Era um detetive nato e ansiava, sempre, farejando pela sala. Usava um paletó preto e calças com joelheiras salientes, ensacadas. Não me lembro de haver visto vestígio de sorriso em sua face. O castigo corporal era permitido, naquele tempo, nas escolas públicas e Ichabod Spencer demonstrava ter prazer de aplicá-lo. Havia muitos cômodos no prédio, ao lado da sala de aula, onde ele poderia saciar a sua malvadez fora das vistas e ouvidos das crianças mas ele gostava, mesmo, era de praticá-la brutalmente, assustando as crianças inocentes e tímidas. Certa vez um dos alunos assustou-se a ponto de desmaiar. D'outra feita, um menino se impressionou tão profundamente que, durante uma semana, não pôde suportar alimentos no estômago.

Para as faltas mais graves era costume encaminhar o aluno para o professor Spencer, que aparecia, sempre, com alacridade, portando o seu costumeiro chicote de couro cru. Havia um menino gaulês, no nosso departamento, que se chamava Harry Parry. Era incorrigível. Para ele o professor Spencer não gastava muita fala. Apenas duas frases: "Harry Parry, venha cá na frente" e "tire o paletó". Então, em meio aos gritos do rapaz, o professor Spencer saraivava chicotadas sobre ele, enquanto a.gurizada, pálida, tremia nas suas carteiras.

Se Charles Dickens, antes de escrever o seu "Nicholas Nickelby", tivesse conhecido o professor Spencer, este teria sido retratado como personagem Wackford Squeers. O professor Spencer era a encarnação do imortal diretor da Dotheboys School e Harry Parry seria o equivalente ao pobre Smike.

Desgraçadamente a Nova Inglaterra não teve um Charles Dickens profligando o abuso de autoridade nas escolas, para que os métodos educacionais tivessem sofrido grandes mudanças em ambos os lados do Atlântico.

Minha experiência na escola dirigida pelo professor Ichabod Spencer foi para mim, a "gota d'água". Eu fora capaz de suportar a falta de direção e a má conduta dos costumes na casa de meus pais. Mas a permanência na escola do professor Spencer não foi possível! Estava além da minha capacidade.

A nossa casa em Fair Haven não subsistiu. Papai e mamãe mudaram-se para o Colorado, onde permaneceram até a morte. Mamãe em 1920 e papai em 1926.

Meu lar em Wallingford ainda estava aberto pra mim e pela terceira vez eu me refugiei lá, na sua calmaria. Minha experiência em Fair Haven aumentou, de muito, a minha solidariedade a vovô, na tristeza que o envolveu nos seus últimos tempos de vida.

Eu percebia, preocupado, as dolorosas impressões que as cartas de meu pai produziam em vovô. Ao lê-las, ele abandonava-se, sentado na sua cadeira de braços, por horas, suspirando tristemente.

O amargor da sua postura doía fundo em minha alma, embora eu fosse um guri irrequieto e traquinas.

De quando em quando vovô e eu trocávamos confidências. Eu era, sempre, quem as provocava. Embora ele jamais me dissesse o que; sentia, eu notava-lhe o olhar impregnado de ternura.

À medida que ele envelhecia, aumentavam as dificuldades de certos autocuidados. Pedia-me, às vezes, que lhe barbeasse e eu o fazia o melhor que podia. Outras vezes, pedia-me que lhe ajustasse as calças. Não me lembro que ele me houvesse pedido para executar qualquer tarefa doméstica mas, certa vez, o vi entrando em casa, sem acabar a remoção da grande camada de neve que se acumulara no caminho. Esgueirei-me, então, por trás da porta, apanhei a pá onde ele a deixara e removi o monte de neve que restara e fui, para disfarçar, correndo ao correio.

Um dia, como eu estivesse sentado ao seu lado, ele me disse que não poderia esperar permanecer conosco por muito tempo. Perguntei-lhe "até quando?" Respondeu-me: "No máximo, dez anos": Fiz-lhe, então, a pergunta:

Você gostaria de viver mais, vovô?

Oh! sim. E muito! Respondeu-me, em tom de resignação.

Assim é com os homens e com todas as criaturas, desde o menorzinho dos insetos até o maior gigante dos mares. Todos agarram-se à vida. A providência fez indesejável o abandono deste mundo!

Eu imagino, sempre, como o moribundo encara a morte. Será que ele a vê tão terrível e indesejável como eu a vejo? Vovô nada teria dito se eu não o tivesse levado a tanto. Se eu não fosse de natureza tão impulsiva, e tão curioso, teria percebido que não contribuíra em nada para abrandar as tristezas de vovô. Mas eu era apenas um menino de boa índole, inclinado a brincadeiras, traquinadas e outras infantilidades.

A despeito dos meus estouvamentos e freqüentes traquinadas, vovô demonstrava terna afeição para comigo. Um dia, quando Mary Foley estava na cozinha bom suas louças e panelas, vovô comentou: "Esse menino marcará sua existência".

Muitos anos depois da morte de vovô, chegou a mim um pequeno e bem conservado caderno que continha resumos da situação financeira dele a cada 1º de janeiro, de 1826 até 1888, ano em que faleceu. Sem data, numa das páginas, estava escrito "para mamãe" e "Paulo". Era, um testemunho eloqüente da sua determinação e auto sacrifício em favor dos seus entes queridos.

Vovô era homem calado. Pensava mais do que falava. Muita gente que conheci falava muito sem pensar. Com vovô isso não acontecia. Demorava até para responder "sim" ou "não" e, antes de pronunciar essas palavras havia alguns pigarros e murmúrios e, emitidas, vinham amparadas em "talvezes" e "poderes" que soariam mal vindos de outra pessoa. Percebi, muito cedo, que usava essas palavras e gestos para prevenir aborrecimentos, se as suas afirmativas ou negativas estivessem erradas. Era como se estivesse experimentando os freios, antes de se lançar num declive.

Quando alguém passava a conhecer bem vovô, tomava os seus "sim", ou "não" como definitivos, não importando o número de "pode ser", "talvez", "possivelmente" acompanhantes.

Apesar de não serem cuidadosos no falar, como vovô, os vermontenses eram mais ou menos calados. Não podemos esquecer o clássico episódio entre Silas e Obadiah! Silas estava experimentando seu novo automóvel e, por má sorte, atropelou Obadiah. Consternado, parou e perguntou: "Eu te machuquei, Obe?" Este, limpando o pó da cabaça. e dos braços, respondeu: "Eu poderia responder que você me acariciou, Si?"

A maioria das crianças têm oportunidade de aprender com os ensinamentos e exemplos dos pais. Poucas têm dos avós. A maneira de pensar dos pais passa aos filhos. Eu me considero afortunado por ter tido o privilégio de escolher entre os métodos ordenados e prudentes dos meus avós e os desordenados e imprudentes dos meus pais. Eu jamais teria apreciado tanto a casa dos meus avós, se não tivesse vivido, também, na casa dos meus pais.

Um meu amigo dileto costumava dizer que todo o lar bem equilibrado deveria ter uma refeição diária em que os membros da família pudessem discutir os planos de futuro e os eventos presentes. Ele afirmava que as refeições, com esse rito, são extraordinariamente edificantes.

O nosso jantar era a refeição ritual, se se pode chamar refeição um simples repasto. Era durante o jantar que os assuntos de família eram resolvidos. Vovô, sentado na sua cadeira de braços, cortando transparentes fatias de queijo duro ou quebrando uma rosquinha. Era quando emitia os seus mais eloquentes epigramas.

Já mencionei, antes, o desusado tamanho dos seus polegares. As más línguas caçoavam que ele usava os polegares para quebrar barriquinha de melão. Era tudo calúnia! Aqueles grandes polegares eram voltados só para o bem e os seus movimentos infundiam eloquência e liderança.

CAPÍTULO XXI

Uma Briga sem Palavras

Vovô, pelo seu notório senso de tolerância e temperamento de não falar mal de ninguém e de nada, deveria estar resguardado de malquerenças de quaisquer dos seus vizinhos, e, de modo geral, o estava. A mais grave queixa, que se poderia ter de vovô, era a sua pouca participação nos acontecimentos da comunidade. Sua incapacidade de expressão, mesmo para emitir as suas mais arraigadas convicções, era a razão pela qual ele transferia aquela função aos que gostavam de falar. Como, por exemplo, o Sr. Joel Ainsworth, que estava sempre pronto a emitir suas opiniões sobre quaisquer assuntos públicos, quer amadurecidas, quer improvisadas.

Vovô cumpria com todas as exigências legais, desde que não precisasse falar. Ao primeiro sinal de debate, se afastava em silêncio. Em outras palavras, ele tinha horror a controvérsias de qualquer espécie.

Com tal mentalidade, parecia ser a última criatura do mundo a tomar parte numa inimizade. No entanto, ele teve uma inimizade iniciada antes da minha chegada à sua casa e jamais terminada. O seu oponente? A pessoa com quem mais ele deveria viver em paz: o seu vizinho de porta, a quem chamávamos tio Ed, marido de tia Lib.

Desafortunadamente, tio Ed era, também, um sujeito calado, avesso a controvérsias. Se essas duas valorosas figuras fossem capazes de discutir ou de agir, a briga teria acabado em morte mas isso jamais aconteceria. O fogo esteve aceso por mais de meio século mas nunca queimou ninguém.

Vovô encontrava-se com tio Ed quase diariamente na rua mas passavam como se não se conhecessem. Vovô e tia Lib, em constantes relações, especulavam, às vezes, as causas da inimizade mas nunca chegaram a elas. Certa vez tia Lib falou: "Como é que isto pode acontecer!? Edwin deve tudo o que tem ao Sr. Harris". Mas mesmo vovô e tia Lib nada puderam conseguir em favor da conciliação. Nem vovô nem tio Ed pronunciavam, um, o nome do outro. Tio Ed, às vezes, aventava seus problemas para papai ou para mim mas nunca se referiu a vovô.

Ambas as famílias se supriam de água na mesma nascente e o mesmo cano servia as caixas das duas casas. Às vezes o conduto furava e faltava água e tanto tio Ed como vovô se apressavam a localizar a falha. Nessas ocasiões eles eram forçados a trabalhar juntos e era admirável como se entendiam, sem trocar uma palavra. Terminada a operação cada qual reunia a respectiva ferramenta e se recolhia em silêncio. Tio Ed, às vezes, cuspiu como se estivesse sentindo um gosto mau na boca. Eu até achava que tio Ed teria prazer de dar umas pancadinhas com o pé de cabra ou com o olho do machado na cabeça de vovô. Mas isso seria contra lei e os vermontenses são respeitadores irreprocháveis da lei.

Embora vovô fosse amigo de não falar, às vezes ele se permitia quebrar o próprio silêncio. Durante uma das nossas conversas ao jantar, vovô perguntou se ele havia lido um certo artigo sobre "O tipo de vida americano" no "Springfield Republican". Ele respondeu: "Sim, já li inteirinho, palavra por palavra, e quero que Paul o leia".

Calou-se aí mas por certo teria continuado, se vovô não interferisse:

"Estou vendo que você gostou, pelo jeito que falou.

Vovô respondeu pensativamente:

"Sim. Gostei e não creio que haja um americano que não goste. Acredito que todos apreciamos os nossos privilégios mas não sabemos bem porque os apreciamos. O "Republicano" nô-lo explica. É felicidade a vida num país que admite a igualdade de oportunidades para todos. O "Republicano" nos conta que há países que só admitem o contrário disso, cultuado a injustiça dos privilégios de classes. Em tais países alguns podem educar-se e outros não e, naturalmente, uns poucos constituem a classe dirigente. Na América eu acredito que as benesses da educação são estendidas a todos os que as querem, proporcionando oportunidade de todos participarem dos assuntos governamentais e, assim, não se criará uma classe dirigente".

Em seguida, voltou-se para mim olhando-me inquisitivamente e falou:

"É por isso Paul, que eu quero que você tenha uma boa educação. E para isso eu posso ajudá-lo e o farei com tudo que me for possível".

Quando vovô acabou de falar eu compreendi que a minha sorte fora lançada: eu teria que ir para o colégio e estudar. Não havia "talvez", "quem sabe", ou equivalentes.

Diz-se que o discurso de Lincoln, em Gettysburg, fora considerado um fracasso pela maioria dos jornais da época e, também, pelo próprio Lincoln. Passaram-se anos para que ele fosse considerado e reconhecido como o mais importante discurso pronunciado em língua inglesa.

O discurso de vovô, para mim, foi como de Gettysburg. Vovô, sem dúvida, o considerou um fracasso mas, passados os anos, começou a frutificar.

Noutra ocasião, mais tarde, vovô votou a discursar durante o jantar e, com a sua fala, influenciou profundamente o meu futuro. Novamente, então, foi vovô quem o provocou:

"Pai, tia Lib me contou que se fala muito, na eleição de Lawyer Lawrence para juiz, de Rutland. Eu sei o que você pensa de Lawyer Lawrence mas o que você não sabe sobre advogados daria para fazer um livro. Você jamais ocupou serviço de advogadas para atingir alguém ou defender-se".

"Não. Eu jamais ocupei advogado e nem penso em ocupar mas já li bastante o que o Ruthand Herald diz sobre Lawyex Lawrence e acho que é digno de qualquer honraria que lhe atribuam".

"O que você leu, é o bastante para você confiarem Lawyer Lawrence?"

"O bastante para me fazer crer que ele é diferente de outros muitos advogados. Ele parece estar sempre interessado na justiça. Não usa de argumentos bombásticos a fim de obter a benevolência do público. Fala pouco mas cada palavra que , pronuncia merece o respeito do outro advogado, do júri e do juiz".

Não foi um discurso muito longo comparado a outros a que assisti. Mas foi muito convincente para o jovem, sentado à mesa e profundamente interessado na conversa.

Durante o ano de 1896 fiz a prática de advocacia em Chicago e tentei sempre ser um profissional com as qualidades do juiz Lawrence e vovô teria me aprovado. Como presidente da Comissão de Ética Profissional da Associação de Advogados de Chicago, instaurei alguns casos de infração do código de ética.

Mas para o menino de Wallingford havia profissões com maiores atrativos do que o estudo da lei. Ser um maquinista de locomotiva oferecia a glória de estar-se sentado num trono e batendo um sino. De outro lado, para o trabalho de falar, havia a profissão de leiloeiro!

Os fazendeiros de Vermont eram conservadores. Quando conseguiam obter qualquer coisa, só grandes forças invencíveis os faziam abrir mão.

No nosso vale, como em qualquer parte, havia, de vez em quando, leilões pelos quais a gurizada se interessava muito. O lado fascinante deles era o jargão do leiloeiro. Às vezes eles os criavam de improviso mas, na sua generalidade a característica interessante residia na sua habitualidade. Os espirituosos eram, para os jovens, os que mais os divertiam. Era delicioso aquele modo de falar sem dizer nada nas suas modulações estranhas de ritmo, assovias, chios, gorjeios, tartamudêios e o estropiamento de palavras. Eu compreendia que aqueles artifícios se destinavam a provocar riso das fazendeiros e distrair-lhes a atenção da dor de lhes estarem arrancando as economias tão ciumentamente guardadas. De qualquer forma, a algarávia nos agradava e todos nós tentávamos imitá-la, procurando dar-lhe a maior semelhança possível com o original. Divertíamos-nos enormemente, com isso. Na verdade, eu pensava em ser um leiloeiro, caso vovô pusesse objeção a que eu me "formassem" maquinista de estrada de ferro, guarda-freios, condutor, soldado, marinheiro ou, possivelmente, espião.

O leiloeiro ornava os seus negócios com humorismo e insistia até que o último objeto do arremate mudasse de dono. Ao dono da mercadoria, no entanto, sem se levar em conta o resultado da venda, restava a gozação feita pelos gracejos do leiloeiro e repetidas por quantos as haviam assimilado.

Todos os artigos, inobstante o seu estado de conservação, desde o berço das crianças ao relógio de parede da família, tinham sua história sustentada na devoção e no sacrifício - que iam até à frugalidade - do casal de quem provinham. Havia algo de cruel naquela distribuição de destinos dos animais domésticos e objetos - livros, cadeiras, mesas, máquinas de costura e utensílios - que sucediam ao incidente triste da dissolução de um lar, onde houve antes, sentimento e amor.

CAPÍTULO XXII

A Estação de Estrada de Ferro

Wallingford tinha apenas umas poucas ruas: a "Main Street" (hoje denominada Ethan Allen Highway), a River Street, a School Street, a Depot Street, a Sabes Hill, a Mill Lane (travessa) e mais uma meia dúzia de travessas menos importantes, abertas sem planejamento prévio, que davam acesso a lugares onde as pessoas escolhiam cara morar ou para recreação. A casa de vovô era na Main Street.

O lugar mais convidativo, para a garotada, era a estação ferroviária que chamávamos, simplesmente, estação. O interesse ia ao ápice duas vezes por dia. Uma às 11,15 da manhã e a outra às 4,30 da tarde, quando chegava o trem do norte. No trem da manhã embarcava, sempre, um bom número de passageiros de Wallingford para Rutland. "Subir a Rutland" era a expressão usual, embora, o rio Otter continuasse, obstinadamente, a correr de Wallingford a Rutland, portanto, descendo...

As mercearias da comunidade eram de boa aparência mas as lojas de tecidos, calçados e confecções de Rutland eram o que havia de melhor. Vendas por correio eram desconhecidas. Os passageiros das 11,15 podiam voltar no misto das três horas ou teriam de esperar "o noturno das dez e meia", o que era considerado uma imprudência.

O trem do norte, à tarde, era conhecido como o trem da mala do correio e nele viajavam poucos aldeões. Se alguma coisa extraordinária não acontecesse não havia justificativa para ir-se a Rutland à tarde. Quem ia a Rutland no trem das 11,15 estava cedo na estação para não perder o trem. Quando eram muitos, enquanto esperavam trocavam comentários sobre compras e circulavam as fofocas correntes em Wallingford.

Havia um banco longo que tomava toda a parede sul da sala de espera, a qual, no inverno, era aquecida por um fogão a carvão. Meu Deus! Como aquele fogão esquentava!

Harlie Morgan era o agente da estação. Morava, com a esposa em confortáveis cômodos, entre a sala de espera e o armazém de cargas, sob um só telhado.

Além da residência gratuita, Harlie recebia o salário de 600 dólares por ano. Podia, assim, comerciar carvão com o povo de Wallingford. Deveria estar em serviço permanentemente, isto é, de dia e de noite: no telégrafo, para as mensagens do povo, e no controle de trens.

A estrada de ferro só tinha uma linha e a vida dos passageiros dependia de uma criteriosa administração e controle dos comunicados dos agentes de estação. Harlie tinha, costumeiramente, um auxiliar que trabalhava, sem outra retribuição além da aprendizagem do serviço ferroviário, inclusive do telégrafo. Sobre o auxiliar recaía a responsabilidade de conservar a estação aquecida e em ordem, despachar as mensagens telegráficas, e as malas do correio, assistir os ferroviários na carga e descarga das mercadorias despachadas, preencher as guias de transporte e fazer-se útil de todas as maneiras. Depois de provada suficiência, ele poderia receber e transmitir mensagens.

Havia sempre um ambiente de expectativa na estação, mormente à chegada dos trens de passageiros que se transformava em excitação quando a locomotiva contornava a curva e aparecia. Nós sabíamos os nomes de todas as locomotivas: "O Menino Verde da Montanha". "A Menina Verde da Montanha", etc. etc. e era constante a discussão sobre qual delas era a mais veloz. No entanto, todas eram admiradas quando contornavam a curva ginchando e se lançavam, através da ponte sobre o Arroio Roaring. O maquinista garboso, sentado ao lado da janela da cabine, parecia sentir-se orgulhoso do espetáculo que oferecia. De qualquer forma, tangendo o sino e apitando o 11,15 e o quinze pras quatro passavam, após parar por momentos para carga e descarga, deixando o pessoal de Wallingford com seus próprios planos para matar o tempo.

Dos dois trens mencionados, o das quatro e meia era o mais interessante por conduzir três personalidades que nos encantavam. Uma era o maquinista. Outra o resplendente John J. Parich, chefe do trem que, no seu imaculado uniforme bordado a ouro de lapelas brancas, ostentava-se com destaque

indiscutível. Numa pesquisa de popularidade, ao longo da linha, entre as moças casadoiras, John J. venceria, tranqüilo, quem quer que se lhe opusesse.

Prá nós, rapazes, no entanto, a mais notável era a figura delgada e jovem do guarda-freios Thompson, que nos dava arrepios diários de emoção, ao exhibir-se, com agilidade e graça, saltando, às vezes, com uma lanterna na mão, do último vagão do trem em movimento, quando deixava a estação. Porque Thompson esperava que o trem se pusesse em movimento para abandoná-lo? Claro! Ele deveria haver embarcado noutro vagão antes que o trem se pusesse em movimento! Mas onde estava a glória do seu ato? Mesmo o volumoso John J. poderia fazer o mesmo mas não, o fazia. Ele, provavelmente, visava reter a admiração dos rapazes da comunidade, onde tinha mais prestígio do que o Presidente da República.

Esquecia-me de relatar que o trem das quatro e meia tinha, entre os seus vagões, um "carro pullman" e nós estudávamos, com muito interesse, as criaturas estranhas que viajavam nele. Milionários, quem sabe?! Mais tarde eu soube que um estudante do colégio de Middlebury havia viajado no carro pullman. Quando ele chegou se vangloriando: "Eh! Meus chapas, eu viajei no pullman!" Recebeu, e jamais perdeu o apelido de "Dick, o do carro pullman". Certa vez, surgiu por lá um homem de aparência estranha e nós ficamos curiosos por saber quem era. George Sabin afirmava que era um democrata. De nossa parte ficamos intrigados com as características que um democrata pudesse ter, pois, afora Dangosth Hullet, único democrata na comunidade, George jamais havia conhecido outro. No entanto, ele era um leitor assíduo da Mecânica Popular e nós não ousávamos duvidar dos seus comentários.

Após o correr da cortina das atividades a estação de Wallingford voltava ao silêncio reverente da sua ala juvenil. Quebrá-lo seria uma profanação. Vagarosa e silenciosamente voltávamos as nossas atenções para o lado leste. Restava apenas o privilégio de conduzir as malas ao correio e esperar a respectiva distribuição. Anti-clímax? Sim. Alguém, de algum lugar, poderia ter escrito ou seria possível que algum coração bem formado houvesse respondido à freqüente, e muito parecida publicidade dos cartões postais. Possível seria a chegada do "Youths Companion" com a continuação do seriado "Indian Pete". Falhas essas aspirações sobrava-nos a esperança de que, no dia seguinte, o trem das 4,30 voltasse e poderia trazer o "filme" diário, para estimular a capacidade criativa da gurizada.

As lojas de Wallingford eram lugares convidativos para revista dos "medonhos", quando não tinham nada que fazer. Alguma coisa estaria se passando na loja de Danforth Hulett. Era o empório da comunidade. Ali, sempre, a gente encontrava um pouco de tudo. Sobretudos e paletós para fazendeiros, implementos agrícolas, calçados em couro e borracha, galochas, guarda chuvas, utensílios domésticos, louça e uma linha limitada de provisões secas, além de alguns armarinhos e variedades. Um enorme fogão a carvão, rodeado por escarradeiras e cadeiras, aquecia todo o pavimento.

A parte dos fundos do 1º andar era ocupado por comestíveis e artigos de mercearia. O depósito continha tonéis, sacos e caixas e mercadorias por atacado, que supriam a loja. Pilhas de bacalhau, exageradamente salgado, enchiam a parte de trás da loja.

Ao longo do depósito ficavam as balanças, nas quais os carros, carregados ou vazios podiam ser pesados e, nos últimos anos, havia sido, aberto um açougue no sub-solo. A Hullet's era, na verdade, a única loja indispensável da comunidade. Não, porém, pela virtude pessoal do seu dono. Danforth era um homem silencioso e esquisito. Grande, saudável de aspecto, movediço e polido. Fred Stafford dirigia o negócio, o que não o absorvia a ponto de impedir-lhe o tratar da clientela com cortesia e graça. Era um estabelecimento muito movimentado. Dele se desenvolveu outra grande organização em Rutland, em que Fred Stafford era sócio.

Uma das mais memoráveis características da Hulett's era a variedade de odores que emitia. Pode-se imaginá-lo pela variedade de artigos que possuía, como ficou dito acima.

Nós, os "medonhos" afinados com os padrões de Hulett's, conseguíamos, de quando em quando, biscoitos com fatias de queijo e ameixas secas, etc., etc., nas ocasiões propícias. Não me lembro de nenhuma vez termos sido corridos das latas de ameixas ou das barricas de biscoitos e de outras

mercadorias que a nossa gulodice patrocinava. Parece, até, que era política da Hulett's considerar a gurizada um mal necessário.

Havia hábeis cuspidores de fumo mascado que freqüentavam algumas lojas. Naturalmente a grande maioria dos homens em lazer não experimentava as delícias que o mascar fumo encerra.

Eles consumiam fumo de outra maneira. Os que alimentavam o sujo hábito de mascá-lo, exerciam um estranho poder de atração para a garotada. O tiro ao alvo de cuspo à distância, praticado por eles, com as "mascas" de fumo, era espetáculo para a garotada. Eu conheci alguns ilustres exemplares de exímios cuspidores!

O chamado fumo indiano crescia abundante nos campos de pasto e nós costumávamos usá-lo, para praticar o tiro ao alvo, até que pudéssemos usar o artigo genuíno. Jamais, porém, o conseguimos e, até hoje, eu não tive conhecimento de um perito-cuspidor, formado com o fumo indiano. Apenas um dentre nós podia cuspir a uma certa distância, mas por entre os dentes. Lamentavelmente, ele provinha de família não muito acatada e nós não demos destaque à sua habilidade.

Wallingford tinha sua quota de homens que ganhavam a vida fora das fábricas, das lojas, dos escritórios. Por outras palavras: tínhamos quem vivesse de expedientes criados por iniciativa própria.

Quem costumava transitar pela estrada marginal do ribeiro que descia de Rutland, conhecia Galuska Haversham com suas fofas costeletas. Tinha um narigão de impor respeito e usava um pregador de diamantes, em cruz, faiscando na gravata de seda preta. Não. Galuska não era milionário como alguém pode supor. Ele, às vezes, vendia pianos. Mas, pelo que se via costumeiramente, tinha uma habilidade respeitável de engambelar o próximo em negócios. Nunca se deixou enganar. O apelido de trapaceiro ele o recebia com orgulho. Se o chamassem hipócrita, já seria outra coisa. Tais características combinavam com o seu orgulho profissional.

Galuska tinha um talento especial para negócios com cavalos. Não importa que defeitos latentes ornassem o animal. Quando tratava de negócios envolvendo cavalos, não respeitava limites de dedicação. Punha um sorriso, profundamente convincente, irresistível para qualquer cliente, e honrava a linhagem dos animais com virtudes inauditas. O rocim mais ordinário se transmudava, em suas mãos, no mais nobre representante eqüino sobre a face da terra. E... mentia com um displante inacreditável.

Galuska conhecia todos os negociantes de cavalos acima e abaixo de nosso vale. Lograva todos. Possuía e criava argumentos imbatíveis e quando o punham num aperto, achava os mais incríveis recursos para sair-se deles.

Quando acontecia de ele achar o preço pedido por um animal muito alto e não o conseguia baixar, propunha pagar a prazo, por promissórias. Certa vez, quando o freguês examinou a promissória, para saber da possibilidade de desconto em banco, verificou que o vencimento era "à conveniência do devedor"! . . . Assim, se lhe conviesse, nunca pagar! . . . Usava ainda dopar cavalos velhos e lerdos para fazê-los parecer "fogosos corcéis". A única restrição era com negócios aos domingos. Dizia-se crente fervoroso e desejoso de observar os dias de oração... a menos que a transação lhe oferecesse vantagens extras!

A sua ação em negócios era impiedosa. Adotava, como conduta, o paralelo entre negócios e a luta de boxe. Se um boxeador pode nocautear o outro numa abertura de guarda, porque ele não poderia derrubar o seu parceiro em negócios numa bobeadade deste?

CAPÍTULO XXIII

Nosso Pórtico Frontal

A vida de vovô careceu da inspiração da amizade e isso foi, para ele, uma grande perda. As amizades teriam enriquecido e iluminado a sua vida. No entanto, ele devia possuir uma especial fortaleza íntima, pois nunca se queixou de solidão. Durante o verão ele consumia seus momentos de folga ao lado da porta da frente, onde pudesse sentir-se mais confortável: sentado no assoalho do alpendre com as costas apoiadas na parede da casa. Não sei porque não punha ali uma cadeira. Provavelmente achava isso um comodismo excessivo. O seu lugar preferido era do lado sul do alpendre. Por vezes seu pé esquerdo se apoiava no chão mas o comum era manter ambas as pernas esticadas. Isso quanto a postura, porque o lugar onde sentava era sempre o mesmo. Jamais mudou.

Por seu lado, vovó estava sempre tão atarefada com a casa que quase não lhe sobravam momentos para descansar. Prova-o o fato de haver vivido 80 anos em Wallingford e não haver conhecido a cascata, um dos mais belos lugares da região, a três quilômetros de nossa casa.

Cerzir meias, remendar roupas e adaptá-las a proteger o neto contra os rigores do inverno, consumiam as horas de folga de vovó. Embora fosse muito mais comunicativa do que vovô, não se pode dizer que fosse palradeira.

Quase nunca se referia aos seus antepassados mas lembro-me de que mencionava um tal tio Bucklin que, como José do Egito, durante o período de fome partilhou o milho que possuía com a família e com aqueles que não o tinham. Argumentava que vivendo em comunidade, ele aceitava que, acabado o milho, passasse as mesmas necessidades dos seus concidadãos.

Enquanto eu era, ainda, muito criança, um meio irmão de vovó voltou do oeste em estado lastimável de magreza e, como o médico lhe proibira de fumar, ele foi à loja de Webster onde se reuniam os desocupados, à noite, e acendiam seus cachimbos até que o ar ficasse totalmente empestado. Voltou satisfeito por haver enganado o médico. Mas sua alegria durou pouco: caiu de cama e vovó se pôs a cuidar dele. Algumas manhãs depois ela, aflita, chamou o Sr. Harwey Congdon que, após examinar rapidamente o tio Bill, virou-se para vovó e disse: "morreu!"

O pórtico frontal da casa era pouco usado por nós, embora em ocasiões especiais, à tardinha, vovó trouxesse para ali uma cadeira e ficasse tricotando e apreciando o movimento da rua. Gente passeando e, também, vacas passavam conduzidas pelas crianças dos nossos vizinhos.

Eu me sentava junto dela, no degrau de mármore do vestíbulo, porque sabia que era por um período curto de descanso. Significava que os deveres da casa estavam, todos, executados. Uma tarde em frente do alpendre era, para vovó, como uma viagem à Europa para qualquer outra pessoa. Com o chale de crochê sobre os ombros, protegendo o corpo frágil do ar frio da boca da noite, ela se balançava suavemente na cadeira de embalo, de vime, olhando as flores do jardim, que plantara, e relembrando tempos passados.

De quando em quando, algum vizinho, que a via ali, vinha quebrar suas recordações com um bate-papo. Muito mais raramente os vizinhos viriam com prévio aviso.

Mas havia alguns vizinhos que eram convidados. Eram os beija-flores. Vovó havia lançado um convite extenso e permanente, usando a linguagem que os beija-flores podem entender: o plantio de flores de pétalas longas. Ela, há anos, plantara uma latada de madressilvas que revestiam, de lado a lado o pórtico e os beija-flores a tomaram como de sua propriedade exclusiva. Na verdade o era, pois nenhum outro passarinho e nem as abelhas poderiam alcançar o fundo das pequeninas campânulas florais para extrair a sua seiva doce, como o faziam os graciosos colibris de longos e delgados bicos.

Vovó e eu nos deliciávamos às tardinhas, assistindo as idas e vindas dos cuítelos, o frenético vibrar das suas asinhas verde-douradas, que lhes proporcionava a habilidade peculiar de voar à ré e para os lados e a sua graciosa gulodice no sugar o açúcar das pequenas corolas.

O colibri que aspira
Como jóia valiosa,
Da madressilva, o mel,
Na corola olorosa

(James Whitcomb Riley)

The hummingbird that hung
Like a jewel up among
The tilted honeysuckle horns

Numa noite o Sr. Joel Ainsworth nos visitou e vovó fez-me trazer-lhe uma cadeira confortável, da sala. O Sr. Joel era um parente distante, por afinidade, e um dos nossos mais respeitados cidadãos. Além de outras atividades que exercia, tinha uma fazenda pequena ao lado da rodovia. Produzia ali, legumes suficientes para sua família, ovos e leite para seu uso e para venda aos vizinhos. Fôramos, tempos atrás, seus fregueses. Supervisor do município e agente de seguros era, em verdade, um homem muito versátil.

Logo que o Sr. Ainsworth sentou, vovó falou: "Que prazer é receber a sua visita Joel e, ainda mais, agora. Eu soube que você está apoiando a candidatura de James A. Garfield para a presidência da República e gostaria de ouvir, de você, pessoalmente, o que pensa dele".

"Bem, Pâmela, nada me alegraria mais do que informá-la das razões que me levam a apoiá-lo. Julgo-o um segundo Abraham Lincoln ou quase. Igual a Lincoln nunca houve e não haverá outro. Acredito, Pâmela, que o mais sábio construtor de caracteres é a adversidade. Esta tem sido a professora dos mais destacados homens da nossa nação. Um homem capaz de elevar-se pelo seu próprio valor, do nada à mais alta dignidade, merece e tem o meu inteiro respeito. James A. Garfield, como Lincoln, nasceu numa cabana e se fez por si. A mãe, mulher de caráter excepcional, foi quem o inspirou. O resto ele o fez".

Depois de uma pausa, continuou: "Não Pâmela! Não quero dizer que um homem nascido em berço de ouro não possa merecer a distinção de ser Presidente. Mas aquele que atingiu a condição por seu próprio esforço tem mais méritos".

Nesta altura, o Sr. Ainsworth bateu com a bengala no assoalho, num gesto de absoluta convicção.

"Concordo, Joel, com tudo o que você acaba de dizer", respondeu vovó. "James Garfield vem trabalhando duro na fazenda de seu pai. Só tinha mãos fortes, animoso espírito, boa educação e inspiração a estimulá-lo. Há, ainda, mais. Ele tem aspirações. Não as tivesse não teria saído do seu lugar para lutar pelo melhor por eles todos. Admiro a sua trajetória. Procurou o seu caminho, ensinando e aprendendo, ilustrando-se em leis, adentrando os domínios da política. A gente sente que ele está determinado a ser Presidente e o será, se Deus quiser. Ele é, tipicamente, um americano".

Apertaram-se as mãos com firmeza, ao despedirem-se e eu fiquei achando que a visita poderia prolongar-se por mais tempo.

A partir, de então, passei a torcer por James A. Garfield. Como coisas estranhas acontecem, comecei a pensar em tornar-me Presidente dos Estados Unidos em lugar de maquinista da estrada de ferro, como antes sonhara.

As presenças de vovó, no alpendre, eram grandes acontecimentos e tão agradáveis que eu desejava se estendessem indefinidamente. Mas ela tinha seus deveres na casa e um sem número de obrigações e, assim, pouquíssimas vezes íamos para a frente da casa. Em outras palavras, permanecíamos dentro de casa, mormente no inverno quando a neve tolhia os movimentos de toda gente, menos dos meninos.

Os transeuntes eram poucos e nos dias de tempestade de neve eles diminuía quase a zero. Parecia que teríamos acrescentado algum novo fator ao nosso conceito de conforto se, pelo menos, pudéssemos esquecer o calor bom da nossa sala do lado sul e pensar nos nossos vizinhos que, a despeito do rigor do vento e da violência da nevada, saíam para o correio ou para a venda.



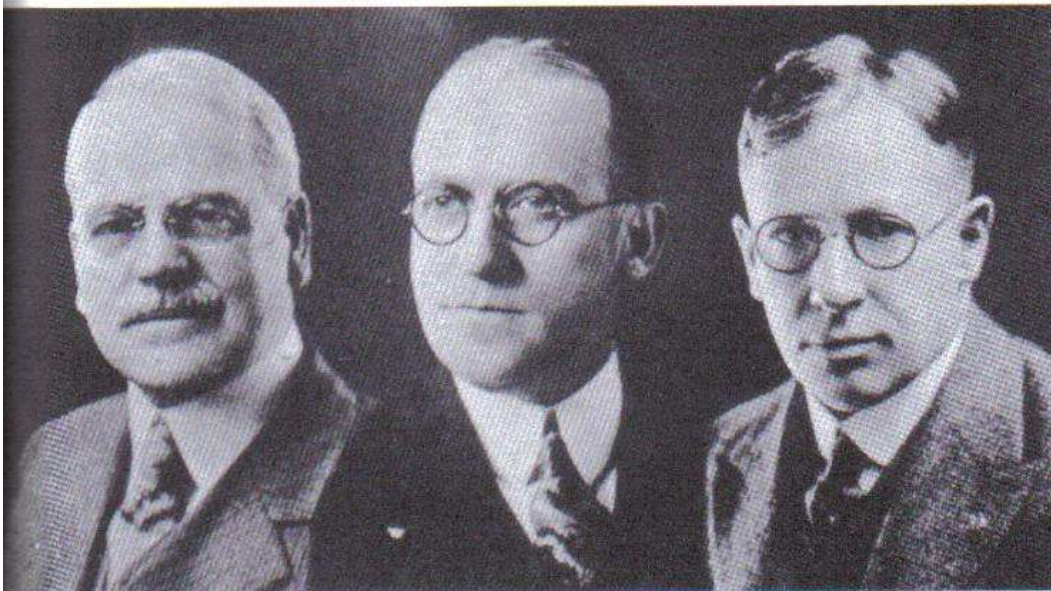
1891. Paul graduates from the Law School of the University of Iowa and begins his travels in America and Europe.



1896. He begins the practice of law in Chicago after his five years of "vagabondage."



1905. Still lonely in a big city he founds the first Rotary Club as a mutually helpful fellowship.



First officers of the Chicago Rotary Club: Silvester Schiele, president; William Jenson, secretary; Harry Ruggles, treasurer. Photo probably made about 1920.



Delegates attending the first Rotary convention held in Chicago in 1910 when the Association of Rotary Clubs was formed. The man in the straw hat, number 16, is Paul Harris.



Meeting of members of the Rotary European advisory committee at Lausanne, Switzerland 1933. Twenty countries represented.

No entanto, havia alguém, entre nós, que ainda se queixava de isolamento e solidão. Era o mais assistido de todos. Chamava-se Paul Harris!

A residência e loja do Sr. Asa Webster ficavam exatamente à frente da nossa casa. A loja tinha um cômodo para reunião de algumas pessoas da vizinhança e era freqüente que três octogenários, o Sr. Webster, o juiz Button e vovô lá estivessem, comentando os acontecimentos da comunidade e queixando-se das suas enfermidades. O Sr. Webster, extrapolava-se. Relatava as suas passadas façanhas, como esportista de corrida e salto. Atribuía-as suas marcas extraordinárias nesses esportes ao rigor do regime físico, a que teve a energia de submeter-se. Costumava, diariamente, correr uma milha (1609 m) e cortar um metro cúbico de lenha pela manhã, para, abrir o apetite, ao desjejum. Quando era moço e vigoroso ele podia saltar a uma altura tal, que lhe permitia bater os calcanhares três vezes no ar.

Quando era visível que o Sr. Webster ia partir para narrações, das suas proezas, vovô costumava inclinar o encosto alto da sua cadeira contra a parede da loja, enroscar os saltos dos sapatos na travessa inferior da cadeira e segurar-se firmemente na forte bengala que usava, como a preparar-se para qualquer emergência.

O juiz Button, acostumado a tantas histórias, apenas punha a mão em concha nas orelhas e se inclinava para o Sr. Webster; aparentando não querer perder nenhuma minúcia da proeza relatada.

Nem vovô, nem o juiz interrompiam os relatos do Sr. Webster. Boas risadas e observações de incredulidade ocorriam na sua ausência. Ambos, quando ouvintes, assumiam postura de profunda solenidade. Até pareciam meio lúgubres, às vezes. Que se saiba, esse comportamento a dois era espontâneo, nunca combinado. Cada qual compreendia a situação e agia por conta própria.

Fundamentalmente, ambos sabiam que o Sr. Webster não só era um mentiroso impenitente, como tinha, até, orgulho de sê-lo.

Lembro-me de uma vez que, o Sr. Webster, depois de haver contado uma proeza de corrida, quase inacreditável, desafiou vovô para uma "corrida" de ida e volta a Clarendon, cinco quilômetros distante. Vovô aceitou o desafio.

Vovô não falou a ninguém da aposta. Nem vovó soube. Tudo continuou como sempre. Apenas vovô começou a andar muito mais longe nos seus vagares. Vovó, mais tarde, confessou que notara a mudança nos hábitos do marido: ao invés das suas sestras da tarde, no alpendre, ele saía a andar. Ele saía sempre com a bengala. Era mais uma vara comprida demais para ser bengala mas que cumpria a mesma função, companhia. Durante os dias, que, precederam a competição, vovô passeou por muitas milhas com a bengala.

Era de estranhar mudanças de hábitos em vovô e vovó não atinava com a razão delas. Apenas esperava, pois sabia que ele as explicaria, quando oportuno.

Tudo o que ouvimos a respeito da competição veio-nos pelo pouco que fluía do Sr. Button e de sua filha Ellen. Por eles, soubemos que se realizara.

Os dois octogenários partiram, com destino a contornar a igreja de Clarendon. O juiz sentou no alpendre do Sr. Webster, ponto da partida, como o julgador. Os competidores, perdendo ou ganhando, estavam obrigados a cumprir o percurso.

Soubemos, também, que vovô partiu sem pressa, andando metodicamente. O Sr. Webster tirou distância, andando muito mais rápido e mais animado. Dentro de algum tempo, começou a sentir aproximação de vovô, vindo a passos regulares, de trás. Segundo nos foi relatado, vovô contornou a igreja à frente do opositor e, já de volta a Wallingford, encontrou-o ainda no percurso de ida. Cruzou com ele calado mas o Sr. Webster não se agüentou e falou: "Harris, parece que você não se importa muito com os seus bons companheiros!"...

Quando o Sr. Webster chegou, vovô estava, com o juiz, sentado no alpendre. O juiz olhou o relógio mas nada disse. Ele e vovô receberam o vencido apenas com um respeitoso e solene olhar. Em absoluto silêncio.

Depois, se desculpando, vovô falou:

"Desculpe se o induzi a cansar-se, Webster. Eu devia ter parado para acompanhá-lo mas ocorreu-me que minhas galinhas podiam ter escapado do terreiro e estar ciscando no jardim do Juiz".

Acabaram-se as histórias dos brilhos de atletismo do Sr. Webster. Mas ressurgiram outras, dando conhecimentos de aventuras com feras perigosas. O juiz e vovô chegaram à triste conclusão de que haviam matado a galinha de ovos de ouro: o Sr. Webster jamais voltou a ser o que fora.

Passado algum tempo, o Sr. Justin Batcheller, um dos sócios da Batcheller Fork Company, desejando construir sua casa e temendo que o preço pudesse crescer se ele pessoalmente propusesse a compra do terreno do Sr. Webster, pediu a vovô que fizesse o negócio, realizado por 3.000 dólares. O Sr. Webster mudou-se e, em frente à nossa, o Sr. Justin fez construir uma linda residência Quando vovó soube do negócio ralhou com vovô: "Olhe o que você fez! Acabou com o único local de vadiagem que teve na vida!"

De fato: ele jamais teve outro.

CAPÍTULO XXIV

A Sociedade Secreta

No que toca à escola, a minha volta a Wallingford foi oportuna. Estava pra iniciar-se, ali, o Professor Shaw. Não me lembro de ter ouvido chamarem-no por outro nome, nem de alguém que fosse seu amigo íntimo. Conhecíamos o seu prenome. Era Will. Fora trabalhador braçal numa das cidades do sul e graduara-se no Middlebury College, como o melhor da turma.

Quando assumiu a escola de Wallingford tinha 26 anos. Seu salário: 600 dólares por ano. Era homem reto, vigoroso, saudável, cuidadoso no vestir: um símbolo de juventude sadia e responsável. Seu percurso, como o estilo de andar, de casa à escola, era exatamente o mesmo, ano após ano. Posso ainda vê-lo passar pela nossa casa com seu manual de latim, peito saliente, cabeça reta e olhar firme para a frente. Era o oposto ao Professor Ichabod Spencer, de andar vacilante, sobrelhas hirsutas e olhar malévolo. O Professor Shaw gostava dos alunos e raramente os castigava.

A Campanha de instalação de uma sociedade de debates na escola secundária de Wallingford foi de iniciativa de Henry Lincoln (Inky) Ballou, primeiro e único presidente da comissão organizadora para tal. Havia tudo para crer que essa comissão fosse permanente. Mas aconteceu o desastre. Na sua primeira assembléia, um dos membros apresentou a sugestão de que as deliberações deveriam ser tomadas por votação secreta, a fim de que os seus membros pudessem opinar sem temor ou interesse dos reflexos políticos que pudessem ocorrer. Outro membro lembrou que, para isso, seria necessário que todos prestassem juramento de fidelidade ao regime secreto, tanto os membros natos como os que passassem a integrar o "Inky's". Foi, pois, fixado data para iniciação no "rito sagrado". Durante a semana intercorrente os participantes passaram a imaginar como cada um deveria comportar-se com relação aos demais.

Por vontade de todos, a sociedade em formação já se extinguiu. Nada dela restava, além da disposição coletiva de uma exibição aparentemente digna, na noite da cerimônia da iniciação.

Quando, afinal, a oportunidade chegou, os membros estavam divididos em duas alas: os que pretendiam ser apenas membros e os que queriam ser dirigentes. Alguns pretendiam ser candidatos, baseados em que seria melhor ocupar os postos de direção logo de início a fim de traçar rumos e indicar processos.

Escolhidos os candidatos, o conselho de estratégia convocou uma assembléia para decidir sobre os processos que os selecionariam. As luzes da escola seriam apagadas e os candidatos seriam admitidos um a um às provas de capacidade. Antes, porém, teriam seus olhos vendados, seriam prevenidos de quão solene seria o compromisso, e que as provas seriam severas. Albert Mandigo foi o 1º a submeter-se. Um dos nossos mais distintos cidadãos foi nomeado capelão e outro o superintendente e, tão logo os olhos de Albert foram vendados, o capelão iniciou o ritual que terminava com uma pretensa linda prédica. Não me lembro do texto completo mas sei que terminava com esta imprecação: "Deus que se apiede da tua alma". Então Albert foi informado que todas as providências haviam sido tomadas para quaisquer acontecimentos e, mesmo que ele fosse despedaçado nalguma fase da prova, seus destroços seriam reunidos e ordenados à medida do possível.

Nesse ponto Albert lembrou-se que prometera chegar mais cedo em casa e que já estava atrasado: era melhor deixar a prova para outra oportunidade.

A estes argumentos, "Inky" Ballou, o superintendente, replicou um estrondoso "não"! Que não haveria nenhuma suspensão da prova a não ser por ordem do Rei que, infelizmente, morrera quinta-feira da semana passada.

Sem outro qualquer argumento, Albert foi agarrado pelo fundilho das calças e pelo congote por duas mãos do poderoso Senhor Executor e posto a correr ao redor do compartimento escuro, com velocidade muito maior do que jamais experimentara, tropeçando em obstáculos atravessados no caminho,

tais como atijadores de estufa, bastões de basebol e sob troadas, gritos, maldições e imprecações, às quais o candidato juntou as suas sem nenhuma cerimônia.

Foi ele o único candidato a ser posto em prova na sociedade secreta de Wallingford. Quando o Superintendente voltou à ante-sala, a procura do outro candidato, achou apenas as cadeiras. A prova de Albert havia sido ouvida! . . .

Quando isso veio a público, Albert rompeu a queixar-se amargamente. Durante o sofrimento que passara ele se apoiava na esperança de que outros, como ele, se submetessem à prova. Sentia-se agora manipulado pelos demais e abandonado pelos seus companheiros candidatos. Já não havia razão para viver! Muitos o consolavam e muitas caçoavam dele mas ninguém mais pensaria em submeter-se à prova se a tal sociedade vingasse.

Por proposta do presidente "Inky" o projeto foi adiado "sine die". Significava, até nunca, pois pela continuação da sociedade só Albert é que votaria.

Ortografia soletrada era matéria que a escola de Vermont levava, com muito rigor. Alguns alunos eram muito bons nela e outros muito ruins. Entre os bons, estava George Hit e entre os maus, estava "Inky" Ballou, excelente em tudo o mais.

Para suprir essa deficiência, Inky resolveu sentar-se próximo a George na aula de ortografia. George tornou-se a muleta de Inky e evitou-lhe muita queda. Como não se dedicasse, passou a ser totalmente dependente de George. Passado algum tempo George resolveu testar se poderia levar Inky a um fracasso. O Professor Shaw pronunciou Mississippi para Inky soletrar. Tínhamos o hábito de soletrar cantando. George então cantou: M, duplo s, i, duplo s, i, duplo p, i. Inky repetia tudo religiosamente, mas George continuou levando-o a repetições sem fim. Ninguém sabe até quando ele tencionava repetir mas Inky, dentro de pouco, sentou-se, cansado, na carteira.

Inky era leal a seus amigos e isso era evidente quando alguém lhe falava de Mississippi: como não se apercebera da brincadeira de George, ele, com um remoto agradecimento dizia: "Por Júpiter!" É uma palavra difícil de soletrar! Se não fosse George eu teria "cristalizado", quando o Professor Shaw pediu-me para soletrá-la! "

Anos mais tarde, Inky se tornou o inquebrantável extrema direita do Amherst, time de futebol. E muito mais tarde tornou-se pastor congregacional, profissão em que se salientou, mas duvido que soubesse soletrar Mississippi.

Durante o outono declarou-se a febre política e, nos anos de eleição para presidente ela atinge os mais estranhos paroxismos. Em Wallingford não havia razão para o povo excitar-se, politicamente, pois Danforth Hulett, filho de Effraim, era o único democrata ali residente. Danforth era um dos mais destacados comerciantes da nossa vila e, mais tarde, o foi dos de Rutland.

Tudo o que sei dele é que seu pai sempre se referia a "o meu menino Danforth", que usava cana em lugar de paletó, palitava os dentes com um palito de marfim encastado em ouro, só falava de negócios e votava sempre com os democratas. Era um sujeito equilibrado, exceto, em política. A tal respeito era fanático. Não havia esperanças de fazê-lo mudar.

Sua excelência, o governador Redfield Proctor, fez um discurso político em Wallingford durante a campanha presidencial e toda a comunidade, exceto Danforth, foi à estação recebê-lo. Os homens acenavam com os chapéus e davam vivas, quando o Governador desembarcou. Alto, alinhado, com a barba tratada, chapéu alto de seda e fraque. A banda de Wallingford aumentada com oito figurantes executou o "See the Conquering Here Comes".

O governador Proctor tinha muito o que dizer sobre a proteção da indústria caseira, particularmente sobre o aumento de produção e da tecelagem de lã. Disse que as colinas e serras de Vermont eram próprias para criar ovelhas. Que os fazendeiros de Vermont, no passado, haviam incrementado a criação de ovelhas mas recuaram em virtude da importação de lã barata da Austrália. Apontou as correntes d'água como fonte barata de energia para movimentar quantas fábricas se

instalassem, de fiação e manufatura de roupas de lã, mas que esse estímulo também tinha sido morto. Restavam apenas pequenos artesanatos de roupa de lã importada.

O entusiasmo que a fala do governador Proctor despertou foi surpreendente. Espalhou-se por toda a região, como se fora um incêndio em madeira seca, inflamando os sentimentos republicanos e envolvendo até a infância.

Num movimento popular o desfile terminava com um menino carregando um carneiro, que resistia ao movimento. Por certo, o carneiro era democrata! . . . De qualquer forma levava uma faixa com esta inscrição: "Sou um animal abandonado, esquecido e quase extinto, conhecido por carneiro de Vermont. Por favor, me salvem!"

Quando Danforth Hulett foi entrevistado sobre o que pensava a respeito, respondeu aconselhando que, para salvar o carneiro de Vermont, se suspendesse a importação de artigos de lã da Inglaterra e os contrabandos pela fronteira do Canadá.

O movimento político fez grande sucesso e nós sentimos que fizemos o melhor possível para mostrar o apoio a Proctor. Ele deve ter-se sentido feliz.

A Nova Inglaterra teve, sempre, muito orgulho do entusiasmo com que as populações das suas cidades acorriam aos movimentos que envolviam o interesse público. Todos, do mais ilustre ao mais humilde, podiam apresentar suas sugestões. Os comícios pelo rádio, de hoje, parece que se inspiraram nos costumeiros da Nova Inglaterra daquela época.

A reputação, que gozava a Nova Inglaterra, de probidade na administração do interesse público é, pelo menos em parte, devida ao seu sistema de realizar reuniões fóruns em cada cidade, minimizando, com isso, as oportunidades de corrupção. Os assuntos, ventilados em público, estimulavam a atenção dos cidadãos para análise das suas soluções, e isso resultava em maior eficiência administrativa e paz social.

Afinal, o povo americano deve o que é ao sistema de administração que adotou. As negociatas e as outras formas de corrupção se tornam difíceis quando a população inteira está interessada em conservar-se bem informada e não há melhor forma de conseguir isso do que fazê-lo através dos foros populares, como os da Nova Inglaterra.

Os habitantes da Nova Inglaterra são meticulosamente interessados nos assuntos nacionais. Não esqueço do modorrento dia de verão, em que foi anunciado o assassinato do Presidente Garfield, na minha pequena comunidade. Tais notícias, que hoje causam choque, como que produziam uma suspensão de vida de toda a população, naqueles tempos. Os jornais não noticiavam outra coisa além das minúcias sobre o doloroso acontecimento. E muitas vezes entrava a criatividade da imaginação do jornalista na notícia.

Lembro-me nitidamente do ponto em que eu me encontrava, na rua, quando ouvi os gritos anunciadores: "O presidente Garfield foi assassinado!"

Era um dia quente de verão, pouco após a hora do jantar. Estava tudo quieto e silencioso. Ouvia-se, apenas, o zumbido das abelhas e de outros insetos e a poeira se levantava na corridas do homem que gritava a notícia. Parei transfixado, enraizado no lugar onde me encontrava como se fora enterrado pela significação da notícia. Poderia a América sobreviver à morte do seu Presidente?! A custo readquiri equilíbrio emocional e corri pra casa levando o nefasto relato a vovô e vovó.

CAPÍTULO XXV

A Diversão vem à Cidade

Tínhamos distrações em Wallingford, embora não programadas previamente. De quando em quando, ia um velho franco-canadense conduzindo um urso, que, por segurança, portava uma focinheira. O homem, usando seus métodos, punha o urso a subir numa escada, a dançar e a simular uma luta que, às vezes, parecia real.

O canadense usava um palavreado todo seu ao apresentar o espetáculo. De todo ele, só um permaneceu em minha memória. Era, "circular, senhor!?" E o urso punha-se a andar em círculos. Não, porque entendesse a ordem mas porque o homem manejava a corda que o prendia, de forma a fazê-lo andar em círculo. Nós os meninos logo o percebemos! . . .

Mais ou menos amiúde, aparecia um mascate, que se intitulava "doutor", a vender linimento kikapoo, panacéia que afirmava vir da índia e que curava qualquer espécie de reumatismo, ao baixíssimo preço de 1 dólar. Como recurso para atrair clientela o "doutor" extraia dentes "sem dor" e gratuitamente.

A sua carreta fechada era consultório dentário e salão da vendas. O mascate era o arquiinimigo do reumatismo e das dores de dentes e havia muitos pacientes de um ou outro desses males. A gente se admirava de ver a, fila dos pacientes aos cuidados do "doutor". Fossem quais fossem as virtudes de seu linimento, o fato é que ele sabia extrair dentes. Se o fazia sem dor, como anunciava, nunca se pôde saber. Mesmo que doesse a operação, era certo que, para a gente de Wallingford, doeria muito mais arrancar, do bolso, cinquenta centavos ou talvez um dólar do que livrar-se, sem anestesia, de um dente incomodativo!...

Após a extração de molares, caninos e incisivos o Dr. iniciava a secção rentável do seu negócio. Teoricamente provaria sua capacidade de curar doenças. Se pudera resolver os casos dos molares, havia razões para admitir que, também, podia fazê-lo com o reumatismo.

A venda de kikapoo era rápida e continuava por horas. Pelas louvações do "Doutor", podia toda gente crer que era uma das maiores maravilhas do mundo. Os próprios EUA estariam interessados nisso. Tinha-se de acreditar que o elixir superava a grandeza das cataratas do Niagara e o Yellowstone. Kikapoo era a maravilha! Salvava de dores a Humanidade, noite e dia sem parar. O preço de 1 dólar por vidro era irrisório: apenas permitia a continuidade da existência da maravilha... E lá se iam apreciáveis somas de dólares, duramente ganhos, e avaramente economizados!...

Com alguma freqüência vinha, também, um menestrel negro à nossa comunidade. O negro era tão engraçado que mantinha a gente rindo durante toda uma semana.

De tempos a tempos vinham também grupos teatrais itinerantes. Levavam "A Cabana do Pai Tomás", com toda as suas belezas e tristezas. Se não fosse Marés, com seu indefectível guarda-chuva, estaríamos consternados até hoje pelas mortes de Evinha e do tio Tom. Marés dava expansão a gargalhadas entre cada duas cenas de tristezas.

Uma ocasião, Tom Thumb (polegar) ou outro, (que não importa) veio com bonecos anões, homens e mulheres e, num show, fê-los dançar. Como podiam, aquelas criaturinhas diminutas, dançar?!

Quase morri de emoção, olhando a graça de uma linda bonequinha dançando. Quase todo o ano uma companhia itinerante de teatro, "A Família Feliz", nos visitava. Cada membro da família - pai, mãe, filho e filhas - tinha sua especialidade, condizente com sexo e idade. Era, um bom espetáculo, gabado por toda gente.

Os espetáculos de Punch e Judy se realizavam, de quando em quando, e divertiam multidões, mormente rapazes, atraídos à cena, como o são moscas ao açúcar.

Um homem e alguma traquitana faziam exhibições mas as piadas, as caretas do irascível Punch e as surras que dava em Judy, eram alguma coisa de inimitável! A opera-cômica de hoje não poderia concorrer com Funch, dando pancadas na cabeça de Judy.. . Ocasionalmente, prestidigitadores, mágicos e faquires faziam exhibições na praça da comunidade, em noites de verão.

A grande expectativa do ano, mais aflitiva do que a da feira municipal de Rutland, era o dia em que havia espetáculo circense. A azáfama começava logo no começo do verão, quando as turmas avançadas faziam as cercas, abrigos e outras adaptações, som grande publicidade, em cartazes, de trapezistas, burlantins pendurados pelos cabelos, cavalos montados em pêlo, saltos mortais simples, duplos e até triplos, domadores de chicote em punho enfrentando feras ameaçadoras. Havia enormes elefantes com seus desajeitados filhotes. Aqueles gigantes, cuja pele enrugada parecia uma roupa maior do que o corpo.

Quando o circo de três picadeiros era esperado em Rutland, a gurizada de Wallingford economizava cada tostão, conduzia mensagens, trabalhava nos campos de feno ou em outra tarefa qualquer, que lhes proporcionasse algum dinheiro para a passagem de trem e compra de entradas no grande circo e, também, para algum pacote de amendoim, de pipoca, doces, etc ...

Passado o dia de atividade delirante restava o cansaço à gente de Wallingford. Velhos e moços das redondezas procuravam o trem das 10:30 para, extenuados, voltarem aos seus lares, para o leito repousante.

Wallingford aparentava um balão vazio no dia seguinte ao espetáculo do circo. E, na verdade, a atividade na terra demorava, ainda, uns dias para recomendar. Mas mesmo então, havia barras fixas por trás dos celeiros, trapézios nos galhos das árvores e colchões de feno para treino de acrobacias. As ocorrências de fraturas e esfoladuras aumentavam consideravelmente!

A feira de Rutland era, e ainda é, extraordinária. Atração para gente de todos os lados. A variedade de eventos fornecia aos esportistas a sensação procurada. Havia disputas de cavalos de trote dirigidos pelos seus donos, beisebol, competições de atletismo, incluindo carros de bombeiros, de diversas cidades, com suas equipes. Essas corridas dos bombeiros voluntários eram espetaculares. Os prêmios, altos que eram, iam para os que, no menor tempo, percorressem a distância combinada e se aprestassem para apagar o incêndio imaginário. A competição se revestia de tanto interesse que, secretamente, contratavam-se homens rápidos e hábeis de outras cidades para, com nomes supostos, figurarem nas equipes. Todas as cidades de alguma importância tinham sua organização de combate aos incêndios. A prática dos figurantes estimulava o amor próprio e o orgulho cívico dos cidadãos, a ponto de oferecerem auxílio financeiro para "enxertos" nos seus grupos e, assim, vencerem as competições.

Os espetáculos da terra, em geral, constavam de subida de balões, desfiles de realejos, bandas de tambores e competições rítmicas, que faziam disparar os corações femininos.

No entanto, a feira de Rutland era o que se propunha ser: uma exposição agro-pecuária, onde era exibido o que havia de melhor sobre cavalos, gado, ovinos e porcos, como, também, maçãs, perus, abóboras, requeijão, e as duas variedades de queijo fabricado em Vermont.

Jamais pude separar, na memória, a feira de Rutland das presenças de Charles Harris, sua esposa e filha Lib, vindos, de Brattleboro, na carruagem puxada por uma égua velha. A feira era a grande ocasião para o tio Charles. Ele a assistia em todos os pormenores e fazia interessantes comentários sobre os eventos, quando, à mesa, nos sentávamos para o jantar.

O parentesco real de tio Charles conosco eu não sei bem qual era mas devia ser distante. Ele sempre chamava vovô de tio Howard e asseverava com firmeza : a continuidade das suas visitas anuais, de duas semanas, enquanto vovô fosse vivo. Para vovó e, acho que para vovô, também, aquela promessa de tio Charles era, em verdade, uma ameaça.

Tio Charles mantinha uma longa barba e, enquanto nos visitava, usava um casaco a príncipe Albert e uma cartola chaminé. Se ele se vestia para parecer o convencional tio Sam, fazia-o com perfeição. Tio Charles deve ter desejado família numerosa. Aliás ele a tinha. Catorze filhos homens e, afinal, em resposta às suas orações, uma filha, Lib.

Lib podia ser o que fosse para outros. Para o tio Charles, era a glória. Depois do seu nascimento a fonte secou. Ninguém pode imaginar o que teria acontecido se Lib não houvesse nascido. Imagino que

continuariam a vir varões, até que ela se decidisse nascer, pois quando os vermontenses põem um propósito na cabeça, não desistem até obtê-lo.

Depois que a última garfada de feno havia sido recolhida no depósito, no outono, o focinho da velha égua virava na direção de Wallingford, a 60 milhas, e a peregrinação anual começava. Ninguém sabia melhor o percurso que a velha égua. Ela conhecia cada curva da estrada e jamais levantava a cabeça, a não ser quando chegava a frente do portão da nossa casa, ao cair da noite. Quando a ruído de abrir o portão chegava aos ouvidos de vovó, ela dava um suspiro e clamava: "Meu Deus! Charles Harris está aí!"

Para tio Charles a visita era o acontecimento do ano. Suas férias dos deveres da fazenda! Festa prá ele! Sua conduta esfuziante invadia a casa e a cidade toda. Ninguém ignorava que tio Charles chegara. No dia determinado por tio Charles, para o final da visita, a égua velha era atrelada, ao clarear do dia, as despedidas feitas e lá se iam, tio Charles, a esposa, Lib, a égua velha e a velha carruagem.

Era eu quem, de costume, abria o portão e os via sumir, na esquina da escola, acenando com meu chapéu. Tio Charles, chicote na mão, cartola firme na careça e olhar determinado em frente... Até o ano que vem, tio Charles!

CAPÍTULO XXVI

Dr. George

Embora a minha vida, no vale, fosse voltada às aventuras e travessuras, eu tive fases de seriedade. Era-me difícil, distinguir o certo do errado: muitas coisas que o povo, em geral, achava muito erradas, pareciam-me praticamente normais.

Eu tinha minha própria teoria sobre o certo e o errado que scandalizaria o ministro se ele a conhecesse. Eu, por certo, não permaneceria nesse dilema se o povo de Wallingford se dividisse em bons e maus. Se todos os bons fossem membros da igreja e nenhum dos maus o fosse, a solução do dilema teria sido simples! Mas as coisas eram muito mais complexas.

De um lado estava a velha senhora Page, uma santa autêntica. Era sina sua suportar imprecações e maus tratos do marido, irascível capitão Page, muito além dos limites. Manifestamente ela se amparava numa sublime fé. Eu a via freqüentemente passar curvada, em direção à igreja. Um beatífico sorriso iluminava sua face pálida. Se ela fosse tomada como padrão dos membros da igreja e o velho capitão como o verdadeiro representante dos hereges, a solução para o meu problema teria sido fácil. As pessoas bem intencionadas estariam catalogadas como religiosas.

Infelizmente, para minha confusão, aquelas duas criaturas não eram padrões nas suas respectivas classes. Havia muito de bom numa e muito de ruim na outra, independentemente de pertencerem à igreja. Embora a fé do juiz Button não lhe exigisse alternativas de elevação e sofrimento como a de Mrs. Page, ele mantinha uma existência regular em todas as emergências. O juiz era um dos bons de Wallingford. Ajudava a manter a igreja mas dela não fazia parte. Ninguém lhe perguntava porque, e, decerto, seria difícil encarar tal assunto com ele.

Fay Stafford e eu, logo que crescemos, éramos, freqüentemente, chamados a carregar a cruz nos funerais das crianças. Presume-se que achavam próprio que jovens enterrassem jovens. Possivelmente a dor dois pais pudesse ser diminuída pela presença de jovens no sepultamento.

Nós levávamos a tarefa a sério e, certa vez, contamos com a gratidão do Sr. John D. Miller, um sofrido pai, que nos emprestava livros, e nos saudava, sempre com muita simpatia por havermos forrado o esquife do seu único filho com galhos verdes, para que ele não perecesse tanto frio, indo para o seio da terra coberta de neve, no seu descanso eterno.

Um por um de nós caímos com as doenças da infância: sarampo, catapora e escarlatina. Tínhamos três doutores velhos na aldeia. Os doutores da Nova Inglaterra pertenciam a duas escolas distintas: alopatas e homeopatas. Aos homeopatas os alopatas pareciam ridículos. Administrar doses de remédio tão pequenas que cabiam na ponta de uma faca era praticar feitiçaria, para os alopatas. Escolher a escola de tratamento seria como preferir o bem estar à desgraça. Era como escolher religião. Uma vez batista, sempre batista. Uma vez alopata, sempre alopata.

Nós éramos ferrenhos alopatas e tínhamos um médico para a família, o Dr. George Fox, de Rutland. Era o marido de tia Mellié, irmã de meu pai. Era chamado "Dr. George", irmão do "Dr. Bill", que morava e clinicava em Wallingford. Ambos filhos do Dr. John, que morreu antes de eu vir a Wallingford, e netos de William Fox, fazendeiro que mudou-se de Dorset para Wallingford. William comprara uma fazenda ao lado de uma grande lagoa. Nenhuma das partes do negócio fez mencionar a lagoa mas ela ficou de propriedade de William. O preço: um barril de gin. O nome da lagoa: Lagoa da Raposa, hoje lago Elfin, cujos freqüentadores atuais acordam em que o preço da compra foi não muito alto.

Os doutores Bill e John não eram detentores da clientela total de Wallingford. O Dr. Hitt e o Dr. Noble participavam dela. Os doutores Bill, Hitt e Noble, cada um com os seus quase cem quilos, eram vistos circulando pelas ruas e estradas de Wallingford nas suas carruagens.

Gozávamos de tranqüilidade, tendo um médico na família. Certa noite senti-me muito mal. De repente, o quarto parecia estar girando. A próxima visão que tive foi a de estar numa cama improvisada na

sala de estar, perto da lareira. Tio George examinava ansiosamente os meus olhos. Ele e seu fiel Billy tinham enfrentado a neve para vir em meu socorro. Tio George e Billy eram uma parilha inseparável, conhecida por toda a redondeza. Não tenho dúvidas que Billy sentia responsabilidade quando lhe punham os arreios, de noite ou de dia, e solicitavam-lhe enfrentar as mais severas tempestades de neve.

A clientela do Dr. George cresceu e foi necessário outro cavalo para ajudar Billy. Foi então que entrou em cena a Fanny. Ambos, de início, rivalizavam-se mas, dentro em pouco, tornaram-se amigos, pois Billy sempre saudava Fanny com um relincho, quando ouvia o ruído da sua chegada ao pátio. Tio George mantinha cavalariaço para tratar os animais e acompanhá-lo à noite mas isso não durou muito.

Para os doentes, a chegada do baio Billy ou da alazã Fanny conduzindo o Dr. George, de barba grisalha, era como receber um atestado de saúde.

As suas visitas à nossa casa eram gratuitas, o que, para tio George, não as diferenciava das pagas. Para algum outro tio talvez pudesse significar algum peso o atender alguém, acolhido por seus sogros mas para tio George, não. Ele me atendia como se eu fosse filho de vovô. A sua perícia e desvelo puseram-me em pé rapidamente. Outras doenças me atacaram, já que nunca fui uma criança muito robusta mas as providências e cuidados dos meus avós me punham, sempre sadio.

Anos após, pude conhecer Billy muito melhor. De visita a Rutland, num inverno, tive uma experiência que jamais esqueci. Foi oportunidade para eu tomar conhecimento das reais relações de entendimento e dependência entre o tio George e o seu cavalo Billy.

Tio George recebeu um chamado telefônico de um paciente em Menden, já entrado na noite. Enquanto se preparava para sair notou o meu interesse e, para minha alegria, convidou-me: "Quer ir comigo, Paul?"

A noite estava fria e sem lua. Assim, agasalharam-me bem para que não me resfriasse. A nevada, de princípio leve, aumentou rapidamente tão logo iniciamos a viagem. As pedras-sabão aquecidas, aos nossos pés, mais as mantas de búfalos, em que nos envolvemos, faziam-nos sentir confortáveis. Quando nos aproximávamos da serra, a neve aumentou a ponto de quase não se poder enxergar a poucos metros à frente. Billy ia devagar. O percurso era longo e era bom economizar energias. Ao atingirmos o sopé da serra a tempestade tomou proporções assustadoras. Eu achava que tio George estava assustado, embora ele não o demonstrasse. Não se podia ver a estrada depois que saímos da principal.

Billy parava e avançava. Tio George saltou do trenó, foi até a cabeça de Billy e retirou-lhe da cabeçada as rédeas, para permitir-lhe o pleno uso das suas aptidões. Billy demonstrou satisfação, quando tio George, batendo de leve, afagou-lhe o pescoço: virou o focinho e o esfregou no braço de titio. Não sei como fomos até o ponto em que foi possível divisar as luzes da casa. Quando chegamos, um homem, com uma lanterna, guiou-nos até uma cobertura onde Billy ficou protegido, limpo da neve e onde encontrou uma boa ração.

Depois que tio George terminou seus deveres profissionais e acalmou os donos da casa, retiramos Billy do abrigo e iniciamos a volta pra casa. Quando me pareceu razoável, perguntei a tio George como é que acharíamos o caminho para alcançar a estrada principal e ele respondeu:

"Não sei, Paul. Não enxergo nada, como você. Essa é tarefa de Billy. Eu confio nele, pois jamais falhou, mesmo em lugares mais difíceis. Billy é todo coração e instinto. Por isso o escolhi para esta visita. Ele não é tão vigoroso como Fanny mas é todo cuidados e atenção em oportunidades como esta. Ele nos levará seguros, de volta!"

A partir de então minha estima por Billy subiu ao mais alto nível. Só não ultrapassou a que dediquei à nossa Buttercup.

CAPÍTULO XXVII

Lenha

O abastecimento de lenha cortada nas dimensões próprias para o nosso fogo e suficiente para o ano todo, recebia, do meu avô, a mesma preocupação do de carne de porco e de gado, do de trigo em grão, do de farinha, do de melado. etc. Tudo o que o meu avô fazia era bem calculado e cuidadosamente planejado. Ele não aborrecia o varejista pois, de certa forma, o fora. Sempre que possível, preferia comprar o que necessitava a grosso e do próprio produtor. Não que ele tivesse qualquer prevenção com os intermediários mas confiava em que comprando diretamente do produtor seria mais vantajoso.

A carteira de vovô era de camurça enleada por um longo tento do mesmo material em muitas voltas. O desenleá-la exigia tempo, que vovô aproveitava para considerar, com prudência, a verdadeira e real conveniência da compra, e, muitas vezes ganhava o dia nessa lucubração. Para ele, o processo de desenrolar o tento que envolvia a bolsa, o punha fora de conversa e a salvo de compromisso: eram momentos de graça.

Ele comprava lenha fraca e forte, de fazendeiros franco-canadenses que as extraíam das encostas das montanhas. Pagava aproximadamente 1,75 dólares por metro cúbico; no comprimento de 1,20 m, colocado em nosso depósito. Essa lenha, cortada em toretes para o fogão, triplicava o número de achas.

A compra era feita no início do inverno e as entregas sem tempo definido. No entanto, antes do rigor do inverno, toda a lenha, de várias espécies vegetais, era transportada para o nosso depósito. A quantidade era, sempre, ao redor de 20 metros cúbicos, empilhada, medida, conferida. Tudo em ordem, vovô e o franco canadense iam para a cozinha para as cerimônias finais do negócio.

Nenhuns deles sentava. Permaneciam em pé ao lado do fogão. Vovô apoiava o cotovelo sobre o reservatório de água quente: trocavam algumas palavras gentis, cabendo ao fazendeiro apenas 10 % da conversa, no seu inglês estropiado. No momento psicológico propício, vovô tirava a carteira, com deliberada lentidão, do canto noroeste do seu bolso traseiro e começava o processo do desenrolar o longo tento.

Parecia-me que o franco-canadense se sentia inspirado e edificado por tomar parte naquela cerimônia que vovô armava para o pagamento. Se a importância fosse de milhões de dólares, o ato não seria mais solene e expressivo. Não me lembro de outro vermontense que tivesse um avô preocupado de guardar-se contra gastos supérfluos mas, na verdade quando se tratava de soltar dólares e centavos, qualquer deles se movimentava com notável preguiça.

Enquanto eu era menino, quem serrava a nossa lenha era o velhinho senhor Rutherford, com sua serra de arco. Era uma operação demorada, que se arrastava através do inverno. Com o passar dos anos, entrou em ação a serra circular movida a cavalo. O "motor" era velho e magro mas dava a sua contribuição andando monotamente, em circuito, para produção da força. A serra chiava contra as toras enquanto que o serrote permanecia, pendurado, em repouso. Excetuando-se o cavalo, as demais partes envolvidas na operação tinham vantagem na mudança do processo.

Depois de serrada, no comprimento apropriado para o fogão, a lenha tinha que ser partida em achas convenientes. Essa tarefa era de um franco-canadense. Chamava-se Benjamim e tinha um tórax de gorila. O machado em suas mãos era como um brinquedo nas mãos de uma criança mas os seus efeitos eram imediatos no despedaçamento das toras. Muito raramente ele dava dois golpes. As toras se transformavam em achas com as dimensões apropriadas, como por mágica.

Meus avós tinham alto senso de responsabilidade e, conhecendo a minha capacidade para traquinadas, faziam o que podiam para moderá-la. As minhas travessuras traziam os vizinhos em permanente preocupação e era opinião generalizada que de mim nada de bom se podia esperar.

Vovô, por duas razões, chamava a si a maioria das tarefas a executar: 1º porque era mais certo tê-las bem executadas; 2º atribui-las a mim era tarefa difícil e profundamente duvidosa. Apenas uns poucos

trabalhos eram atribuídos a mim. Colher maçãs, peras, groselhas e morangos e, no início da primavera, recolher a lenha que, picada pelo senhor Benjamim, fazia enormes montes e tinha de ser empilhada no depósito, sob a fiscalização do vovô. Cinco a dez cargas de carrinho de mão, e mais algumas extras, aos sábados, iam aos poucos, reduzindo o monte mas a primavera já ia bem adiantada quando o último pau de lenha, depois de limpo da neve, fazia a sua viagem, no carrinho, para a pilha no depósito, a disposição das exigências do fogão.

A lenha fraca, para fogo de curta duração, ficava em pilha própria, separada da de lenha dura, fornecedora de bom brazido.

O fogo, usado para os misteres da cozinha e, aos sábados, para aquecer a água do banho, mantinha, ao mesmo tempo, o calor na cozinha. Próximo às pilhas de lenha ficava o depósito de carvão. Durante o inverno, todos os dias, logo depois do desjejum, vovô colhia as cinzas numa lata e as despejava num cesto, tanto as de carvão como as de lenha. Elas serviriam, na primavera para fornecer, lavadas, a potassa com que se fazia um sabão pastoso e eficiente.

Vovô, após tratar as galinhas, recolhia os ovos, que punha cuidadosamente nos bolsos, empilhava sobre o braço esquerdo um bom feixe de lenha - forte e fraca, em proporção conveniente - apanhava a lata em que conduzia as cinzas e entrava suavemente, de volta, em casa.

Mais tarde voltava, duas ou três vezes, ao celeiro. Esses exercícios, por certo, contribuíram para a preservação do bom estado físico que manteve até a morte, aos noventa anos. Minha avó compreendia isso e jamais tentou dissuadi-lo de movimentar-se.

O nosso fumeiro tinha capacidade muito além das necessidades da casa e vovô fez um convênio com o senhor Sinclair Cruickshank: este mantinha depositado ali os seus produtos e, em compensação, assumia a responsabilidade da produção de fumaça durante os períodos necessários.

O senhor Sinclafr Cruickshank era uma das figuras pitorescas da nossa comunidade. Ainda posso vê-lo com o seu chapéu de abas largas, dobradas de um lado, como os dos camponeses de Tirol, conduzindo pomposamente os seus cestos com palha, de milho para fumaça num dos braços, em direção ao nosso fumeiro. Diziam que ele usava espartilho e se maquiava para parecer bonito.

Os nossos presuntos, após perfeitamente defumados, eram transportados para o porão. A lembrança de uma fatia desse presunto, frito com ovos fresquinhos, ainda me junta água na boca... Quem provou o presunto da Nova-Inglaterra daquele tempo e, depois é servido do presunto que existe hoje, tem vontade de chorar de saudade.

O regime alimentar do vovô, autoprescrito depois de anos de experiência, era o mais frugal possível. No jantar a frugalidade era ainda mais pronunciada. Constava, comumente, de uma xícara de chá verde, quase, incolor, uma fatia de queijo e um bolinho de farinha de trigo ou parte dele. Estou certo de que os nutricionistas atuais horrorizar-se-ão, com a má qualidade da janta de vovô. Mas ainda é necessário que tais especialistas saibam que vovô nunca comeu queijo ou bolinho frescos. Estes tinham que estar quase empedrados pela idade e, então, eram cortados em fatias quase transparentes, quebrados em pedacinhos e mastigados demoradamente. Será que já esclareci o fato? Se não o consegui, aqui vai o meu último esforço: nunca, durante os anos que convivi com ele, soube que ele tivesse tosse, resfriado, constipação, insônia ou outra qualquer indisposição. Também nunca o vi tomar uma pílula, uma colherada de poção medicinal e, nem mesmo, o chá de hortelã de vovó. Jamais consultou médico. Ele mesmo se cuidava. Mary Toley dizia que ele, mesmo comendo pedra, sentir-se-ia em plena saúde. Quando adoeceu, morreu. Aos noventa anos, ainda estava a raspar a neve dos arredores da sua casa, como se fosse um homem vigoroso.

Não era costume na Nova Inglaterra que se prodigalizassem, em família, manifestações de amor e ternura. Comigo não havia permissão de nenhuma manifestação para com vovó, senão um boa noite e um beijo pela manhã, e com vovô, subir, algumas vezes, no seu colo e passar mãos na sua face, sentindo as rugas e a barba. Estas manifestações eu as tinha quando o via triste e suspirando, depois de ler cartas de

meu pai. Eram ocasiões memoráveis para vovô e para mim. Serviam para levantar-lhe o ânimo e, também, levá-lo a esquecer as traquinadas do endiabrado que tinha no colo.

Por alguma razão, vovô jamais demonstrou temor pelo meu futuro. Parecia que ele confiava na minha capacidade de auto conduta, no sentido de evitar a miséria e a cadeia (ou ambos), apesar dos meus desvios ocasionais do bom caminho.

Os usos da Nova Inglaterra ainda impediam entrever as relações de intimidade entre vovô e vovó. Se ele acariciasse ou beijasse sua velhinha mimosa em público, seria em escândalo. Jamais os meus avós chamaram-se pelos nomes, Pâmela ou Howard. Era só "Pa" e "Ma" e nada mais. Quando em conversa com terceiros, eles se referiam a "Sr. e Sra. Harris". No entanto, era manifestada por outros sinais, a mútua devoção entre eles. Por exemplo: a estreita solidariedade no asseio e na ordem em tudo a que ambos se dedicavam, como fator de tranqüilidade, conforto, bem estar e paz.

Vovô não discutia com ninguém. Preferia calar mesmo que ofendido. Vovó sempre contava este episódio ilustrativo: contrariando os seus hábitos, ele, certa vez, levou vovó a Boston, numa das suas viagens para compras. Ao passar numa rua de grande movimento um bêbado investiu contra vovô como se fosse agredi-lo. Vovô percebeu-o de imediato mas apenas desviou-se, tirou o chapéu, curvou-se, dizendo delicadamente: "desculpe-me, senhor" e continuou andando.

Meus avós freqüentavam a igreja Congregassional da qual vovó era membro. Em casa não havia prática religiosa, embora vovó lesse a Bíblia regularmente nos trechos recomendados pelo ministro. Certa vez, ao passar defronte a porta semi aberta da sala dos fundos, vi vovó e o ministro de joelhos. Ele falava alguma coisa. Possivelmente de Deus. Senti que não podia perturbá-la e passei sorrateiramente.

CAPITULO XXVIII

Uma Comunidade Laboriosa

O meu vale era auto-suficiente nos tempos da minha infância. As terras ao longo do rio eram férteis e as fraldas das montanhas circunjacentes ofereciam excelentes condições de pastagem. As pequenas indústrias baseavam-se na extração da madeira nativa, como matéria prima. Também a loja de ferragens achava, ali, o material apropriado para os cabos das ferramentas.

A indústria de trenós encontrava os paus-d'óleo brancos, que também eram usados na fabrica de algumas peças de carros. Afinal as madeiras para todos os fins existiam ali. Até para a fabricação de gamelas, muito usadas pelas donas de casa.

O velho Pratt, de uma só perna, fabricante de esquifes; o carpinteiro, o tanoeiro encontravam, abundantes, as madeiras mais próprias para os seus misteres. Havia, ainda, os melhores mármore e granitos do mundo, no alto das montanhas.

Existira, há tempos atrás, uma olaria como também uma chapelaria e um forno de cal.

Eu era menino, quando foi instalada uma fábrica de ferramentas, pelo Senhor Batcheller, que era dirigida pelos seus três filhos e um genro. O mais velho dos filhos vendeu a sua participação aos irmãos e associou-se com uma empresa concorrente. Quebrou-se. Os irmãos permaneceram prosperando, confirmando a fábula da resistência dos gravetos quando num feixe. A empresa Batcheller empregava cem ou mais pessoas e as relações patrão-empregados eram notavelmente avançadas e sábias.

Os Batchellers eram aristocratas na sua maneira de viver mas extremamente democratas na conduta da empresa. Era uso, naquele tempo, (como o é ainda hoje) reservar-se as tarefas mais fáceis e leves aos filhos, netos e parentes dos proprietários. Os Batchellers não se faziam exceção. À medida que seus filhos aprofundassem os privilégios oferecidos, de aperfeiçoamento técnico nos campos que escolhiam, eram colocados na fábrica mas só até aí iam os privilégios. A partir de então, os progressos dependiam exclusivamente dos méritos que demonstrassem.

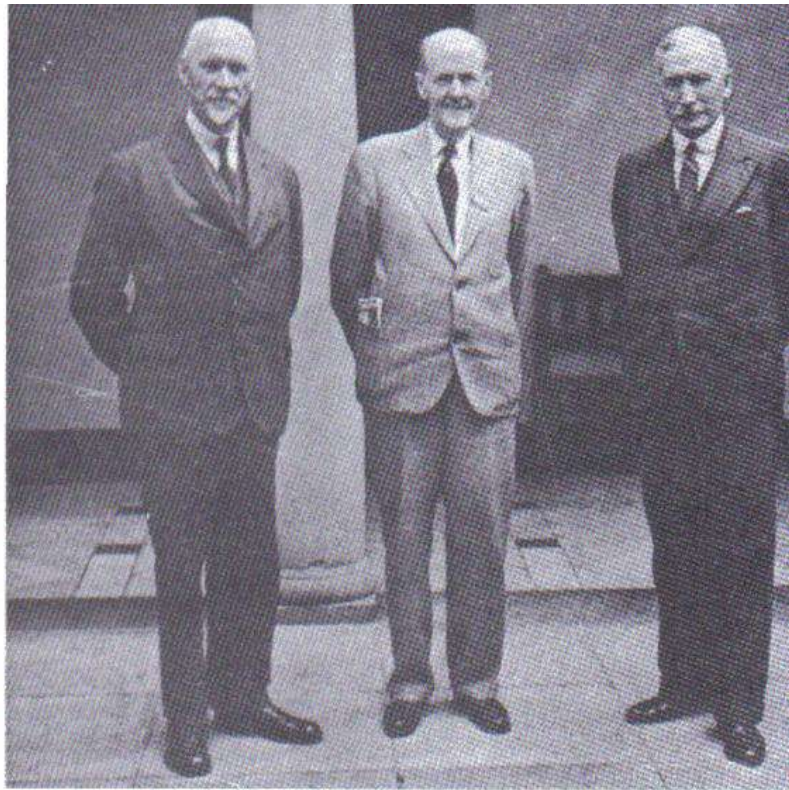
Não me lembro jamais, de algum parente dos proprietários colocado, de imediato, em posições de direção ou autoridade. Eles iam para as mesmas tarefas dos empregados, recebendo salários iguais. Nunca houve greve naquela firma. Os empregados não tinham organização classista mas eu duvido que fosse possível alguém desenvolver esse tipo de liderança naquela empresa. O espírito democrático e justo e a harmonia ali existente eram obstáculo intransponível. Todos ali eram amigos a despeito dos desníveis de qualquer natureza porventura existentes. Aquele regime, estou certo, renderia resultados maravilhosos ainda hoje.

Muito mais tarde os Batchellers foram absorvidos pela "American Fork and Hoe Company" de Cleveland, firma de âmbito nacional, com recursos maiores que os Batchellers. Assim, Wallingford não perdeu nada. Pelo contrário, lucrou com a incorporação. O gerente fixou-se na cidade, havendo adquirido a propriedade onde eu vivera quando menino, e o seu interesse pelo desenvolvimento da fábrica contribuiu bastante para a melhoria da cidade.

A sua mais importante contribuição urbana, foi a construção da linda hospedaria Nova Inglaterra, no mesmo lugar do velho hotel de Wallingford. A firma obteve largo prestígio pela excelência dos seus produtos e a sua marca era a preferida nas ferramentas agrícolas, nos bastões de golf, equipamentos para pescaria, esquis, tobogãs, patins, etc. A hospedaria que construía ficava muito próxima, ao sul da casa da minha infância.

Ela fez de Wallingford atração de primeira classe para as diversões de verão. Quem viajasse de automóvel através da Nova Inglaterra, pararia, por certo, naquele estabelecimento de muita ordem. Há muita coisa interessante para ser vista, ali.

While in South Africa Paul Harris persuades two noted political adversaries, General Smuts (at his right) and General Herzog, to pose with him for this picture.



In Washington, D. C. helping the Rotary Club there celebrate the 35th anniversary of the founding of Rotary the President Emeritus places a wreath at the tomb of the Unknown Soldier.

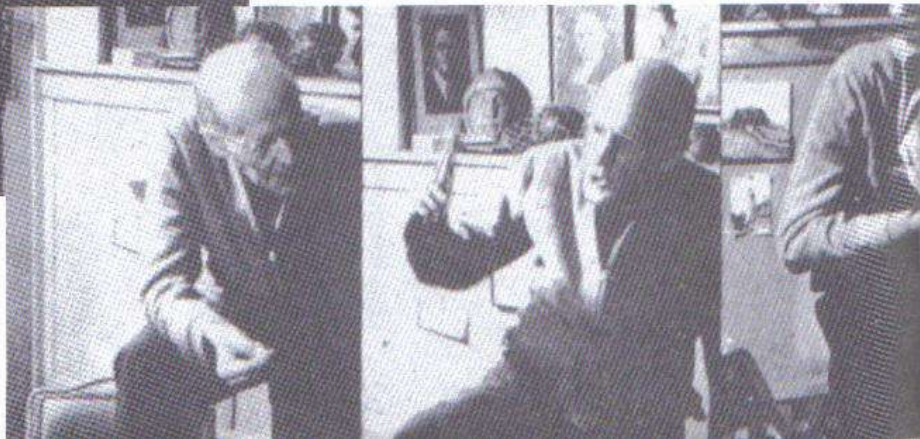




Still a prankster Paul gleefully accepts a role in this Danish Rotary Club play, he being the long-tressed beauty. It happened in Copenhagen.



In his "den" at home Paul tells one of his reminiscences with dramatic effect, doubling with merriment at the climax.



Homens de grande valor têm saído de Nova Inglaterra para exercer papéis destacados no mundo. O solo de Vermont é mais fraco do que o das fazendas do oeste e, talvez, por exigir mais de sua gente, tem desenvolvido o valor dos seus homens.

Temperados pelas dificuldades impostas pelo solo rochoso e disciplinados pelo rigor do clima, é-lhes mais leve e fácil o desempenho em condições mais favoráveis. É notória a observação de que, proporcionalmente à sua população, Vermont tem maior presença que qualquer outro Estado da Federação nas listas do "Quem é Quem".

Wallingford é uma contribuinte de Vermont, em homens destacados. J. T. Trowbirdge, escritor de histórias para crianças, viveu ali por alguns anos. Phil Emerson tornou-se juiz federal em Utah. Jeff Southerland, um advogado de Chicago, foi, por anos, assistente da prefeitura em Wallingford. Aldate Walker Jr. foi dirigente da Comissão Interestadual de Comércio; Nate Rounds tornou-se o gerente de uma grande firma comercial. Birney Batcheller, que morava em frente da nossa casa, foi o inventor do tubo pneumático para distribuição de correspondência nas grandes cidades. Filadélfia é uma delas. Foi ainda inventor de outros engenhos; escritor, poeta e cientista. Escreveu a história genuína de Wallingford. Por Birney, com quem não convivi como amigo devido a ser muito mais velho que eu, tive grande admiração pelos seus experimentos no terreno da mecânica.

A lista dos notáveis da minha cidade não estaria completa sem o nome de Will Coleman, oriundo da zona de terras mais sáfaras das redondezas. Apelidamo-lo de Hartoboro por que esse era o nome da povoação em que ele morava. Se é verdade que as ovelhas de Vermont tem o faro tão apurado que conseguem sobreviver com o raríssimo material que há entre as pedras das montanhas, por certo essa qualidade elas teriam desenvolvido em Hartoboro.

Nem mesmo, escola Harteboro tinha. As crianças dali vinham à de Wallingford. As sete ou oito milhas que percorriam, diariamente, a pé davam-lhe um tão grande apetite de aprender como de comer o farnel que traziam.

John Gainey e Will Coleman sempre vinham juntos e eram quase irreconhecíveis quando, no inverno, se agasalhavam para cruzar caminhos das montanhas geladas. Ambos estavam colocados, entre os primeiros da classe. Graduados, John voltou à fazenda mas Will lançou-se nos negócios.

A iniciação usual no campo dos negócios era, em Wallingford; emprego numa das suas lojas. Depois, maior desenvoltura numa loja maior, em Rutland. Provada, aí, capacidade, continuaria, indo para Troy, Albany, New York e Boston. Will não seguiu essa escala. Procurou, de início, colocação numa firma importante em Boston. Economizara o dinheiro suficiente para a viagem de 257 km e a hospedagem por alguns dias numa pensão barata e lançou-se. Por sorte sua, foi procurar emprego na maior fábrica do mundo em maquinário para sapatarias. Após alguns empecilhos conseguiu entrevista com o presidente da Companhia. Este, impressionou-se com o desembaraço e a atitude resoluta do moço.

Perguntou-lhe, afinal, o quanto pretendia ganhar.

"Quinze dólares, e eu os mereço", foi a resposta.

O homem contestou dizendo que Boston estava, repleta de moços experientes, dispostos a trabalhar por quatro dólares por semana.

Eis a resposta de Will, que ficou célebre nos anais da grande indústria.

"O meu preço é quinze dólares. Não trabalho por menos. Mas eu trabalho de fato. Dê-me o emprego e, se ao fim de uma semana, o senhor achar que está perdendo dinheiro com o meu salário, não precisa pagar-me nada".

Obteve o emprego. O único que precisou pedir. Todos os outros, daí por diante, foram-lhe dados pela própria firma. O último foi o de gerente geral do escritório de vendas, na Europa, localizado em Paris. Essa história sobre Will me foi contada por um empregado da Companhia que sabia ter eu sido seu colega de escola.

Mais tarde testei a verdade com o próprio Will, numa ocasião que nos encontramos em Vermont.

Eu, que o conheci menino e homem, classifico-o como a figura padrão do que de melhor há na Nova Inglaterra.

Alguns dos que tentaram a vida fora da nossa aldeia fracassaram e voltaram em piores condições do que as que tinham ao sair. Mas mesmo os de sucesso humilde tinham histórias bonitas a contar do que lhes acontecera em terras estranhas e tinham audiência para elas, normalmente na área juvenil.

Entre os que não mais voltaram está Hiram Chapin. Foi surpresa geral quando se soube das tendências aventureiras de Hi. Sua saída foi muito comentada. Mas quando reapareceu, não há língua que descreva o sucesso. Veio montado num cavalo lindo, trazendo pela frente uma tropilha de cavalos xucros. Veio vestido à maneira dos homens do oeste; com um chapéu de largas abas e de lenço colorido no pescoço, fazendo uma pose que era de se ver. Nós os meninos, nos orgulhávamos dele, que despertou o nosso entusiasmo com o oeste.

Alguns de nós, que estávamos para ser soldadas, marinheiros ou acrobatas de circo, mudamos de plano e passamos a sonhar com o sermos cow-boys. Se um bocó como Hiram Chapin, em seis meses, podia transformar-se naquela figura admirável, o que se podia esperar de uma rapaziada de sangue quente, como nós!?

CAPÍTULO XXIX

A Morte do Vovô

Após graduado na escola secundária de Wallingford, dispuz-me a continuar estudando. Vovô aprovou a minha resolução, dispondo-se a suportá-la financeiramente. Nunca pude compreender a confiança que depositava em mim, já que eu jamais lhe dava razões que a justificassem.

Talvez o senhor Jereme Hilliard ou qualquer outra pessoa representativa tenha querido aconselhar vovô a respeito, mas vovô não pediria conselhos a ninguém. O povo bom de Wallingford achava que vovô estava investindo num azarão. Afinal, ninguém tinha nada a ver com isso, se era o que ele queria.

Vovô acreditava firmemente na educação, mas o máximo que podia dizer de mim é que eu era um curioso notável.

De uma coisa estou irremovivelmente certo: eu adorava meu avô e ele, talvez, o percebesse. Não obstante as minhas repetidas más condutas, não me lembro de haver percebido nele sinais de aborrecimento. E estou certo de que ele se enternecia com a minha solidariedade, quando eu me atirava no seu colo e o acariciava ao vê-lo sentado ao lado do fogão, curtindo suas preocupações amarguras.

A fé dos meus avós em mim foi posta à prova de maneira crescente nos anos que se seguiram.

Minha passagem pelas academias de Black River, a Militar de Vermont e pelas Universidades de Vermont e Princeton deixou muito a desejar. A ordenação normal dos currículos tinha nenhuma importância para mim. A literatura, a filosofia, a história, as humanidades e as ciências sociais, essas, sim, teriam. Sofri, pois as conseqüências das minhas atividades curriculares fortemente temperadas com insubordinação.

Algumas personalidades daqueles estabelecimentos ficaram gravadas em minha mente: o maior Spooner, da Academia Militar de Vermont, o professor Petty, da Universidade de Vermont e, acima de todos, o doutor James McCosh, presidente da Universidade de Princeton. Tive o privilégio de estudar lógica e psicologia com esse famoso educador das Universidades de Edimburgo, Glasgow e Belfast. "Jimmie" era adorado por todos e, para mim, se sobrepunha, ainda, o fato de eu achá-lo parecido com vovô, tanto no aspecto físico quanto no modo de agir. Apenas era mais curvado, por estar sempre debruçado sobre os livros. Mas tinha o mesmo nariz aquilino e os mesmos cabelos prateados.

No meu primeiro dia em Princeton fui levado à casa do venerável presidente pelo professor Huss. O presidente McCosh estendeu a mão, sem levantar-se, e perguntou-me:

"Veio aqui para uma temporada boa?"

Um tanto perturbado com a pergunta singular, ainda tive presença de espírito para responder:

"Não, senhor Presidente. Vim para estudar".

Ele apertou-me a mão e disse:

"Ah! Isso é bom, meu rapaz!"

Num dia particularmente frio, de inverno, recebi um telegrama de tio George nestes termos: "Venha urgente se quiser ver seu avô ainda vivo". Eu sabia da exatidão das palavras de tio George. Tomei o primeiro trem para New York e aí fiz baldeação para o do norte. O panorama era-me sombrio. Enquanto o trem vencia a subida ao nosso vale, eu vislumbrava, com justificada e profunda dor, o desfilar dos funerais de vovô. Estava anoitecendo quando chegamos a Wallingford. Só havia uma pessoa na estação. Era um menino chamado Preston. Fui direto a ele e perguntei

"Bert, você sabe como está vovô?"

Ele gaguejou e respondeu:

"Sinto muito dizer-lhe. Seu avô morreu".

O restante sobre a doença e a morte de vovô eu soube por vovó e outras pessoas presentes. Meu espírito se recusava a acreditar naquela fatalidade mas era verdade.

Aquele foi o inverno mais rigoroso que se conheceu, até então, na região. O North River gelou completamente e houve quem o atravessasse sobre o gelo para acreditar. A neve amontoou-se até os beirais das casas e o tráfego parou por muitos dias. Quem não abastecera a despensa passou fome. Mas na casa de vovô não faltou alimento.

Vovô, com certeza deve ter tido muito trabalho para conservar, à frente do portão, o passeio, defronte de casa, livre da neve acumulada. As tempestades de neve foram sempre um desafio para ele. Ele não admitia que qualquer vizinho tivesse mais perfeita a remoção de neve. Antes do clarear do dia, enquanto jovens e velhos ainda dormiam, já era ouvido o ruído do raspar a neve: ao redor da casa de vovô. O "Snow Bound" de Whittier foi, de muito, sobrepujado e os que julgaram aquela obra prima uma fantasia ou um exagero devem corrigir esse conceito. Vovô deve ter trabalhado excessivamente, naquele ano, para conservar o terreiro, na frente do portão e a calçada ao redor da casa livres da neve acumulada. Mas ninguém sabia melhor que ele que a neve voltava sempre a desafiá-lo acumulando-se novamente. A impiedade da natureza parece que ofereceu-lhe a motivação de um novo esporte, nenhum dos vizinhos o bateria na luta contra o acúmulo de neve! Muito antes de o dia clarear, enquanto o pessoal, da cidade ainda dormi, ou pensava nas tarefas a enfrentar, já estava ele no seu afã pertinaz, contra a neve.

Vovó se preocupava com aquela obstinação de vovô mas isso não o demovia. O mais que ela conseguia era fazê-lo agasalhar-se convenientemente. De quando em quando, ela vinha ver o progresso do trabalho do marido.

Lembro-me que vovó falava a respeito disso a tio George. Ele ouvia com paciência e respondia:

"O limpador de neve de "Pa" é o seu próprio remédio, não, é?"

"Parece que é!" . . .

E vovô continuava na sua faina.

Que, sua vida pudesse durar mais ou menos dias, ninguém, nem mesmo tio George, amigo e médico que era, o convenceria a permanecer sentado atrás do fogão, se lá fora a tempestade estivesse rugindo.

Mas eu não disputaria com meu avô o privilégio de raspar a neve da calçada. Eu sabia intuitivamente, como tio George e vovó, que vovô jamais teria tranqüilo o seu cochilar na cadeira de braços, sem haver, de manhã, executado a tarefa que se impunha.

Ele delegara a lida com seus cavalos e vacas e os trabalhos mais pesados da lavoura, a feitura e o depósito de feno, mas aquilo que ele considerava dever doméstico era só dele. Ninguém mais o poderia executar.

Na verdade ele não falava dessas coisas e nem era necessário que o fizesse. Quando calçava as botas, recolhia nela as calças, agasalhava-se convenientemente, inclusive calçando as meias-luas (mitenes) e saía a apanhar a pá para neve, qualquer pessoa entenderia que a neve iria ser removida... e por ele.

A pá para a neve de vovô era, pra mim, um símbolo de coragem e resolução. Como brasão de família, ela lembraria sempre o dever de realização pronta das próprias tarefas.

Depois que cheguei em casa eu soube que vovô apanhara um resfriado que progrediu rapidamente. Foi dormir a hora de costume mas, pela manhã não acordou e vovó viu que ele respirava com dificuldade. Pela primeira vez, em sessenta anos de casada, vovó levantou-se, acendeu a luz e chamou a empregada para fazer o fogo. Iluminou o ambiente e vovô continuava a dormir. Não suportando mais a preocupação, tão logo o dia começou a surgir, chamou tio George que veio imediatamente para Wallingford. Tanto Billy como Fanny (os dois animais que puchavam a carruagem de "tio George") já conheciam se era urgente o caso que tio George atenderia e jamais se negaram ao esforço pra maior rapidez de atendimento. Chegando, demorou-se apenas para desvestir o sobretudo, e descalçar as galochas, após cumprimentar vovó. Examinou o doente.

"Está com pneumonia", afirmou, em seguida. "Espero que a sua constituição o ajude a sair dessa: a crise virá esta noite. Vamos ver o que podemos fazer".

A preocupação de vovó espalhou-se pela vizinhança que, solícita, ofereceu toda a sorte de solidariedade, demonstrando a estima que ambos as velhinhas lhe inspiravam. Tia Hib chegou, inesperadamente, durante a tarde. Tio George teve que sair para atender um chamado em Rutland.

Mais tarde tio George voltou trazendo tia Mellie. Examinou novamente o doente e voltou à sala de jantar sentando-se, com ar profundamente compungido, para conversar. Um pouco mais tarde telegrafaria a papai, mamãe e outros parentes mais próximos, que vieram imediatamente. É uma benção ter assistência, nessas ocasiões, de parentes e bons vizinhos. Eles proporcionaram grande conforto a vovó, quando ela compreendeu que teria de separar-se do companheiro de sessenta anos de plena solidariedade, respeito e estima.

Vovô não readquiriu mais consciência. Seu velho coração dentro em pouco, cessou de bater. Deixou de existir um grande esposo, pai e avô e a Nova Inglaterra perdeu um cidadão exemplar.

Veio de Rutland o agente funerário, que removeu o corpo para a sala norte, que jamais eu vira aberta.

Quando eu cheguei já vovô estava ali, inerte. O cômodo estava gélido até a hora dos funerais, apesar de estarem as estufas da sala de estar e da cozinha plenamente acesas.

Embora vovó nunca tivesse se mostrado pessoa de expediente, assumiu todas as atitudes necessárias e as suas ordens e vontades foram respeitosamente cumpridas.

Os serviços do funeral foram simples. Não havia mais flores, além dos gerânios cultivados em vasos nas soleiras das janelas da cozinha e da sala de jantar. O ministro, em pé, na porta que comunicava as duas salas, falava apreciativamente sobre a vida de vovô, as figuras do coro da Igreja Harlan Strong, o tenor, Cal Hilliard, soprano e sua irmã viúva, Mellie Cleghorn, contralto cantaram sem acompanhamento, "Lead Kindly Light" e outros hinos.

Embora dois filhos e muitos netos estivessem presentes, vovó fez-me sentar ao seu lado no assento traseiro da primeira carruagem após a fúnebre, até o cemitério e, amparada no meu braço fomos até onde, no túmulo da família, fora removida a neve e cavada a sepultura. O túmulo da família estava limitado por uma grade de ferro com o nome "Howard Harris" na porta.

Vovó manteve-se com a maior fortaleza durante o tempo todo do funeral.

Parece-me que foi por sugestão de minha mãe que se fizesse a leitura do testamento de vovô e o escolhido para isso fui eu.

O testamento determinava a divisão do espólio em três partes: um terço integral para tia Mellie, um terço para vovó a fim de que dispusesse, como fosse de seu desejo, incluindo provisões, se assim o quisesse, para continuidade dos meus estudos. O outro terço entregue à administração de tio George para que a renda fosse de papai, enquanto ele vivesse.

O testamento foi uma surpresa geral. O pessoal conhecido pensava que vovô teria me posto em igualdade com tia Mellie e papai. O único que se mostrou injustiçado foi papai, que protestou junto a curadoria, dizendo-se suficientemente capaz de administrar os seus bens e voltou-se, ferozmente, contra tio George. Tio George desagradou-se do legado, mas resolveu levá-lo até onde lhe fosse possível, o que, aliás, não foi por muito tempo. Nos seus últimos tempos de vida, no intento de defender-se contra as acusações de papai, ele mostrou-me os livros de registro e tentou explicar-me as rendas. Neguei-me a examinar os livros e a ouvir explicação. Um dos homens mais honestos e conscienciosos que conheci foi tio George.

A humilhação de ser considerado incompetente para administrar seus próprios bens feriu papai profundamente. Vovô sentiu que isso ocorreria e, por isso, muitas vezes suspirava na sua cadeira de braços ao lado da lareira, nos últimos tempos de sua vida.

CAPÍTULO XXX

Adeus, Vovó

Depois da morte do vovô terminei o ano em Princeton e voltei para passar o verão com vovó. Como é natural ela se mostrava freqüentemente pesarosa. Eu a sabia profundamente solitária mas jamais se queixava. Perambulava pela casa mergulhada em perplexidade. As vezes me pedia para acompanhá-la ao jardim e, quando o sol mergulhava no horizonte, pois ela gostava muito de apreciar as tardes e os crepúsculos ao lado das montanhas do oeste. Comentava, encantada, o metamorfosear das nuvens e a quase imperceptível sucessão das cores, desde o cinza escuro ao rosa claro, ao rosa, ao alaranjado, ao purpurino:

"Que beleza, Paul! Pode alguma coisa ser mais majestosa?! É obra do Onipotente! Os ocasos me infundem conforto, consolo e paciência. Nada de mal poderá vir do que oferece espetáculos tão esplendorosos às suas criaturas!"

Raramente ela se referia, a vovó, embora eu o sentisse sempre presente nela. Certa vez falava dele num dos nossos vagares pelo jardim. Eis o que me disse:

"Eu fui feliz, Paul. Tive o amor constante do seu avô por mais de sessenta anos. A maior benção para qualquer mulher é ter o amor constante de um bom marido e bom pai dos seus filhos. Nossa vida não foi só um mar de rosas, é verdade. Foi uma luta contínua e tivemos a nossa dose de tristezas e dores. Perdemos três filhos. Tivemos momentos de desânimo e de não sentir o valor da vida mas havia, sempre, tarefas a cumprir, deveres a obedecer. Havia o viver, como o morrer. E ninguém poderá ser maior amparo para a mulher que o seu próprio marido. Meus pensamentos foram os de seu avô e os dele foram os meus. Parece que eu estou morta pela metade de mim mesma".

"Paul, eu, às vezes, me pergunto se você está consciente do quanto você significou para o seu avô. Ele chegou a pensar que a sua vida fora um fracasso. Como você sabe, ele alimentava grandes esperanças para o seu pai e não regateou despesas e cuidados para a educação dele. O desapontamento que seu pai lhe deu, despedaçou-lhe a alma. E, então, você, providencialmente, veio aqui pra nossa casa e as esperanças do seu avô ressuscitaram.

Paul, você não pode falhar. Trabalhe duro e viva com honra e dignidade, pela lembrança e pelo amor de seu avô".

E depois de um olhar triste e saudosos às cores do poente, ela voltou-se e, envolta no seu halo luminoso de bondade, entrou em casa.

Esta não é a história da vida dos meus avós mas apenas um testemunho para retratar o caráter da gente com quem eu vivi, durante a minha infância, em Nova Inglaterra, e, em extensão, da gente daquela época. Não é uma autobiografia mas, apenas, episódios da minha vida. Da vida de muitos dos meus companheiros de infância, que já se foram deste mundo.

Ao invés de retornar a Princeton, no outono, comecei a trabalhar na "Sheldon Marble Company", em West Rutland. Eu tinha que levantar às cinco da manhã, tomar o desjejum, andar uma milha (1.609m) até a empresa, acender as estufas, varrer o pó, enfim, deixar tudo em ordem para receber os diretores e empregados do escritório e, então, começava o meu dia de trabalho com os demais empregados, e quando houvesse executado as ordens recebidas, procurar o que fazer. Antes do fim do ano do meu contrato de trabalho eu subi de "office boy" a postos bem mais importantes. Foi uma experiência valiosa. Depois disso, vovó decidiu que seu neto devia estudar Direito.

Durante os meus últimos dias em Wallingford eu senti que estava no vestibulo da vida, e que o futuro encerrava uma enormidade de incertezas. Seria eu capaz de suportá-las e vencê-las ou voltaria derrotado e humilhado como papai?

Havia, porém, uma diferença entre as nossas situações. Ele contava com um lar como abrigo e eu, muito em breve, não o teria mais. A casa sagrada dos meus avós já se estava fechando e jamais se abriria.

Vovó fora viver os seus dias finais na casa confortável de sua filha Mellie, esposa de tio George. Meu pai era um dependente da tutela instituída por meu avô e por mais alguma ajuda que vovó lhe dava. Ela tinha de pensar em tomar conta da minha própria vida. De ser auto-suficiente.

Talvez a cláusula intencional e oculta do testamento de meu avô fosse o estímulo, que eu sentiria, com a confiança dele na minha capacidade de cuidar de mim. Ele me proporcionara as mais aventuras e felizes infância e adolescência que um jovem, pode aspirar e agora, afirmava que tinha confiança no seu neto, sua criatura em educação. Sempre senti orgulho, por essa confiança. Era um legado mais valioso e perene do que qualquer quantia em dinheiro! A proteção privilegiada que o trabalho duro e o sacrifício dos meus avós me proporcionaram, resultaram não só numa educação para bom aproveitamento escolar e acadêmico mas, também, para as vantagens da ordem e do império de respeito e de amor, que reinava naquele lar abençoado.

Sinto que meu avô infundiu-me alguma coisa da grandeza de que era revestido o seu espírito de tolerância. Aos olhos do menino que sentou à sua mesa e viveu ao seu lado durante anos, ele foi o mais extraordinário embaixador da boa vontade: jamais falou mal de qualquer homem, jamais criticou princípios políticos ou religiosos de outrem.

Meu ano de trabalho passou depressa, Vovó e eu estávamos sós, com apenas, uma velha empregada, para aliviar vovó dos trabalhos da casa. Chegara o dia em que nos separaríamos. Alguma razão havia para que ela e eu ficássemos em comunhão àquelas últimas horas. Tia Mellie e tio George viriam à tarde para fechar a casa e levar vovó a morar com eles.

Setembro começava e o dia estava esplêndido, embora os nossos corações estivessem emocionalmente doloridos. As horas de espera se passaram na sala de jantar. Vovó e eu, sentados no sofá estofado, em frente à mesa em que, durante anos, comemoramos a boa e saudável comida, e onde, antes de mim, papai tomara as suas refeições.

O relógio de parede, que marcara tempo para três gerações, ritmava, solene, o ruído do seu pêndulo. Surpreendentemente tomei consciência de que ali nada mudara desde a noite saudosa em que papai, Cecil e eu, chegamos e tomamos aquela reconfortante refeição de pão, leite e geléia de amoras, anos antes! . . .

A cozinha fôra o centro de atividades da casa, a sala de estar o lugar das decisões importantes. A sala de jantar foi o palco do alfa e do ômega da minha vida familiar, em Nova Inglaterra.

Quando vovó pode controlar suas emoções falou:

"Este momento não é inesperado, para mim, Paul, já o vivi muitas vezes. Pensei muitas vezes nas palavras que eu diria e agora não me lembro delas. Não devo falar de mim. É das mais altas esperanças do seu avô em você, que eu devo falar. Você sabe que ele centrava o grande interesse da sua vida em você, não sabe?"

"Sei sim", respondi: "Estou certo disso e espero não falhar às suas expectativas de que viverei dignificando a sua memória".

"É um propósito elevado, o seu", ela falou. "Mas você é capaz de muito mais do que isso e deve aproveitar as suas capacidades. Eu sei que você tem uma enorme curiosidade de conhecer o mundo. Seu avô e eu já notáramos e ele achava isso um dom abençoado, se você o associasse com a dedicação aos estudos e a um conveniente preparo cultural. Onde há uma vontade, abrir-se-á um caminho, Paul. E você poderá abri-lo, meu filho. Poderá ser difícil, mas você poderá abri-lo. Lembro-me, como se fosse ontem, a noite em que você, seu pai e Cecil entraram nesta casa. Muita gente nos criticou por estarmos assumindo a responsabilidade de criá-lo, Paul. Já havíamos criado a nossa família e estávamos velhos. Você mesmo deve ter ouvido essas opiniões".

"Em verdade as ouvi, vovó", respondi: "Ouvi-as e, de certa forma as achei judiciosas".

"Não houve nada disco, Paul. Varra essa idéia da sua cabeça: ao invés de perturbar a nossa vida, você deu-lhe mais alegria e mais riqueza. Aqueles que, criados os filhos, os viram afastarem-se, tiveram solidão na velhice. Quando a fonte do amor seca, não há razão para viver. A sua vinda aqui para casa foi

dádiva da Providência. Tivemos a quem dedicar afeição. As preocupações decorrentes são a realidade da vida. Muitas vezes pensei, até que o injustiçado foi você por ter que viver aqui com dois velhos. Crianças precisam de irmãos e irmãs ao redor. Mas você encontrou as companhias da sua própria escolha na cidade e supriu com isso o que lhe faltou".

Com essas palavras, vovó abria o coração.

Olhando o relógio de parede, surpreendi-me por ver que já os seus ponteiros marcavam onze horas. Eu só tinha quinze minutos para tomar o trem. Quando me levantei para partir, vovó, pela primeira vez em sua vida - tanto quanto sei - rompeu em lágrimas. Eu abracei aquele corpinho tão frágil e disse entre soluços:

"Vovó eu voltarei logo para ver você". Ela só sacudiu a cabeça mas não disse nada...

Na minha passagem pela casa do Juiz Button, cheguei para pedir a Ellen que fosse consolar vovó, ao que ela acedeu prontamente.

Contornando a esquina da rua Depot, segui meu caminho com a imagem nítida do meu avô com a lanterna a iluminar o caminho, quando da nossa chegada a Wallingford. Havia o alvoroço usual do trem das onze e quinze. Lá me fui com a alma em tumulto vendo passarem objetos e lugares tão meus conhecidos e irem ficando distantes. Eu me sentia terrivelmente só. Vovó era a minha última guarida e a chave da porta giraria, fechando-a, dentro em pouco.

Recebi freqüentes cartas de vovó, algumas das quais as conservo carinhosamente.. Ela contava-me todas as fases da sua vida na casa de tia Mellie. Por exemplo: a minha prima estava em viagem pela Europa em companhia de bons amigos e os incidentes interessavam muito a vovó. Era-lhe fator de orgulho ter uma neta na Europa. Ela jamais imaginara que isso acontecesse; no entretanto Mattie jamais seria a mesma, depois da viagem. Mencionava, também o comportamento dos demais da família e tudo o que era feito para que ela se sentisse bem.

Um ano e um mês da data da minha partida e, então um estudante de Direito na Universidade de Iowa, recebi um telegrama de tio George anunciando a morte de vovó durante a noite. Não houvera nenhum sinal de aviso. Ela simplesmente dormira para não mais acordar.

Não assisti aos funerais mas papai, mamãe e outros membros da família estiveram presentes. Eis a nota do "Rutland Herald".

"Partiu para Wallingford o cortejo fúnebre dos restos mortais de Pâmela Harris, viúva de Howard Harris, de Wallingford, e mãe da senhora George Fox, desta cidade. O cortejo foi acompanhado pelos familiares e amigos. Aconteceu num belo dia em que as cores das montanhas e arredores se mostravam claras e deslumbrantes, enquanto o cortejo seguia, ao longo do vale do "Otter Creek" (Arroio Otter) para o cemitério de Wallingford, onde foi o corpo da senhora sepultado ao lado do de seu marido. O Herald apresenta seus sentidos pêsames à senhora George Fox e seus familiares, louvando a personalidade da morta e reconhecendo que a beleza do dia de sua morte foi homenagem à beleza e pureza da sua longa vida".

Assim vovó voltou à sua terra. Teria sido um pecado execrável deixar os corpos de vovô e vovó separados. Toda a sua vida e a maior parte da de vovô se passaram ali, no vale. Seus filhos ali nasceram e cresceram e três deles ali estavam sepultados. Durante a sua infância, vovó traquinava nas colinas ao redor e acima do local do cemitério Green Hill; colhera flores e frutos nas vizinhanças e zelara, no solo do cemitério, do local onde jaziam as suas criaturas queridas.

A sepultura dos menores da família está tão ao pé da colina que dela pode ouvir-se o marulhar da fonte na montanha. Aí estão os corpos de Frances nº 1 e de Frances nº 2, o da filha mais velha Mary Reed e o de seu marido.

Ao lado do túmulo dos Harris estavam os dos vizinhos, os Martinales, os Button etc. O cemitério de Green Hill tinha, sim, o direito de reclamar os corpos de meus avós. Seria injusto o contrário. Nosso vale foi a concretização da idéia de Paraíso de vovó.

Vovó acreditava na ressurreição e, como sempre ela teve dificuldades de comunicar-se com estranhos, será uma benção estar rodeada de conhecidos ao soar a trompa do anjo Gabriel. A visão mais gratificante para ela, na manhã da ressurreição será a saudação do Juiz Button, com sua manta cinza sobre os ombros: "Bom dia, senhora Harris, vamos ter hoje um lindo dia"!

Procuro, freqüentemente, visualizar os funerais de vovó, o cortejo seguindo, vagaroso, o curso do rio, o preguiçoso e barulhento Otter Creek comprimido pelas colinas multicoloridas. A última visão que a nossa gente guardou da sua expressão na urna mortuária, eu a imagino com vívida nitidez, como se eu a tivesse tido, em realidade. Posso ver suas mãos laboriosas inertes sobre o peito e a saliência do osso do seu punho acidentado, sua insígnia de honra. Nada do que os manicuristas e os salões de beleza podem fazer, para embelezamento de mãos de mães e avós, poderia comparar-se com a formosura do amor e do labor daquelas mãosinhas enrugadas e de punho aleijado de vovó. Cada uma das oitenta e nove libras e todas as frações de peso do corpo de vovó foram ornadas e iluminadas de serviço amável, o ingrediente que fez a sua vida sublime.

Por mais de 50 anos o calor do sol primaveril faz brotar a vida, com grama e flores sobre a sepultura do pequeno cemitério; o sol do verão dá-lhes maturidade e os ventos do outono sopram sobre vovô e vovó, miríades de folhas de "maple", que também cessaram de viver e necessitam de um lugar calmo, para permanecer e descansar. As nevascas de mais de meio século vêm formando camadas de proteção sobre o lugar de repouso dos meus saudosos avós.

Por mais de sessenta anos o casal conduziu, solidário, a cruz que lhe coube, porque isso o fortalecia. Foi um prêmio, concedido pela Providência, que vovó ficasse de guarda. Havia muitas coisas pequeninas a fazer e ela era quem poderia fazê-las. Vovô, sem ela, por certo morreria logo em seguida. Muitas vezes ao dia ele teria estendido a mão trêmula para ela e muitas vezes esqueceria a sua ausência e, pois, a cada passo a ferida sangraria e a dor o estrangularia. Sim! Foi uma benção que o forte, meu avô, se fosse e ficasse a fraca, a flébil e delicada vovó, para terminar a missão do casal.

Quando Thoreau assistiu ao machado dos lenhadores destruindo a floresta, clamou:

"Graças a Deus eles não podem destruir as nuvens! Há coisas eternas que a fúria destrutiva dos homens não poderá alcançar. Pensar nisto é algo que nos põe tranquilidade e paz na alma. As estrelas ainda brilham, o sol ainda se levanta e se põe. As montanhas continuam montanhas, os pássaros ainda cantam. Os regatos continuam a murmurar nos seus cursos. O mundo ainda continuará por muito tempo sendo um lugar muito belo. Há qualidades indestrutíveis no espírito do homem. O amor de mãe é imortal e, mesma roído pela terra, ele renascerá. A coragem e o espírito de sacrifício iluminarão, sempre, as sombras de esperança. A fé dominará galhardamente as tempestades que tentarem varrer a terra.

Vocês não destruirão as nuvens! O espírito do homem é indestrutível. As maiores belezas da vida são imortais... sobreviverão a todas as hecatombes!

CAPITULO XXXI

Cinco Anos de Aventuras

Saudoso dos meus tempos de meninice, eu continuava, monotonamente cumprindo o meu curso universitário, aguardando notícias dos funerais de vovó.

Faltava-me aquela quietude ordenada em que eu crescera e, muito mais, a amorosa solicitude dos meus avós. Sonhava com as montanhas de Vermont, tão minhas conhecidas, e chegava a sentir lágrimas brotarem quando, eventualmente, eu avistava as do oeste.

Montanhas, minhas montanhas
Das correrias festivas,
Das traquinadas, das manhãs
Da minha infância tão viva!
Que saudades doloridas
De vocês, minhas queridas!

"I am homesick for my mountains
My heroic mother hills,
And the longing that is on me
No solace ever stills". (Bliss Casman)

No ano anterior, em viagem para Iowa, o menino de uma aldeia vermontense parou durante uma semana em Chicago, onde o burburinho contínuo da grande cidade ocidental fascinou-o. Aquilo era o oposto ao vale, mas ele sentiu vibrar a vida, ali. Era campo para estudo da natureza humana. Seria ali o lugar onde os homens se encontravam? E qual seria o chamariz que os atraía? Por quê se reuniriam? A que propósitos o faziam? Por quê alguns eram bons e outros maus? Por quê apenas alguns pareciam sacrificar-se? Sentir-se-iam felizes com isso? Por quê? Por quê muitos deles esbanjavam a saudade e as qualidades morais? Como esta gente interpretava a condição humana? Será que o conceito de vida e os preceitos de conduta ditados e praticados por vovô eram verdadeiramente sábios, ou ele seria um velho ultrapassado?

Durante o seu primeiro ano em Iowa, aquele rapaz estudava legislação nos escritórios de Stevenson e Whisenand, em Des Moines. Mas, à chegada do verão, permitiu-se horas de folga para alguns passeios e algumas pescarias no lago Okaboja, afrouxando, assim, a permanência absoluta nos estudos.

No outono iniciou-se no departamento legal da Universidade Estadual de Iowa e graduou-se em junho de 1891. As características da Universidade de Iowa eram diferentes das que observara em Vermont e Princeton. Ali a média de idade dos estudantes era mais alta. Muitos deles eram oriundos das fazendas vizinhas e outros exerciam atividades de ensino para suprir as necessidades materiais da permanência na Universidade. Eram homens mais maduros que, na sua maior parte, já haviam ultrapassado a idade de preocupação.

Havia seriedade e interesse no ambiente estudantil. Grupos se reuniam, para debater princípios de teoria do Direito e os processos da aplicação das leis.

Quando este, que agora escreve, recorda as experiências passadas em outras escolas e procura julgar se o que nelas aprendeu justificaria o sacrifício e as esperanças do seu avô, fica em dolorosa dúvida.

O que de melhor lhe ficou delas todas, foram os contatos que estabeleceu com os colegas. Quanto à assimilação de cultura, só lhe ficou a aprendizagem de gostar dos bons livros de autores de todos os países.

Durante os dias finais na Universidade de Iowa, o seu grande interesse e absorvente curiosidade era conhecer os caracteres dos homens. Os dos seus compatriotas e os dos demais países. Mas como fazê-lo?

No fundo das suas cogitações, aquilo lhe parecia urna idéia absurda. Uma quebra insólita dos padrões convencionais de conduta. Todos os seus colegas, sensatos, começariam a cuidar da vida. Todos eles, dentro de sessenta dias, estariam exercendo as especialidades das suas preferências, nas cidades de escolha. Se o rapaz fizesse o que estava pensando, iriam, os parentes dizer que ele não tinha juízo.

Ocorreu, então, um incidente que influiu bastante na decisão. Um dos paraninfos, no início da cerimônia de formatura da turma, advogado experimentado, afirmou que seria aconselhável os formandos fazerem estágio de cinco anos em pequenas cidade, antes de se fixarem definitivamente, num centro maior.

Essa sugestão removeu as dúvidas que ainda persistiam na mente do formando. Ele se daria cinco anos de estágio. Não, porém, numa só cidade, mas viajando por quantos lugares do mundo fosse possível. Será uma aventura! Após isso, aquele menino de Wallingford colocará a sua placa de advogado sobre a porta do seu escritório, numa grande cidade. Talvez, Chicago.

Foi resolução definitiva. O moço sentia que o seu interesse absorvente por conhecer a vida familiar dos homens, no mundo, dar-lhe-ia subsídios para melhor compreender a alma humana. Por quê as diversas raças divergiam nos seus modos de vida? Ele havia lido, nas bibliotecas das universidades, escritores ingleses, franceses, alemães, russos e escandinavos mas o que lera não bastava à sua curiosidade. Somente o convívio com esses povos é que poderia fazê-lo.

Para manter a resolução de perambular pelo mundo, era necessário que o moço aceitasse qualquer serviço que lhe oferecessem. Fosse braçal ou intelectual. Vencesse centenas de quilômetros, cruzando montanhas e perambulando pelas ruas das grandes cidades. Dormisse ao relento e em pensões baratas, nos subúrbios das cidades. Até à fome se submetesse. Os seus pensamentos não despregavam do seu vale e do conforto que ali gozara, na casa avoenga. Faminto, o que afluiria, de imediato, à sua lembrança? Não seriam os bolos de trigo cobertos com manteiga e xarope de "maple", nem presunto com ovos, nem feijão com carne de porco? Pensaria, isso, sim, nas delícias que conhecera na sua infância: nos bolinhos de arroz da sua avó. E as poucas vezes que se sentia indisposto, meio doente, nas suas andanças, doer-lhe-iam as saudades dos chazinhos aromáticos, dos escalda-pés e da terna solicitude da sua avozinha querida.

Enquanto alguns dólares aqueciam-lhe o bolso, fazia férias, pescando e caçando. Mas isso não demorou muito e ele chegou a São Francisco praticamente sem dinheiro. Um colega que trabalhava no Jornal "The Chronicle", de propriedade de M.H. de Young, conseguiu-lhe colocação, como repórter, à base de pagamento por produção mas a competição era terrível. Outro repórter do "The Chronicle" era Harry C. Pulliam, de Louisville, que mais tarde tornou-se Presidente da Liga Nacional de Basebol.

Harry e Paul tornaram-se íntimos e decidiram percorrer juntos o Estado da Califórnia. Dentro de três dias estavam trabalhando como tarefeiros numa fazenda de fruticultura em "Vaca Valley". Depois de economizar, ali, algum dinheiro partiram para Fresno, através da cadeia de montanhas Trailless, tendo explorado o vale Yosemite, então pouquíssimo conhecido. Em Fresno tomaram trabalho numa indústria de passas, no setor de embalagem. Finalmente chegaram em Los Angeles, onde Paul conseguiu empregar-se como professor do L. A. Business College.

Após nove meses Paul foi para Denver onde, demonstrando invejável versatilidade, atuou como ator no velho teatro da Fifteenth Street. Esta aventura atraiu mais publicidade de que ele desejava. Recebeu cartas de velhos amigos criticando-o e lamentando o seu fracasso como advogado.

Escalou o pico Pike e assegurou-se de que ainda conservava a resistência e a habilidade que adquirira nas Green Mountains e em Sierra Nevada.

Foi admitido no grupo de repórteres do "Rocky Mountains News" onde permaneceu até que lhe surgisse oportunidade de experimentar-se vaqueiro, num rancho próximo a Platteville, reunindo gado extraviado, a cavalo, por dias e dias. Voltando a Denver trabalhou no "The Republican", onde encontrou alguns companheiros do jornal de São Francisco que se dirigiam para o leste.

A Flórida era outra terra que Paul sonhava conhecer. Havendo conseguido uma passagem de trem, para lá se dirigiu. Empregou-se como recepcionista noturno no melhor hotel de Jacksonville, o St. James.

Não gostou do trabalho e demitiu-se logo, para tornar-se caixeiro-viajante para George W. Clark que negociava com mármore e granito, ramo em que Paul já adquirira alguns conhecimentos na Sheldon Marble Company, em Vermont. George Clark teve grande influência na vida de Paul. Eles se tornaram amigos. Muito mais tarde George foi o 1º presidente do R.C. de Jacksonville.

Em março de 1883, Paul foi para Washington assistir à posse de Grover Cleveland, Presidente da República dos EUA. Enquanto permaneceu ali, trabalhou temporariamente no "Washington Star". Foi, então para Louisville, esperando que Harry Pulliam, ali residente, lhe conseguisse trabalho no "The Courier" ou no "The Comercial", o que não aconteceu. No entanto, empregou-se numa outra firma do ramo mármore e granito, que lhe deu oportunidade de viajar pelos Estados de Kentucky, Tennessee, Georgia e Virginia.

A sua chegada em Norfolk, Virginia, demitiu-se e embarcou para Filadélfia. Desde quando Tom Brown de Rugby se tornara o herói, como personagem, ao tempo em que lia Dickens Trackeray e Scott, Paul passou a desejar ,ardentemente, conhecer as ilhas britânicas Para isso estava disposto a enfrentar quaisquer sacrifícios. Na secção "Procura-se" do jornal de Filadélfia lera um anúncio de uma firma de Baltimore, que necessitava de um condutor de gado, embarcado em navio, com destino à Inglaterra. Antes da madrugada seguinte, lá seguiu ele a aprender outra atividade a fim de conhecer a gente do lado oposto do Atlântico.

Foi uma viagem sofrida. Incríveis privações e duras experiências! Alimentação de péssima qualidade. Quase intragável. Tripulação, a mais depravada e malvada que se possa imaginar. Foi essa, para Paul, a mais dolorosa experiência.

Liverpool e os seus subúrbios foram tudo o que ele pode ver, na Inglaterra. Teve que regressar no mesmo navio. Foi-lhe uma frustração terrível na primeira oportunidade. A viagem de volta aos E.U.A. foi menos penosa embora não houvesse, para os vaqueiros, colchões, nem cobertores, para dormir, e nem talheres para as refeições. Um "cozidão" de batatas com alguns retalhos de carne e biscoitos mofados eram a principal refeição. Sujeira, baratas, piolhos e outros insetos nojentos pululavam e os banhos, freqüentemente necessários, só em água fria.

Enquanto aguardava, em Baltimore, oportunidade num navio mais confortável ,Paul, empregou-se num campo de feno em Ellicott City. Era trabalho árduo para ele. Esforçou-se para desempenhá-lo a contento. Transferiu-se para tarefas mais leves da sede da fazenda a troco de alimentação e morada. Depois, passou a ganhar 1 dólar por dia, trabalhando numa fábrica de conservas de milho. Aí teve conhecimento de outro embarque de gado, numa linha que oferecia melhores condições que a primeira. Correu a Baltimore e conseguiu o lugar de subcapataz no "Michigan", cujo destino era o cais de Tilbury no Tâmbisa, a 48 km de Londres. Que sorte, meu Deus!

Com um amigo que fizera a bordo, percorreu as ruas de Londres visitando o Parlamento e todos os lugares famoso, por acontecimentos históricos ou pela ficção dos escritores. No entanto, só puderam acomodar-se numa pensão barata no distrito de Whitechapel, localidade pela qual ele se interessava.

Como o navio, no regresso, tocou Levansea, para carregar, Paul ainda teve oportunidade de ver alguma coisa no país de Gales.

De volta aos Estados Unidos resolveu, de imediato, ir a Chicago assistir à feira mundial de 1893. Aquece ambiente festivo foi um gostoso interlúdio na voluntária peregrinação que se impôs. Ai ele concebeu a certeza das possibilidades futuras da atraente metrópole. Ele só tinha o dinheiro necessário para a passagem de trem e nada mais. Por sorte encontrou um antigo colega de bancos escolares, que trabalhava na feira e ofereceu-lhe hospitalidade. Um dia, ao visitar o pavilhão de Vermont, teve uma surpresa: reconheceu, entre os que apreciavam a exposição, de costas, os seus primos Ed e Mattie Fox, de Rutland. Antes que eles o vissem ele abandonou o pavilhão. Não queria que seus parentes o vissem necessitando de dinheiro, como estava.

Uma cidade fascinante entre todas as cidades americanas era New Orleans. Sob muitos aspectos diferente das outras, mas de difícil acesso para Paul. Eis porque: Paul jamais viajou sem que a sua

passagem fosse paga pelo seu próprio esforço. Jamais foi um clandestino. Ou pagava suas viagens com dinheiro ganho honestamente ou as pagava com trabalho. Estava sempre pronto para aceitar qualquer trabalho, através do qual ganhasse a própria manutenção e dava, em tudo o que fazia, o máximo das suas capacidades. Se alguma vez deixou a desejar os seus empregadores, foi em razão das suas limitações físicas ou mentais. Nunca por desídia.

Se emprestasse dinheiro, pagava religiosamente.

Um empréstimo do seu colega, em Chicago, permitiu-lhe ir a New Orleans. Comprou um jornal, leu um anúncio e empregou-se como colhedor de laranjas na paróquia de Plaquemine. O pomar, como o depósito das frutas, estava situado ao lado do delta do Mississipi, próximo ao desaguadouro do "pai das águas". O serviço de colher, selecionar, embalar em caixas e embarcar as frutas durou vários dias sem alterações. De repente, irrompeu uma violenta tempestade. Um horrível furacão levantou as ondas numa ressaca medonha. Os colhedores de laranja, na escuridão da noite, salvaram-se como puderam patinando na lama ou nadando nas águas crespas, salvando mulheres e crianças e se acoitando no único lugar seguro: o depósito Pizatti. Para salvarem-se, arrombaram a represa, trabalhando com machados e alavancas, a fim de escoar as águas para o leito do rio. Quando amainou a tempestade, a crista da barragem estava eivada de cadáveres de animais: cavalos, vacas, porcos, galinhas e aves. Aquela tempestade de 1893 ceifou centenas de vidas e causou enormes danos materiais. Apesar dos anos, perdura o horror e o sofrimento que aquela intempérie causou.

Voltando a New Orleans, o esforço de conseguir trabalho nos jornais foi infrutífero. Havia muito o que ver e estudar naquela cidade histórica mas a avidez do moço por aventuras havia-se abrandado, de alguma forma. Seus pensamentos voltaram-se para a hospitaleira gente da Flórida.

Ainda estava disponível a sua vaga na marmoraria em Jacksonville e George Clark concedeu-lhe o mesmo território que percorrera anteriormente: os Estados sulinos, Cuba e as Ilhas Bahamas. Eram íntimos amigos, o empregado e o empregador. Depois de um ano Paul notificou George da sua intenção de ir embora.

George argumentou:

"Há outra região que você queira conhecer?"

"Sim" respondeu Paul " Há, mas eu duvido que você ache conveniente mandar-me pra lá".

"Onde fica, essa região?"

"Na Europa", respondeu Paul.

Duas semanas depois o viajante navegava, por ordem do seu empregador e amigo, para estudar as regiões produtoras de granito da Escócia e as de mármore da Holanda, Bélgica e Itália, no sentido de importar produtos.

Escrevendo, poderíamos consumir muitas páginas para relatar os acontecimentos extraordinários presenciados na Grã-Bretanha, Irlanda, França, Suíça, Itália, Áustria, Alemanha, Bélgica, e Holanda. Como visitante dos senhores I. A. McFarland de Carrara, Paul recebeu homenagens raras. Entre outras coisas, o casal McFarland insistiu para que aceitasse empréstimos, em dinheiro, para viajar por todo o continente. O empréstimo foi aceito e, naturalmente, pago.

Depois do regresso, passaram-se muitos meses em que Paul esteve colaborando com George Clark num projeto de construção de prédios de departamentos, perto de Jacksonville e, então, voltou seu interesse para o norte, para Chicago. George insistiu com ele para permanecer em Jacksonville argumentando entre outras coisas, o seguinte:

"Sejam quais forem as vantagens de ganho que Chicago possa oferecer-lhe eu as cubro se você ficar comigo". A isso Paul respondeu

"Estou certo de que você o faria! Mas não quero ir ganhar dinheiro em Chicago. Quero, isto sim, viver uma vida".

Paul ainda foi para New York e ali permaneceu durante algum tempo, já que desejava conhecer, mais intimamente, a grande cidade. George, seu amigo, proporcionou-lhe ainda essa gentileza: removeu o seu gerente dessa cidade para Jacksonville e colocou no seu lugar, temporariamente, Paul.

Oh! George Clark, grande e generoso amigo!

CAPÍTULO XXXII

Coloca-se uma Placa

Três meses antes dos cinco anos que me concedera para correr mundo e conhecer a alma humana cheguei a Chicago disposto a iniciar-me como defensor da lei. Minha juventude se fora. As aventuras e as viagens proporcionaram-me maturidade. Frequentemente os homens, após haverem desprezado as oportunidades de adquirirem sabedoria, terão de suportar duras experiências. Afinal, assentei a vida ao início da primavera de 1896, quando a seiva subia nos "maples" do meu vale e iniciava a reverdecê-los.

A visão do companheirismo mundial dos homens de negócio e profissionais ainda não fora concebida. Havia necessidade de mais experiências. Mas os fundamentos já estavam postos. Seria de surpreender que uma mente sensível, havendo encontrado tanto bem em meio à maldade, tantos fatores de amizade em ambientes destituídos de afetividade, tanta razão, para confiar e ter fé nos homens de negócio, pudesse visualizar aquele ideal?

Chicago passava por tempos sombrios. Eu os tivera, também, e não queria acreditar que os teria ainda piores. Eu me considerava especialista no suportar dificuldades. Contava com os meus recursos muito limitados, e esperava que, logo após haver afixado a placa indicativa do meu nome como advogado, teria algum trabalho. Mas as coisas não eram tão fáceis. Nos primeiros tempos as minhas esperanças se reduziram a um grande zero.

Eu passava a maior parte do tempo nos tribunais a fim de familiarizar-me com os procedimentos legais e lia, diligentemente, os casos em litígio e acórdãos mas nenhum cliente me procurava. Tentei trocar idéias com outros advogados em início de carreira mas isso não me rendeu subsídio aproveitável. Alguns deles tinham recursos, outros tinham parentes ou amigos influentes; outros, como eu, estavam lutando.

Seria muito longo e desnecessário relatar como eu, de pequeno escritório particular, passei a ampliá-lo admitindo colegas como sócios e reservando-me a chefia. Os clientes foram aparecendo, de início paulatinamente e, depois, em aceleração crescente. Tornei-me sócio do Clube dos Advogados, do Clube de Imprensa, do "Bohemian Club" e da Associação Comercial, de cujas atividades passei a participar ativamente.

No entanto, ao jovem, que passara cinco anos em aventuras de múltipla característica, e que agora se tornara um jovem profissional, não era de se esperar que se transformasse, de pronto, num cidadão sereno e tranquilo. O que sentia, prementemente, era solidão, principalmente aos domingos e feriados. Tentei travar conhecimento com outros jovens que, oriundos do meio rural ou do calor da convivência em cidades pequenas, tivessem vindo tentar a vida em Chicago. Demorei muito a encontrá-los e foi difícil a aproximação.

Eu sentia necessidade premente de rever a aldeia da minha infância, até que resolvi ceder ao impulso de o fazer. Tio George, a quem eu me sentia um grande devedor, foi apanhar-me na estação, em Rutland e levou-me para a sua casa num "faeton" puxado por um sucessor do baio Billy. Tio George permanecia em atividade profissional, mas moderada. Reservava-se os casos menos preocupantes. O prédio pomposo da antiga estação havia sido consumido por um incêndio e em seu lugar, levantara-se um desprezível edifício todo aberto. O pregão dos agentes carregadores dos três principais hotéis, o Bates House, o Berwick e o Bardwell, com as suas curiosas características de entonação e gíria publicitária, já não mais se ouvia e a rua do Mercado e a avenida principal, afiguravam-se para mim, que viera de Chicago, como as ruas do tranquilo bairro de Goldsmith.

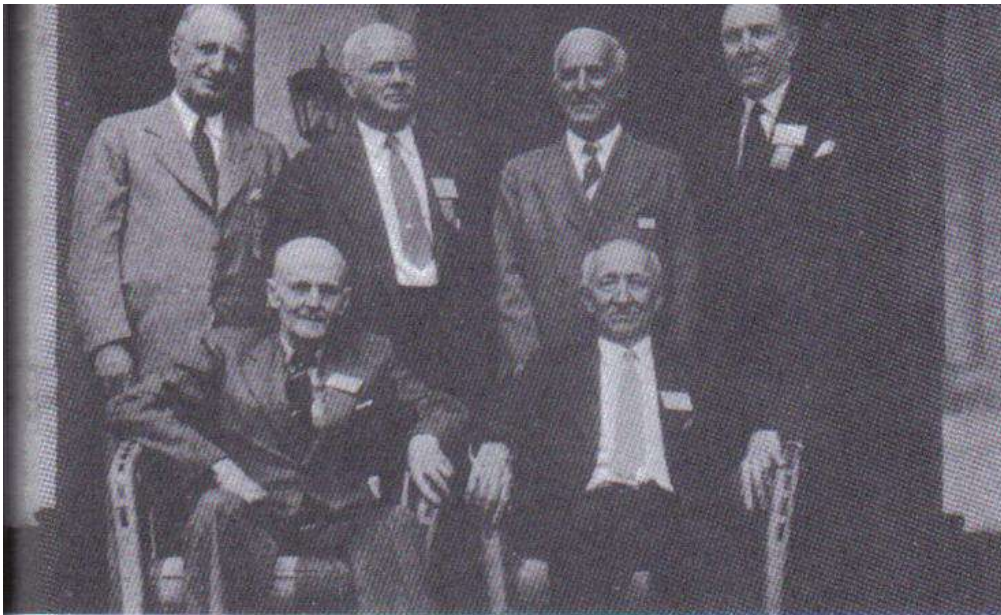
A casa de tio George era na "Cottage Street", que agora se me afigurava muito mais estreita, do que me parecia na infância. A satisfação que tia Mellie e Mattie, minha prima, demonstraram ao receber-me, foi sincera e genuína. Muitas coisas haviam mudado no seio da família Fox. O ruído alegre, do riso e das vozes animadas da juventude feliz, desaparecera. Os filhos dispersaram-se pelos caminhos da vida. Tio George passava horas no alpendre oposto à rua, em silêncio, como se estivesse mergulhado em



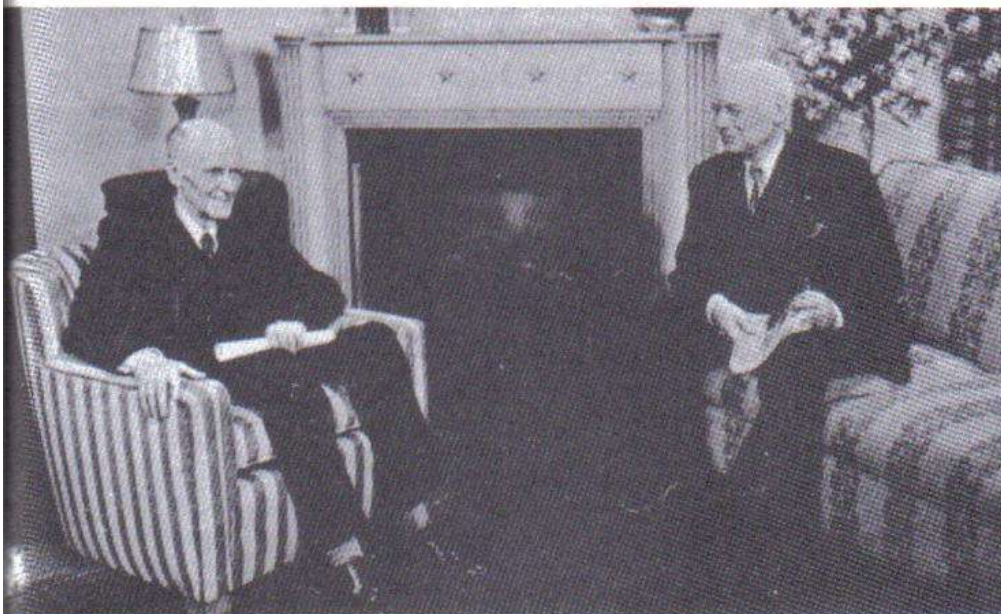
Paul Harris and Scottish Lassie arrive at Hamilton, Bermuda for a visit with the Rotarians there.

Delivering a message to the 1942 Rotary convention in Toronto, Canada.





The first six presidents of Rotary International at the Cleveland 1939 Rotary convention. (Left to right, front row) Paul Harris, Chicago, 1910-12; Glenn Mead, Philadelphia, 1912-13; (back row) Russell Greiner, Kansas City, Mo., 1913-14; Frank Mulholland, Toledo, O., 1914-15; Allen Albert, Minneapolis, 1915-16; Arch Klumph, Cleveland, O., 1916-17.



The President Emeritus is visited by Secretary Ches Perry for a conference on some Rotary problems. (About 1940.)

meditação. Era, ainda, uma criatura impregnada de bondade mas tornara-se extremamente calado. Só falava quando as circunstâncias o exigiam.

Quando lembrei o baio Billy, no entanto, a afeição, que dedicava ao seu irracional mas fidelíssimo auxiliar de trabalho, o animou e ele saiu do seu mutismo, declarando:

"Sabe, Paul, eu possuí e me servi de muitos e muitos cavalos, durante os meus tempos de intensa atividade, todos eles bons mas o que mais se aproximou de ser humano, sendo cavalo, foi Biliy. Era tão afetuoso quanto uma criança porém muito mais obediente. Sabia das coisas e aparentava ter suas próprias idéias mas não era teimoso. Cumpria fielmente as minhas ordens, embora as soubesse erradas, como demonstrava. Eu o compreendia bem mas ele me compreendia muito melhor. Muitas vezes eu me entregava às suas orientações, sempre melhores que as minhas, a menos que estivessem envolvidos fatos não sabidos por ele. Eu não lhe confiaria é óbvio, o tratamento de qualquer paciente mas, na jurisdição que lhe cabia, a última decisão era a dele".

Mattie e eu fomos a Wallingford no dia seguinte à minha chegada em Rutland. Cada curva da estrada me despertava recordações da meninice... Era o mesmo caminho percorrido nos funerais de vovô, naquele longínquo dia de outubro. O mesmo caminho que eu, tantas vezes, trilhara! Passamos os sítios de Jap Newton, de Robert Morel e dos Hudson; a casa de Stafford e, finalmente, chegamos ao velho solar, o querido solar da minha infância. Fomos ao cemitério reverenciar a memória dos nossos queridos avós.

Tomei quarto na estalagem de Wallingford e permaneci dois dias revendo velhos amigos e os lugares das minhas reinações. Anna Laurie Cole, minha professora na escola dominical, foi a eficiente auxiliar para que eu pudesse ligar o meu palpitante presente ao passado saudoso. Felizmente, no momento em que escrevo, ela ainda vive e é a ligação dos meus dois períodos de vida.

Visitei, um por um, os lugares que me deixaram recordações mais vivas. O poço em Otter Creek, próximo à ponte, onde nadávamos nus e nos exibíamos aos passantes, saltando do alto das pedras às águas, muito mais com a intenção de causar-lhes admiração pela nossa coragem do que para esconder-lhes a nudez. Fiquei triste por ver aqueles lugares invadidos por vegetação aquática. Sob outros aspectos, Otter Creek não mudara. A lagoa Fox, do meu passado glorioso, lugar da nossa mais alta preferência, em todas as estações do ano, só desdenhada nos momentos encantados que passávamos em Little Pond.

Depois visitei a "cama de gelo" (Ice bed) o Córrego das Crianças (Child's Brook), as bases e o alto das montanhas.

Durante os dias daquela visita às plagas que tanto amei, relembrei, surpreso, episódios da minha infância, que haviam desaparecido do campo das minhas lembranças, pela turbulência dos anos que os seguiram. Lá do alto da montanha, introvertido nas minhas reflexões, presente no meu vasto campo de visão o vale por onde corria tranqüilo o Otter Creek, o menino irrequieto, que eu fora, invadiu-me, de súbito, a alma e dei-me conta que ele ainda estava presente no homem. Fundamentalmente eu era o mesmo, apenas mais preocupado com a realidade da vida. Mais maduro.

Os dois velhinhos, cujos ossos, jaziam, pacificamente, no seio terra, no cemitério que aparecia no fundo do vale, tinham-me esculpido a personalidade como um artista esculpe uma imagem no gesso ou no mármore. Os seus ideais passaram-se para mim de maneira tão suave e gradual que, nem eles nem eu, pudemos ter consciência disso. Eu apenas começara a cultuar aqueles ideais, mas eles já estavam ali, presentes. Os princípios de vida dos meus avós eram cristalinos. Eram mais nítidos e palpáveis do que se estivessem gravados em letras gigantescas, nas paredes graníticas da majestosa "White Rocks", as palavras: integridade, frugalidade, tolerância e altruísmo.

Por momentos, nos meus devaneios ali nas fraldas das montanhas, eu sentia remorsos por não estar no meu trabalho.

Havia tanto que fazer e tão pouco tempo para fazê-lo e eu ali inativo. De repente, porém, surgiu-me na consciência o pensamento que os homens tinham o direito de sonhar e não havia lugar mais apropriado à permissividade desses meus sonhos do que a quietude e o isolamento daquelas montanhas.

Um dia, após o esforço de escalar um rochedo e saltar uma cerca de arame, que dividia duas propriedades, parei para tomar fôlego e divisei, lá em baixo, além dos pastos onde as vacas pastavam placidamente, homens colhendo feno. O longínquo ruído das ceifadeiras eram uma música doce para os meus ouvidos.

O fazendeiro parcimonioso movia, ritmadamente, a foice na borda e nos cantos da plantação, para aproveitar as remanescentes moitinhas de capim e trevo eivados de florinhas silvestres. Os homens contratados amontoavam o feno curado em medas, para facilitar o transporte aos sotões dos celeiros, donde, durante o inverno que cobriria os campos de neve, sairia para alimentar os animais. Eu estava muito distante para sentir o aroma bom do capim cortado mas absorvia a tranqüilidade agreste da cena e a depositava no museu das minhas lembranças felizes.

Recordei o fato de que muitos dos meus sonhos se realizaram, de alguma forma. Eu visitara o país de Tom Brown, de Rugby e Deford, de Shakespeare e Dickens; Buns e Scott; eu me havia enebriado com o encantamento dos lagos de Killarney, com as nuances maravilhosas do por do sol nos Alpes e até a luminosidade do céu da Itália.

Essas e muitas outras maravilhas existentes no mundo eu tivera o privilégio de presenciar, sem o auxílio de vovô mas através da têmpera que ele instalou em mim para que eu suportasse o trabalho pesado, os perigos, a frugalidade e, até, a fome. É válido sonhar se o sonhador faz realizarem-se os bons sonhos. As minhas férias terminariam e eu teria que reassumir o trabalho árduo.

CAPÍTULO XXXIII

O Primeiro Rotary Club

De volta a Chicago, voltei a alimentar-me mais humilde e sofrivelmente, apesar do apetite continuar tão voraz como sempre.

Os dias úteis da semana, embora me trouxessem algumas frustrações, ofereciam-me a compensação de conservar-me ocupado com os deveres profissionais, esquecendo os meus amargores espirituais. **Domingos e feriados eram dias monótonos.** De manhã podia ir à igreja, ao centro da cidade, mas às tardes eu caía em solidão e parecia-me que o tempo parava. Assaltavam-me as saudades do meu vale querido em Nova Inglaterra e das presenças calorosas dos meus amigos. Perambular pelos parques da cidade não satisfazia: havia muito artifício e, entre os milhares de transeuntes, não aparecia um só rosto conhecido. Nada como um parque de cidade grande, nas tardes de domingo, para despertar o senso de solidão. A presença de uma multidão de desconhecidos acentua-o mais do que a vastidão ilimitada de terra ou de água. Nem mesmo, a música de excelentes bandas conseguiam dissipar a minha melancolia. A vadiagem dos pensamentos teimava em transportar-me às lembranças da minha adolescência: o poço perto da ponte coberta, onde nadávamos e outros lugares adoráveis; meus companheiros; minhas montanhas!... Alguns locais dos parques de Chicago assemelhavam-se aos do meu vale mas eram freqüentados por tanta gente, que não me ofereciam nenhuma tranquilidade. Nalguns domingos eu procurava afastar-me da cidade mas nem assim conseguia alcançar o sossego espiritual que desejava. Passeios de barco no lago Michigan, demorados que fossem, só me satisfaziam temporariamente, pois que havia, também, muita gente desconhecida navegando. Fazia minhas refeições em restaurantes alemães, escandinavos, italianos, gregos e húngaros. Fazia algumas relações mas não amizades. As praias de Chicago fervilhavam de banhistas e turistas e eram lugar de recreação satisfatória para centenas de milhares de pessoas que trabalhavam na cidade. Merecem toda a consideração as pessoas que dão a sua capacidade de esforço para a instalação e conservação dos parques, locais gratuitos de recreação do povo. Por toda a parte, muita gente mas nenhum conhecido entre ela. Faltava me o essencial: a presença de amigos. Emerson afirmava: "Quem tem mil amigos não pode perder nem um". Mesmo na aldeia onde vivi e cresci eu não tive a ventura de ter mil mas, também não tive só um.

A melhoria nas atividades humanas só vem pelo trabalho. O homem que visualize uma necessidade qualquer através da própria vivência, terá que assumi-la, ele próprio e ninguém mais. Eu senti a profundidade da solidão, como jamais a teria sentido sem a formação espiritual que me fora proporcionada. Talvez isso encerre uma parcela da fatalidade cósmica. Da minha parte, estou absolutamente certo de que o homem deve ter, através da vida, a companhia de outros: o homem é um ser gregário.

Veio-me persistente pensamento: estava vivendo a mesma inquietude de milhares de outros seres que vieram para a cidade grande. Eu sabia que muitos outros jovens haviam deixado o meio rural ou as pequenas comunidades, para tentar a vida ali em Chicago. Alguns deles eu conhecia. Por quê não reuni-los? Se eles estivessem se sentindo sós, como eu, seria fácil e proveitoso para todos.

Uma noite fui visitar um amigo que morava num bairro. Após o jantar saímos a passear pelas vizinhanças e ele saudava, nominando, muitos negociantes nas suas lojas. Isso fez-me lembrar da minha aldeia. Essa lembrança sugeriu-me a indagação subjetiva do porque não haver, em Chicago, um agrupamento amigável, composto de um homem de cada profissão, sem restrições políticas ou religiosas dispostos à tolerância às opiniões alheias. Em tal Associação poderia haver plena colaboração mútua...

Não agi de imediato, ao impulso da idéia. Passaram-se meses. Anos, até. Nos grandes acontecimentos da vida é recomendável, ao homem de fé, que fique só, por algum tempo. Pensei maduramente no assunto e, em fevereiro de 1905, convidei três jovens homens de negócios e explanei-

lhes a minha idéia de cooperação mútua e amizade informal, tal como conhecíamos nas nossas aldeias de origem. Eles aceitaram-na.

Silvester Schiele, meu amigo mais íntimo em Chicago, um daqueles três e o nosso primeiro presidente, foi, deles, o que permaneceu na instituição. Gustavus Loher e Hiram Shorey, os outros dois, abandonaram-na logo após. No entanto, muitos outros aderiram, de princípio, e aumentaram o quadro de sócios, com entusiasmo e determinação, o que ajudou muito o desenvolvimento do projeto. Entre eles cite-se Harry Rugles e Charley Newton.

Crescemos em número, em amizade, em espírito de mútuo apoio e dedicação à comunidade. O banqueiro e o padeiro, o sacerdote e o funileiro, o advogado e o tintureiro conscientizaram-se dos problemas, das ambições, dos recursos e frustrações uns dos outros. Compreendemos que todos tínhamos, em comum, muitas aspirações e condições. Descobrimos o prazer de podermos apoiar uns nos outros. A mim pareceu-me que voltara o tempo que vivi em Nova Inglaterra.

A terceira reunião do grupo apresentei sugestões de resoluções a tomar. Entre elas a denominação da entidade e o nome, que foi aprovado, Rotary, em virtude de estarmos nos reunindo, em rodízio, nos lugares de trabalho de cada membro. Mais tarde passamos a nos reunir, ainda rotativamente, em vários hotéis e restaurantes. Assim nos mantivemos "rotarianos".

Nos primeiros dois anos de existência do Rotary Club de Chicago não tomei parte da sua administração mas indicava os diretores, e a minha orientação administrativa era sempre acatada. Posso ser acusado de haver exercido o poder ditatorialmente. Mas isso foi pela devoção com que eu via a idéia desenvolver-se em realidade. No terceiro ano fui eleito presidente e a minha plataforma constou de, primeiro, expandir o quadro social do clube de Chicago; segundo, estender o movimento a outras cidades; terceiro, intensificar a ação do clube em favor da comunidade, como um dos seus propósitos.

Foi a gênese do movimento. O Rotary, partindo daquele humílimo movimento, cresceu e, hoje, conta com mais de 1/4 de milhão de homens de negócios e profissionais. Rotary já existe em mais de 70 países. Pode-se dizer que o sol nunca se esconde do Rotary.

O bem que o Rotary me trouxe não pode ser descrito. Ter amigos disseminados pelo mundo é uma benção inefável. E mais ainda, ter consciência de que esses meus amigos são todos amigos entre si, que grandiosa doação divina! A saudação cordial que ilumina a minha alma e me leva, pelas asas da saudade à minha meninice: "Bom dia, Paul"! E essa, eu a recebo, qual uma música maravilhosa, de todos os meus companheiros, por onde quer que eu vá.

Para o pequeno grupo, oriundo de pequenas comunidades, o Rotary foi um como que oásis no deserto do sentimento, que era, Chicago. Suas reuniões eram diferentes das de outros clubes, naqueles dias. Eram mais íntimas, mas calorosas, muito mais amigáveis. Deixávamos, à porta de entrada, as nossas preocupações e idiosincrasias e, durante a reunião, voltávamos a ser as criaturas que fôramos em nossas origens. Eu esperava a hora da reunião com enorme impaciência!

O conceito original de Rotary expandiu-se. Seus ideais se definiram; seu objetivo se fixou mas o companheirismo do início permaneceu como elemento de sustentação da sua estrutura. Lembra-me Henry Braddon:

"Rotary faz com que o homem se aperfeiçoe, preservando dentro de si, o menino. Repousando nas dobras da personalidade de cada homem, há o menino que ele foi. A criaturinha imaculada, sem malícia, despreocupada, tolerante, ativa, plena de entusiasmo e ávida por amizade e relacionamento caloroso. Infeliz do homem que sinta morrer o menino que vive no seu coração! Enquanto o homem mantiver o espírito alevantado, terá seu coração aberto às realizações de otimismo e não será um velho. O Rotary estimula a influenciá-lo a conservar vivo o menino que existe nele".

Muitos dos primeiros rotarianos cresceram no meio rural e a maioria deles é oriunda de pequenas cidades. Embora ainda não totalmente realizados, estarão em caminho de tornarem-se vencedores em futuro à vista. Alguns tiveram o privilégio de tornarem-se profissionais liberais, os demais - a maior parte - não.

Eles se solidarizavam entre si. Ajudavam-se a progredir, materialmente e de outras formas. Alguns progrediam mais que os outros mas todos cultivavam as benesses da amizade.

A medida que crescia o quadro social do Clube de Chicago, íamos completando o corte transversal das profissões ali exercidas e os sócios selecionados sentiam-se honrados com a representação que se lhes dava. Com isso estimulavam-se na assunção das responsabilidades que ela lhes atribuía.

É propósito do Rotary não levar em conta a religião, a posição social, o pensamento político ou a raça dos seus associados. É isto, sim, seu propósito, aglutinar homens de negócio e profissionais a fim de que possam corresponder-se, aumentar entre eles a boa vontade e tolerância e favorecer o estabelecimento de laços de amizade e disposição para a solidariedade.

Em janeiro de 1908, dois novos sócios vieram-se somar aos cem já existentes; Arthur Frederick Sheldon e Chesley R. Perry, ambos predestinados a exercer preponderante influência na instituição. Estes homens já se conheciam, pois, alguns anos antes, Sheldon, gerente de uma livraria, entrou na biblioteca pública onde Chesley trabalhava e vendeu-lhe uma coleção de história. Logo após Sheldon fundou uma escola de instrução de vendas, baseado na idéia que, em cada transação, o desejável é que ambas as partes fiquem satisfeitas. Sheldon era elemento valioso para o nosso clube, já que era um professor de vendas. Encontram-se alunos de Sheldon em qualquer região do mundo de língua inglesa. Quem escreve este livro teve oportunidade de encontrar muitos desses alunos entre os rotarianos, no mundo rotário,

Sheldon foi o indicado pela comissão de Edimburgo, em 1921, como o mais capacitado para interpretar, para os rotarianos ingleses, o ideal de serviço, como era concebido pelos americanos. Aceitou a indicação. E a opinião unânime, dos que o ouviram, foi a de que assistiram a um inspirado.

É aceitável que o Rotary pudesse ter nascido sob céus mais iluminados, em clima mais ameno e numa cidade mais tranqüila e equilibrada. No entanto, a maioria dos que o indagam afirma, que a fervilhante Chicago, onde, 50 anos antes se lutava tão ardentemente pela honestidade, foi o local ideal para o surgimento da instituição. Chicago estava emergindo da turbulência anárquica, pelas forças da honradez. Ao final do século XIX e na 1.ª década do século XX, instalou-se a extraordinária "Exposição de Colúmbia", criou-se uma grande universidade, uma biblioteca pública notável, fundou-se a Associação Comercial, erigiram-se museus magníficos, nasceram uma orquestra sinfônica e várias associações de aperfeiçoamento cívico; a famosa "Hull House de Jane Adams", outras instituições e Rotary.

Não poderia haver época mais oportuna para o surgimento de um movimento como o Rotary, do que o início do século XX, nem local mais apropriado, para fazê-lo crescer, do que a criativa, exuberante e paradoxal Chicago.

O clima de insegurança reinante em Chicago, naquela época, prevalecia em outras regiões do país. De maneira generalizada, os negócios iam mal: a ética comercial agredida, em desfavor dos consumidores, dos empregados e competidores. O espírito de comunidade estava praticamente esquecido. Era necessário mudar para melhor. Mais, até, que necessário: tinha que mudar!

Rotary nasceu na incomparável metrópole do médio oeste, onde se debatiam, vertiginosamente, princípios religiosos extremados, paixões políticas em verdadeiro fanatismo, discriminações raciais intransigentes e encarniçada luta econômica, que, somando-se, emergiam numa aparente homogeneidade. Ainda hoje (1946/47), o caldeirão fervilha furiosamente e cidadãos devotados lutam para introduzir, na confusão dos elementos, princípios de fé e patriotismo para que o produto se torne mais digerível.

Em 1905 na cidade à beira do lago, Rotary foi um quadro no drama em cena. Os atores daquele quadro foram homens comuns; profissionais e negociantes. Apesar das suas deficiências prováveis, em comparação com os seus colegas, pode-se, dizer, como consenso geral que eram os de melhor qualidade.

CAPÍTULO XXXIV

Rotary Começa a Expandir-se

O idealizador do primeiro R.C. percebera, desde o início que, por si só, o objetivo do clube tinha campo extremamente limitado. Ele ansiava por expandir esse objetivo para fora dos quadros do clube e criar clubes congêneres em outras cidades.

Rotarianos e não rotarianos podem pensar, que a expansão de Rotary de cidade a cidade e de país a país aconteceu, sem que houvesse um árduo trabalho de propagação dos seus ideais. No entanto, isso se deu em virtude de um labor planejado e laboriosamente executado.

A extraordinária força de união de Rotary pode ser simbolizada pelo fato de que a amizade era o que ligava os companheiros do R.C. de Chicago. A minha, pelos demais companheiros, permaneceu intocada, apesar de o significado de Rotary, para mim, ter sido muito diverso do que era e até agora é para muitos deles.

O "São Thomé", incrédulo estava, sempre, a postos. Só havia um recurso para quebrar-lhe a descrença: realizar o que ele teimava achar impossível. Ou seja, fundar clubes congêneres em outras cidades.

Era, para mim, quase uma frustração, o fato de que a maioria dos meus companheiros concebia, como um sonho fantástico a expansão do movimento rotário através do mundo. Nada é mais desconcertante que o olhar frio e o ar de mofa de amigos, de quem se espera apoio e colaboração. Compreendi, desde logo, que eu próprio, com minha ação pessoal, teria que provar a exequibilidade do meu ideal. Pus-me, pois, ao trabalho de tentar implantar Rotary em outras cidades do país. O meio único disponível era-me a correspondência. Os alvos foram os meus colegas dos bancos universitários de Vermont, Princeton e Iowa e os amigos e relações que fiz, durante os cinco anos de peregrinação aventureira, antes de fixar-me em Chicago.

Foi um período longo de dolorosa expectativa. Sofri desesperanças amargas, alternadas por fases de vibração e otimismo sem, contudo, poder abandonar o meu trabalho de firmar-me na profissão.

Três longos anos se passaram para que surgisse o primeiro resultado positivo. Custou, mas encontrei em Manuel Munhoz o portador eficiente da mensagem de Rotary a São Francisco da Califórnia. Ele fora meu companheiro de quarto no "Del Prado Hotel" em Chicago e se impregnara das minhas idéias.

Durante uma viagem de negócios a São Francisco, que estava em reconstrução, após o terremoto e os incêndios conseqüentes, Munhoz fez com que o advogado Homer Wood se correspondesse comigo. Resultado: em novembro de 1908 surgia o 2º R.C. Logo em seguida, os diligentes sanfranciscuenses levaram Oakland a fundar o 3º R.C. Logo após, o 4º em Seattle e o 5º em Los Angeles. Depois New York, Boston e outras cidades aderiram ao movimento.

Os adeptos de São Thomé convenceram-se e passaram a colaborar no trabalho de expansão. E, assim, continuou acontecendo de cidade a cidade, de país a país. Os meus cinco anos de peregrinação voluntária continuariam a dar bons frutos.

Se a minha liderança houvesse sido dirigida com maior habilidade, ou meus planos mais firmes e previamente estabelecidos, eu teria tido, por certo, maior colaboração dos companheiros de Chicago, e andado mais depressa. Na verdade, a minha concepção de Rotary desenvolveu-se num processo contínuo e, de quando em quando, quase revolucionário. Eu concebera a doutrina amparada num companheirismo espontâneo. Pregara plena liberdade e plena despreocupação; concebera risos e canções. Os meus companheiros acorreram, sequiosos àquele conceito. Agora as coisas já não eram tão luminosas. E nesse dilema me pareceu mais fácil organizar clubes com novas intenções do que reprogramar os antigos sócios. Nosso sucesso nos Estados Unidos animou-nos a cruzar fronteira e ir ao Canadá. Após duas tentativas infrutíferas, conseguimos o homem certo e foi organizado o primeiro clube fora dos Estados Unidos, em Winnipeg, no Canadá. Outras cidades canadenses a seguiram.

Animados com o sucesso, pensamos chegar à Inglaterra e fomos a Londres. Meu amigo Arthur Frederick Sheldon iria visitar sua representante naquela metrópole. O rotariano Harvey C. Wheeler, de Boston, tinha uma filial do seu negócio em Londres. Foi fácil para Sheldon interessar seu representante e, amparado, com a cooperação de Wheeler, foi organizado o R.C. de Londres. Wheeler foi o seu presidente. Há, agora, setenta excelentes R.C. na grande Londres e o número de rotarianos naquela cidade é o maior de todas as grandes cidades do mundo.

Vencida a fundação do R.C. de Londres, Sheldon e Wheeler, foram a Manchester e lá, também implantaram o Rotary. Eu estava vibrando de alegria com aquela façanha de criar dois clubes na Europa, quando o secretário Chesley Perry e eu soubemos que Stuart Marreco, um irlandês que conhecera Rotary viajando nos Estados Unidos, tinha, de regresso a Dublin, organizado ali um R.C. Daí, ele se deslocara para Belfast. Ocioso é dizer que entramos em contato com Marroco e o autorizamos e o estimulamos a continuar seu esforço em Edimburgo, Glasgow, Birmingham e Liverpool. Em pouco tempo tínhamos 500 R.C. na Grã-Bretanha, e que foi uma força extraordinária de sustentação ao movimento.

Os países da América Latina foram os próximos a ocupar nossa atenção e passamos a nos interessar por um americano que tinha interesses em Havana, Cuba. Era homem de elevados ideais e muita habilidade. Embora se esforçasse, durante algum tempo, voltou trazendo só fracasso e pessimismo quanto à aceitação de Rotary, por gente de qualquer raça que não fosse a anglo-saxão. Inobstante, dos sócios do R.C. de Tampa, na Flórida, Angel Cuesta e John Turner provaram, logo em seguida, que o meu emissário estava errado: organizaram um excelente R.C. em Havana e Cuesta, animado com o sucesso, foi à Espanha e, ali, organizou o R.C. Madrid, o primeiro do continente europeu.

Angel, além de assumir pessoalmente todas as despesas dessa viagem ainda doou uma importância substancial, em dinheiro, para ajuda de serviços à comunidade em que nascera. Tendo cumprido a tarefa que, espontaneamente, se impôs, voltou aos Estados Unidos e jamais se jactou de seu feito. Talvez ele não percebesse o serviço que realizara: abria a América Latina e a Europa para Rotary.

Heriberto Coates de Montevideú, tomou conhecimento do Rotary em visita aos Estados Unidos, e, ao voltar, fundou o R.C. de Montevideú, de Buenos Aires e de outras cidades da América do Sul.

Fred Teele, um engenheiro civil, deixou um emprego de 18 mil dólares anuais, após haver sido presidente do R.C. da Cidade do México e contentou-se com um de 5 mil, para tentar expandir Rotary na Europa, além da Espanha, França, Holanda, Dinamarca, e mais alguns países. O trabalho de Teele terminou pela instalação de um escritório do R.L. em Zurique, na Suíça.

Dois rotarianos canadenses, Jim Davidson, de Calgary e J. L. Ralston, de Halifax, deram seu tempo, graciosamente, para criar Rotary Clubs na Austrália e Nova Zelândia. Naquele tempo, já Rotary tinha se tornado suficientemente forte para pagar despesas de organização de clubes. Alguns anos mais tarde Davidson empreendeu a organização de clubes no Sul da Europa, no Egito, na Índia, na China, no Sião, no Japão, fechando assim a volta ao mundo. Como subsídios para todo o seu trabalho só teve a reposição dos seus custos de manutenção durante os três anos necessários para a execução dessa tarefa gigantesca. Quando deixou a América, já sabia que não contava com muito tempo de vida. De fato, morreu pouco tempo após o seu regresso.

Paralelamente aos edificantes exemplos acima, muitos outros rotarianos destacados vêm se doando, generosamente, à expansão do Rotary, o que é altamente gratificante e atesta a positiva influência da Instituição no mundo.

Nos Estados Unidos fundaram-se milhares de R.C. sem a necessidade de "profissionais fundadores". Resultaram tão somente do entusiasmo e do desejo das comunidades que passaram a sentir os benefícios oriundos da presença da Instituição.

Os R.C. foram agrupados em distritos e rotarianos dos territórios distritais passaram a, anualmente, serem eleitos "governadores", os quais, voluntariamente, se propõem à tarefa de unificar o Rotary, pela adoção universal dos seus propósitos, normas e métodos de procedimento, além de expandir a sua rede.

Esses "governadores" são e sempre serão fatores da unidade da Instituição no mundo e da sua extraordinária força construtiva.

Pari-passu com a extensão, o desenvolvimento do ideal e as práticas de serviço rotário vêm crescendo. Os fatos precedem aos planos. Depois de resoluções de muitas necessidades sociais, foi adotada a palavra "serviço", na sua alta significação rotária. De um grupo pequeno, localizado em Chicago, Rotary transmutou-se numa organização internacional de inquestionável nobreza de propósitos.

Centenas de pequenas cidades, em clima de absoluta pasmaceira desenvolvimentista, assumiram nova vitalidade com a criação de R.C.. Campanhas de limpeza surgiram, formaram-se grupos de escoteiros e conjuntos musicais de jovens; associações comerciais estagnadas, reviveram e outras foram fundadas. Acampamentos de jovens foram assumidos. Mais do que incentivadores, os rotarianos, na maioria das vezes, foram os "joão faz tudo". Os que não podiam contribuir com dinheiro faziam-no com trabalho. Quem soubesse bater um prego virava carpinteiro, negociantes transformaram-se em pedreiros, eletricitas, encanadores, conforme a oportunidade. As mulheres serviam gostosas refeições e, muitas vezes, colaboravam com seus maridos a ponto de serem chamadas, "rotarianas".

Os que teimavam em descrer da expansão do Rotary pelo mundo, afirmando que seus propósitos só podiam interessar aos povos mais evoluídos, acabaram por aceitar que estavam errados. E que era minha a razão quando, em 1910, eu a previra e, em 1911, confirmara, nas respectivas convenções, em Chicago e Portland.

Minha contribuição ao escopo internacional da instituição veio, como resultado da experiência adquirida nos meus cinco anos de peregrinação pelo mundo. Senão, como poderia eu sonhar com R.C. em Londres, Paris, Roma, Berlim e outras cidades?

Há sabedoria na expressão: "Nada há de novo sob o sol". Talvez a maior característica do Rotary seja o sistema de classificações, que só permite como sócio de um R.C., um representante de cada negócio ou profissão. Pois bem, 2 séculos antes da concepção de Rotary, existia em Londres, uma sociedade com base na profissão dos seus sócios e Benjamin Franklin organizou o seu "Junto" em Filadélfia, num plano de classificações. Muitos anos antes, "A Societé de Philantropes", sediada em Strasburgo, na França, era quase idêntica ao Rotary nos seus propósitos idealísticos. Ocioso seria dizer que o conhecimento dessas organizações do passado só vieram aos fundadores do Rotary algum tempo depois de haverem eles concretizado a instituição.

É bastante freqüente esta pergunta: "Por quê o R.C. limita, a um profissional de cada atividade, a participação no seu quadro social?" A experiência provou que, assim, o companheirismo é mais efetivo, eliminam-se as suscetibilidades nos negócios e nas relações profissionais, estimula-se a solidariedade, fomenta-se a dignificação e o orgulho do exercício da própria profissão e alarga-se o espírito de compreensão das peculiaridades dos outros profissionais.

Há muitas organizações cujos sócios são da mesma profissão. São elas de grande importância no mundo moderno. Proporcionam oportunidades de colaboração e solidariedade para o desenvolvimento dos seus negócios, quer quanto à melhoria técnica, quer quanto ao interesse comum. Uma associação de cirurgiões não admite profissionais de outras atividades, pois estas nada poderiam oferecer ao avanço ou dignificação da cirurgia.

Se isso é verdade o é, também, o fato de alguém que tenha interesse social, ter evolução muito restrita se só mantiver contato com cirurgiões. Alargaria suas possibilidades se contatasse com outras profissões e interesses. Poderia obter tais contatos na sua igreja e no seu clube, mas estes não estão organizados para oferecê-los. Num Rotary Club ele encontrará oportunidades de absorver a influência de todas as vocações profissionais em exercício na sua e em outras comunidades.

E não é demais enfatizar que o fato de ser rotariano impõe, ao homem, a obrigação de levar à sua associação profissional os ideais e princípios, que aceita e pratica como rotariano. Impõe-lhe mais: fazer com que os seus ideais e princípios sejam conhecidos e aceitos, em todos os seus relacionamentos profissionais.

Quem escreve é membro da Associação Americana de Advogados, da Associação de Advogados de Illinois, da Associação de Advogados de Chicago e, por dois anos, teve a honra de presidir a comissão de ética desta última. Pertenceu a outras comissões e foi o delegado da Associação de Chicago no Congresso Internacional de Direito, em Haia, e membro da Comissão Internacional da Associação Americana. Todas essas posições ofereceram-lhe oportunidades de levar o Ideal de Serviço de Rotary à profissão de Advogado. Há entre 8 e 9 mil advogados em Chicago e tem sido um trabalho imenso, da Associação de Advogados de Chicago, a elevação do índice de ética, na prática da profissão. Perto de 300 advogados tiveram seus nomes cancelados do quadro profissional por falta de ética.

CAPÍTULO XXXV

O Arquiteto Encontra o Construtor

Deus deve ter visto Rotary com bons olhos. Muitas vezes senti-me cansado e desanimado. Foi, na verdade, providencial que, no terceiro ano após a fundação, surgisse um companheiro que, mais que qualquer outro, se dispusesse a trabalhar para transformar Rotary de sonho, em realidade. Ninguém é capaz de imaginar o que teria acontecido ao Rotary sem ele. Estou certo de que têm me passado muito crédito pelo trabalho dele. Chesley Perry, tão logo se associou ao R.C. de Chicago, entrou em entusiástica atividade para expandir a instituição e eu, feliz, vi nele um precioso colaborador.

A adesão de Ches a "Rotary no Mundo" surgiu de maneira peculiar. Um presidente entrante do R.C. de Chicago, que não gostava da idéia de expandir o Rotary, nomeou Ches presidente da comissão de expansão, certo de que anularia os planos, surgentes de levar Rotary a outras comunidades, os quais ele considerava fantasiosos e arriscados.

Percebi, então, que era necessário assumir o desafio de perder inteiramente o apoio do R.C. de Chicago, convertendo Ches ao trabalho de expansão do movimento.

Chamei Ches ao telefone num domingo, quando ele tinha tempo para uma conversa demorada. Ele me perguntou: "Você acha, que o R.C. de Chicago, é apenas a semente da instituição que você imaginou?" Não me lembro o que respondi mas pintei a situação de cores escuras e descarreguei toda a minha artilharia de persuasão em defesa da idéia de expansão. Ches prometeu quase nada mas o que prometeu tranqüilizou-me. Quando rependurei o fone senti que convencera um companheiro à causa. Logo depois, ele, eu e mais alguns companheiros planejamos a associação dos clubes existentes. Ches se propôs a planejar e organizar a primeira convenção dos Rotary Clubs.

Alguns dos companheiros de Chicago manifestaram-se entusiasmados e colaboradores decididos. Sentiam que seria possível expandir-nos dentro do país mas ainda não concebiam o extravasarmo-nos pelo mundo. Os clubes de outras cidades acreditavam mais na expansão mundial. Tinham visão mais clara das possibilidades.

Chesley Perry tinha como que uma facilidade especial de captar e avaliar, com precisão, os aspectos essenciais de quaisquer possibilidades e estava apaixonado, não só emotiva como intelectualmente, pela causa da expansão. Assim, passamos, nós dois, a trabalhar por ela, lado a lado. Ele era um companheiro valoroso e destemido.

A primeira Convenção (delegados de 16 clubes) foi realizada no Congresso Hotel, de Chicago em agosto de 1910, Ches foi eleito para presidi-la. Os estatutos e o regimento interno foram elaborados e aprovados. Os delegados discutiram, durante horas, e avaliaram as potencialidades do Rotary. A assistência, nesta primeira Convenção, esteve abaixo de 100 companheiros mas, vinte anos depois, quando da 21ª Convenção, em Chicago, comemorativa dos 25 anos do Rotary, a assistência subiu a mais de 11.000 pessoas, entre rotarianos e convidados.

Ao encerramento da 1ª Convenção eu fui eleito presidente da Associação fundada e Chesley Perry, secretário.

Na Convenção de Portland, em 1911, fui reeleito e, a meu pedido, Chesley continuou como secretário. Na Convenção de Duluth, em 1912, fui eleito Presidente Emérito do Rotary International. Pela 3ª vez Ches foi eleito secretário e as suas reeleições passaram a ser rotina até que ele se aposentasse em 1942.

Que Chesley Perry e eu houvéssemos afinado tão perfeitamente no trabalho foi uma grande benção para a organização. Rotary, por certo, influíra com a mesma força inspirativa sobre nós. Toda pessoa que se entrega, de corpo e alma, a qualquer empresa fará, por certo, alguma, coisa em favor dela.

Ches sempre me impelia para as frentes de trabalho e permanecia trabalhando na secretaria, onde labutou duro, anos e anos, com pouquíssimos períodos de férias. Seus dias não eram de somente oito

horas, já que permanecia no trabalho noite a dentro. Dedicado a esse ponto, ele criou equipes excelentes, não só em Chicago, como nos outros escritórios do mundo. Se eu posso ser chamado o arquiteto, Ches foi, sem dúvida, o construtor do R.I.

O escritório central se desenvolveu em linhas democráticas. Nunca consideramos os nossos funcionários como empregados. Eram associados. Todos eram tratados pelos próprios nomes, por humildes que fossem suas obrigações e, para eles, o Secretário era "Ches" e eu "Paul".

Ninguém poderia dizer, por imaginoso que pudesse ser, que Ches e eu éramos tão íntimos. Quando nos encontrávamos no escritório a saudação era: "bom dia Ches" e a resposta, "bom dia Paul". Raramente almoçávamos juntos. Muitas vezes desejei ter Ches por algum tempo à tarde, para conversarmos sobre os acontecimentos do dia, mas nunca havia oportunidade para tal. Ches tomava um lanche leve, no próprio escritório, e continuava o seu trabalho.

Ele tinha suas idiossincrasias e eu as minhas. Eu aceitava algumas coisas como naturais e ele aceitava outras com naturalidade mas, mesmo assim, iam-se desenvolvendo elos mais fortes que uma superficial camaradagem entre nós, as quais redundaram numa grande afeição mútua e muito respeitosa.

Alguma coisa parecida se desenvolvia, também, com os presidentes internacionais que se sucediam, na organização. Eles não tinham a recepção efusiva, que talvez esperassem mas encontravam alguma coisa muito mais valiosa. Os novos diretores executavam suas tarefas com o maior cuidado, para tê-las bem feitas. Os Presidentes eram rotarianos experimentados, mas presidir ou servir como membro do C.D. do R.I. era grande compromisso. Essa preocupação, no entanto, desaparecia em pouco tempo. Sentado ao lado do Presidente, nas reuniões do C.D., estava um homem, o Secretário Internacional, sempre pronto à colaboração. Nunca obstruindo. Apenas um delicado toque em certos assuntos ou um hábil sinal de guia nos princípios. Assim, todas as dúvidas e temores desapareciam. Quando findava a reunião, todos se sentiam tranqüilos com suas pastas de informações nas mãos.

Quando, em 1942, se comentou que Ches ia aposentar-se das funções de Secretário do R.I., criou-se um clima de preocupações sobre o que poderia acontecer para a organização. Phil Lovejoy, nascido em Portland, Maine, graduado na Universidade de Michigan e ex-presidente do R.C. de Harntrank, Michigan, que vinha sendo primeiro assistente do Secretário há já doze anos, fora escolha unânime, para substituí-lo. Eleito, o trem não saiu dos trilhos, como muita gente temia. Phil tinha plena competência técnica e diretiva. Como assistente teve o auxílio, altamente qualificado de Lester B. Struthers, que serviu na Organização por 20 anos.

Aposentado, Ches passou a trabalhar no seu R.C., de Chicago. A princípio nas comissões e, em seguida, como diretor, vice-presidente e, afinal, presidente, liderando um corpo social de 770 membros. Como os bons vinhos, ele melhorava com a idade.

A secretaria geral é, hoje, não só altamente eficiente mas, ainda, a fonte alimentadora da doutrina rotária. A equipe de 150 empregados entusiastas e eficientes, reúne-se, mensalmente, na ampla sala do C.D., numa segunda feira, após o almoço, sob a presidência sorridente de Phil Lovejoy.

Após o cântico relaxante, Phil põe em execução imediata a ordem do dia, o balanço das atividades do mês vencido e a programação para o mês vindouro, sempre intermeando bom humor e entusiasmo. O resultado é que cada membro toma conhecimento do ocorrido na Instituição e se conscientiza da importância dos seus deveres, no conjunto das atividades do mundo rotário.

Para facilitar a expansão do Rotary e distribuir a noção de serviço aos R.C. existentes, foi instalada uma sucursal da Secretaria central em Londres e, pouco mais tarde, outra em Zurique, na Suíça; e outra em Bombaim, na Índia. Todas com a supervisão, da Secretaria Central. Essas sucursais têm rendido profícua assistência aos R.C. da Inglaterra, da Europa e da Ásia.

Em 1911 autorizamos o secretário Perry a editar e dirigir uma publicação para o Rotary, a qual constituiu-se num dos mais positivos fatores de desenvolvimento da instituição e de fomento à solidariedade entre os rotarianos. Foi, também, muito bem recebida nas escolas e bibliotecas e

freqüentemente mencionada em outras publicações. Por muitos anos "The Rotarian" vem sendo editada sob a capacitada direção de Leland Case e, a sua edição espanhola, sob Manuel Hinojosa.

O progresso vertiginoso do movimento Rotário vem, como é compreensível, exigindo consideráveis somas de dinheiro, obtida por proporcionalmente pequenas contribuições anuais dos sócios dos R.C., os quais, convictos da grandeza da Instituição, procuram desenvolvê-la e expandi-la pelo mundo todo. A orientação financeira da instituição tem, sempre sido conservadora e severa, como se pode verificar até os nossos dias. Há apreciável disponível em caixa, para suprir emergências, o que atesta a lisura e o, elevado espírito de previdência dos seus dirigentes.

Embora os atuais orçamentos anuais possam parecer elevados, não correspondem, nem de longe, à realidade, porque milhares de rotarianos, de todo o mundo, estão colaborando com o movimento sem outro interesse além da íntima satisfação, que sentem, pelo fortalecimento do organismo capaz de oferecer melhorias à humanidade, em harmonia e compreensão entre os homens.

Num dos primeiros tempos do Rotary, Ches veio ao meu escritório para apresentar-me dois canadenses rotarianos, designados por R.I. para fundar R. Cs. na Austrália e na Nova Zelândia. Eles haviam manifestado a vontade de conhecer o "fundador do Rotary". Aceitei, honrado, a homenagem mas salientei que a minha participação havia, por certo, sido superada pela de Chesley Perry. Este, delicadamente, respondeu: "Paul, eles desejam conhecê-lo pelo mesmo espírito que leva os homens a desejar conhecer a nascente dos grandes rios".

Tenho meditado muito nesse cumprimento de Ches. Ele se constitui numa honraria inefável, elaborada através de uma luminosa imagem. Aceitei-o comovido mas será que um grande rio só tem uma pequenina fonte na sua origem? Não! O grande rio é a soma de milhares de contributos: sangas, riachos, veiasinhas d'água e outros rios que vêm marulhando pelas encostas, a encontrarem-se na corrente comum e formarem o grande rio. Assim aconteceu com o Rotary. Cresceu com a adesão e cooperação dos milhares de rotarianos de muitos países do mundo.

Sucederam-me, na presidência da Associação, um longo rol de devotados rotarianos que lhe têm proporcionado força, brilho e vitalidade. Vieram dos EUA, como do Canadá, do México, da Inglaterra, da França, do Brasil e do Peru. Cada Presidente se soma a outros homens, na qualidade de Diretores, Presidentes de Comissões, Governadores de Distritos. Em cada ano um novo corpo administrativo vem promovendo e contribuindo para a expansão, o crescimento e o aperfeiçoamento da minha velha concepção de um companheirismo dos profissionais do mundo, unidos pelo Ideal de servir.

Os R.C. têm oferecido inestimável contribuição em idéias inspiração e realizações. Na verdade, o rio grande, que é o Rotary, é a soma das contribuições de muitos concorrentes menores.

O R.I. tem sido feliz na escolha dos seus presidentes. Seriam necessários muitos grandes volumes para registrar a atuação deles no desenvolvimento da Instituição, para louvar a dedicação, a devoção e o espírito de sacrifício com que todos têm-se desempenhado, na condução dos destinos do Rotary. Presto-lhes aqui a minha homenagem, registrando-lhes os nomes

1912/13 - Glen C. Mead - Filadélfia - Pa.

1913/14 - Russel F. Greiner - Kansas City - Mo.

1914/15 - Frank L. Mulholand - Toledo - Ohio

1915/16 - Allen D. Albext - Minneapolis - Min.

1916/17 - Arch C. Klumph - Cleveland - Ohio

1917/18 - E. Leslie Pidgeon - Winnipeg - Canadá

1918/19 - John Poole - Washington - D.C.

1919/20 - Albert S. Adams - Atlanta - Georgia

1920/21 - Estes Snédecor - Portland - Oregon

1921/22 - Crawford C. McCullough - F. William - Canadá

1922/23 - Raymond M. Haveres - Kansas City - Mo.

1923/24 - Guy Gundaker - Filadélfia - Perl.

1924/25 - Everett W. Hill - Oklahoma City - Okla.
1925/26 - Donald A. Adams - New Haven - Conn.
1926/27 - Harry H. Rogers - San Antonio - Texas
1927/28 - Arthur H. Sapp - Huntington - Indiana
1928/29 - T. B. Sutton - Tampico - México
1929/30 - M. Eugene Newsome - Durham - N. Caroline
1930/31 - Almon E. Roth - Palo Alto - Califórnia
1931/32 - Sydney W. Pascall - Londres - Inglaterra
1932/33 - Clinton P. Arderson - Albuquerque - N. York
1933/34 - John Nelson - Montreal - Canadá
1934/35 - Robert E. L. Hill - Columbia - Mo.
1935/36 - Ed. R. Johnson - Roanoke - Va.
1936/37 - Will R. Mannier Jr. - Nashville - Tenn.
1937/38 - Maurice Duperrey - Paris - França
1938/39 - Geo. C. Hager - Chicago - Ill.
1939/40 - Walter Head - Montclair - N. Jersey
1940/41 - Armando Arruda Pereira - São Paulo - Brasil
1941/42 - Tom J. Da Vis - Butte - Montana
1942/43 - Fernando Carbajal - Lima - Peru
1943/45 - Charles Wheeler - San Francisco - Cal.
1944/45 - Richard H. Wells - Pocatello - Idaho
1945/46 - T. A. Warren - Wolver Hampton - Inglaterra

Arthur Frederic Sheldom foi o criador do slogan "Mais se beneficia quem melhor serve", adotado como indicador de que o esforço por oferecer o melhor serviço reverte em maior satisfação a quem o dá. Os rotarianos de Minneapolis deram-nos outro slogan: "Dar de si antes de pensar em si".

Os rotarianos de Seattle deram-nos o quadro de princípios e alguns, do R.C. de Sioux City, contribuíram com o código de ética. Muitos outros deram contribuições que resultaram na correta orientação da condução do Rotary.

Em 1915 Guy Gundaker, de Filadélfia, preparou um livreto "Conhecimentos Específicos de Rotary" (Talking Knowledge of Rotary) que retrata a Instituição no estágio da época. Foi uma valiosa contribuição à causa.

O R.C. de Birmingham, Alabama, ofereceu esclarecimentos para interpretação de Rotary pelo público, como também o fizeram os R.C. da Inglaterra e Irlanda.

Mesmo antes da fundação do segundo R.C., convenci o R.C. de Chicago a contribuir com a comunidade, promovendo, com auxílio das autoridades e do povo, a construção de instalações sanitárias públicas na cidade. É possível que outro serviço mais atrativo pudesse ter sido escolhido para nossa primeira contribuição mas teria sido difícil haver achado outra que despertasse maior interesse. Duas forças formidáveis levantaram-se contra nós. Uma foi a associação dos cervejeiros de Chicago, que afirmava que os seis mil bares da cidade ofereciam instalações suficientes para todos os habitantes homens. A outra foi a Associação de lojas de Departamentos na State Street, que afirmava serem, as acomodações das lojas livres, suficientes para todas as mulheres. Os proponentes da medida, no entretanto, contestaram que os homens não precisariam comprar cerveja nem as mulheres adquirir mercadorias para servirem-se de sanitários. Foram construídos os mitórios públicos.

CAPÍTULO XXXVI

0 Rotary Serve em duas Guerras

Depois da Convenção de Chicago, em 1910, o progresso foi ininterrupto. Dentro de um ano havia 28 R.C. nos EUA. A fusão das forças dos diversos clubes numa unidade nacional encorajou as aspirações para alargá-la, internacionalmente, a mais alguns países mas não a todos.

No ano próximo, quando Winnipeg e Londres associaram-se, os membros da associação já eram 50.

Em 1913 um tornado varreu o Estado de Nebraska e houve inundações em Ohio e Indiana. Os R.C. daqueles Estados, auxiliados pelos demais dos EUA, entraram em ação, socorrendo e alimentando gente e animais e colaborando nos trabalhos de reconstrução. Foi então, que o Rotary revelou a sua grande vocação como organização de serviço.

Veio, logo depois, a primeira Grande Guerra e os R.C. da Inglaterra e do Canadá provaram o seu valor. Quando os EUA e Cuba entraram na guerra, os seus R.C. também se mostraram tão valorosos quanto os dos outros dois países. O propósito maior do Rotary é servir. Jamais houve oportunidade mais própria para o serviço do que aquela época. Rotary provou ser um dos maiores colaboradores de Tio Sam. Nasceu no nosso país de liberdade. Jamais poderia originar-se em meio ao despotismo. Alguns sócios mais agitados quiseram suspender as nossas reuniões normais, porém venceram os mais moderados. E as reuniões de Rotary exerceram um papel de grande influência na manutenção da tranquilidade e elevação moral.

Na época da Grande Guerra as Convenções do Rotary realizadas em 1917 e 1918, como é fácil compreender face à conjuntura da civilização nessa época, se dedicaram ao estudo de assuntos relacionados com a guerra.

Os rotarianos atuaram, com excepcional dedicação, nas campanhas de vendas de bônus, no aproveitamento das terras devolutas para plantio de alimentos, na instalação de bibliotecas nos campos de treinamento, na criação de centros de lazer e de conagração nas imediações desses centros. Dedicaram-se à obtenção de roupas, remédios, etc. para os europeus em sofrimento de guerra.

Logo em seguida à declaração de guerra pelos EUA os 300 R.C., então existentes no país, formaram uma comissão que foi a Washington para oferecer cooperação. Tomaram a si a tarefa, patriótica e humana, de fazer com que a juventude convocada fosse recebida, em todos os lugares onde acampassem, como verdadeiros heróis e não como bucha de canhão.

Quando a Primeira Grande Guerra terminou as altas autoridades governamentais proclamaram o Rotary como a mais eficiente entre as organizações que se propuseram colaborar.

Durante os anos de Guerra as minhas ambições de extensão do movimento a outros países foram suspensas mas o número de R.C. nos EUA, no Canadá, na Grã-Bretanha e Irlanda e em Cuba continuou a crescer. Em 1919 tínhamos 500 clubes nos EUA, 24 na Grã-Bretanha e Irlanda, 23 no Canadá e tínhamos um clube na China e um nas Filipinas. E dentro de mais um ou dois anos os tínhamos no Uruguai, na Argentina, no Panamá, na Índia, na Espanha, no Japão, na França, na Austrália, na Nova Zelândia, na África do Sul, no Brasil e no Peru.

Quando, afinal, a pomba da paz voltou extenuada, a pousar sobre o mundo, Rotary retomou os seus rumos. A guerra nos ensinara a importância de muitas coisas não percebidas: que a liberdade é o mais precioso bem, superior a qualquer valor, superior a qualquer preço. Rotary tomava lugar entre as instituições respeitáveis, cuja importância não aceita avaliação material. A inspiração é chama que necessita, para manter-se acesa, de serviço constante. E havia muito que fazer no período de reconstrução.

Em 1921 os rotarianos dos EUA lotaram dois navios com destino à sua primeira convenção além-mar, que se realizou na cidade de Edimburgo, berço de cultura, religiosidade e educação. Após a convenção o Rotary tomou vulto em todo o continente europeu, como também, na América do Sul. As

miragens do mundo passaram à realidade. Abriu-se a mentalidade, incendiaram-se o sentimento e a concepção de tolerância entre as nações e de amizade entre os homens.

A grande maioria dos erros da história tem-se originado da visão falha dos estadistas e dos diplomatas, em não se aperceberem que as influências psicológicas dos interesses nacionais são a somatória dos interesses pessoais.

Na década seguinte, o mundo todo foi abalado por forte recessão que atingiu muitos países, inclusive os EUA. Parecia que os homens haviam perdido a autoconfiança. A bolsa de valores explodiu em baixa, fábricas encerraram suas atividades, grassou o desemprego. Muitas organizações nos EUA viram-se esvaziadas de sócios. Mas o Rotary permaneceu surpreendentemente com pouquíssimas perdas. Os R.C. através de todo o mundo, demonstram-se valorosos centros irradiadores de fortaleza moral. Suas reuniões foram sempre centros de solidariedade, onde homens preocupados se encorajam mutuamente.

E... outra vez ameaça de Guerra. Novamente o mundo estremeceu. Os serviços prestados pelos R.C. de 1939 a 1945 são excessivamente numerosos para serem aqui registrados. A guerra obrigou a suspensão aparente de alguns R.C. Tão logo foi possível, eles passaram a reunir-se. Nos países, cujos territórios ficaram fora do teatro da guerra, os R.C. continuaram em plena atividade, atendendo, prontamente, ao chamamento dos seus governantes e às necessidades dos compatriotas. Estiveram sempre receptivos e colaboradores com as tropas aliadas, em treinamento nos seus países, e aos refugiados que neles procuravam asilo.

Os membros dos 500 R.C. da Grã-Bretanha deixaram de reunir-se regularmente, durante as devastações pelos raids aéreos e chegaram a perder alguns sócios. Alguns R.C. voltaram, depois, muito mais fortes. Os rotarianos ingleses sentiam que, se o Rotary era benefício em tempo de paz, seria integralmente necessário na Guerra. Tornaram-se, pois, mais unidos, mais humanos, compreensivos e bondosos. Mesmo durante os bombardeios, continuaram a reunir-se.

Os rotarianos da França nunca deixaram de se reunir a não ser quando forçados a isso pelos invasores da sua Pátria. Charles Jourdan Gassin, nosso hospedeiro em 1937 durante a Convenção de Nice, continuou exercendo a governadoria do Distrito durante toda a guerra. Em vários países os rotarianos, determinados a manter o companheirismo, continuaram a reunir-se secretamente, mesmo sob a possibilidade das punições impostas pelo invasor.

Há uma infinidade de comoventes acontecimentos a serem lembrados por Rotary no transcurso da guerra. Um rotariano polonês, que fora Diretor do R.I., atravessou duas milhas sob intenso bombardeio, em Varsóvia, para chegar à embaixada americana, tão somente para transmitir a sua última saudação aos companheiros da Secretaria Central, em Chicago. Os rotarianos dinamarqueses, estimulados pelo seu rei, continuaram a reunir-se durante a ocupação nazista.

O R.C. de Manila passou a reunir-se em Bataan, após a ocupação da sua cidade e Carlos Rômulo fugiu para os EUA para relatá-lo. Na China, o R.C. de Chungking continuou a reunir-se, todas as semanas, apesar do constante e poderoso bombardeio. Em Calcutá realizou-se uma Conferência Distrital sob bombardeio e temerosa expectativa de que os invasores chegassem.

Rotarianos alemães, italianos e japoneses acharam-se na impossibilidade de continuar as reuniões, quando seus governos estavam em plena guerra ou em preparação para entrar nela, mas está fora de dúvida a persistência do espírito de Rotary, entre a maioria deles, o que se passou, também, com rotarianos de outros países, que foram forçados a cancelar as reuniões.

A guerra exerceu um efeito estimulante para a extensão do movimento, nos países não atingidos por ela. As perdas causadas ao Rotary, pela guerra, foram compensadas por ganhos nos países não atingidos.

Nos EUA havia amplo campo para expansão. No entanto, a tarefa de manter a expansão passou dos rotarianos americanos para os canadenses, mexicanos, neo-zelandeses, australianos, cubanos e sul-americanos. Não há quem duvide do ressurgimento da Instituição ao término da guerra na Europa. Já se

realizam conferências distritais na Suécia, na Dinamarca, na Finlândia, na Suíça e, em outros países os rotarianos só estão a espera da sua vez. Rotary não poderá ser reprimido a força.

As amizades que fiz na Alemanha, na Estônia, na Finlândia, Noruega, China e Japão podem estar caladas pelo temor da guerra mas a semente do seu espírito permanece viva. A reconstrução do Rotary, através da Europa, está sendo bem planejada e surgirão muitos clubes em nações distantes.

Nem uma outra organização privada recebeu mais atenção de governos do que o Rotary, através dos seus dirigentes e dos seus R.Cs. membros. Conferências e Convenções, realizadas na Europa e na Ásia têm recebido privilégios especiais. Têm sido abertas por reis e outros chefes de Governo. Edições especiais de selos postais têm sido autorizadas. Os presidentes do R.I., nas suas habituais visitas, são sempre regamente recebidos em audiências especiais, pelos Chefes de Governos dos países visitados.

Alguns amigos pedem-me que eu mencione as honrarias que me têm sido conferidas. E eu o farei somente porque é óbvio que essas autoridades procuraram testemunhar o seu apreço ao valor do movimento rotário. As comendas foram aceitas por mim, como honras conferidas a Rotary. São: Doutor em Leis (Universidade de Vermont) ; prêmio "Silver Buffalo" (escoteiros da América); Ordem do Cruzeiro do Sul (Governo brasileiro); Ordem do Mérito (Chile); Ordem do Mérito (Equador); Ordem de Cristóvão Colombo (República Dominicana); Membro da Legião de Honra (França); Ordem do Sol (Peru) ; Doutor Honoris Causa(Peru) . Condecorações similares têm sido conferidas por vários países a Presidentes e outros dirigentes do R.I.

Durante o período da guerra os R.C., não somente se reuniram e serviram seus países e a Humanidade, aceitando o desafio que a guerra lhes fazia, mas continuaram tentando crescer porque estavam conscientes de que, terminada a guerra, voltaríamos a atuar livremente. Enquanto esperavam por isto, os rotarianos planejavam projetos para o após guerra, pois a primeira guerra já ensinara que a emotividade não leva a nada. Longe, pois, da emotividade, agora deveríamos tomar uma determinação mais séria. Teremos que criar uma organização mas bem estruturada e mais eficiente que a Liga das Nações. Organização que encerre menos interesses de partes, que ofereça mais oportunidades de compreensão e de fraternidade entre as Nações.

Assim, por muitos anos o Rotary International manteve uma comissão encarregada de planejar o pós-guerra, levando em conta os problemas que separam os homens e as aspirações comuns que os unem, as que devem ser aceitas por todos os países como direitas e como deveres dos seus cidadãos. Essa tarefa tem sido executada a contento, tanto que é entre os rotarianos que estão os homens mais bem preparados a contribuir no que deve ser feito pela humanidade, para preservar a paz, afastando a guerra.

Durante os últimos 10 anos centenas de R.C. nos EUA têm patrocinado um par de milhares de institutos de compreensão internacional, trazendo às suas comunidades centenas de oradores dos EUA e outros países, para dialogar, perante auditórios de 200 a 1.000 pessoas, sobre assuntos de interesse internacional. Cerca de 1.500.000 pessoas já assistiram a esses institutos. Um desempenho magnífico para educação de adultos! Além disso, esses oradores têm-se dirigido, em conferência, a cerca de 3.500.000 alunos secundários.

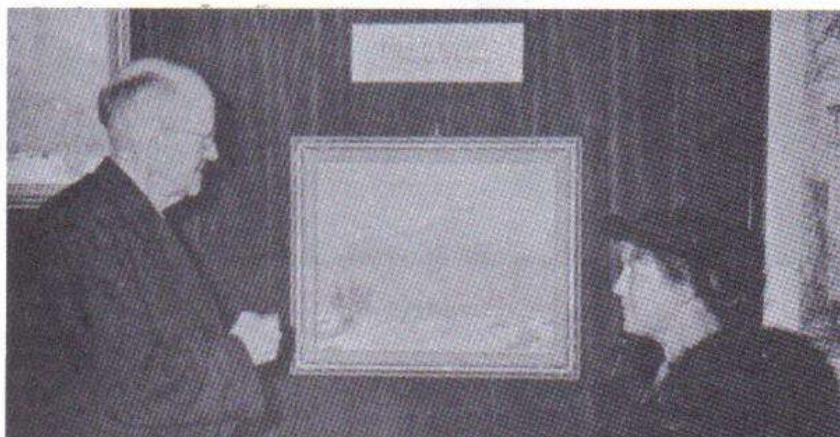
Conseqüentemente não foi surpresa que o Departamento de Estado dos EUA tenha convidado o R.I. para comparecer, com representantes conselheiros, à Conferência das Nações Unidas em São Francisco, em maio de 1945. Onze rotarianos serviram, cada qual com as suas capacidades específicas.

Pelo que ficou registrado, a contribuição oferecida por eles foi muito preciosa. Essa foi a opinião dos técnicos oficiais responsáveis pelo conteúdo da carta. Edward Stetinius Jor então secretário de Estado dos EUA, escreveu: "O convite ao Rotary International para participar da Conferência das Nações Unidas, como conselheiro da delegação dos EUA, não foi um mero gesto de acatamento e dignificação à grande organização. Foi, isto sim, o reconhecimento da participação eficiente que os membros do Rotary ofereceram e continuam a oferecer para o desenvolvimento da compreensão entre as Nações. A representação do Rotary foi necessária em São Francisco. Como é sabido, ela deu contribuição na elaboração da carta e, particularmente, no conteúdo das provisões do Conselho Econômico e Social".



Paul poses for Artist Trebilcock's portrait of him to be hung in the University of Iowa.

While he and Mrs. Harris are sojourning in Palm Springs, California, Paul tries his hand at doing a half dozen desert landscapes in oil.





Government decorations and other awards to Paul Harris now hanging in the board rooms at Rotary International's central office in Chicago.



Officer Legion of Honor decoration is pinned on Paul in Paris, France.

Photo by Henri Manuel.

Acrescente-se, ainda, que havia rotarianos entre os delegados das nações e, portanto, atuando ativamente na Conferência. Thomas Warren de Wolverhampton, Inglaterra, presidente do R.I., no ano em que escrevo estas notas, diz:

"O fato de 7 presidentes das delegações nacionais à Conferência de São Francisco e muitos membros dessas delegações terem sido rotarianos, é prova de que o mundo se beneficia dos nossos propósitos e ações". Acrescenta ainda: "O trabalho de vulto que o Rotary faz em favor da compreensão internacional, levando mensagens de boa vontade a milhões de estudantes secundários, a outros cidadãos, através de escritos de programas de rádio, de discursos, de discussões em grupo, etc. tem efeito positivo na opinião pública".

Tal apreciação, vinda de um educador de indiscutível prestígio na Grã Bretanha é, sem dúvida, profundamente confortante para os rotarianos do mundo.

O presidente Tom crê que a educação, por si só, poderia solver as dificuldades que surgem entre os países. Ele sustenta que, por mais capacitados e bem intencionados que sejam os líderes das nações, os seus esforços são anulados pela defeituosa formação emocional dos seus concidadãos, no sentido de evitarem-se as guerras. Assim a solução estaria em elevarem-se os níveis de educação de todos os povos.

Certa vez Roger Babson pedia ao extraordinário matemático Charles Steinmetz, considerado o mais destacado engenheiro eletricitista do mundo, que opinasse sobre a mais efetiva linha de pesquisas dentro da sua especialidade - rádio, aeronáutica, energia - que poderia oferecer maiores contribuições à humanidade. A resposta foi que as mais douradas esperanças da humanidade residiam nas forças espirituais do homem. Essas é que são a base de todas as demais.

Fez, depois, sua declaração de fé: "dia virá em que os homens se convencerão da inferioridade das coisas materiais em face das espirituais e, então, o mundo avançará mais, no tempo de uma geração, do que em mais de quatro dentro do atual conceito". Por extravagante que possam querer julgar tal afirmativa, contradiga-se que Steinmetz fazia da exatidão dos seus conceitos a maior característica da sua personalidade. As forças espirituais, sem dúvida, terão poder suficiente para evitar as guerras. Quais outras poderiam equiparar-se a elas, em poder, pela postura moral e racional?

"Dar de si antes de pensar em si", o lema do Rotary, encerra o maior entre os maiores conceitos espirituais e humanos. Quem dirá que é inatingível?

CAPÍTULO XXXVII

Obrigado, Senhor Chesterton

O Sr. Gilbert Chesterton, crítico e escritor inglês, satirizou a nossa época como "esta era rotária", contrastando com a "era vitoriana" que ele, manifestamente, prefere. Após o prazer de ler uma frase inteligente, pedimos licença para contestá-lo lembrando: "milhares de pessoas acreditam que o Rotary está influenciando na história do mundo".

O Rotary não é uma instituição secreta, não tem ritos e nem cerimônias específicas. O conceito do Rotary entre os que não pertencem aos seus quadros é, efetivamente, vago. De modo geral, porém, todos pensam e falam bem do Rotary. Muitos não são pessoalmente sócios de R.Cs. mas seus parentes ou amigos o são, e falam-lhes da instituição, dos seus propósitos e das suas iniciativas.

Rotary é, sem dúvida, conhecido principalmente pelas suas realizações que são muitas. Grêmios de jovens, bandas e acampamentos sem conta, têm sido organizados e realizados por Rotary Clubs ou por rotarianos. Rotarianos são a mola mestra de praticamente todas as realizações valorosas. Em muitas cidades há rotarianos nos quadros do setor escolar. Sob a liderança do rotariano Edgard Allen de Elyria, Ohio, organizaram-se, em dois Estados dos USA, associações protetoras de crianças excepcionais e editaram-se leis protetoras e educativas para elas.

Esse trabalho foi levado a duas Convenções, para além-mar, nas quais grande número de rotarianos promoveu a assistência à criança excepcional. Milhares de crianças foram favorecidas por esse trabalho benemérito.

Nas reuniões semanais dos R.C., os rotarianos contatam com educadores, executivos do escotismo, do Exército da Salvação e com dirigentes de associações assistenciais e com eles colaboram, afinados, em plena harmonia. Rotary é, de fato uma escola em que os cidadãos aprendem a servir e a conhecer, verdadeiramente, o interesse social.

Praticamente todas as Universidades, colégios e escolas secundárias estão representadas em Rotary por alguns de seus professores ou dirigentes. Através do contato entre os companheiros, homens de negócios e profissionais, a atuação dessas escolas, em nível alto, é divulgada. As ramificações de Rotary vão além do que se possa imaginar.

Cada fase evolutiva da vida moderna sofre influência do Rotary e a visão dos seus membros se alarga. Ainda mais que, sobre isso tudo, está a calorosa e doce sensação de companheirismo e amizade, que valoriza a vida. Estas são algumas das muitas razões pelas quais os rotarianos se orgulham da sua filiação.

E não são somente os trabalhos meritórios, que enriquecem o Rotary. Os bons trabalhos são a expressão do que há a sustenta-los. As forças mais poderosas do mundo são invisíveis. A eletricidade nunca foi vista por nenhum mortal e, no entanto, é a energia que ilumina as cidades e move as fábricas. A gravidade, que ninguém ainda viu, faz despencar as águas do Niágara e dá existência àquela maravilha da natureza. Mesmo o ar que respiramos é invisível, no entanto, nos faculta a vida. O poder de Rotary é invisível mas pode operar milagres.

Os portões dos Impérios têm sido abertos pelo poder das idéias. Por trás de Rotary há o poder da boa vontade que ele próprio fomenta e faz crescer. A amizade é força evangelizadora. Milhares de homens têm renascido no espírito do Rotary, no calor da amizade sincera e da vizinhança solidária, que eu conheci quando jovem, em Nova Inglaterra.

No plano de Rotary, os negócios são um capítulo importante da vida mas não são tudo. Quem faz dos negócios a finalidade da vida, merece piedade, não importa quão bem sucedido seja. O objetivo de Rotary é racional, realista. Sua filosofia tem visão integral da vida. Objetiva o seu real enriquecimento.

Não é religião, nem pretende tomar o lugar de uma religião. É desempenho inteligente, e parte do sentimento religioso, nos trâmites modernos da vida e, especialmente, no intercâmbio dos negócios e nas

relações internacionais. Na minha vivência profissional, o conceito de "negócio" sofreu profundas mudanças sob a influência do que Rotary me sugere.

A condição profissional, como exigência para pertencer aos quadros de um R.C. dá, ao movimento, oportunidade de projetar no sócio os seus ideais éticos na prática da profissão. Estendi-os a todas as profissões ou ocupações exercidas na vida em comunidade. Cada rotariano é um elo ético de vida na corrente idealística de Rotary. Ele assume a responsabilidade de cooperar na difusão e no desenvolvimento de altos níveis éticos, no desempenho da profissão que exerce. E, orientadas por essa visão, há centenas de associações de negócios e profissões, organizadas por rotarianos.

Nos seus esforços para promover a compreensão entre as nações, o Rotary continua com a mesma orientação dos seus primeiros tempos : o interesse mútuo baseado num relacionamento entre amigos. Dentro dessa conduta as nações poderão entender-se. Costumes diferentes, antes incompreendidos, tornam-se aceitos e até adotáveis, para o enriquecimento da vida.

A amizade purifica a atmosfera de Rotary, que abomina as formalidades e o artificialismo, e põe os homens, a despeito de desníveis sociais ou de fortuna, num plano comum. É costume, embora não compulsoriamente, aos R.C. do mundo todo, tratarem-se os companheiros pelo primeiro nome. Isso, para alguns é natural; para outros o hábito se consolida em pouco tempo.

Conta-se que quando um proeminente australiano, rotariano, foi condecorado com a mais alta honraria do país, o Comando da Ordem de São George e de São Miguel, tornando-se "Sir" George Towles K.C.M.G., foi-lhe perguntado, no clube, como, então, deviam os companheiros trata-lo, ele respondeu: "Continuem chamando-me George".

Quando um indivíduo, uma seita, um grupo ou uma nação menospreza outro indivíduo, outra seita, outro grupo, ou outra nação, é certo que não se conhecem. É a ignorância que reina nas suas atitudes. E a ignorância é uma ameaça à paz. Nos níveis mais altos de mútua compreensão, as coisas são vistas com maior tolerância e aceitação e, por isso, desaparece a tendência de crítica, de interferência e de desaprovação. Os indivíduos e as nações têm obrigação, pessoal e coletiva, de conhecerem-se mutuamente.

O programa do Rotary, de promover a melhor compreensão entre os diferentes grupos raciais e entre os crentes das diversas religiões, simples e auspiciosamente deflagrado em 1905, vem conseguindo maior sucesso do que o alcançado entre as negociações diplomáticas. Isso se deve à estratégia adotada de eleger os pontos de vista comuns, para considerações primeiras, antes do enfoque das discordantes. Rotary vem demonstrando satisfatoriamente que a amizade pode harmonizar as discordâncias nacionalistas e religiosas.

O individualismo leva ao complexo de superioridade, responsável pela maioria das intolerâncias. A superioridade permanente nunca pode ser mantida por qualquer nação, até os nossos dias. Sempre, após a ascensão virá a decadência. A nação que, durante certo tempo detém hegemonia sobre as demais, será eclipsada por outra num outro período. Após a maturidade sobrevém a velhice; a fruta amadurece e depois apodrece. É a lei inexorável da Natureza.

Os que obrigam a águia guinchar, o leão rugir, o urso rosna não estão prestando nenhum serviço à pátria. Em verdade nem estará tentando fazê-lo. Estarão querendo tirar proveito pessoal a custa do desserviço ao seu país. No entretanto, há, ainda, coisa pior. É o cidadão que, em viagem, procura por-se acima do país ao qual ele deve fidelidade e aponta fraquezas em quem lhe rende homenagem, respeito e admiração.

Quem escreve estas páginas é um americano que não se sente faltoso nesse ponto. Ele reconhece o direito e o dever de todo o cidadão de amar e cultivar a sua Pátria. Na estima dele ninguém te eleva por deslealdade à Pátria.

Quem ama o seu país não deve, por essa razão, criar inimigos nem expor seus conterrâneos ao ridículo, proclamando que a sua é a Pátria de Deus. Isso pode passar despercebido mas, na verdade, é uma espécie de insulto aos cidadãos de outros países e o insulto não é meio de atrair amizade. O meio

mais efetivo de granjear estima é comportar-se simplesmente e com decência. Se isso não der resultado, nada dará.

Pode um clube de 50 ou 100 sócios influir numa cidade? Está mais do que provado que os R.C. imprimem características antes inexistentes às cidades em que atuarem. Claro que essa influência é muito mais notável nas pequenas comunidades. Muitas cidades dominadas pela pasmaceira e pelo desânimo readquiriram vitalidade e entusiasmo após a fundação de um R.C. A vida, efetivamente, pode tornar-se mesquinha nas comunidades pequenas desprovidas de espírito público, onde o mexerico corre solto e a maledicência passa a ser o interesse comum. Recuperado o espírito público ao nível normal, a vida toma outro vigor e essas pequenas cidades vêm melhorar o seu ambiente em todos os setores.

Os rotarianos das pequenas cidades declaram, com frequência, cheios de orgulho, que o advento do Rotary promoveu profundas mudanças no seu ambiente, liquidando questiúnculas de ciúmeira e rivalidade gratuitas e recuperando o civismo e a voluntária cooperação nos serviços à comunidade.

O Sr. Charles Barker, médico do ex-presidente dos USA, William Howard Taft, responde pela proclamação pública de que várias cidades pequenas sofreram profundas modificações sob a influência do Rotary e de outras organizações, que adotaram os seus propósitos. Esse testemunho é valioso e significativo porque partiu de um homem inteligente que viajou muito pelas pequenas cidades e era observador arguto e espírito disciplinadamente honesto. A cooperação é a chave mestra para a felicidade comunitária.

A influência do Rotary tem-se feito, freqüentemente, sentir nas relações intercidades, em reuniões com seus representantes de maior prestígio, conseguindo anular rivalidades renitentes e estabelecer o espírito de cooperação. As reuniões entre representantes de cidades, tanto grandes como pequenas, são, durante muitos anos, um uso muito freqüente do Rotary.

As reuniões entre cidades são assistidas por representantes do 25 a 30 comunas vizinhas; as Conferências distritais chegam a reunir cidadãos de 100 cidades e as Convenções Internacionais reúnem representantes de mais de 50 países. Os rotarianos em viagem, no seu próprio ou em países diferentes, assistem, sempre que podem, às reuniões do R.C. das cidades por onde passam. Usam, para programar tais visitas, o catálogo, que nos meios rotários é chamado "Official Directory". As reuniões do R.C. das grandes cidades têm, sempre, a presença de muitos rotarianos visitantes que, ali, são recebidos com toda consideração.

Rotary tem se dedicado a conciliar interesses em oposição é tem obtido resultados magníficos, pelo expediente de aproximar as partes beligerantes em reuniões calorosas, de boa vontade e companheirismo. Onde arde o fogo da animosidade, lá é ambiente para a ação do Rotary. Os agricultores de uma certa comunidade, passam a desconfiar dos negociantes? Estes passam a receber aqueles como seus hóspedes em reuniões alegres e descontraídas, focaliza-se o foco de discórdia numa conversa franca e leal em que as explicações são detalhadas. Dificilmente falha a compreensão e a inteligência entre eles.

Mesmo nas grandes cidades, o Rotary exerce influência. Alguém, que conheça como se vive nas grandes, cidades, sentirá influência do Rotary fazer-se presente nas igrejas, nos clubes sociais, nos clubes esportivos, nas associações classistas, nas escolas e onde quer que hajam homens reunidos.

As atividades do Rotary cobrem uma larga faixa de serviços públicos ou privados. Os sócios de um R.C. podem exercer suas atividades de acordo com seus gostos e aptidões. Há, relativamente, poucos rotarianos conscientes de que poderiam representar, numa comunidade, muitas atividades reconhecidas. O rotariano é um cidadão útil, em qualquer comunidade, pela sua capacidade limitada, é óbvio, de servi-la. Ele é sempre pinçado entre os líderes da própria profissão. Age sempre enquadrado dentro do que o Rotary designou seus 4 objetivos:

- 1) Serviços internos - os assuntos pertinentes à condução. das atividades administrativas do R.C.
- 2) Serviços Profissionais - os assuntos que reflitam o exercício ético das profissões, dos negócios e do seu comportamento na vida em sociedade.
- 3) Serviços à Comunidade - os assuntos referentes ao bem estar e ao progresso da comunidade.

4) Serviços Internacionais - assuntos que promovam o equilíbrio e harmonia entre as nações, ou seja, a compreensão entre os homens de todo mundo.

Muitos rotarianos, mormente os brasileiros, concebem que só há um objetivo, que é a promoção do conceito de serviço como a obrigação maior do homem em sociedade. O que acima nós chamamos de objetivos, eles consideram os meios para a consecução de um único objetivo. Chesley Perry concebe o serviço rotário como avenidas e, portanto, quatro avenidas para representar as quatro divisões da atividade do Rotary.

Esperar que todos os rotarianos alimentassem o mesmo conceito da Organização seria querer o impossível. Há, presumivelmente, unidade de confiança no que o Rotary pode contribuir para o bem da Humanidade, entre os 250 mil rotarianos existentes. É muito mais notável a diversidade conceitual do que a física, entre todos os homens. As variações do pensamento são muito mais amplas que as diferenças da cor da pele e, também, mais difíceis de serem alteradas. Os conceitos pessoais dependem de muitos fatores - temperamento, hereditariedade, meio ambiente, experiências de vida - e os líderes devem moldar suas condutas com paciência e tolerância. O Rotary dogmático não poderia explicar o seu próprio conceito de serviço. A aceitação do apreço pelos pequenos benefícios, oriundos da ação de Rotary é algo de plenamente confortante e satisfatório para todos os que comungam do movimento rotário. Nenhum rotariano negará que a frequência às reuniões regulares do Rotary Club são um fator de enriquecimento da visão dos conceitos morais, sociais e culturais.

O avanço do Rotary ao atual estágio, é o resultado da evolução da sua organização. Setenta nações conhecem, em variada extensão, os seus benefícios. O seu esplêndido progresso é o resultante do esforço de homens de algumas nações: as onde o Rotary se implantou há mais tempo. Em outros países, onde não há RCs, os benefícios têm chegado de fora. Será um acontecimento extraordinário para o mundo, quando todas as nações possuírem a densidade rotária que, hoje, se conhece nos EUA, no Canadá e na Inglaterra.

O desenvolvimento do Rotary e das demais organizações que dele se originaram é considerado, pelos estudiosos dos movimentos sociais, como o mais precioso no período das suas existências: o período chistosamente chamado, por Mr. Chesterton, de "esta era rotária".

Com o correr do tempo voltei pela 2.ª vez a Wallingford, como hóspede dos rotarianos dos Estados de New Hampshire e Vermont. Foi tão numerosa a ocorrência, que, nas primeiras horas ficou patente a inexistência de lugar público capaz de abrigar a reunião em Wallingford. A American Fork and Hoe Company propôs-se oferecer o local.

No dia da reunião os empregados, em grupos, removeram uma parede de sola da fábrica; mudaram as máquinas para outro local, alinharam em ordem mais de 400 cadeiras e, à noite, estava realizado o milagre: Wallingford tinha local para abrigar a maior assembléia que se pudesse haver projetado.

Das colinas e das montanhas dos Estados vizinhos os rotarianos vieram tomar parte na recepção que o R.C. de Wallingford dava naquela noite, quando recebi, a honra da sua integração a R.I.

Após os discursos de recepção e companheirismo e a apresentação do Diploma de Admissão do novo clube, encerrou-se a reunião. Seguiram, de regresso os rotarianos, através das colinas e montanhas e a grande sala da festa foi transformada numa fábrica de instrumentos agrícolas. Retiniu o sino, na hora de costume, e os trabalhadores assumiram suas tarefas.

Tais acontecimentos eram inéditos no vosso vale. Da minha parte, sonhador, admitamos que eu fosse, eu jamais sonhara com uma reunião tão numerosa de homens, do vale e suas redondezas, unidos por um ideal comum.

Os habitantes da Nova Inglaterra não são dados a mudar seus hábitos mas, convencidos a isso, raramente recuam.

Tanto quanto os automóveis, que anularam o empecilho das montanhas em Nova Inglaterra, os grandes navios se fizeram pontes para que a boa vontade e a compreensão do Rotary cruzassem os mares. Quando R.I. realizou as Convenções de Edimburgo, Ostend, Viena e Nice, foi necessária uma frota de transatlânticos para transportar os rotarianos americanos e suas famílias aos portos de desembarque. É

temeroso predizer, com certeza, que papel está reservado ao avião no objetivo de Rotary mas é certo que facilitará e acelerará o desenvolvimento da compreensão e da boa vontade entre os povos.

Quando for realizada a Convenção, daqui a 10 anos, os céus estarão cheios de aviões vindos de todos os países onde houver Rotary. Só o bem pode esperar-se dessas reuniões de homens unidos no ideal comum de serviço. Rotary é uma força integrada dentro de um mundo em que prevalecem fatores de desintegração; é um microcosmo de um mundo para a paz, um paradigma a ser seguido por todos os povos.

Na esteira estendida por Rotary, outros clubes de serviço surgiram, reunindo, nos seus quadros centenas de milhares de homens dotados de propósitos altruístas. Há também organizações similares, de negócios e profissionais, compostas só por mulheres.

Ainda há espaço para extensão do Rotary e de organizações similares de âmbito internacional. Não importa sob que bandeira se propague a boa vontade e a compreensão entre os povos.

A influência de Rotary na opinião pública, em 60 países, onde estão seus cinco mil clubes, tem sido muito maior do que, em geral, se reconhece. Em relação à população do mundo o número de rotarianos existente é pequeno mas as qualidades de caráter que têm e as posições que ocupam explicam, à satisfação, o que acabo de afirmar acima.

Vejam: na maioria dos países há rotarianos no setor da justiça. No Congresso dos EUA estão inúmeros rotarianos, quer na Câmara baixa quer no Senado. Dois membros do gabinete do Presidente Truman são rotarianos; um deles é ex-presidente de R.I. Os jornais dos USA e de outros países estão amplamente representados em Rotary. Muitos deles pelos seus próprios proprietários. Há dezenas de milhares de educadores nos quadros de Rotary o que nos garante que milhões de jovens da atualidade e das próximas gerações serão beneficentemente influenciados pelos nossos princípios.

Os rotarianos vêm demonstrando permanente e entusiástica lealdade a seus clubes. Muitos se mantêm de frequência, ininterrupta por 30 anos ou mais. Clubes inteiros têm a frequência perfeita por mais de cem reuniões consecutivas. Para muitos de nós a qualidade de rotariano significa a coisa mais cara da vida.

Por quê este apego ao Rotary? É o amor do homem por seu semelhante. Despido de formalidades, de convenções e prevenções, a solidariedade explode espontânea. Rotary supera a linha das intolerâncias políticas e religiosas. Maometanos, budistas, cristãos e judeus comungam na mesma mesa, em perfeito companheirismo. Rotary é tão popular nas inúmeras castas da Índia, como em quaisquer outros países. Não há no seu seio o proselitismo. Os seus sócios são respeitados pelas suas opiniões, quanto aos assuntos de natureza controversa. A sua plataforma tem espaço suficiente para ter os homens unidos apenas pelas suas tendências amigáveis e de tolerância para com os pontos de vista dos seus semelhantes. Pelas suas qualidades altruístas.

Amizade é a pedra fundamental sobre a qual Rotary está edificado e tolerância é o cimento que une os seus homens. Há, em cada R.C., energia suficiente para explodi-lo em milhares de pedaços se não fosse o poder de contenção do espírito de tolerância. Esse espírito extraordinário, característico da vida de meu avô, que iluminou e mantém a minha fé.

Efetivamente, vivemos a era do Rotary. Pela primeira vez na existência do nosso movimento, sentimos que os países mais poderosos da terra estão interessados na promoção da compreensão internacional e na boa vontade entre os povos. E isto a própria essência do Rotary. Queira Deus que as grandes potências sejam mutuamente compreensivas e não se esqueçam que temos vivido, até aqui, num mundo predatório. Agora, que começamos a emergir da época de selvageria, não podemos, em sã consciência, "dar de dedo" uns nos outros.

O espírito de tolerância, que permitiu a existência do Rotary deverá predominar, amigavelmente, em escala mundial, através da compreensão e da inteligência entre todos os profissionais e homens de negócios.

Minha esposa Jean e eu, que temos tido singular oportunidade de conquistar a amizade de milhares de pessoas em muitos países, temos razões suficientes para acreditar que "paz na terra pela boa vontade de todos os homens" não é um sonho vão, mas, sim, uma meta que será atingida. É um privilégio viver no ano cristão de 1945 e ser testemunha de um grande amanhecer para o mundo! Por isso, encareço os meus agradecimentos ao Senhor Gilbert Chesterton pela autoria da frase: "esta era rotária!".

CAPÍTULO XXXVIII

"Comely Bank"

Eu passava, num dia de inverno, pela estrada de Longwood, num subúrbio de Chicago. A estrada ladeia uma colina, que é denominada "A Crista", e se estende por muitas milhas na direção sudoeste, alterando a topografia de Chicago, que é plana. As casas do lado oeste da estrada são construídas na crista da colina.

Naquele dia a colina estava coberta de gelo e muitos jovens, sem se importar com os direitos de propriedade, se divertiam ali. Nem os donos, ao que parece, se importavam com isso.

O quadro lembrava tanto alguns aspectos da Nova Inglaterra que, de súbito, senti vontade de ter, ali, uma casa minha, no alto da colina, em Longwood. Isso aconteceu mais cedo que eu esperava. Passeando no "Prairie Club" de Chicago, encontrei uma moça escocesa muito bonita, que se preocupou com um rasgão em meu paletó e se ofereceu para cerzi-lo. O gesto a complicou, pois, logo em seguida, eu a persuadei a tornar-se minha esposa. Chamava-se Jean Thomson.

Despousei a bonita Jean em 1910 e dois anos depois adquirei uma casa na colina. Batizamo-la "Comely Bank", adotando a denominação da rua onde ela vivera a sua infância e juventude, em Edimburgo. Durante os maravilhosos trinta anos que mantivemos a propriedade, a meninada teve inteira liberdade de brincar nos seus gramados.

Eu não tinha coragem de impedi-los. Eram todos uns queridos peraltas. Há poucos anos, muitos deles estiveram lutando pela América em solo estrangeiro. No mar, na terra, nos ares! Deus abençoe os traquinas da nossa querida Pátria!

A grande cidade, na sua marcha de crescimento, foi, aos poucos, se aproximando de nós, quase a ponto de podermos sentir-lhe respirar. Ainda estávamos no subúrbio e em 10 minutos, de automóvel, podíamos alcançar a zona rural com plantações de trigo, de milho, pastagens e capões de mato, onde tínhamos a gostosa sensação de repouso e isolamento.

Do outro lado da estrada, diagonalmente à nossa casa, havia, logo que casamos, um refúgio ideal para os passarinhos, que nos deliciavam com seus cantos e com a irrequietude alegre dos seus vôos. Era uma quadra toda, coberta com velhas macieiras silvestres, densamente próximas e cheias de espinhos, que ofereciam aos passarinhos ampla proteção contra os gatos e cães. Ali os tordos faziam seus ninhos e criavam os seus filhotes com segurança. Milhares deles emigravam. Faziam, ali, permanência temporária, durante a primavera. O ar ficava impregnado dos seus cantos.

Nunca atinei com as razões pelas quais as avezinhas rejeitavam aquele abrigo celestial, para moradia permanente. Talvez, como as criaturas humanas de temperamento movediço, considerassem aquele bosque como um local de reunião para tratar de interesses específicos e, após retiravam-se o mais depressa possível. Tal qual as pessoas em relação à estação central da ferrovia. Como nenhuma pessoa sensata pensaria em manter-se com a família na estação central, o tordo não se permitia morar ao lado da estrada de Longwood. Pais previdentes, reuniam-se, reproduziam-se, escolhiam seus pares e partiam para locais de própria escolha, longe da comunidade ruidosa.

Uma manhã, após a partida dos passarinhos, tratores derrubaram todas as árvores, arrancando-as pelas raízes. Ao fim do dia, não restava nenhuma delas. Quando os tordos retornaram e viram a depredação, ficaram atônitos. O tumulto das suas vozes e do ruído das suas asas era ensurdecedor. Qualquer pessoa podia adivinhar que em linguagem de tordos eles gritavam: "Ladrões! Gente ladra! Além de destruírem nossas casas ainda levaram-nas! Nunca se viu tamanha crueldade!"

Dentro de noventa dias ali estava um prédio de apartamentos para 500 seres humanos, em lugar do que fora santuário de passarinhos. Linda estrutura e excelente paisagismo mas a nossa sensação de privacidade, como habitantes do interior, se fora. Tínhamos de conformar-nos com isso! Achamos alguma compensação. Na idéia de que 500 pessoas, como nós, haviam escapado do barulho e da agitação da

cidade e que as luzes que se escoavam pelas janelas do edifício, eram para nós, uma mensagem de amizade.

Minha esposa e eu procuramos fazer da nossa casa o melhor lugar possível, para as nossas vidas. Recebemos ali milhares de rotarianos de todas as partes do mundo. Às vezes, tínhamos à nossa mesa, hóspedes de oito países diferentes. Homenageando nossos hóspedes, plantamos inúmeras árvores no local que chamamos jardim da amizade. Muitos dos homenageados já se foram deste mundo mas as árvores lá estão, como testemunho da sua amizade.

Como não tivemos filhos, Jean e eu adotamos, como tais, o Rotary International. A par de havermos tido, transbordante de felicidade, a nossa taça da vida, em Comely Bank, tivemos, também, as nossas amarguras. Por exemplo: os administradores da cidade estenderam a rede de iluminação pública à estrada de Longwood. Privaram-nos, pois, de gozar a visão serena das cortinas de Deus enfeitadas de estrelas. Nunca mais pudemos admirar a luminosidade merencória da lua. Jamais os moradores da nossa comunidade tiveram de andar incertos na escuridão da noite, de volta ao calor gostoso dos seus lares. Os administradores públicos cuidam desses assuntos. A noite fora banida para sempre.

Em muitas ocasiões os C.D. do R.I. convidaram-nos para visitar os R.C. de outros países. Regra geral, aceitamos tais convites e viajamos, como embaixadores da boa vontade. Com a cooperação de rotarianos e de governos, plantamos árvores da amizade nos jardins de muitos países dos cinco continentes do mundo e nas grandes ilhas dos mares. As nossas árvores permanecem como símbolo de compreensão e de boa vontade internacional. Governos nacionais e municipais participaram das cerimônias dessas plantações e, em outras ocasiões, da inauguração de placas de bronze, afixadas em obeliscos, com inscrições tempestivas. Os plantios de árvores eram, em verdade, gestos de boa vontade, símbolos de mútua compreensão, facilmente inteligível aos cidadãos de vários países.

Nunca criticamos hábitos de qualquer país. Acreditamos que cada povo tem o seu próprio conceito de correção de vida, que pode diferenciar-se dos demais.

Turistas, que teimam em julgar outros países pelos padrões dos seus, é claro, apontam-lhes falhas. Estarão despreparados para entender que comportamentos diferentes podem, muita vez, significar maior avanço social.

O complexo de superioridade é um poderoso fator de perturbação da paz e, lamentavelmente, não é raro no concerto das Nações. A fórmula que usamos, durante as nossas viagens, é dar a maior atenção possível aos valores sustentados pelo povo e, jamais, pô-los em paralelo com os de outros povos, a menos que sejamos interrogados a respeito. Em suma, procuramos sempre o que há de bom e belo nos costumes dos povos que visitávamos. Essa política de relacionamento tem-nos sido muito compensatório. Ninguém, que tenha tido o privilégio de conviver com gente de tão variados países, como nós, pode chegar a desprezar qualquer nação. Para mim, o desprezo, é uma força de dissociação, desprezível na paz e, até, na guerra. O cristianismo mostra o caminho mas os homens afastam-se dele, quando se permitem ser dominados pela má emoção e pelo ódio.

Depois de viagens longas, voltamos saudosos para casa, sentindo que, cada vez mais, amamos nossos pais, que alcançou tanto progresso e tem, ainda, muito a avançar. Esse amor, no entanto, encontra justificativa no que nos foi possível sentir e verificar, através dos variados contatos que fizéramos com outros povos. Encontramos nessas andanças, as razões pelas quais podemos admirar a nossa Pátria: pelos seus alevantados ideais, pela sua paixão pela educação, pela determinação em favor da manutenção da liberdade.

Essas características são suficientes para justificar a minha eterna admiração e a inabalável lealdade que dedico ao povo americano e à sua, nossa, Pátria.

A minha convicção de que os EUA possuem tais virtudes em grau não superáveis por outras nações, dão-me coragem para admitir erros que temos cometido, que estamos cometendo e que cometeremos no futuro.

Os ideais do meu país e a sua paixão pela educação dão-me certeza de que não estacionaremos em a nossa evolução mas haveremos de crescer, sempre, mais e mais. É inabalável a fé que tenho nos destinos dos EUA.

Meu patriotismo não me impede de admitir que vivemos num mundo predatório e que, também, praticamos predações. O conceito de sobrevivência dos mais aptos é uma doutrina brutal. É a permanência da lei da selva. A civilização clama por métodos mais humanos e inteligentes, para resolução das diferenças entre os povos.

Por certo os encontraremos. Mas não será mantendo posições hipócritas e dando largas às nossas próprias tendências. Teremos que exercitar e temperar a nossa racionalidade, em todos os relacionamentos humanos, na forja do desejo sincero de preservar o mais conveniente e equitativo aos interesses de todos.

O desprendimento e o idealismo do meu país tem sido manifestado ao mundo, durante os últimos cinquenta anos e, embora estejamos dispostos a remover todos os obstáculos, estamos cientes das dificuldades que nos aguardam.

Nós, os americanos, somos inclinados a idolatrar os heróis.

Deus queira que o saibamos escolher. Quem ignorará que nós adoramos a eficiência? O que faremos quando todas as aspirações forem alcançadas? Alimentar novas aspirações e persegui-las? Atingir alta produtividade talvez fosse, hoje, a resposta.

Os homens necessitam trabalhar e isso significa produzir. É mais fácil produzir complicações do que desfazê-las.

A produtividade, é claro, não deve ser relaxada. Ela oferece possibilidades sem fim. O automóvel nivelou as montanhas e o avião ligou os oceanos, facilidades que são para tornar possível o entendimento entre as novas gerações do mundo. As consequências inevitáveis da melhor compreensão são o crescimento da boa vontade, queiram ou não, as aparências.

Em favor da eficiência (alta produtividade) pode ser dito que nós e nossos aliados ganhamos a última guerra porque éramos mais produtivos. Tínhamos mais escolas, mais universidades, mais hospitais. Tudo isso é fruto da eficiência, da produtividade. Se queremos alimentar todas as crianças das nações devastadas pela guerra, como o faríamos sem a alta produtividade?

Sinto que não demorará muito tempo a solução das dificuldades da América. Se eu vejo necessidades, estou certo que outros homens, mais fortes e menos egoístas que eu, também as vêm e elas serão superadas pelo espírito indômito deste povo.

Do que necessitamos é uma filosofia de vida sensível, integral, altaneira. A subserviência à máquina não nos levará a nada. O mais alto das minhas aspirações para os meus compatriotas é que eles sejam vistos, pelo mundo, como um povo amante da educação e da vida em família.

Os pregadores, os poetas e os filósofos vêm promovendo essas qualidades para a nossa gente e nós as aceitamos, em teoria, mas não as praticamos. Até os homens que dirigem as empresas mais poderosas aceitam as excelências dessa doutrina. No entanto poucos a põem em prática.

E o que tem isto a ver com o meu vale querido na Nova Inglaterra? Apenas isto: Rotary nasceu do espírito de tolerância, da boa vontade e de disposição de servir, que caracterizaram o povo da Nova Inglaterra dos meus tempos de menino. Eu, apenas, fui um intérprete. A fé que estive em mim, perdurará nos homens e multiplicar-se-á!

CAPITULO XXXIX

O Meu Vale... Naquele Tempo

Durante os últimos anos tenho visitado o meu vale, sempre que me é possível, e minha querida namorada tem, estado comigo. Fi-la minha companheira no sentir as maravilhosas recordações da minha infância. Essas visitas se fazem, geralmente, no outono, quando a pletora do turismo de verão vai-se extinguindo e a coloração outonal das árvores é a mais intensa.

Outubro em Nova Inglaterra!
E eu ausente pra ver
O lindo brilho dourado,
Flama no "Maple" acender!
Vermont em roupas de gala
Do Maine, flores, canções,
Aleluias em grupo, em alas
D'oiro, vermelhos borões
October in New England
And I'm not there to see
The glamour of the goldenrod,
The flame of the maple tree!
Vermont, in robes of splendor
Sings with the woods of Maine,
Alternate halleluiahs
Of gold and crimson stain.
(Odell Shepard)

Muitas transformações ali ocorreram, o que, é óbvio, era de esperar-se. Embora a população da pequena cidade permaneça quase estacionária, no cemitério pequenino da colina ela aumentou além do que se poderia imaginar. Lá jaz a maior parte das pessoas da minha geração e seus lugares, na comunidade, foram preenchidos por seus filhos e filhos dos seus filhos como, também, por outra gente atraída ao vale pela sua beleza, pelo seu sossego e pela sua paz.

Novas indústrias ali se instalaram. Ninguém do meu tempo pensaria nelas. Por exemplo: a procura de árvores de natal nas cidades grandes ninguém poderia prever. Na minha infância não se celebrava o Natal daquele jeito. Pendurávamos as nossas meias perto da lareira, se a tivéssemos; se não a tivéssemos, as meias iam para o suporte do chaminé na traseira do forno, onde o místico, vigoroso e bom "Santa Claus" as acharia, com certeza. Era mais fácil entender como "Santa Claus", com seu enorme saco de presentes, poderia descer pela chaminé de uma lareira, do que pelo tubo da chaminé de um forno, mas as duas vias davam consistência de efetividade à visita de "Santa Claus": o gosto do pudim, que era servido no dia seguinte, e os bons presentes que ele deixava dentro das meias.

É na véspera de Natal:
Na casa, tudo parado;
Dormem todos por igual
Té o ratinho . . . tal e qual.
"Santa Claus" é esperado
Entrar pela chaminé
E na meia, num só pé,
Pendurado sob fé,

Deixar presente sonhado

It was the Night before Christmas
When all through the house
Not a creature was stirring,
Not even a mouse,
The stockings were hung
By the chimney withcar,
In hopes that St. Nicholas
Soon would be there

(Clement C. Moore)

Naturalmente ninguém, jamais, viu "Santa Claus" com o saco de presentes mas nenhuma árvore de natal seria capaz de excitar tanto a nossa imaginação ou trazer maior festa aos nossos corações, como a imagem daquele "Santa Claus", de cara de maçã e barrigudo, enchendo as nossas meias, enquanto o seu trenó esperava estacionado no telhado, impaciente para seguir adiante e alegrar os corações dos meninos de todo o vale e por todo o mundo.

Se conhecêssemos a ilusão da árvore de Natal, teríamos afirmado que os meninos da cidade poderiam ter todas as árvores de natal que quisessem, se seus pais as quisessem comprar.

Nos primeiros tempos da indústria, a derrubada das árvores foi indiscriminada para manter o consumo. Lindas árvores que poderiam, até hoje, estar alegrando o coração dos homens, foram sacrificadas para um propósito tão efêmero. Se dependesse de mim esse assunto, eu diria: Volta tudo como era nos meus tempos: meias penduradas ao lado dos chaminés e as árvores ficarão, enfeitando as encostas das montanhas, como foi à vontade do Criador.

No entanto, a visão larga dos empresários percebeu que a indústria de extração de árvores de Natal podia ter permanência se associada com o replantio, e assim a seleção das árvores é feita com o devido critério. De certo modo, o distanciamento entre as árvores as beneficia.

Estas árvores não exigem solo rico. Preferem afundar suas raízes na terra dura, entre as rochas, e aí ampararem-se, para resistir às tempestades, no inverno. É admirável como tanta beleza pode surgir em tal solo. O abeto vermelho medra nas montanhas da Nova Inglaterra sem auxílio de adubação.

Outra fonte de rendimento para os habitantes do meu vale, recentemente em atividade, é a colheita, embalagem e remessa de samambaias, como ornamento dos ambientes urbanos. Nós considerávamos os fetos, bonitos e, às vezes, os colhíamos para misturar às flores, com propósitos decorativos. Como a samambaia é uma espécie de feto gigante, não haveria justificativa para a nossa discriminação.

As samambaias crescem em grande abundância nas baixadas do vale e encontram mercado pronto. Esta indústria oferece oportunidade, aos estudantes, para ganhar algum dinheiro durante as férias de verão. As floristas, nas cidades, as consomem em grandes quantidades na embalagem de flores para embarque. Nada é melhor que a samambaia para, conservar as flores frescas e brilhantes. São, também, usadas para conservar hortaliças em lojas e residências, durante a estação fria. Apertadas em pequenas caixas, conservam as verduras verdes até o uso.

Não há que temer a sua extração. A natureza se encarrega de repô-las. A cada ano as samambaias nascem e atingem a maturação para colheita. Se mãos humanas não as colherem, o inverno as extingue, já que não respeita os direitos de propriedade ou de sobrevivência das samambaias existentes.

O meu vale participa, com outros do norte da Nova Inglaterra, dos rendimentos proporcionados pelos esportes de inverno. Nessa estação, os trens e as estradas nos trazem esportistas de sky e outros. As condições do tempo, no entanto, mutáveis que são, muitas vezes nos trazem desapontamentos e frustrações.

O conselho de Horace Greeley, "Vá para o oeste meu jovem" correu rápido na Nova Inglaterra, quando eu era jovem. Todas as comunidades deram contribuições ao desenvolvimento do oeste. Algumas

delas, muito valiosas. Um pequeno povoado de Cape Cod deu a Chicago os fundadores de três grandes instituições: a Swift Packing Company, a Tobey Manufacturing Company e o First National Bank.

Contavam-se, por todos os lados, histórias de grandes sucessos no oeste. A propaganda era tão ruidosa que a maioria dos jovens abandonava, os seus lares. Mas havia exceções. Um jovem camponês, Redfield Proctor, desenvolveu uma indústria de extração e beneficiamento de mármore em nosso vale e fez dela a mais importante do mundo, não excetuando nem mesmo as de Carrara onde as pedreiras eram mais acessíveis e o mármore já tinha fama no mundo todo, pela qualidade e pela perfeição de mão de obra. Na arte de esculpir em mármore para a estatuária só italianos eram exímios e não lhes faltava o mármore branco, idealmente requerido para tal.

O desenvolvimento da produção de mármore do meu vale é uma longa história mas, dentro em pouco, as minas de Vermont terão fama como fornecedoras de mármore para estatuária. Artistas de Carrara foram atraídos para Vermont pela certeza do pleno sucesso e por melhores salários. Redfield Proctor foi governador do Estado de Vermont, senador e, depois, membro do Gabinete do Presidente Benjamin Harrison. Em outras palavras, ele mudou-se para Washington.

Redfield Proctor foi um ardente protetor da indústria em Vermont, como foram outros vermontenses. Não posso afirmar mas suponho que tenha estendido a proteção às suas próprias indústrias.

O sucesso da mineração e da manipulação do mármore em Vermont aconteceu, não somente em virtude dos incentivos oficiais mas, também, pela adoção de técnicas e aparelhos que melhoraram e apressaram os resultados das técnicas italianas. Brocas de diamante, furadeiras, serras de material resistente, abreviaram o tempo de cada operação e permitiram substituir o uso da dinamite em várias operações. Guindastes foram aplicados para erguer grandes blocos de mármore do fundo das minas, num esfregar de olhos e grupos de serras mecânicas trabalhavam dia e noite, reduzindo os blocos em peças de tamanhos convenientes para satisfação dos pedidos existentes. Um grande bloco era consumido pela serra em 24 horas. Serras de aço, com contínua irrigação de água e areia.

O mármore não é o único produto das minas de Vermont. Enquanto o mármore estava sendo explorado na base da montanha, outra indústria começava a operar ao norte do Estado. Eram as jazidas de granito de Barre, que hoje gozam a fama de produzir o melhor granito do país. A natureza foi pródiga no dotar Vermont com as minas de granito e os operosos e ambiciosos vermontenses aproveitaram, ao máximo, a dádiva que receberam. O granito; em Barre, apresenta-se em camadas horizontais superpostas e não em bolsões, como na Escócia. É possível, obter grandes monoblocos, de doze metros de comprimento, de granito em Barre; sem um simples defeito ou mancha, particularidade única, até hoje.

A excelência do granito de Vermont é, facilmente, constatada por quem quer que se interesse observar as obras existentes nos cemitérios.

A fama dos produtos de granito e de mármore nas "Green Mountains" não sofre rivalidade com a produção das pranchas de Vermont, embora estas estejam entre as melhores do mundo. A indústria de pranchas (placas) de pedra estava, na minha infância, em mão dos Gauleses. Estes, além do controle dessa indústria, exerciam influência em outras atividades. Por muitos anos mantiveram a liderança das formas de cultura, que trouxeram da sua origem. Neles não havia um elemento mais fraco que o outro.

Todos os americanos, que amam sua pátria têm interesse no desenvolvimento cultural e educacional e na generalização da vida saudável. É, para nós, prazer notar a melhoria moral, cultural e espiritual.

É gratificante que o pessoal que imigra das cidades para o meu vale e para outros pontos da Nova Inglaterra é, regra geral, bem recebida pelos naturais da região. Para mim não há maior garantia de bom caráter do que o manifesto amor a Deus.

Embora a maioria dos novos habitantes da Nova Inglaterra seja composta de aposentados que procuram repouso, há entre eles, muitos escritores e educadores não aposentados. São atraídos pela beleza

das montanhas, pelo desejo de se despirem das complexidades supérfluas da vida citadina e para poderem aplicar-se mais efetivamente às suas atividades. Vermont atraiu muita gente nessas condições.

As belezas do campo e a vida atrativa sempre funcionaram como um convite para os homens de letras. Os soberbos lagos ingleses atraíram, entre outros eminentes literatos, Wordsworth, Coleridge, Ruskin, Southey, etc. Tennyson encontrou inspiração nos maravilhosos panoramas terrestres e marítimos da ilha de Whight. Há muitos mais: Shakespeare, Burns, Scott, Kingsley e sem número de outros.

Entre os que se fixaram em Vermont nestes últimos anos, cita-se, Rudyard Kipling, Will Durant, Dorothy Canfield, Fisher; Sinclair Lewis, Dorothy Thompson, Robert Frost, Frances Frost, Sara Cleghorn, Frederic Van de Water, Zephine Humphrey, Walter Hard e outros mais, que seria cansativo mencionar. De fato Vermont tornou-se a meca dos escritores, artistas e publicistas. A Nova Inglaterra vai passando por uma verdadeira renascença literária.

Desde tempos imemoriais os homens de letras buscam inspiração nas coisas belas da Natureza. Na Nova Inglaterra temos sobra de belezas naturais para excitar a sensibilidade dos literatos. Deus queira, pois, que homens e mulheres de gênio e capacidade de captar tudo o que há, de elevação espiritual, naquelas montanhas lindas, naquelas fragrâncias, naquela tranqüilidade, na harmonia e no bucolismo daqueles vales maravilhosos, se inspirem para produzir obras de grande beleza e elevação.

Todos os gostos estão ali representados, quer por aqueles que constroem suas casas de verão, quer pelos que se fixam definitivamente. Alguns se colocam nos lugares altos, outros nos baixos; alguns na sombra, outros nos lugares ensolarados. Há os que se colocam no meio do mato, como os animais feridos que se escondem dos homens e dos cães para curar suas feridas e descansar. Estes não são, como possa parecer, anti-sociais, mas, apenas, necessitam sossego e repouso.

Os habitantes da Nova Inglaterra são disciplinados e obedientes à lei, mormente os ruralistas. Violência e crime são, ali, quase inexistentes. Como o ambiente onde vivem, rodeado de serras, os montanhese são rudes mas confiáveis. Durante a minha infância eu só soube de um assassinato em Vermont. Foi o de John P. Fair, assassinado em Rutland, por um homem que, poucos meses após, foi executado em Windsor. Foi assunto para grande agitação em todo o Estado.

Suborno e corrupção política; também, eram, acontecimentos praticamente inexistentes. Quando perguntaram a George D. Aiken, hoje senador pelo Estado de Vermont, quanto lhe custara à campanha eleitoral para governador, ele respondeu: "Não estou bem certo! Calculo que foi aí pela casa dos trinta centavos de dólar!"

A resposta de Calvin Coolidge à pergunta de um repórter sobre se ele seria candidato à reeleição para a Presidência é, sempre, lembrada: "Não cabe a mim a escolha!" Ela caracteriza bem o tipo conservador e lacônico da gente da Nova Inglaterra.

O que notabilizou Calvin Coolidge na Presidência foi a sua honestidade e a indiferença à opinião pública sobre sua conduta. Desde que tivesse razão para sentir-se digno, mantinha o auto-respeito. Olhava todos os assuntos com absoluta independência.

Acredito que compreendi Mr. Coolidge muito bem. Fui seu contemporâneo na "Black River Academy", que ele cursava um ano à frente de mim e, depois, fomos vizinhos. Era lacônico e gostava de expressar-se por epigramas mas, sempre dentro da verdade. Fazia-se grande esforço, naquele tempo, para evitar os circunlóquios. O povo todo queria as coisas práticas, concretas, simples, corretas.

Quando Vermont sofreu a maior enchente da sua história, houve manifestações de solidariedade de todos os lados. O congresso autorizou um auxílio em dinheiro para os "flagelados". O Governo Estadual o rejeitou, afirmando que Vermont podia cuidar dos próprios problemas. .

E, na verdade, o fez com a emissão de oito milhões de dólares em bônus, que foram prontamente absorvidos e, logo após, totalmente resgatados.

O Estado mantém uma esplêndida Universidade que se destaca, urbanisticamente, em Burlington. Foi estruturada por Ira Allen, há mais de 150 anos. É paradigma da cultura e do desenvolvimento do Estado.

Um dos mais marcantes traços de cultura em Vermont é a recente criação da orquestra sinfônica, que honraria qualquer cidade do país. Seus figurantes foram pinçados nas pequenas comunidades do Estado. Em Burlington realiza-se um festival anual de música.

Outro passo no desenvolvimento é a realização do Congresso de membros das bandas e orquestras das escolas secundárias de música. Só são elegíveis os alunos laureados nas suas escolas. Esses alunos recebem cursos intensivos de educação musical para capacitá-los a progredir, o mais possível, na profissão.

Para não ser superado pela "State University" o "Middlebury College" fundou uma escola específica para professores e escritores, no alto, bem próxima ao monte "Bread Loaf".

Ouvi dizer que uma das mais agradáveis características para uma viagem através da Nova Inglaterra é hospedar-se, o turista, nas grandes casas antigas, gozando a conversa e a troca de pontos de vista com os homens da região e a extrema capacidade das mulheres, como dirigentes da casa.

Todos sabemos o quanto é frustrante uma viagem de férias desagradável. As agências de turismo e as associações comerciais, depois de cuidadoso estudo, fazem a seleção das viagens a serem oferecidas. Efetivamente, são elas favoráveis, não, porém, no que diz respeito à natureza da hospedagem e ao calor do acolhimento. Férias só podem agradar se, além do descanso satisfatório, a gente se sentir bem. As donas de casa da Nova Inglaterra são afamadas, como ordeiras, asseadas e boas cozinheiras.

A importância que tem o cultivo da opinião e a amizade da gente de uma comunidade é, só, plenamente sentida se houver convivência com ela.

Se um recém-chegado a uma comunidade da Nova Inglaterra interessar-se pelo bem da comunidade, quer através da religião, quer das atividades escolares, quer por outros meios, integrar-se-á rapidamente nela. Deve, no entanto, deixar altos preconceitos na sua origem. Aqui não se dará bem com eles.

No meu vale há lugar para acolher, hoje, os milhares de criaturas que se acotovelam nas grandes cidades dos EUA. Toda a Nova Inglaterra pode repetir as amáveis palavras do Grande Mestre: "Vinde a mim todos vós, que estais cansados ou humilhados, eu vos recuperarei e consolarei".



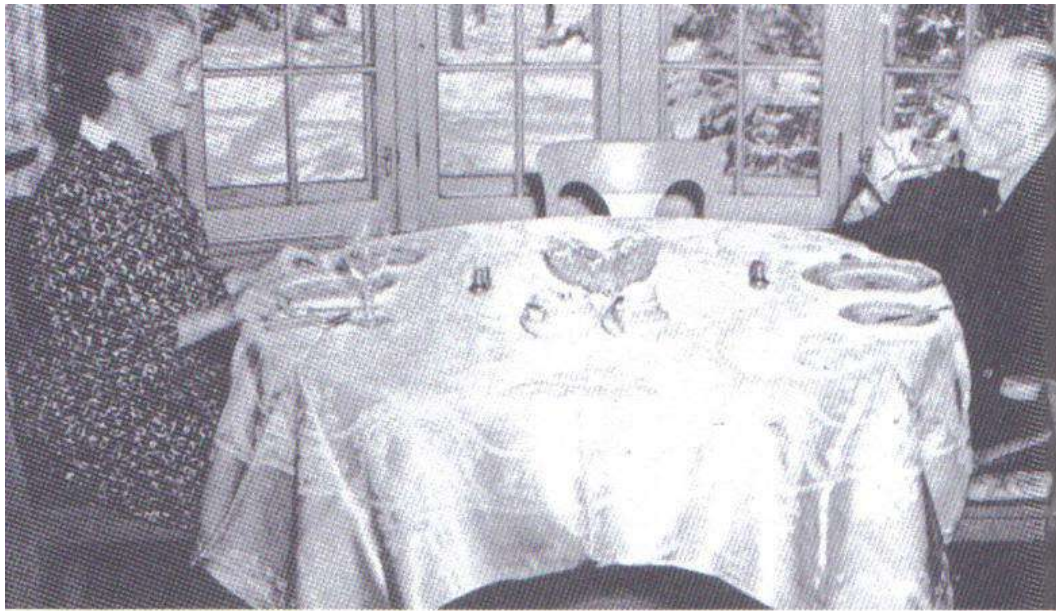
"Comely Bank" where Paul and Jean lived for 35 years in suburban Chicago.



Paul cares for his bird friends while neighbor Silvester Schiele looks on.



Travel stories are swapped by Paul and a sailor visitor at "Comely Bank."



Paul and Jean at home where they observe "our ever changing picture of hillside, friendship garden, pines and spruce, gnarled oaks, Winter snow-drifts, Spring flowers, Summer verdures, Autumn colors, wary rabbits, impudent squirrels, quarrelsome sparrows, voracious starlings, raucous blue jays, tuneful redbirds, the milkman's flashlight, newspaper boy, mystic sunrise, plodding mailman, friendly neighbors, and at eventide gleaming headlights of thousands of gliding motorcars bearing weary city toilers to the light, warmth and love of their homes."



CAPITULO XL

Descansando e Visitando

Ninguém descreveu melhor do que David Grayson em seus livros "Friendly Road" e "Adventures in Contentment", a bênção que significa a vida no campo, quando a saúde física ou o cansaço mental nos aflige. É a minha opinião, porque já sofri o afastamento forçado do trabalho e o descanso obrigatório no campo. Jamais esquecerei que renasci da mãe natureza que me tomou nos braços, quando caí doente, mesmo amparado pela minha doce Jean.

Num dia, que nunca esquecerei, eu acabara de fazer uma palestra e me achava, ainda, em pé na tribuna, quando sofri um desmaio. Só me lembro de haver caído sobre o peitoril da tribuna e de haverem muitos corrido para amparar-me. Ataque cardíaco, dizem. O médico o diagnosticou e sentenciou que eu devia acertar minhas contas com a natureza.

Sonhei ansiosamente ir para o campo tão logo deixasse o hospital. Levaram-me ao Norte de Michigan, para o meio das colinas, dos lagos, dos riachos murmurantes, do canto dos pássaros e das folhas multicoloridas. É uma longa história eivada de altos e baixos, de avanços e recuos, de médicos e enfermeiras. Foram necessários 18 meses para que eu emergisse do negro e fundo buraco em que caíra. Mas, nesse período, descansei muito e recuperei-me. Seguiram-se 10 anos de atividade. Eu aprendera a descansar.

Regressei ao campo três vezes mais e voltei, sempre, recuperado. Foram aqueles períodos de repouso que me deram os dez anos de atividade. Setenta e cinco por cento dos meus colegas de turma, na Universidade de Iowa, já se passaram para o reino dos mortos. Dos vinte e cinco por cento restantes, provavelmente nenhum deles começou a vida com menos saúde e fortaleza física que eu e, provavelmente, nenhum tenha tido de suportar percalços de saúde. Na verdade só tenho que agradecer ao campo por ainda aqui estar.

"Afrouxe as cordas da sua rebeca, senhor homem da cidade. Quando estourar a corda prima, ou outra qualquer, ninguém poderá manter o concerto até o fim". (Sr. Crawford Mc Crellongh)

"A mais elevada e mais útil característica de um povo, é, sem dúvida, a tendência de cultivar e amar o solo dos seus campos. A cidade desgasta, rápido, o homem e afrouxa os laços de família. O homem torna-se sofisticado e débil. A corrente autêntica de humanismo sempre vem do campo para a cidade. Por seu turno, parte da cidade para o campo outra corrente, porém de humanismo muito anêmico. Como o sangue arterial do campo para a cidade, venoso no sentido contrário. Uma nação sempre começa a apodrecer nas cidades e acabaria podre, não fosse o sangue bom e fresco que flui do campo para os centros de população". (John Burroughs)

"Um homem branco, ao banho com um Taitiano é como uma planta branca, cultivada pelo jardineiro, comparada com uma linda e simples florzinha verde-escuro das montanhas". (Darwin)

Vivi grande parte da minha vida numa grande cidade, onde exercia minha profissão. Reconheço o papel das grandes cidades na civilização, e, claro, amo o povo da cidade com quem convivi e em cuja companhia trabalhei. Homens fortes, corajosos, vão, aos poucos, vencendo os desajustados e as nossas grandes cidades vão se tornando mais seguras. O crime e a corrupção das grandes cidades americanas são longamente explorados pela publicidade, e o povo tem a impressão que a maioria dos habitantes vai se tornando indiferente. Mas não é assim. A grande maioria é de cidadãos educados e disciplinados. A cultura, a educação e as artes crescem por todos os lados e surgem, como se fossem sonho, as escolas, as bibliotecas, as igrejas, as universidades, os parques e os jardins públicos.

Eu, certamente, não aconselharia a ninguém fugir da cidade e viver no campo, apenas para fugir de responsabilidades. Na cidade, vadiam, sem responsabilidade, os maus elementos por ser mais difícil à lei, encontrá-los.

Há tempo para trabalhar e tempo para descansar e cada um de nós decide o que melhor há a fazer. Espalhada, eu penso que a população viveria melhor. Para qualquer observador sem preconceitos pode parecer uma condição anômala que a população exista dispersa em algumas regiões e tão densamente concentrada em outras. Esse observador queria reformar o mundo, por certo.

Se fosse intenção do Criador que o homem vivesse assim massificado, por quê teria Ele criado um mundo tão extenso, com montanhas e vales, onde o ar e a água são puros?

Os homens se concentram nas cidades, como sardinha em lata, e quando não encontram o que mais comer, uns devoram os outros.

O campo tem sido o meu refúgio, sempre. Quando não vou por vadiagem, faço-o por necessidade da minha vida. A carga dos anos alivia meus ombros, no campo.

Por alguns anos, passei fins de semanas, indefectivelmente nas imprevisíveis e misteriosas dunas que margeiam o lago Michigan, no noroeste do Estado de Indiana. As dunas atraem e prendem, com poder extraordinário. Os que a elas se afixionam, constroem abrigos entre as colinas errantes de areia e lá se instalam, para gozar a suavidade maravilhosa do grande lago.

As tempestades mudam constantemente o contorno do lago, ora cobrindo a terra, ora adentrando-a nas águas. A fauna e a flora das dunas de Chicago são muito mais variadas do que as da zona central-oeste. Os fins de semana, em companhia de outros amantes da natureza, são um excelente estímulo para as atribulações com os negócios, na semana seguinte. Não compreendo como os homens se permitem conservar-se encarcerados em casa, durante o inverno, sem aspirar ar fresco e sem ouvir o canto de um passarinho!

O clube de Campo de Chicago (Prairie Club of Chicago), do qual sou sócio, foi fundado há 35 anos com a finalidade de estimular os jovens ao sadio esporte das longas caminhadas pelas zonas rurais. Temos aproximadamente 2000 sócios, residentes na cidade, oriundos da zona rural! O clube de campo dá-lhes oportunidades de matar saudades do seu antigo ambiente e, sob muitos aspectos, é só com ele que se conta para esse fim.

Sábados, à tarde, os passeios a pé são a diversão principal que o Clube de Campo promove, com a organização de acampamentos e outras atividades saudáveis, disponíveis para legiões de professores, empregados de escritórios, estenógrafos, etc. Essas promoções são anunciadas nos jornais de Chicago, incentivando interessados a participarem, sem nenhuma despesa além da de transporte. O trajeto desses passeios, como o seu decurso, são planejados cuidadosamente por gente experimentada e conscienciosa.

O Clube de Campo tem convênio com o "Rocky Mountain Club", de Denver; com o "Sierra Mountain Club" de São Francisco; com o "Mountaineers Club" de Seattle; com o "Nature Lovers Club" de Indianapolis e com outros muitos, dedicados às diversões campestres.

Há em Chicago um jovem, que veio de Boston e que canta loas ao Prairie Club. Chama-se Alexander Wilson e seu nome é quase desconhecido.

Não há restrições de idade para os participantes das promoções do clube. O mais jovem foi uma menina robusta de três anos, a qual só necessitava ser ajudada para passar por cima das cercas. Ela saracoteava, sem reclamar, vencendo a distância de 16 km. Agora, já é mãe de uma criança vigorosa.

O mais velho participante era o Capitão Robinson, 90 anos, que, com sua câmara indefectível, fotografava todas as flores raras que encontrávamos, classificava-as e descrevia para uma revista. Os naturalistas têm olhos para ver as belezas existentes nos buracos e nos barrancos, nariz para cheirar o odor dos pinus e dos bálsamos, e ouvidos para escutar a canção doce dos passarinhos, das cotovias do prado e aquele contralto divino que é o tordo ermitão.

Muitos dos conhecedores das bênçãos da vida rural sonham com a aquisição de uma propriedade satisfatória às suas tendências e gostos. Muitos o conseguem, outros mudam os seus sonhos para estadas periódicas nos subúrbios e outros, que ali se instalam, morrem, sem poder gozá-la.

Nossa casa está localizada numa quadra grande de um subúrbio rico e nós a estamos gozando há 30 anos benditos. Quando viemos para aqui, o local era deserto.

Hoje o local tem 26 famílias residentes, em casas próprias. Quando vieram para aqui viviam, contentes, maridos, mulheres e filhos. Hoje muitas das casas estão ocupadas por viúvas dos homens que as construíram e, numa delas, mora um viúvo. A porcentagem de 10x1 em favor das viúvas, é o resultado lamentável da dura competição, que o homem chama de sucesso. Ela é quase tão devastadora quanto à guerra, para a qual os filhos e netos dos meus vizinhos estão partindo, em quaisquer dos fronts.

Os "homens de sucesso" vêm ao nosso subúrbio, a procura de descanso e quanto a isto, conseguem. Mas acabam descansando, em definitivo, debaixo da terra.

É uma trabalhadeira a mudança para um subúrbio, mas maior desafio será o aposentar-se! Quão fácil é falar de aposentadoria! Utopia! Nada a fazer, além de descansar e de gozar a sensação de ter nada para incomodar-se! Quão diferente disso será, na realidade! Será, quase, uma doença! Poucos se adaptam a ela. Sair do fogo das obrigações, na velhice, é uma empreitada muito mais séria do que o assumi-las na mocidade. Há, no entanto, uma providência que, tomada, propicia suportá-la. É descobrir um novo e absorvente interesse. No campo, esse novo atrativo é, freqüentemente, encontrado.

Para o homem jovem e vigoroso, uma fuga emocional da realidade da vida não é coisa que atraia muito. Mas a vida no campo não é, necessariamente, uma fuga das realidades. Ao contrário, é, muitas e muitas vezes, a porta de grandes oportunidades de o cidadão realizar-se, como participe da comunidade, sob condições muito mais favoráveis. O jovem vigoroso pode, facilmente, transferir a época do repouso.

"A vida campestre, à sombra das árvores das fraldas das colinas, na solidão em que cantam as águas, é dádiva de Deus". (John Masefield)

"Que possa eu possuir uma casa pequenina em meio a um grande jardim, alguns amigos verdadeiros e muitos bons livros!" (Cowley)

"Louvado seja o que habita o campo

Longe das preocupações aflitivas e das discussões vazias

Quem pode estudar em paz longe das irritações inúteis

Quem gozou a sua juventude e, agora, a velhice. (Dryden)

"Depois que você cansou dos negócios, da política, da sociabilidade e chega à conclusão que nada disso o satisfaz plenamente, o que resta? A natureza. Ela permanece para fazer brotar, do recesso entorpecido, as afinidades do homem ou da mulher com o ar livre, o sol, durante o dia e as estrelas no céu, à noite".

(Walt Whitman)

Nada é mais propício para estabelecer as relações com pessoas qualificadas do que fazer parte do quadro social de um R.C. Mas se não houver um R.C., que seja um Kíwanis ou um Lions Club ou outro qualquer clube de serviço.

Espero que não tomem por presunçosa esta afirmação: não há melhor recomendação para uma comunidade do que ela abrigar um R.C. Se, por ventura, a comunidade não o abrigar, por certo a cidade vizinha o terá e não custa muito ir até lá, se a pessoa possuir um automóvel. O sócio de um R.C. é bem recebido em todos os R.C. do mundo. Muitos rotarianos não perdem oportunidades que se lhes ofereçam de visitar os R.C. nas cidades onde eles estiverem. Outros fazem questão de comparecer a reuniões das cidades vizinhas, para alargar os seus círculos de relações o quanto possível.

CAPITULO XLI

Montanhas e Povo; Lagos e Pássaros

Entre os que vieram de outras cidades, fixar residência no nosso vale e tornaram-se estimados por todos, ali, destaca-se o Sr. Addison Stone, um advogado de Washington, D.C. O Sr. Stone era casado com uma das mais bonitas e dignas moças de Wallingford, a sra. Lou Kent. O casal viera morar na velha fazenda dos Kent.

Addison Stone era um cavalheiro, culto e excêntrico. Lou Kent Stone não tinha porque se queixar do marido que escolhera. Ele não adotara os hábitos do povo da região mas, aos poucos, tornou-se ligado a todos. Nunca se o viu ir para o trabalho da fazenda vestido de macacão. Suas roupas pareciam ter sido confeccionadas por alfaiate e, às vezes, até usava luvas. No entanto, não dispensava o chapéu de abas largas, de palha, e aparentemente bem usado para proteger-se do sol, no verão. Era um fazendeiro distinto e vestia-se como tal. Viveu a vida, que escolheu para viver e como quis viver. A maioria dos moradores respeitáveis da cidade era congressionista. Stone não era e jamais fingiu sê-lo. Embora sua casa estivesse situada exatamente de frente a igreja Congressional, não me recorde havê-lo visto assistindo às reuniões ali. Vivia como entendia e o povo de Wallingford, aos poucos, o aceitou como era. Pagava suas contas em dia e cumpria, religiosamente todos os compromissos. Não era arrogante e nem procurava homenagens.

Esse feitio era apreciado por seus concidadãos e reconhecida a firmeza do seu caráter e a capacidade de relacionar-se, eles o elegeram para moderador das reuniões da comunidade. Não poderiam eleger moderador mais digno, mais hábil e mais capacitado.

Não se sabia porque ele não continuava sua carreira em Washington. Sem nenhuma dúvida, preferia o regime de vida do vale ao da capital. Amava a vida campestre, pela tranquilidade e pela conduta amena e sincera dos seus habitantes. Pela beleza das montanhas e nela placidez dos lagos.

Não há nenhuma indicação, mesmo no cemitério, lembrando Addison e Lou Stone, mas a doação, que fizeram, de uma área de mato acompanhando a praia do lago Effin, à cidade de Wallingford, atesta a estima que lhes inspirava o vale e o seu povo. Só a lembrança desse fato justificaria um registro público de reconhecimento.

Lembro-me de muitas pessoas cultas e educadas que desfilaram pela nossa comunidade tão anonimamente que pareciam ser gente do lugar.

Um belo exemplo de amizade que se desenvolveu entre gente de fora, que veio para o vale, e os nativos dali é a história do Dr. e Mrs. Franklin Wood, de Boston que, após haverem passado as férias de muitos verões numa aldeia do Maine, resolveram fixar residência ali, quando ele se aposentasse. Resolveram viver ali, os seus últimos anos e, pois, obter um túmulo no cemitério local, para morada eterna.

No entanto, foram surpreendidos com a negativa de venda do terreno, no cemitério, para quem não houvesse nascido no Estado.

Não demonstraram desapontamento e continuaram morando na cidade e alargando o seu círculo de amigos. Logo após foram surpreendidos por ato solene, promovido pelo Presidente do Conselho do Cemitério, adotando-os, cidadãos do Maine. O ato significava que, na impossibilidade estabelecida nos estatutos, de vender-lhes terreno no cemitério, o povo reunido lhe fazia doação de um.

"A boa ação nunca é perdida.

Quem semeia cortesia colhe amizade

E o que planta bondade

Colhe amor".

(Richard Brooks)

Qualquer um que se sentir feliz num novo ambiente, terá a estima da gente do lugar. E isso é um dividendo abençoado. As montanhas estarão sempre presentes, quando você as chamar. Elas são sempre as mesmas, apesar das tempestades e do vento.

Aprenda o nome delas e verá como parecerão mais próximas, quando você as nomina. Se tiver força e vigor escale-as, homem, e se você não for forte e vigoroso, o suficiente, cruze-a de automóvel. Há duas estradas em todas as direções! Nos meus dias era diferente.

Selecione um "ponto de inspiração" na montanha e se fixe nele, examinando-o e sentindo-o. Penetre os segredos das montanhas. Elas os confiarão a você se você os quiser, como amigo. Vá ao seu "ponto de inspiração" para testemunhar as glórias do levantar e do pôr-do-sol. O luar e o cintilar das estrelas transfiguram as suas montanhas em vultos sobrenaturais mas fascinantes.

"Quando o luar cai nos flancos da montanha
Em lenta elevação para o céu,
Cada nuvem branca em ascensão
Parece uma alma boa que se esvai".
(Sam'l Miller Hageman)

Lençóis de neve suavizam os vértices ásperos das montanhas e arredondam-lhe as curvas. Os que amam as montanhas jamais sentir-se-ão solitários, enquanto estiverem com elas. Se são seus amigos, como poderiam sentir-se sós?

As lagoas e lagos, constituem-se em legião mas cada um deles possui sua própria individualidade. A maioria deles está nas dobras das montanhas e parece fazer parte delas. Parece que as refresca nos dias quentes de verão. Dispa-se e mergulhe neles se isso lhe apraz. Você sentir-se-á acariciado e revigorado e terá uma estranha sensação de prazer por estar vivo.

Fazendo-se amigo das montanhas, das lagoas e dos lagos, você não poderá deixar de ouvir a voz doce e revigorante dos passarinhos. Eles, também passam a ser seus amigos e a demonstrá-lo, permitindo que você se aproxime. Há, nas montanhas, uma grande variedade deles. Alguns de arribação e outros integrados com elas. Algumas migalhas colocadas na soleira da janela atrairão os passarinhos, mesmo nos dias em que a temperatura baixar de zero. Alimentar os passarinhos nas estações frias alegra o ambiente das montanhas e dos lares. Faça-o como prática diária espalhando sementes com generosidade. Você será recompensado por agradecimentos às centenas, em forma de prazer pela audição de maravilhosos concertos, oferecidos pelos seus amigos alados. Inicie seu dia, Sr. cidadão, em companhia dos seus passarinhos.

Alguns passarinhos afeiçoam-se tanto aos seus amigos humanos, que se instalam como hóspedes, desde que encontrem um escaninho na casa, para edificar os seus ninhos e criar a família.

Amigo leitor dê uma chance à "Jenie Wren" e ela virá a você, como também o tordo e as rolinhas. A codorniz responde prontamente aos gestos de amizade e quão doce é o seu pio tímido, melancólico!

Coelhos e esquilos também se tornam amigos, após a hibernação. A jaritataka e seus filhotes cruzarão com frequência o seu quintal, se não forem perseguidos por gente ou pelos cães. São domesticáveis.

As tímidas raposas põem suas cabeças fora das tocas, nas pedras ou na base dos tocos de árvores, lançam um olhar ao redor à procura do seu mais temido inimigo, o homem, e desaparecem. Não é muito raro que um veado, ou alguns, façam presença, nas montanhas e, de quando em quando, até um urso faz seus passeios rápidos pelos seus flancos, nas vizinhanças das pequenas povoações. Todas essas criaturas constituem-se em curiosidade para as pessoas da cidade.

Quem pensar em ter uma casa no interior deve tornar precauções sérias. Em primeiro lugar estar consciente de que está preparado espiritualmente para isso. Não é o bastante achar linda a paisagem e encantar-se com as atrações cênicas da Nova Inglaterra e, de ímpeto, decidir-se. É melhor que faça

repetidas visitas, permanecendo algum tempo em casas alugadas, ou mesmo tentar permanência prolongada durante um ano inteiro, antes de decidir-se morar no interior. Depois, sim, estará realmente apto. O segundo passo é a escolha do lugar. Se há água abundante, se a topografia é favorável, se o solo oferece drenagem satisfatória e suporte fácil para alicerces de edificações; se tem boa madeira para construção. Além disso, se quiser sentir-se feliz, construa uma casa e não um castelo.

Se faz questão de um belo panorama à vista, procure com cuidado o lugar, particularmente pelo lado sul. Isso porque, no inverno, quando for obrigado a permanecer dentro de casa, durante o dia, a vista é muito bonita.

Se um dos quartos da casa dá visão a um panorama bonito das montanhas e vales, é possível, ainda, melhorar a paisagem pintando um quadro na vidraça. Minha esposa e eu o fizemos em "Comely Bank". O quadro que pintamos é muito apreciado por todos os nossos amigos. Não menos apreciada é a pintura da janela da sala de jantar, onde fazemos as refeições, em presença dos nossos passarinhos.

Montanhas, vales, praias, lagos, rios e pássaros tudo é belo, cada um com encantos peculiares, que nos atingem e nos aquecem os corações. Gozemo-los profunda e gulosamente.

Ouvimos encantados o canto dos passarinhos. Assistimos ao bater de asas velozes das cotovias e os arabescos dos vôos das andorinhas, caçando os insetos no ar. Podemos nos intoxicar com o perfume das flores, na primavera, e com as emanações do feno secando, ao tempo da colheita. Mas tudo isso é apenas parte do principal: a amizade e a solidariedade da gente do interior.

Quando termina o dia, o que é que pode ser mais repousante e gostoso do que um bate-papo tranqüilo com um vizinho que venha visitar-nos?! Falo num bate-papo e não numa conversa apressada e nervosa. Se a visita vier da cidade e trazer os nervos excitados, relaxará, por certo, em contato com aquela gente do interior, que escolheu uma maneira a mais sábia para viver.

O pessoal do interior, longe do bulício infernal das grandes cidades, tem mais autocontrole e não está sujeito ao contágio moral e mental, que assola os pedestres angustiados das ruas apinhadas. Não fica muito rico mas, também, nem tão pobre. Suas colheitas anuais são-lhe suficientes, porque raramente a sua ambição ultrapassa-lhes as possibilidades. Os seus negócios não obedecem à regra "ultrapassar o concorrente". Além disso, os concorrentes são poucos, entre os mais bem situados. O povo do interior vive em regime bem equilibrado e quem vier conviver com ele terá que imitá-lo.

Uma boa filosofia de vida é melhor do que a riqueza e serve para sempre: na bonança e na adversidade. Por incrível que possa parecer, não foi entre a classe pobre da cidade que se registrou mais suicídios durante a grande depressão. A maior porcentagem foi de ricos, desprovidos de uma filosofia de vida suficientemente forte. Os professores das escolas de Chicago continuaram trabalhando, sem receber nada, durante meses. A filosofia de vida que os mantinha era a de terem, ainda, um trabalho a realizar.

Há um dito que afirma que a gente da Nova Inglaterra se recusa fazer qualquer coisa pela primeira vez, isto é, não acredita em coisas duvidosas. De fato é assim. Exemplifico: Os habitantes da Nova Inglaterra criaram a "reunião comunitária", uma instituição suporte para o regime democrático. São acusados de não cooperativos, no entanto, os seis Estados que formam a "Nova Inglaterra" agem numa unidade ainda não igualada.

O chamado "Conselho da Nova Inglaterra" é uma instituição, cujo propósito é desenvolver esforços para promover a coordenação dos governos, na solução dos problemas comuns aos seis Estados. Maine, Vermont, New Hampshire, Massachusetts, Rhode Island e Connecticut. Essa instituição é o exemplo mais efetivo, de cooperação regional, conhecido no país. Os governos dos seis Estados são responsáveis e mantenedores do Conselho.

É natural que os meus conceitos sobre a Nova Inglaterra sejam exageradamente apreciativos. Embora já mais de meio século tenha passado, eu ainda posso ver o "meu vale", como se ainda fosse menino. Sentir a ternura dos meus avós, que tanto se deram por mim.

Como se fosse ontem, ainda vejo o velho juiz Button, em pé no portão do jardim, com o seu chale cinzento sobre os ombros, e ouvir sua respeitosa saudação à minha avó: "Bom dia, Sra. Harris! Vamos ter

um lindo dia". Posso vê-lo colocando a mão em concha por trás do ouvido fraco, como se temesse perder alguma palavra da resposta de minha avó. Posso ouvir vovó responder: "Bom dia, Juiz. De fato parece que teremos um dia bonito. "O bom Deus não nos daria um mau dia, Juiz".

Que gente boa! Que gente boa!

CAPÍTULO XLII

O Fim da Jornada

Eis que estamos no fim de nossa empreitada. Jean e eu estamos sentados à nossa lareira, tomando chá. Quem desposa uma moça escocesa tem que adquirir o hábito de sentar ao pé da lareira e tomar chá preto e, na verdade, é um final de dia delicioso. Se o chá é bom e o fogo aquece, a gente se alegra e descansa. É um bom jeito de encerrar o dia.

O bule de chá, à direita, da minha esposa, conserva-se quente por muito tempo e, para ela, é indizível o prazer servi-lo. A muitos amigos ela serviu. Amigos ingleses e de outras nacionalidades. As faíscas subindo pela chaminé, acionadas pelo sopro enérgico do fole que Jean não admite que outros acionem, como também, ao começar o fogo, as brasas estalando de mansinho! . . .

Rainha do lar e fada do chá, a minha esposa! Chego, às vezes, a pensar que ela excedia à minha avó na devoção que oferece aos seus cuidados com a casa. Considero-me um afortunado e tenho consciência de sê-lo. Esta é a hora e aqui é o lugar certo para devaneios, embora minha mulher ache que os meus devaneios são prelúdios de cochilos e, até, de sono.

Grande número de amigos, de variadas nacionalidades, nos têm deliciado com as suas visitas. Vêm como consequência da minha sementeira em 1905: o primeiro Rotary Club. Ela transformou-se numa frondosa árvore, em cuja sombra é uma delícia viver.

À noite, costumo lembrar meus avós, o menino que eu fui e o ambiente em que vivi. Ouço a música doce das montanhas, o som ritmado dos machados dos lenhadores; o ruminar pachorrento do gado no pasto, o cacarejar das galinhas, anunciando a sua obra; a ruidosa glória da proclamação do dia pelo galo altivo, o chilreio da passarinhada, o arrulhar melancólico das pombas, lamentando os amores frustrados e, ao longe, no fundo do vale, o pio saudoso da cotovia, chamando o companheiro, enquanto, ao longo dos trilhos, na baixada, a locomotiva soluça, ridiculamente pomposa, tal uma enorme rã inchada, a sua poesia de primavera.

No verão os gafanhotos e milhares de outros insetos, zumbem numa algaravia ensurdecedora.

No começo do outono, os grilos e os gafanhotos verdes atravessam a noite, anunciando que as folhas do bordo estão mudando de cor, que o cenário logo será outro e que, enquanto a casa estiver dormindo, a mística inverno instalar-se-á silenciosamente no vale e estenderá, lá fora, nos telhados, o lençol branco dos seus cristais de neve, até que, novamente, venha a primavera operar a ressurreição da Natureza.

Ninguém imagina por quanto tempo estas recordações continuariam a fluir, se não se elevasse uma voz, doce e carinhosa, a interrompê-las, chamando: "Paul, se estiver dormindo, acorde! Tome mais uma xícara de chá. O fogo está apagando, vamo-nos deitar!" Assim flui a vida em Comely Bank."

Deus dá-me o privilégio de esquecer as fraquezas da humanidade e de fortalecer a minha visão das suas belezas e das suas virtudes!

- Paul P. Harris